UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
"PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY"

DÉBORA VARGAS FERREIRA COSTA

"SAI VELHO, DEIXA O NOVO ENTRAR": O PRAZER E O SOFRIMENTO DO TRABALHO E O LUTO DO APOSENTAR

RIO DE JANEIRO
2019

DÉBORA VARGAS FERREIRA COSTA

"SAI VELHO, DEIXA O NOVO ENTRAR": O PRAZER E O SOFRIMENTO DO TRABALHO E O LUTO DO APOSENTAR

Tese apresentada à Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau de Doutora em Administração.

Área de Concentração:
Gestão Organizacional

Orientadora: Rejane Prevot Nascimento

RIO DE JANEIRO
2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE/BIBLIOTECA - UNIGRANRIO

C837s Costa, Débora Vargas Ferreira.
"Sai velho, deixa o novo entrar": o prazer e o sofrimento do trabalho e o luto do aposentar / Débora Vargas Ferreira Costa. – Duque de Caxias, 2018.
204 f. : il. ; 31 cm.

Tese (doutorado em Administração) – Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", Escola de Ciências Sociais e Aplicadas, Rio de Janeiro, 2018.

"Orientadora: Prof. Rejane Prevot Nascimento".

Bibliografia: f. 193-204.

1. Administração 2. Trabalho. 3. Aposentadoria. 4. Envelhecimento. 5. Psicoterapia psicodinâmica. I. Nascimento, Rejane Prevot. II. Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy". III. Título.

Débora Vargas Ferreira Costa

“Sai velho, deixa o novo entrar: o prazer e o sofrimento do trabalho e o luto do aposentar”.

Tese apresentada à Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau de Doutor em Administração.

Área de Concentração:
Gestão Organizacional.

Aprovada em 26 de Fevereiro de 2019.

Banca Examinadora

Prof.ª Dr.ª Rejane Prevot Nascimento
Universidade do Grande Rio

Prof.º Dr.º Eduardo André Teixeira Ayrosa
Universidade do Grande Rio

Prof.º Dr.º Sérgio Eduardo de Pinho Velho Wanderley
Universidade do Grande Rio

Prof.ª Dr.ª Ana Heloísa da Costa Lemos
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC

Prof.º Dr.º Victor Claudio P. Ferreira
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Dedico esta tese aos meus Filhos, que ela possa servir de inspiração para caminhada de estudos que vocês ainda terão pela frente. Ela é fruto de muito estudo, trabalho, dedicação e felicidade. E que leituras, reflexões críticas e experiências de mundo sejam um caminho emancipatório na vida de vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Divino e toda energia que transita neste universo pela oportunidade da vida e por me conceder o privilégio de ler e as palavras me fazerem um sentido tão especial; e por assim então, ter concluído este trabalho.

Agradeço aos meus Pais imensamente por tudo! Com vocês dois tenho uma dívida de gratidão eterna e impagável.

Agradeço à Professora e Orientadora Rejane Prevot pelas discussões, inspirações e encorajamento nas leituras. Por ter a "cabeça aberta" a novas ideias e visões de mundo. Por ter aceitado me orientar nestes quatro anos de Doutorado. Por me ouvir carinhosamente e ter me ajudado a conhecer a psicanálise, que me faz tão feliz em ler. Obrigada por ter me permitido ousar nesse caminho.

Ao meu amor e marido Marcos Paulo, que tem topado muitas aventuras ao meu lado!! Obrigada pelo muito que me ensina ao viver ao seu lado. Te amo.

À minha filha Olívia, que por muitas vezes compartilhou momentos de estudos comigo, me engrandecendo com sua alegria e ingenuidade. E ao meu filho Ravi, que nasceu pouco tempo depois da qualificação deste trabalho, encharcando a casa de alegrias, trabalho e novas visões de mundo. Vocês dois enchem minha vida de felicidade.

Aos queridos aposentados que se dispuseram a me receber e me ouvir, me trazendo o privilégio de participar de suas histórias e experiências de vida.

Aos meus irmãos queridos André, Eduardo e Filipe pela caminhada juntos por esta vida. E pelas queridas Elis, Suellen, Natália e Ketlin que vocês presentearam nossa família, trazendo-as para nossa convivência.

Aos meus sogros, Dedeca e Paulinho, por me permitirem a oportunidade de ter o Marcos Paulo em minha vida. E aos meus cunhados e cunhadas pela convivência sempre amigável. Em especial agradeço pelo Davi, Giovana e Mateus por encherem meu coração de alegria.

À minha amiga e comadre Priscila, pela longa amizade, conversas analíticas e muito companheirismo. À Fer, amiga do peito, que me abrigou e me acolheu no Rio durante todo o doutorado, é uma alegria ter sua amizade na minha vida. E aos queridos Gui, Bê e Rafa, pela convivência e diversão de sempre.

À Professora Aline Nogueira por me emprestar os livros de Psicanálise e me encorajar a ler Freud.

Ao Professor Victor Paradela, que me incentivou e contribuiu na minha carreira de docente, desde o início desta trajetória.

Ao amigo e companheiro de viagens Luciano pelas conversas, desabafos e amizade que construímos neste período.

Aos meus colegas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em especial, Diego, Sol, Léo e Dênis, que me incentivaram e apoiaram a iniciar o doutorando.

Aos colegas do Instituto Três Rios (ITR) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) que me acolheram após minha redistribuição para a Instituição, me dando pleno apoio para finalização do meu doutorado

Aos colegas doutorandos do PPGA pela conversa e dicas nos corredores, mas principalmente pela amizade de Pedro e Renata, companheiros de turma e de risadas. Já sinto saudades do que passamos aqui! E a Nair e Renan, pelos almoços juntos, conversas, apoio e amizade na sala da nossa orientadora.

Aos Professores do PPGA, que contribuíram muito para meu aprendizado, me apresentando materiais e discussões fundamentais para minha formação e que fizeram muita diferença neste trabalho. Agradeço em especial ao Professor Ayrosa, que muito me ensinou sobre metodologia de pesquisa – analisei os dados lembrando de suas aulas; e ao Professor Thiollent, que me apresentou a Filosofia em grandíssimo estilo.

À Professora Geruza D'Avila que conheci na qualificação do meu projeto de tese e trouxe muitas e importantes contribuições para este trabalho.

Por fim gostaria de agradecer à FAPERJ (Fundação) pela bolsa a mim concedida em uma parte do meu curso de doutorado. Tal auxílio foi importante para minhas viagens ao Rio de Janeiro.

“Os próprios povos que se deixam, ou melhor, que se fazem maltratar, pois seriam livres se parassem de servir. É o próprio povo que se escraviza e se suicida quando, podendo escolher entre ser submisso ou livre, renuncia à liberdade, e aceita o jugo; quando consente com seu sofrimento, ou melhor, o procura.”

“Sejam resolutos em não servir e vocês serão livres”.

Etienne de La Boétie

PARA COMEÇAR....

Pensei em iniciar esta fala de várias formas.... somente aqui utilizarei a primeira pessoa do singular, pois realmente falo de mim, da minha trajetória, da minha caminhada até o fim deste trabalho. Será mesmo?

Aprendi com a Psicanálise, que o sujeito fala do lugar que ele ocupa no mundo, e ele só consegue falar deste lugar. E isto me soa muito forte.... e olho para o meu trabalho de tese concluído e penso, o que quis expressar aqui, do que falo de mim afinal? Talvez das minhas subjetividades. E isto que foi o mais rico desta caminhada, me desenvolver como pessoa, estudar, melhorar meu senso crítico e descobrir que o fim deste trabalho apenas inicia minha carreira como pesquisadora, neste amplo e infinito mundo de conhecimentos e pontos de vista.

Minha formação é administração na graduação e no mestrado e procurei um doutorado que seguisse o mesmo curso de formação. Minha trajetória profissional foi sempre voltada para a área de Gestão de Pessoas e gosto muito de estudar Pessoas e sua relação com o Trabalho, das formas mais variadas que isto pode se dar. Cheguei ao doutorado, acolhida pela minha querida orientadora para estudar como as políticas de Gestão de Pessoas estão sendo adaptadas para inserção e permanência do idoso no mercado de trabalho e saio com um trabalho que investiga o luto da aposentadoria, o envelhecimento visto pela ótica do mundo capitalista e narcisista e encontrando relação desses pontos com a sexualidade.

Este tema surgiu a partir de reflexões críticas da disciplina Organizações e Trabalho com a Profa. Rejane, Filosofia da Ciência e Epistemologia em Administração, Tópicos Especiais em Organizações e Comportamento Organizacionais ministradas pelo Prof. Thiollent e Analise Qualitativa com o Prof. Ayrosa. Foram muitas reflexões que incrementaram minha vontade de estudar o Envelhecimento do Trabalhador, com algo relevante na vida das pessoas que é a Aposentadoria. Estudando sobre este marco, o fim do trabalho e da vida produtiva, embarquei na Psicanálise e chegou-se ao tema em estudo. Apresentei a proposta deste trabalho na disciplina de Tópicos Avançados em Teoria das Organizações com a Profa Ana Guedes, e tive muito receio de eu mesma perceber que não era uma boa ideia. No entanto, ao apresentar, receber contribuições e críticas da professora e dos colegas tive certeza que poderia seguir em frente. Muitas vezes tive dúvida sobre o caminho que as coisas se davam e sentia no olhar da Professora Rejane, que ela sabia que daria tudo certo, faltava eu acreditar nisso.

Neste programa de Doutorado, sob a supervisão e orientação da Profa Rejane, pude vivenciar a experiência do confronto com o real, muito utilizada nesta tese pela leitura de Freud

e Dejours. O difícil e desafiador encontro com o real, que nos faz experimentar a sensação de fracasso inúmeras vezes, no entanto, quando consegui transpor para um tema que me proporcionasse prazer, pude fazer do trabalho uma experiência de sublimação e liberdade. Foi a vivência de revelar minhas subjetividades e ter que sustentá-las num trabalho de minha autoria. Isto foi forte e libertador para mim.

Depois de tudo, posso dizer que o doutorado é uma experiência valiosa, trabalhosa pelos estudos, reflexões, mudanças de visão e também pelo confronto do real e pelo acesso às nossas subjetividades das formas mais variadas.

Espero ter conseguido abordar de uma forma coerente os delicados temas que escolhi para trabalhar: o trabalho, o não trabalho, o luto, o velho, o envelhecimento e a sexualidade.

Este é o relato de uma pessoa que chega realizada ao fim do seu trabalho de doutorado. Não apenas pelo fim... mas pela caminhada percorrida. Valeu a pena!

RESUMO

Tendo como aporte epistemológico a Psicodinâmica do Trabalho, a presente pesquisa tem como objetivo compreender como é vivenciado o luto da perda do "trabalho", consequente da aposentadoria e qual a relação dessa vivência com a velhice. No desenvolvimento do estudo foi utilizada a metodologia qualitativa, composta por entrevistas e análise de narrativa. Foram 20 sujeitos participantes da investigação, com um recorte etário de 61 a 84 anos, todos aposentados, dentre os quais 9 ainda mantém alguma atividade laboral e 11 não possuem mais vínculo de trabalho. O perfil é predominante de pessoas com curso superior (16 entrevistados) e com profissões diversas. No referencial teórico foram abordadas temáticas sobre a relação entre sujeito e envelhecimento, sujeito e trabalho e sujeito e sexualidade, que deram suporte para que as narrativas dos sujeitos fossem analisadas. Os resultados da pesquisa evidenciam que os entrevistados encontram no trabalho uma estratégia para concretizar o projeto identitário de ser alguém diante do mundo. Ou seja, é através dele que o sujeito cria sua identidade psicológica e social, ocupando o trabalho um lugar fálico na vida das pessoas. Observou-se assim, que o sujeito, ao se aposentar, passa por um processo de luto, vivido em função da perda de seu objeto de amor. Percebeu-se, ainda, que diante de vários conflitos existentes, como a percepção de não ser financeiramente produtivo em uma sociedade capitalista e a restrição do consumo, o sujeito acaba por reconhecer-se como velho, em um contexto que quem é aposentado assume a própria velhice e a improdutividade. De maneira complementar, pôde-se notar nos discursos a vivência de outro luto, o do próprio envelhecimento e da finitude da vida, que culminará no luto da sexualidade do indivíduo. Por fim, a tese traz como uma nova contribuição, a evidência da relação do trabalho com a sexualidade do sujeito, sua transcrição nas narrativas relativas ao trabalho e à aposentadoria, bem como a possibilidade de obtenção do prazer sexual ao trabalhar.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho, Aposentadoria, Envelhecimento, Sexualidade, Psicodinâmica.

ABSTRACT

Having as an epistemological contribution the Psychodynamics of work, this present research aimes to understand how is experienced the mourning of the loss of "work", consequent of setisement and what is the relationship of this experience with the old age. In the development of the study it was used the qualitative methodology composed of interviews and analizes of narrative. There were 20 participating characters of the investigation, with an age group from 61 to 84 years old, all retired, among which 9 still keep some labour activity and 11 don't have any work bond. The profile is predominant of people with superior level course (16 interviewed) and with various professions. In the theoretical referential issues were addressed about the relationship between character and aging, character and work and character and sexuality, that gave support so that the character's narratives were analized. The results of the research evidence that the interviewed find at work a strategy to materialize the identity project to be someone before the world. That is, it is through it that the character creates his psychological and social identity, occupying the work a phallic place in the people's lives. Was thus observed, that the character when setining goes through a process of mourning lived as a result of the loss of his object of love. It was still perceived that faced with various existing conflicts such as the perception of not being financially productive in a capitalist society and restriction of consumption, the character ends up recognizing himself as old in a context that who is retired assumes his own old age and improductiviness. In a complementary manner, could be noticed in the spieches the experience of another mourning, the very aging and finitude of life which will culminate in the mourning of the character's sexuality. Finally the thesis brings as a new contribution, the evidence of the relationship of work to the character's sexuality, its transcription in the narratives related to work and retirement, as well as the possibility of obtaining the sexual pleasure when working.

KEYWORDS: Work, Retirement, Aging, Sexuality, Psychodynamics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 15

1.1 Objetivos 21

1.2 Delimitação da Pesquisa 21

1.3 Relevância do Estudo 22

1.4 Organização Geral da Tese 24

2. REFERENCIAL TEÓRICO 25

2.1 O Sujeito e o Envelhecimento 26

2.1.1 O Envelhecimento e a Velhice 26

2.1.2 O Narcisismo na Contemporaneidade 32

2.2 O Sujeito e o Trabalho 39

2.2.1 O Trabalho e seus Sentidos para os Indivíduos 39

2.2.2 Aposentadoria ou Morte Social? 46

2.3 O Sujeito e a Sexualidade 55

2.3.1 O Sentido Sexual dos nossos Atos e o entendimento Freudiano da Pulsão 55

2.3.2 Sexualidade e o Trabalho 61

3. PERCURSO METODOLÓGICO 66

3.1 A Coleta de Dados 67

3.2 Os Sujeitos da Pesquisa 69

3.3 Método de Análise dos Dados 71

3.4 Categorias de Análise a *Priori* 72

3.5 Categorias de Análise a *posteriori* 74

3.6 Limitações da Pesquisa 75

4. APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA 77

5. APRESENTAÇÃO E ANÁISE DOS RESULTADOS 95

5.1 Trabalho 96

5.1.1 Prazer e Sofrimento no Trabalho 104

5.1.2 Trabalho, o Laço Social e a Exclusão Social 111

5.1.3 Trabalho como Fonte de Sublimação 115

5.2 Aposentadoria 118

5.2.1 Aposentadoria e a Situação Financeira / Legislação 132

5.2.2 Aposentar e Voltar a Trabalhar 138

5.2.3 A Visão da Sociedade sobre a Aposentadoria 142

5.3 Processo de Luto 147
5.3.1 Transferência Libidinal para Outro Objeto 153
5.4 Envelhecimento 158
5.4.1 Envelhecimento e Aposentadoria – Entre Ganhos e Perdas 165
5.4.2 Finitude da Vida (Aposentar e Parar de Viver) 172
5.5 Sexualidade e Trabalho 176
6 REFLEXÕES FINAIS 184
6.1 Sugestões para Estudos Futuros 192
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **193**

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Categorias de análise *a priori* 73
Quadro 02 – Perfil dos sujeitos da pesquisa 96

1 INTRODUÇÃO

O tempo de trabalho e de não trabalho tem interpretações diversas dependendo do momento histórico e social que é estudado. Vive-se neste momento em uma sociedade na qual aposentar-se tem um sentido direto com envelhecer e trabalhar tem um sentido de produzir e ser útil. Nesta perspectiva surge a inquietação em conhecer como tem sido deixar trabalhar neste contexto, e utilizando-se de um aporte psicanalítico, busca-se compreender como é vivenciado o luto relativo ao processo de parar de trabalhar e qual é a relação que ele tem com a velhice.

As perspectivas psicológicas que são utilizadas para analisar o mundo do trabalho são diversas e estão bem distantes de encontrar uma unicidade. Diante da pluralidade de linhas de estudos, pode-se identificar abordagens cognitivas, sociais e clínicas. A abordagem cognitiva, relacionada à psicologia do trabalho, interessa-se pela forma com que as pessoas elaboram as informações que recebem no ambiente de trabalho e a atividade que estão designadas a realizar. A psicologia social do trabalho articula o trabalho a processos sociais amplos como estruturas de poder, organizacionais e representações sociais. E as clínicas do trabalho estudam a relação do trabalho com a subjetividade do sujeito e as situações de vulnerabilidade no trabalho expressadas pelo sofrimento (BENDASSOLLI E SOBOLL, 2011a).

As clínicas do trabalho podem se subdividir em: Clínica da Atividade (Yves Clot); a Psicossociologia (Vicent de Gaulejac, Eugéne Enriquez,); a Ergologia (Yves Schwartz) e a Psicodinâmica do Trabalho (Christophe Dejours).

O estudo das emoções no trabalho, assim como sua dimensão psíquica e a relação desta com as chamadas patologias do trabalho, foi inicialmente abordado pelo campo de estudos do trabalho denominado Psicodinâmica do Trabalho. A Psicodinâmica, representada principalmente pelos estudos de Christophe Dejours, têm seus fundamentos na psicanálise, na ergonomia e na sociologia do trabalho, e estuda as inquietações do trabalho e o seu papel na saúde e adoecimento dos trabalhadores. Esta clínica também engloba as emoções e sentimentos dos trabalhadores em seus estudos. Segundo Dejours (2012) a psicodinâmica é uma disciplina clínica que se ampara na descrição e no conhecimento das relações entre trabalho e saúde

mental. “É, em seguida, uma disciplina teórica que se esforça por inscrever os resultados da pesquisa clínica da relação com o trabalho, em uma teoria do sujeito que observe, a um só tempo, a psicanálise e a teoria social (p. 23).

Neste sentido, a linha teórica que foi utilizada na presente tese é a da Psicodinâmica do Trabalho, com base na perspectiva sobre o trabalho como fonte de prazer e sofrimento, aliada à ideia de Freud (1920) de que a atividade do homem caminha em duas direções: a busca de ausência de sofrimento ou de desprazer e a busca incansável pelo prazer. Importante ressaltar que neste estudo, o prazer e o sofrimento tiveram o mesmo peso, portanto, na investigação não serão priorizados o sofrimento ou o prazer, e sim a relação com as vivências do trabalho para cada sujeito.

Mendes e Araújo (2012) destacam que a psicanálise, e principalmente, os escritos de Freud, tiveram uma contribuição fundamental para a psicodinâmica. As autoras evidenciam que, na visão de Sigmund Freud, o trabalho é tanto uma atividade profissional, quanto uma atividade psíquica, sendo esses dois sentidos do trabalhar importantes para a psicodinâmica e base para entendimento do tema trabalho na presente tese.

No ensaio de Freud intitulado “O mal estar na civilização” (1930), o trabalho foi mencionado em uma nota de rodapé, e ao discorrer sobre o mesmo, o autor aborda três importantes pontos fundamentais para o tema que se pretende desenvolver na presente tese: o trabalho como formador de laço social; o trabalho como fonte de sublimação e a aversão natural do homem ao trabalho.

Para autores como Antunes (1999; 2000), Morin, Tonelli e Pliopas (2003), Clot (2007), Ferreira, Macêdo e Martins (2015), o trabalho teve e continua tendo um papel central na vida do sujeito e na construção e formação de sua identidade. Em relação ao conceito de trabalho e emprego, para estes autores, pode se considerar como trabalho toda atividade remunerada que produz sentido ao trabalhador. Já o emprego são as atividades que possuem vínculo legal e que o sujeito realiza pela necessidade de promover seu próprio sustento (MORIN, 2001; MORIN, TONELLI e PLIOPAS, 2003).

Como norteador do tema trabalho neste presente estudo foi utilizada às diretrizes da psicodinâmica que se embasa nas ideias de Freud, e considera o trabalho como uma atividade profissional e também é visto como uma exigência de trabalho imposta ao psiquismo. Isto se difere das ciências econômicas e sociais, segundo as quais o trabalho está relacionado à produção (DEJOURS, 2012; DEJOURS, ABDOUCHELI e JAYET, 2015).

Nesse contexto, surgem alguns questionamentos que estão abordados nessa tese: Como se dá esse processo de interrupção do trabalhar no momento da aposentadoria? Como os sujeitos têm passado por essa experiência, diante de um cenário onde o trabalho é visto como fundamental na vida das pessoas? Qual o sentido que a ação de se aposentar tem na vida das pessoas?

Compreendendo que a velhice é construída social e culturalmente (BEAUVOIR, 1970), aliada ao pressuposto da centralidade do trabalho na vida do sujeito, onde reside o prazer, o sofrimento, estruturação e desestruturação psíquica, remeteriam a aposentadoria ao sentido de ficar velho? Como nossa sociedade lida com o fato de envelhecer? Ou seja, além de estar sem o trabalho, estar aposentado remete ao fato de estar ficando velho? Como nossa sociedade narcísica lida com isso?

Para Lasch (1983), a sociedade contemporânea tem uma forte tendência narcísica[1] na formação da sua personalidade, o que traz como consequências o medo de envelhecer e a busca infantil pela juventude. Paes de Paula (2003) complementa as afirmações de Lasch (1983) ao afirmar que a consequência da formação da personalidade narcísica é oriunda também da grande influência que as organizações e a mídia têm na vida das pessoas. Na direção dessas argumentações, Barreto (2012) afirma que para essa sociedade narcísica, qualquer esforço é válido para tentar retardar a velhice e evidenciar a tão desejada juventude.

Tendo em vista estas considerações sobre a tendência narcísica, na sociedade contemporânea falar de velhice é sempre algo que incomoda e suscita certo desconforto. Mucida (2006) discorre sobre esse incômodo argumentando que esse fato expõe o limite a que todos estamos vivendo, e acrescenta que a velhice:

> Desacomoda muitos 'restos' deixados em qualquer canto a espera de um *tratamento possível;* desacomoda a procrastinação, desacomoda os futuros não cumpridos – mas que gostaríamos realizar -, desacomoda a ideia de imutabilidade ou permanência, desacomoda os ideais e as certezas nas quais todo sujeito busca se alojar. (MUCIDA, 2006 p. 16)

A autora argumenta que o fato de a ciência ter avançado e hoje as pessoas terem uma expectativa de vida maior afeta diretamente o conceito de velhice, e salienta que conceituar a velhice é bastante desafiador. No entanto, entende que o sujeito do inconsciente não envelhece

[1] Narcisismo: Paixão pelo próprio ego; autoadmiração. Primário – fase normal de narcisismo infantil em que a libido ocupa lugar importante no desenvolvimento sexual do ser humano. Secundário – regressão anormal da libido ao ego, quando deslocada do objeto de amor. (MICHAELIS, 2017)

e com isso deve existir algo que "não cessa de escrever para cada sujeito, trazendo efeitos para o que não se modifica" (MUCIDA, 2006 p. 26).

É importante, nesse contexto, que a aposentadoria receba uma atenção especial, dada sua relação, na maioria das vezes, com a chegada ou proximidade da velhice (BEAUVOIR, 1970), o significado do trabalho e a produtividade dos indivíduos. No dicionário Michaelis (2017), por exemplo, o velho e a aposentadoria trazem conotações que se aproximam. O primeiro sendo remetido à passagem do tempo e a inutilidade e o segundo a inatividade e perda de função nas relações produtivas.

Com isso, o término da vida no trabalho acaba por gerar medos, receios desses indivíduos quanto ao sentimento de inutilidade, à sensação de improdutividade, redução dos laços sociais, à condição econômica desfavorável, que restringem mais intensamente suas atividades sociais e acelera o processo do envelhecimento social.

Roesler (2012) ressalta que, se no passado as pessoas se aposentavam próximas da morte, atualmente, devido ao aumento da expectativa de vida, as pessoas se aposentam e ainda passam um longo período da vida como aposentadas. A autora, ao fazer esta reflexão, traz a importância do tema em estudo e o impacto de viver por um longo tempo sem a atividade laboral.

Barreto e Ferreira (2011) discutem a importância desta fase na vida dos indivíduos e destacam que empresas melhor estruturadas já têm valorizado a transição para este período da vida. Todavia, baseiam-se mais fortemente na "marca" da ação como sendo de responsabilidade social, onde são desenvolvidos temas relacionados ao cuidado com a saúde, às questões financeiras e novas atividades. Desenvolvem ações com foco no incentivo ao investimento do tempo disponível em atividades que geram prazer e que permitam aos sujeitos atravessar este período de aposentadoria, tão relacionado ao incômodo causado pelo envelhecimento humano que, em grande parte das vezes, está encharcado de angústia, por remeter ao fim da existência.

O trabalho é um meio de manter o indivíduo inserido socialmente e proporciona também a autorrealização do sujeito. Assim, o momento da aposentadoria pode despertar no indivíduo diversos sentimentos, de modo que uns encaram esta transição de forma positiva e outros de forma negativa e incerta (BITENCOURT *et al*, 2011).

Todavia, é importante destacar que toda perda, como a do trabalho, para o caso da aposentadoria, gera um processo de luto que será vivido por cada pessoa de forma diferente. Freud (1915a) afirma sobre o luto que para o mesmo decorrer de forma natural é necessário que

se reinvista a energia libidinal do objeto de amor perdido para outro objeto, superando assim, a perda do objeto anterior. O autor ressalta que esse processo de luto e direcionamento da energia libidinal para outro objeto é penoso, pois geralmente os indivíduos não gostam de abandonar uma posição libidinal, mesmo que o objeto substituto já esteja à vista.

No presente estudo, entende-se que um desses objetos de amor eleito ao longo da vida do trabalhador, dada a importância que representa na vida das pessoas. Ao perdê-lo, ou seja, ao chegar o momento da aposentadoria, viver esse luto seria inevitável. Barreto e Ferreira (2011) afirmam que, ao longo da vida laboral dos sujeitos, as empresas preconizam a necessidade da identificação total do trabalhador com seu trabalho. Com isso, no momento de se aposentar, essa perda do trabalho - um objeto de amor – pode remeter a perda do próprio eu, acarretando assim um estado melancólico do indivíduo e todas as consequências envolvidas nessa situação.

Diante do exposto sobre o trabalho, a aposentadoria e o luto, o presente estudo também traz um questionamento sobre a sexualidade e o trabalho. No entanto, revelar a sexualidade no trabalho é admitir em seu íntimo, que a alma humana não é tão angelical como seria cômodo admitir, e que no trabalho, local de dignificação do homem e de ganhar o próprio pão, um lugar sagrado, é também local que se mobiliza a sexualidade, as pulsões sexuais. (DEJOURS, 2012b)

A importância da sexualidade para o sujeito é tão significativa, segundo a teoria freudiana, que as pulsões sexuais nasceriam com o sujeito e deixariam de existir apenas com sua morte (NASIO, 1999). A pulsão, na teoria psicanalítica, é a vertente de estudo destinada a desvendar a sexualidade humana (DEJOURS, 2012a). Entretanto, apesar de a sexualidade caminhar com o sujeito por toda sua vida, são poucos os trabalhos publicados, nos estudos organizacionais, relacionando a sexualidade e o trabalho. Há alguns estudos com foco em gênero, mas quase não existem pesquisas que tangenciam a sexualidade, as pulsões e suas manifestações no trabalho (MATHEUS E BRESLER, 2002; MORGAN, 2006).

Dejours (2012a) menciona, sobre estes temas, que a teoria do trabalho e a teoria da pulsão, analisadas em conjunto, ainda foram pouco exploradas. O autor enfatiza a importância de estudar as relações entre o corpo e o funcionamento psíquico, destacando que: “Ali, onde buscávamos o corpo, será, em realidade, o trabalho que descobriremos! ” (DEJOURS, 2012a p. 58). O autor complementa que a sexualidade e o trabalho estão longe de serem conceitos antagônicos. Diante disso, o presente estudo abordará o trabalho pela lente da psicodinâmica do trabalho – que adota a psicanálise como um de seus pilares – tendo como objeto de investigação a sexualidade no trabalho e sua relação com o processo de aposentadoria.

A área da Administração, constituída e composta pela contribuição de várias áreas do saber como as Ciências Políticas, a Psicologia, a Antropologia, a Filosofia, a Sociologia e a Economia, passou a receber, de forma mais recente, contribuições também da Psicanálise (FREITAS, 2007). Ainda segundo a autora, a discussão psicanalítica tem sido trabalhada em profundidade nas ciências humanas, no entanto, nos estudos organizacionais é muito recente e tem muitas oportunidades de estudo.

A psicanálise, assim, foi utilizada como moldura teórica do trabalho, na tentativa de compreender o ser humano como sendo um ser de desejos e pulsões. Paes de Paula (2005) faz uma reflexão das obras de Fernando Prestes Motta, onde o autor relata a importância de se incluir a psicanálise nos estudos organizacionais. Sant'anna e Kilimnik (2008) também afirmam a necessidade de maior conversação entre Administração e Psicanálise, no sentido de proporcionar às ciências sociais novos olhares e visões mais abrangentes da relação complexa sujeito-trabalho-organização. "Além disso, a apropriação de um referencial psicanalítico permite formular hipóteses acerca dos fenômenos sociais que observa" (WANDERLEY, 1999 p. 33).

Na mesma direção colaboram Concollato, Rodrigues e Oltramari (2015) sobre a relevância da psicanálise nos estudos das ciências administrativas, ressaltando a importância da interdisciplinaridade nas pesquisas:

> A psicanálise é uma ciência que estuda o homem em sua dimensão mais profunda e vincular suas reflexões com as ciências administrativas bem como incentivar a troca interdisciplinar como mecanismo para ampliar a noção do homem contemporâneo pode resultar em bons avanços para pensar o trabalho contemporâneo. (CONCOLLATO, RODRIGUES e OLTRAMARI, 2015 p. 11-12)

Mendes (2002), faz uma reflexão acerca do referencial psicanalítico para os estudos organizacionais, argumentando que não se trata de um aprofundamento extremo de todas as teorias, mas sim do empréstimo de alguns conceitos que irão contribuir com uma nova forma de interpretar os fenômenos organizacionais e a relação do sujeito com o trabalho. A autora complementa que utilizar a psicanálise para entender fenômenos organizacionais significa ter em foco os processos intrapsíquicos e o inconsciente e também o não-dito como algo importante para interpretar os dados acerca da relação entre indivíduo-trabalho-organização.

> A psicanálise esclarece melhor a conexão entre a sociedade e o indivíduo, a cultura e a personalidade, precisamente quando se confina ao cuidadoso exame dos indivíduos. Ela nos diz mais sobre a sociedade, quando menos determinada a fazê-lo ela está. A

> extrapolação de Freud dos princípios psicanalíticos para a antropologia, a história e a biografia, pode ser ignorada com segurança pelo estudioso da sociedade, mas suas investigações clínicas constituem-se num reservatório de ideias indispensáveis, desde que fique entendido que a mente inconsciente representa a modificação da natureza pela cultura, a imposição da civilização sobre o instinto (LASCH, 1983 p. 59)

Por fim, articular estudos em administração e psicanálise possibilita que os estudos organizacionais e as empresas se confrontem com as próprias falhas e reflitam sobre o que está sendo realizado na área, tirando a gestão e os administradores do lugar que Godoy (2007) define como "pedestal ilusório da completude".

1.1 Problema de Pesquisa

Como é vivenciado o luto da perda do "trabalho", consequente da aposentadoria, e qual a relação dessa vivência com a velhice?

Objetivos

O presente estudo tem como objetivo compreender como é vivenciado o luto da perda do "trabalho", consequente da aposentadoria, e qual a relação dessa vivência com a velhice.

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- Investigar os sentidos do trabalho para os sujeitos e suas narrativas de prazer e sofrimento no trabalho
- Analisar como se dá esse processo de interrupção do trabalhar no momento da aposentadoria e como os sujeitos têm passado por essa experiência, diante de um cenário onde o trabalho é visto como fundamental na vida das pessoas;
- Investigar os sentidos da aposentadoria na vida das pessoas
- Compreender como os sujeitos se organizam após o luto da aposentadoria, ou seja, como readéquam os investimentos libidinais
- Entender a relação da sexualidade e trabalho e como ela é explicitada pelos entrevistados

1.2 Delimitação da Pesquisa

De acordo com o objetivo proposto, a delimitação teórica da presente tese é acerca dos temas Envelhecimento (BEAUVOIR, 1970; LASCH, 1983; MUCIDA, 2006; GOLDENBERG 2011; GOLDENBERG 2013), Trabalho (FREUD, 1930; ANTUNES, 1999; ANTUNES, 2000; DEJOURS, 2004; MENDES E ARAÚJO, 2012; CLOT, 2007; DEJOURS, 2012; DEJOURS, ABDOUCHELI e JAYET, 2015), Aposentadoria (GAULEJAC, 2007; CARVALHO, 2009; SOUZA, MATIAS, BRETAS, 2010; BARRETO e FERREIRA, 2011) e Sexualidade (FREUD, 1905; FREUD, 1915B; FREUD, 1920; NASIO, 1999; GARCIA-ROZA, 2009; DEJOURS, 2012).

Com relação à delimitação do campo de pesquisa, foram pesquisados homens e mulheres com idade igual ou superior a 60 anos, que de acordo com a classificação do IBGE (2013), são considerados idosos; aposentados, para que seja possível verificar a existência do luto e como tem se dado esse processo; ativos ou não no mercado de trabalho atualmente, pois buscou-se verificar se há diferença na superação do luto continuar ativo no trabalho ou não. Os sujeitos de pesquisa atuaram em empresas públicas ou privadas, não havendo restrição do ramo de atuação.

1.3 Relevância do Estudo

O envelhecimento da população mundial constitui um fenômeno comprovado (CAMARANO, KANSO e MELLO, 2004; OLIVEIRA E SCORTEGAGNA, 2009). Aliado ao fato de a população estar envelhecendo, existem muitos estudos comprovando que o trabalho é central na vida do sujeito e formador da sua identidade (ANTUNES, 1999; ANTUNES, 2000; MORIN, TONELLI e PLIOPAS 2003; CLOT, 2007; FERREIRA, MACÊDO e MARTINS, 2015). Apesar dessa realidade, pesquisas voltadas à investigação do como ocorre o processo de aposentaria na vida das pessoas ainda carecem de maior aprofundamento na área de Estudos Organizacionais. Considerando a relevância do sentido do trabalho na vida dos indivíduos e a complexidade dessa passagem para o não trabalhar, é importante verificar como está sendo vivenciado o luto da perda desse objeto de amor chamado "trabalho" (FREUD, 1915), e qual a relação dessa vivência com a tão temida velhice (LASCH, 1983; MUCIDA, 2006).

Outro ponto relevante do estudo diz respeito à utilização da Psicodinâmica do Trabalho como um pilar de investigação do processo de aposentadoria e da relação anterior com o trabalhar. Alguns estudos são encontrados relativos à aposentadoria, fruição do tempo livre,

qualidade de vida e saúde. No entanto, dos periódicos pesquisados poucos são relativos aos aspectos psicossociais, relativos ao luto, a perda e morte social.

De maneira complementar, a presente tese justifica-se ainda pela inquietação em relação à predominância, no Brasil, de estudos que partem da dialética prazer e sofrimento no trabalho, com enfoque principalmente no sofrimento, em detrimento de uma outra dimensão também presente no trabalho que é a do prazer (MENDES, 1995; MENDES E ARAÚJO, 2012). Muitos estudos relacionados à aposentadoria apresentam apenas as frustrações e as insatisfações no momento que a pessoa deixa de trabalhar (MORI, 2006; SOUZA, MATIAS e BRETAS, 2010; SIKOTA e BRETAS, 2012; NASCIMENTO *et al*, 2016).

Assim, diante do exposto, este estudo pretende investigar essa lacuna com base na psicodinâmica do trabalho e da dialética do prazer e sofrimento no trabalho e buscando entender essa relação sob a ótica de um momento específico da vida laboral, qual seja, o momento da aposentadoria.

A utilização da psicanálise como "ponte" com os estudos organizacionais poderá trazer, ainda, uma oportunidade de reflexão acerca dos temas estudados, deslocando-se da ótica funcionalista de interpretação da realidade, normalmente encontrada nos estudos na área de Gestão de Pessoas. Compreender que os indivíduos vivenciam aspectos intrapsíquicos é reconhecer que as pessoas são dotadas de uma vida interior, evidenciada também por palavras e pelo não dito, como os comportamentos e atitudes (DAVEL e VERGARA, 2008).

Por fim, o presente estudo trata da relação sexualidade e trabalho que, segundo Dejours (2012a), representada pelas teorias do trabalho e da pulsão e analisadas em conjunto, ainda foi pouco explorada. Tal realidade foi observada quando da realização pela autora de pesquisa junto às principais bases de dados, sendo encontradas poucas referências para embasar o tema. Foram encontradas, na maior parte, referências de artigos que trabalham a sexualidade discutindo gênero e não a pulsão, a libido e o trabalho. A referida pesquisa foi realizada ao longo dos anos de doutoramento e confirmada mais uma vez no mês de outubro de 2018 nos periódicos e no banco de teses e dissertações da CAPES. No banco de teses e dissertações da CAPES utilizaram-se as palavras-chave sexualidade e trabalho e foram encontradas 18.733 evidências. Depois de filtros para ciências sociais, retirando estudos relacionados a gênero e ligados à administração ficaram 10 trabalhos e nenhum relativos ao estudo em questão. A mesma busca foi realizada nos periódicos da CAPES encontrando-se 3.645 trabalhos. Excluindo-se os estudos relacionando sexualidade a gênero restaram 1.750, pois incluíam várias áreas do

conhecimento. Por fim, três artigos foram interessantes apenas para leitura e não foram incorporados na presente tese. As referências encontradas que contribuíam com o tema em questão, sexualidade e trabalho, estão incorporadas no referencial teórico do presente estudo. Relacionando estes assuntos com aposentadoria e envelhecimento também não há evidências de discussões em trabalhos publicados nas bases supracitadas.

1.4 Organização Geral da Tese

A presente tese está dividida em sete partes. A primeira parte é esta Introdução, que traz a contextualização geral do tema de pesquisa, a pergunta de pesquisa, os objetivos (geral e específico), a delimitação da pesquisa e a relevância do trabalho.

O segundo capítulo é composto pelo Referencial Teórico, que apresenta, em seções separadas, os temas que darão embasamento ao estudo, a saber: **O Sujeito e o Envelhecimento** dividido nos tópicos: *O Envelhecimento e a Velhice e O Narcisismo na Contemporaneidade;* **O Sujeito e o Trabalho** dividido nos tópicos: *O Trabalho e Seus Sentidos e Aposentadoria ou Morte Social?;* E por fim, **O Sujeito e a Sexualidade** dividido nos tópicos: *O Sentido Sexual dos Nossos Atos e o Entendimento Freudiano da Pulsão e Sexualidade e Trabalho*.

No terceiro capítulo a Metodologia é apresentada, sendo esse capítulo dividido nas seções: A Coleta de Dados; Sujeitos da Pesquisa; Método de Análise dos Dados; Categorias de Análise *A Priori;* Categorias de Análise a *posteriori* e Limitações da Pesquisa.

No quarto capítulo é realizada a Apresentação dos Sujeitos de Pesquisa, trazendo uma breve narrativa da história de cada entrevistado.

O quinto capítulo traz a Apresentação e Análise dos resultados da Pesquisa, divididos em 14 categorias a saber: Trabalho com os subitens Prazer e Sofrimento no Trabalho, Trabalho, o Laço Social e a Exclusão Social, Trabalho como Fonte de Sublimação, Sexualidade e Trabalho. Aposentadoria com os subitens Aposentadoria e a Situação Financeira / Legislação, Aposentar e Voltar a Trabalhar, A Visão da Sociedade sobre a Aposentadoria. Processo de Luto com o subitem Transferência Libidinal para Outro Objeto. Envelhecimento com os subitens Envelhecimento e Aposentadoria – Entre Ganhos e Perdas e Finitude da Vida (Aposentar e Parar de Viver).

O sexto capítulo apresenta as Reflexões Finais que puderam ser estabelecidas a partir da pesquisa realizada. Por fim, o sétimo e último capítulo traz as referências utilizadas ao longo do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo apresenta uma revisão de literatura que serviu de subsídio para discussão e análise dos dados a ser realizada.

Na primeira parte, são explorados o processo de envelhecimento e a velhice e como têm se dado essas transformações na sociedade atual. Será abordada ainda questão do narcisismo e qual a relação dessa característica com o envelhecimento na contemporaneidade.

Depois, na segunda parte, são aprofundados os conceitos sobre trabalho, utilizando a dialética do prazer e sofrimento conforme a psicodinâmica do trabalho, a psicanálise e autores que versam a centralidade do trabalho na vida do indivíduo. Após a apresentação do conceito sobre o trabalho, é abordada a discussão do fim do trabalho na vida da pessoa, a aposentadoria.

No último capítulo, é trabalhada a sexualidade na vida dos indivíduos, conceito de pulsão, princípio de prazer e princípio de realidade e alguns estudos que discutem a sexualidade nas organizações e sexualidade e trabalho.

2.1 O SUJEITO E O ENVELHECIMENTO

O presente capítulo trata do sujeito e o envelhecimento e está subdividido em duas seções: O envelhecimento e a velhice"; e "O narcisismo na contemporaneidade".

A primeira seção objetiva explorar o processo de envelhecimento e a velhice propriamente dita, destacando o papel do idoso na sociedade. Trata também a velhice sob a ótica das perdas e ganhos desse processo de envelhecer.

Na segunda seção, após a discussão sobre o processo de envelhecer, é abordado como isso tem sido vivenciado por uma sociedade com uma marca narcísica e com dificuldades de encarar esse momento da vida.

2.1.1 O Envelhecimento e a Velhice

Para iniciar a discussão sobre o envelhecimento, é importante que se faça uma diferenciação entre o envelhecimento e a velhice. O envelhecimento é um processo que nos acompanha desde o nascimento até a morte (MUCIDA, 2006), ou seja, não é a velhice propriamente dita. Esta é uma das etapas da vida, que a depender da ótica utilizada, se inicia em momentos diversos (MESSY, 1999).

Ainda segundo Messy (1999 p. 16), "O envelhecimento não é a velhice, como uma viagem não se reduz a uma etapa. O envelhecimento é um processo irreversível, que se inscreve no tempo". Para Mucida (2006, p.45), a velhice:

> [...] é o momento no qual, prevalecendo um determinado enfraquecimento – variável para cada sujeito – do tempo presente devido a um afrouxamento dos laços afetivos, sociais e inúmeras perdas, imporia ao sujeito a criação de novas formas de atualizar seu passado enlaçando-o ao seu futuro.

No longo processo de envelhecer, a velhice é marcada por reduções e modificações nas diversas funções do corpo, mas não necessariamente marcada pelo acúmulo de doenças. A autora complementa que um corpo estar doente não quer dizer que ele esteja velho ou não (MUCIDA, 2006). "A gerontologia distingue senescência de senilidade, definindo a primeira como um processo fisiológico inelutável do organismo que acarreta modificações precisas, associadas a uma redução de todas as funções sem provocar doenças. A senilidade refere-se às patologias do envelhecimento" (MUCIDA, 2006 p.23).

A definição, por si só, deste grupo etário, não tem sido simples, dadas as discussões relacionadas às características biológicas e também às influências de fatores externos como o grupo social e as especificidades socioculturais envolvidas, gerando conceitos de diferentes estágios de velhice. De acordo com a Lei nº 8.842 (BRASIL, 1994), conhecida como *Estatuto do Idoso* – vista como um avanço nas políticas públicas para a velhice no Brasil (Carvalho, 2009; Braga *et al.*, 2008) – é idoso todo indivíduo acima de 60 anos. No entanto, como assinalam Engel e Costa (2012) e Silva (2008), a categoria "idoso" é bastante heterogênea, levando a outras formas de abordagem do envelhecimento. Kalache, Veras e Ramos (1987) chamam a atenção para o conceito de envelhecimento funcional, em oposição ao envelhecimento cronológico:

> Tal conceito está intimamente ligado à questão da manutenção da autonomia, ou seja, o grau de autonomia de um indivíduo para realizar as atividades diárias que o fazem independente dentro de seu contexto socioeconômico-cultural. [...] Neste contexto, o conceito de envelhecimento funcional teria maior relevância quando comparado ao cronológico por considerar a capacidade dos indivíduos em realizar de forma autônoma as atividades do dia-a-dia, levando em conta, ainda, suas condições de vida, histórico, sociais e culturais. (KALACHE, VERAS e RAMOS 1987, p.203)

Sob a ótica da psicanálise de Freud – utilizada no presente estudo como moldura teórica de análise – o estatuto de sujeito, que está associado à ideia do inconsciente, versa que esse não envelhece, ou seja, no sujeito, o inconsciente não envelhece (FREUD, 1914).

Beauvoir (1970), em seu trabalho sobre a velhice, faz uma reflexão sobre o velho na sociedade, cujo foco está na produção e no lucro. A autora oferece dados sobre a velhice, um apanhado histórico sobre as sociedades em relação ao tema e finaliza com uma reflexão crítica sobre a velhice na sociedade à época.

A autora, ao iniciar falando da velhice, já aponta a dificuldade de delimitação desta fase, apresentando-a como sendo um fenômeno biológico, natural, com consequências psicológicas que chegam a atingir uma dimensão existencial do sujeito. Complementa, ainda, que "a complexidade da questão é devida à estreita interdependência desses pontos de vista. Sabe-se, hoje em dia, que considerar isoladamente os dados fisiológicos e os fatos psicológicos constitui uma abstração: eles são interdependentes" (BEAUVOIR, 1970 p.13).

Beauvoir (1970) evidencia ainda que a velhice é construída social e culturalmente, sendo esta afirmação um fio condutor do presente estudo. Para a autora, a velhice teria uma categoria social – construída socialmente em cada cultura – e uma categoria individual – construída

através da posição da pessoa diante da vida. Peres (2007) complementa que apesar das questões biológicas que estão relacionadas com o envelhecimento, a forma de enxergar a velhice depende do contexto social e histórico no qual ela é vivenciada.

Mucida (2006 p. 28) colaborando com a ideia de que a velhice é algo construído, afirma que "a velhice é também um efeito do discurso".

> [...] a velhice enquanto categoria social não diz nada a respeito de cada sujeito. Dizer que uma pessoa tem 60, 70, 80 ou mais anos, mesmo que isso nos dê algumas indicações relativas aos possíveis aspectos corporais, filosóficos ou mesmo sociais, não indicam como cada sujeito vivencia tais inscrições a partir dos seus traços e o particular de sua história (MUCIDA, 2006 p.28-29).

Beauvoir (1970), em sua retomada etnológica, ressalta que não se pode julgar uma cultura pela nossa forma de viver e representar os acontecimentos. Essa reflexão torna-se importante, visto que não existe uma regra sobre o significado e o tratamento dado à velhice. Como destaca a própria autora, "quando o clima é duro, as circunstâncias difíceis, os recursos insuficientes, a velhice dos homens assemelha-se muitas vezes à dos bichos" (BEAUVOIR, 1970 p.68).

Freud, em seu ensaio intitulado Totem e Tabu (1912), vai também buscar na etnologia, entender a influência que as religiões e a organização social primitivas têm no modelo de sociedade em que se vive. Dentre suas considerações, evidencia a luta dos jovens contra os velhos, onde estes últimos, quando percebidos como enfraquecidos, são levados à morte ou ao exílio. Essa luta do jovem contra o velho, como do filho contra o pai, reforça as características encontradas por Beauvoir em sua obra. Ou seja, em cada momento da história, o velho recebe um tratamento diferente, em algumas sociedades é exaltado e em outras levado à morte.

Nas sociedades primitivas, nota-se que para algumas comunidades, o envelhecimento é algo desprezível e o velho é abandonado aguardando a própria morte, podendo esta, em alguns povos, ser provocada como uma regra vigente. Em outras comunidades, por outro lado, onde o saber, a magia e a religião predominam, o sujeito mais envelhecido tem prestígio e é valorizado (MUCIDA, 2006).

Ainda segundo Mucida (2006 p. 67):

> Vê se que a velhice sinaliza tanto a perspectiva de um saber a ser aproveitado como também de um saber a ser destruído e, sobretudo, traçando cronologicamente uma relação mais estreita com a morte, ela acopla-se à ideia que cada cultura tem da morte e do morrer.

“Pode-se concluir que a opção mais habitual das sociedades, tanto agrícolas como nômades, cujos recursos são insuficientes, é o sacrifício dos velhos” (BEAUVOIR, 1970 p.90). Ou seja, mesmo guardado todo respeito pelo velho e pela velhice, segundo a autora, se tiver alguém a ser excluído serão as pessoas mais envelhecidas.

Após realizar reflexões sobre as sociedades primitivas, Beauvoir (1970) faz um estudo sobre as sociedades históricas, que se estendem até o século XX e tem uma organização social diferente das anteriores. Mesmo se tratando de diferentes momentos da história, o tratamento dado à velhice não é menos complexo, sendo esta mais ou menos valorizada de acordo com a cultura local, não havendo mais uma vez, regra geral sobre o assunto.

Um ponto encontrado nesse apanhado histórico de Beauvoir (1970) refere-se ao fato de que a velhice, o ser velho, normalmente era um privilégio dos ricos, pois os pobres, via de regra, não alcançavam uma idade mais avançada. Somente após a revolução industrial envelhecer se tornou possível para as classes mais baixas.

Ainda sobre a trajetória histórica da velhice, Mucida (2006 p. 70) comenta:

> Entre o horror, a decrepitude e o sagrado, a velhice vai sendo vestida por diferentes tecidos, alguns que a cobrem de um luto interminável e sofrível, outros pelos quais o sagrado e a experiência fazem valer as mudanças traçadas no corpo. De qualquer forma, persiste ainda nessas culturas o terror e o temor daquilo que a velhice expõe – a castração em suas variantes -, perda do vigor sexual, da força, da beleza, da agilidade enfim, do poder fálico em seus diferentes matizes. É evidente que quanto mais enlaçada ao corpo e às demonstrações fálicas é a cultura, mais a velhice se torna um palco de sofrimento para aqueles que a contemplam e a vivenciam.

No ensaio de Freud “O mal-estar na civilização” (1930), o autor indica três fontes do sofrimento humano: “o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” (FREUD, 1930 p.93). Tal definição evidencia que o corpo e em consequência disso, o envelhecimento, é fonte de sofrimento para as pessoas, confirmando as ideias discutidas até aqui e que serão abordadas mais adiante na seção sobre o narcisismo.

Finalizando sua obra, Beauvoir (1970) faz uma crítica ao significado da velhice para a sociedade à sua época, ressaltando as semelhanças desta sociedade com as comunidades primitivas e sociedades históricas e evidenciando que o abandono ao que é velho acontece das formas mais veladas. Mucida (2006 p. 81) complementa que “vivemos hoje aquilo que Freud anunciou em 1930: o progresso científico não trouxe ao homem a esperada felicidade, não

melhorou a relação entre os homens, não aliviou o medo das perdas, não aplacou a angústia. E tudo isso se escancara de forma mais irrevogável no que tange a velhice".

Bruns e Soares (2007) apontam que na sociedade atual, o idoso é cada vez menos valorizado – com a exaltação do jovem, daquilo que é novo – e a experiência vivida parece ter importância secundária. Complementam ainda que a negação da velhice aparece nas metáforas "melhor idade", "segunda adolescência" e "adulto maior", criados pela ideologia do velamento da velhice, buscando assim atender aos padrões da sociedade de consumo que encontra na população de idosos possíveis adeptos de modismos vigentes e voláteis, como estilos de vestimentas que se modificam a cada estação, ou novos pontos turísticos a serem conhecidos.

Para Souza, Matias e Bretas (2010), até o século XVIII o idoso ocupava um papel de destaque em seu grupo social e na família, conquistado com base na experiência acumulada e no reconhecimento de sua sabedoria diante das questões da vida. Na sociedade capitalista contemporânea, na medida em que o trabalho se torna fonte central de identidade do indivíduo e, por extensão, de sua capacidade de produção e consumo, os idosos perdem sua posição social, em função da sua impossibilidade de inserção no mercado de trabalho, da ausência de independência econômica e da fragmentação dos laços familiares que existiam nas sociedades pré-industriais (DEBERT, 1992; DEBERT, 1997). Neste cenário, a velhice passa a ser considerada socialmente como um obstáculo, em que os velhos perdem seu papel social, necessitando do amparo econômico da família e da proteção do estado.

Para Debert (1997), mesmo o envelhecimento biológico possuindo maior ligação com a idade dos indivíduos, outras variáveis devem ser consideradas relacionadas ao envelhecer, que não seja somente a idade. Variáveis como o contexto, a cultura, o período vivido e suas histórias de vida – que variam de indivíduo para indivíduo – podem gerar implicações à velhice, não podendo, dessa forma, traçar um determinante sobre este conceito. Assim, o envelhecimento não deveria ser pensado como uma experiência homogênea.

Bruns e Soares (2007 p. 37) também enfatizam que envelhecer com uma boa situação financeira é diferente de envelhecer em uma condição precária e que o envelhecimento do homem é diferente da mulher. "Envelhecimento, portanto, envolve classe social e gênero e, sendo assim, não podemos falar em uma única categoria e modo de envelhecer."

De acordo com Souza, Matias e Bretas (2010), de forma geral, o indivíduo acaba por perceber o próprio envelhecimento por meio da imagem corporal do outro. Nesse sentido, aquele que envelhece de forma saudável e natural, passaria somente por uma fase de adaptação,

mais uma etapa do desenvolvimento, algo como um equilíbrio biológico, sem que percebesse a "velhice".

A velhice acontece, segundo Messy (1999), quando o sujeito não se vê mais como objeto de desejo e ocorre uma perda objetal brusca. O autor argumenta que em nossa sociedade o envelhecimento é visto como um processo maior de perdas do que de aquisições.

> Nesse sentido o ego envelhece, ou seja, ele é o lugar onde se efetua a dinâmica da perda e da aquisição. O envelhecimento, como processo normal, é a expressão da temporalidade da pessoa, adere à história de sua vida. Envelhecemos como vivemos, nem melhor, nem pior. Trata-se de uma questão de equilíbrio entre estas duas noções. (MESSY, 1999 p.22)

Nesta direção, Goldenberg (2011) destaca as ambiguidades das perdas e ganhos no processo de envelhecer. A autora comenta que existem perdas associadas a status, limitações físicas, doenças e solidão, como também existem ganhos como amadurecimento, experiência, maturidade, sabedoria e aprendizado.

Goldenberg (2013), enfatiza que está interessada em escrever aos leitores os ganhos do envelhecimento, visto que a literatura sobre o assunto tem dado muito enfoque nas perdas. A autora ressalta que não é uma tentativa de negligenciar as perdas, mas sim de enfocar que ao envelhecer há ganhos também como a liberdade e a permissão para ser autêntico diante da própria vida.

As visões de Beauvoir (1970) e Goldenberg (2013) convergem na medida em que destacam que para se ter um envelhecimento percebido como positivo pelo sujeito, é necessário que se construa o significado real da própria existência e assim se construa um projeto de vida.

> O significado da vida é único e próprio de cada indivíduo. As particularidades de cada um, principalmente dos seus valores, é que definem o sentido de cada vida. O significado pode ser encontrado de diferentes maneiras: no trabalho ou na criação, no amor e também na atitude que se tem em relação ao sofrimento inevitável. (GOLDENBERG, 2013 p. 36)

Por fim, Bruns e Soares (2007 pp. 77-78) vêm reforçar essa conceituação afirmando que:

> A coisa mais típica do desenvolvimento desta fase de envelhecimento é descobrir quem somos de verdade – mas nem todos se desenvolvem. O desenvolvimento é uma potência, não uma fatalidade. Algumas pessoas adentram a meia-idade, onde se confrontam com uma crise que guarda semelhanças incríveis com a adolescência, e

> ali ficam regredidas durante anos, sem conseguir responder às exigências da maturidade.

As autoras ainda apontam que a representação social do envelhecimento está ligada à morte, e que isso também permeia ideias relacionadas à sexualidade humana.

> [...] a trajetória da elaboração cultural e histórica do envelhecimento remete-nos ao temor de nossa finitude existencial, temor este que vincula-se às elaborações da sexualidade, em especial, no que diz respeito ao modo como nos relacionamos com nossos corpos, com conceitos como juventude, beleza, padrões estéticos. (BRUNS E SOARES, 2007 p. 40)

Diante do que foi apresentado sobre o envelhecimento e a velhice, pode-se argumentar, a partir das reflexões e dos posicionamentos dos autores utilizados, que o envelhecimento se dá de forma diferente para cada sujeito e que muitos pontos a respeito do tema têm relação com a cultura e a característica da sociedade em que se vive. Nesse sentido, o presente estudo busca identificar como se dá o processo de envelhecer para cada sujeito buscando essa ligação com o trabalho, a aposentadoria e a sexualidade. Na seção seguinte será exposto o narcisismo e como o momento atual na sociedade é marcado pelo culto ao jovem e pela aversão ao envelhecimento.

2.1.2 O Narcisismo na Contemporaneidade

Com a finalidade de trabalhar o narcisismo na contemporaneidade, e a importância da compreensão deste conceito para a discussão da velhice, será abordado primeiramente o mito Narciso, depois a teoria de Freud (1914) sobre o narcisismo, sendo discutido posteriormente o narcisismo na contemporaneidade, até chegaremos na velhice e sua relação com o narcisismo.

A palavra “narciso” vem do grego e significa entorpecido, narcótico. O mito de Narciso, narrado por Kury (1990) no dicionário da mitologia grega e romana, têm versões diferentes, mas com significado semelhante. Narciso era um rapaz de beleza inigualável e filho do Deus do Rio, Céfiso, e da ninfa Liríope. Quando seu filho Narciso nasceu, os pais perguntaram ao adivinho Tirésias, qual seria o destino de seu filho e ele respondeu que para o menino ter vida longa, nunca poderia se ver diante de sua face. Narciso cresceu um rapaz bonito que despertava o amor de homens e mulheres, porém não correspondia a nenhum desses sentimentos. Tornara-se um homem arrogante e orgulhoso com quem ninguém conseguia conviver (KURY, 1990).

Diante do amor não correspondido por Narciso, a ninfa Eco, não conformada com a indiferença do rapaz, se afastou para um deserto, onde definhou até a morte. As outras ninfas,

em protesto ao ocorrido, pediram aos Deuses que se vingassem de Narciso, e assim foi feito. Nêmesis induziu Narciso a beber água em uma límpida fonte, onde ele veria sua face refletida. Nessa posição, o rapaz viu seu rosto e apaixonou-se por sua própria imagem. “Descuidando-se de tudo o mais, ele permaneceu imóvel na contemplação ininterrupta de sua face refletida e assim morreu” (KURY, 1990 p. 368).

Inspirado pelo referido mito, Freud (1914) desenvolveu a teoria sobre o investimento libidinal no próprio eu. O termo narcisismo foi criado por Freud e na psicanálise representa um modo particular de relação com a sexualidade. O narcisismo não é apenas uma condição patológica, é uma importante condição da formação do eu e, consequentemente, da constituição de subjetividade (GARCIA- ROZA, 2008).

Em 1914, é publicado pela primeira vez o ensaio Sobre o Narcisismo: uma Introdução, em que Freud introduz formalmente o conceito de narcisismo e examina o lugar ocupado por ele no desenvolvimento sexual. No ensaio pode-se compreender que o narcisismo e o investimento objetal são fundamentais na formação do sujeito e que os investimentos libidinais podem ser redirecionados para o próprio ego ou para algum objeto.

Para Freud (1914) o narcisismo pode ser entendido em duas etapas: i. narcisismo primário; e, ii. narcisismo secundário. O primário encontra-se na fase infantil, quando o ego ainda não foi formado e não existe qualquer relação com objeto. O bebê objetiva apenas satisfazer suas necessidades e todo investimento libidinal é feito no seu próprio corpo, não sendo capaz de perceber um mundo exterior a si; seria uma fase intermediária entre o autoerotismo e o amor de objeto (GARCIA- ROZA, 2008; GABRIEL, 2008; GABRIEL, 2012).

> A constituição desse eu efetiva-se com o concurso da revivescência do narcisismo dos pais que atribuem ao filho todas as perfeições, além de concederem a ele privilégios que eles próprios foram obrigados a abandonar. O eu que surge da confluência da imagem unificada que a criança faz de seu próprio corpo e dessa revivescência do narcisismo paterno é o eu ideal (Ideal Ich), que corresponde ao narcisismo primário (GARCIA- ROZA, 2008, p. 48).

Araujo (2010) acrescenta que o desejo dos pais então é que o filho não viva os sofrimentos e perdas por eles experienciados. No entanto, argumenta a autora, esse estado paradisíaco deve ser interrompido, “sob pena de a criança não ascender ao estatuto de sujeito” (ARAUJO, 2010, p.3). No desenvolvimento a criança perceberá que sua mãe tem outros interesses que não só os cuidados do bebê e com isso, desde então seu objetivo será ser amado pelo outro, em reconquistá-lo para viver novamente aquele amor pleno (FREUD, 1914).

Nesse movimento de busca pelo amor e aceitação do outro é que a criança avança para o segundo estágio do Narcisismo, denominado por Freud (1914) como narcisismo secundário. Os investimentos feitos aos objetos externos retornam ao eu (GARCIA-ROZA, 2008). O referido autor argumenta que não existe um abandono completo da primeira etapa, no entanto, fica evidente que a libido que antes era investida somente no próprio eu, agora é investida em objetos externos, para que posteriormente retorne ao próprio eu. Araujo (2010) expõe que os dois tipos de narcisismo marcarão a personalidade do sujeito ao longo da vida e complementa que "Foi a partir do olhar libidinizado da mãe que a criança reconheceu-se e se sentiu amada. Daí para frente, todas as suas escolhas objetais e realizações terão por base esse período em que foi possível o desenvolvimento do amor por si mesma" (ARAUJO, 2010, p.3).

Ainda no ensaio sobre o Narcisismo, Freud (1914) introduz dois termos, que inicialmente parecem semelhantes, mas que no contexto percebe-se que constituem ideias diferentes: o eu ideal (*Ideal Ich*); e o ideal do eu (*Ich ideal*). Vale ressaltar que a distinção desses dois termos é um ponto fundamental da teoria freudiana sobre o narcisismo.

O eu ideal é a imagem de perfeição, é o amor pleno e a sensação de completude vivida na infância. "Essa imagem é construída na sua quase totalidade pelos pais, que a projetam no filho, fazendo ressurgir o narcisismo que eles próprios tiveram que abandonar por exigência da realidade" (GARCIA-ROZA, 2008, p. 57). Já o ideal de eu, essa nova forma de investimento libidinal, externa ao sujeito, será formado pelas exigências que terão que ser atendidas e que se situam no lugar da lei (GARCIA-ROZA, 2008).

Um avanço importante ao texto de Freud sobre o Narcisismo e a escolha de objeto narcísico se dá em seu ensaio sobre o Luto e Melancolia (FREUD, 1915), onde o autor faz uma tentativa de elucidação sobre a natureza da melancolia, comparando-a com o luto. "O ponto de partida para a articulação do narcisismo com o luto e a melancolia é a noção de identificação narcísica secundária" (GARCIA-ROZA, 2008, p.73). Ou seja, sendo o narcisismo uma forma de investimento libidinal no próprio eu e que em sua fase secundária a escolha do objeto é feita de forma narcísica como uma busca de objeto de amor, em caso de perda, pode ser gerado um estado de Luto (identificação – investimento – desinvestimento e reinvestimento) ou Melancolia (patológica). No Luto, há um desinvestimento libidinal do objeto perdido e um reinvestimento em um novo objeto. Já na melancolia, a perda do objeto se confunde com a perda do próprio eu, importando ressaltar que esse processo está relacionado ao investimento libidinal direcionado ao objeto.

No ensaio sobre luto e melancolia, Freud (1915) descreve o processo ligado à perda e ao trabalho que envolve um reposicionamento libidinal, evidenciando que a associação do luto à melancolia diz respeito a semelhanças de sintomas encontrados nesses dois estados. A diferença é que no luto todos os apegos emocionais têm de ser retirados de um objeto perdido que não mais existe. A melancolia, como o luto, é uma resposta a uma perda ou a uma separação, onde o sujeito não sabe o que está sendo perdido. Mesmo quando o doente está consciente da perda, Freud sugere que ele sabe quem perdeu, mas não o que perdeu naquele objeto (GABRIEL, 2008; GABRIEL, 2012).

No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio Eu. O paciente representa seu ego como sem valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele repreende a si mesmo, vilipendia a si mesmo e espera para ser lançado fora e punido (FREUD, 1915).

Vale ressaltar que tanto o luto quanto a melancolia existem frente à perda de um objeto de amor. O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeita-se de que essas pessoas possuem uma disposição patológica (FREUD, 1915).

O trabalho do luto, segundo Freud (1915) é penoso, no sentido que o objeto de amor não existe mais e com isso é necessário que toda energia direcionada para aquele objeto seja retirada, ou seja, "exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto" (FREUD, 1915 p. 173). Geralmente se observa uma oposição a esse movimento, pois o ser humano em geral, não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo que o objeto substituto já esteja à vista (GABRIEL, 2012).

Garcia-Roza (2008) reafirma a visão de Freud de que, tanto no processo de luto quanto o da melancolia, existe a perda de um objeto. No entanto, na melancolia, o objeto eleito teria forte identificação com sujeito, com isso a perda desse objeto, seria a perda do próprio eu. E acrescenta, "[...] uma vez feita essa identificação, o eu passa a ser julgado por uma instância especial (*besonderen Instanz*) como se fosse um objeto, objeto abandonado" (GARCIA-ROZA, 2008, p.76).

As etapas da melancolia supostas por Freud (1915) são as seguintes:

1. Houve uma escolha de objeto, isto é, uma ligação da libido a uma pessoa determinada;

2. Esse vínculo é abalado por um desprezo por parte da pessoa amada;

3. Ao invés de ocorrer uma retirada da libido desse objeto para um outro, aconteceu da libido ser retirada para o eu;

4. Uma vez retirada para o eu, a libido serviu para estabelecer uma identificação (narcísica) do eu como o objeto abandonado;

5. Como consequência, a perda do objeto transformou-se numa perda do eu;

6. O conflito entre o eu e a pessoa amada transformou-se numa divisão entre o eu crítico e o eu alterado pela identificação.

Complementa Garcia-Roza (2008), que para que as etapas tenham se passado dessa forma, a escolha do objeto deve ter sido feita com base narcísica, ou seja, uma escolha convertida em identificação narcísica. Neste sentido, Garcia-Roza (2008 p. 77) propõe o esquema **Escolha narcísica → Identificação narcísica → Perda do objeto → Identificação com o objeto perdido**, e destaca que a identificação narcísica é a contribuição mais relevante do ensaio sobre luto e melancolia de Freud.

Com base neste contexto, surge um ponto de inquietação para o presente estudo: O que o narcisismo tem a ver com a nossa sociedade e a velhice? Por que tem se tornado tão difícil envelhecer?

Christopher Lasch (1983), em seu livro *A Cultura do Narcisismo*, faz uma análise sócio-psicológica sobre a sociedade, discutindo a forte tendência narcísica na formação da personalidade dos sujeitos nessa geração. O autor levanta também uma discussão importante para o presente trabalho, que é conseqüência da constatação anterior a respeito da personalidade narcísica, sobre o medo de envelhecer e a busca infantil pela juventude. Vale ressaltar que Lasch é considerado como crítico severo da sociedade moderna e segue a linha dos filósofos e pesquisadores da escola de Frankfurt[2] (WANDERLEY, 1999).

Paes de Paula (2003) também discute o narcisismo, no campo dos estudos Organizacionais, e inicia sua reflexão abordando exatamente o trabalho de Lasch. A autora afirma que a consequência da formação de personalidade narcísica é oriunda também da grande influência que as organizações e a mídia têm na vida das pessoas, e complementa: "A cultura narcisista faz com que os indivíduos cada vez mais se ocupem de seu próprio prazer, buscando a maximização da satisfação de suas necessidades e desejos" (PAES DE PAULA, 2003, p.2).

[2] É uma escola ou vertente de teoria social e filosófica particularmente associada ao Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, na Alemanha. A teoria crítica frankfurtiana tem alcance social e é identificada como marxismo ocidental. (FARIA, 2009)

Lasch (1983) argumenta que a energia que antes era direcionada para transformações sociais, de ordem coletiva, no momento contemporâneo está centrada no próprio sujeito e apenas na satisfação de suas necessidades imediatas.

Debord (2003), no início de seu livro *Sociedade do Espetáculo* escreve que "toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo que era diretamente vivido, se esvai na fumaça da representação" (p.13).

A emergência destes aspectos tem como resultado a formação de pessoas com preocupações excessivas com o próprio corpo, vivendo através de imagens e angustiadas pelo que os outros pensam a respeito delas. Diante dessa preocupação apenas centrada em si, vivenciam um tempo que menospreza o passado e temem exacerbadamente o futuro, não vendo nenhum sentido especial em tornar-se velho (LASCH, 1983). Na mesma direção, Barreto (2012, p.16) afirma que "nesse contexto de uma sociedade narcísica, empreende-se uma luta contra qualquer traço físico ou psicológico que deponha contra a tão valorizada juventude".

Lasch (1983 p. 66) complementa que "em uma sociedade que tem horror à velhice e à morte, o envelhecimento implica um terror especial para os que temem a dependência e cuja a autoestima requer a admiração geralmente reservada à juventude, à beleza, à celebridade ou ao encanto pessoal", e faz questionamentos importantes no que tange ao presente estudo:

> [...] por que o crescimento e desenvolvimento pessoais se tornaram tão árduos de ser atingidos; por que o temor de amadurecer e ficar velho persegue nossa sociedade; por que as relações pessoais se tornaram tão instáveis e precárias; e por que a vida interior não mais oferece qualquer refúgio para os perigos que nos envolvem (LASCH, 1983, p.37).

O autor elucida tais questionamentos evidenciando que os novos códigos sociais impactam na formação da personalidade e na forma de socialização e que estas novas condições sociais afetam a família e, consequentemente, a forma de modelar a personalidade de seus membros. Lasch (1983) comenta que os pais, na tentativa de fazer com que os filhos se sintam amados e percebam sua posição de predileção na família, estimulam a preservação da personalidade narcísica. Porém, complementa que isso vem apenas como uma tentativa de esconder a frieza existente na relação e o individualismo exacerbado dessas gerações.

Considerando os pontos apresentados anteriormente sobre o narcisismo e a formação da personalidade narcísica, pode-se constatar que o horror à velhice e ao processo de envelhecer torna-se uma marca da sociedade moderna (LASCH, 1983). Outra marca evidenciada pelo autor

é o não comprometimento com o passado e a dificuldade em lidar com o futuro, questionando "o que está por trás dessa aversão ao processo de envelhecer, que parece estar se tornando cada vez mais comum na sociedade industrial adiantada?" (LASCH, 1983 p. 252).

O autor argumenta que sempre houve o medo da morte e o desejo de viver pela eternidade, no entanto, esse medo é potencializado de forma significativa em uma sociedade que não se interessa pela posteridade e tem menos apego à religião. E complementa que a tensão sobre a velhice se dá não só pela proximidade da morte, mas também porque nossa sociedade não vê muita utilidade para os velhos.

> Ao desvalorizar a experiência e dar muito valor à força física, destreza, adaptabilidade e à capacidade de surgir com novas ideias, a sociedade define a produtividade em modos que automaticamente excluem os 'cidadãos mais velhos'. O conhecido culto da juventude enfraquece ainda mais a posição social dos que não são mais jovens (LASCH, 1983 p. 253).

Barreto (2012) complementa que apesar das estatísticas mostrarem um aumento de pessoas idosas numericamente em nossa sociedade, "[...] a participação política e social desses sujeitos ainda é considerada pouco expressiva" (Barreto, 2012 p. 43). Por fim, Beauvoir (1970) relata que o velho é visto pelo adulto como uma espécie estranha, não havendo qualquer reciprocidade nessa consideração.

A partir dessa breve explanação sobre o narcisismo freudiano, destacamos o argumento de Lasch (1983), relevante para este estudo, que apesar do traço narcísico estar presente nas pessoas em diferentes graus, o momento em que se vive hoje, é marcado por um narcisismo patológico e ainda infantil, influenciado por um amadurecimento psicológico comprometido e valores construídos de forma frágil e volátil. E isso se relaciona com o que foi mencionado acima, o horror a velhice, a dificuldade de encarar o envelhecimento e lidar com as perdas e ganhos inerentes da existência física. E isso culminará na busca por sempre continuar ser jovem e produtivo.

2.2 O SUJEITO E O TRABALHO

O presente capítulo trata do sujeito e o trabalho e está subdividido em duas seções: O Trabalho e seus Sentidos para os Indivíduos e, Aposentadoria ou Morte Social?

A primeira seção explora o trabalho sob três fontes complementares: a psicodinâmica do trabalho, que o analisa a partir da dialética do prazer e do sofrimento; a psicanálise, que também é fonte teórica utilizada pela psicodinâmica do trabalho; e, autores que versam sob a centralidade do trabalho na vida do indivíduo.

Na segunda seção é apresentado o processo de aposentadoria, vista na perspectiva de exclusão do indivíduo do meio social e de perda de sua identidade, pela destacada importância dada ao trabalho na vida das pessoas.

2.2.1 O Trabalho e seus Sentidos para os Indivíduos

Os estudos sobre o Trabalho têm sido realizados por diferentes perspectivas, e alguns dos quais estão diretamente ligados às assim denominadas Clinicas do Trabalho. Segundo Bendassolli e Soboll (2011b p.3) "compreende-se por 'clínicas do trabalho' um conjunto de teorias que têm como foco de estudo a relação entre trabalho e subjetividade". Suas correntes teóricas são: a Clínica da Atividade (Yves Clot); a Psicossociologia (Vicent de Gaulejac, Eugéne Enriquez,); a Ergologia (Yves Schwartz) e a Psicodinâmica do Trabalho (Christoph Dejours).

Embora as teorias e pressupostos utilizados pelos autores citados possam ter semelhanças e convergências, existem divergências de ordem ontológica, epistemológica, metodológica e teórica entre elas. Torna-se necessário então a escolha por parte do pesquisador de qual corrente será utilizada e analisada em cada trabalho, posto que cada uma guarda entre si diferenças significativas. "Cada uma das teorias parte de conceitos específicos tanto de subjetividade como de trabalho, assim como propõe formas específicas de compreender e de apreender as situações de trabalho e os processos de subjetivação (BENDASSOLLI E SOBOLL, 2011b p. 9).

A linha teórica que será utilizada na presente tese é a da Psicodinâmica do Trabalho representada principalmente pelos estudos de Dejours, que tem seus fundamentos na psicanálise, na ergonomia e na sociologia do trabalho. A perspectiva utilizada sobre o trabalho nesse estudo é a da psicodinâmica, de prazer e sofrimento, aliada a ideia de Freud (1920) de

que a atividade do homem caminha em duas direções: busca de ausência de sofrimento ou de desprazer e a busca incansável pelo prazer.

Nesse contexto, Mendes e Araújo (2012) mencionam que a concepção de sujeito da psicanálise, o sujeito do inconsciente, está integrado do ponto de vista teórico ao sujeito da psicodinâmica do trabalho, ou seja, o sujeito do prazer e do sofrimento. Essa articulação permite dizer que o sujeito das clínicas do trabalho é o sujeito que busca lutar contra a loucura do trabalho, as suas patologias e a doença mental.

> É o trabalho que permite a passagem do sofrimento para o prazer. O desejo se confronta com a realidade. O sujeito do inconsciente tem origem antes do encontro com o trabalho. Ao se confrontar com o real, choca-se e resiste ao que sua história singular mobiliza e potencializa. [...] é do confronto entre o desejo consolidado no teatro infantil e as resistências impostas pelo real que nasce o sofrimento, fruto de uma experiência de fracasso inevitável, uma vez que o real sempre coloca o sujeito em cheque e, ao mesmo tempo, é um fracasso, que diz da normalidade e mobiliza o sujeito para a ação. (MENDES E ARAÚJO, 2012 p. 21)

A psicodinâmica desenvolve uma análise sociopsíquica do trabalho, buscando compreender as vivências subjetivas, dentre elas o prazer, o sofrimento, o processo saúde-adoecimento, e os mecanismos de defesa e de mediação do sofrimento (MENDES e ARAÚJO, 2012). Completa Mendes (1995) que a relação homem e trabalho deve ser estudada de um ponto de vista neutro, não enfocando apenas o sofrimento e o patológico.

Mendes e Araújo (2012) destacam que a psicanálise, e principalmente, os escritos de Freud, tiveram grande contribuição para a psicodinâmica. As autoras evidenciam que para Freud, o trabalho pode ser a atividade profissional e a atividade psíquica e esses dois sentidos do trabalhar são importantes para a psicodinâmica, que entende e analisa o trabalho, como um trabalho psíquico. E para a presente tese, o trabalho será analisado por estes dois pontos, como atividade profissional e como atividade psíquica.

Esta clínica, a psicodinâmica, tem o desafio de desvelar ao sujeito a atividade psíquica envolvida no trabalhar.

> Fazer implica pensar, engajar-se no corpo, no cognitivo e no afetivo; fazer é afetar-se pelo real, transformar a si mesmo e transformá-lo. Assim, trabalhar é a mobilização subjetiva frente ao real do trabalho, que envolve a atividade laborativa concreta, pois é a partir da organização do trabalho prescrita e efetiva que se potencializa a atividade psíquica, representada na elaboração e perlaboração. A elaboração implica pensar as relações entre as ideias, apropriar-se dos afetos, tornar inteligível o desconhecido – como ocorre na interpretação dos sonhos –, processar, absorver e atribuir sentido ao mundo. Esse sentido é perpassado pelas vivências de prazer e sofrimento (MENDES E ARAÚJO, 2012 p. 25-26).

Dejours (2012a) contribui com essa questão colocando que o trabalho também está relacionado com o trabalho da própria subjetividade e a "exigência de trabalho imposta ao psiquismo - ou ao eu – pelos movimentos provenientes do inconsciente." (DEJOURS, 2012a p. 15)

De acordo com Mendes e Marrone (2014), o arcabouço histórico-conceitual da psicodinâmica do trabalho se dá em três etapas distintas. A primeira desenvolvida da década de 1980 na França, direcionou os estudos para o sofrimento psíquico, oriundo do confronto entre o psiquismo do trabalhador e a organização do trabalho. Nessa fase, as pesquisas empíricas eram direcionadas para a análise da dinâmica do sofrimento e das estratégias defensivas para lidar com esse sofrimento.

A segunda etapa ocorreu até meados da década de 1990, e foi direcionada ao pólo de saúde, ao abordar estudos sobre o prazer e dos mecanismos que os trabalhadores utilizavam para tornar o trabalho saudável. Outra vertente também estudada foi o papel do trabalho na construção da identidade por meio da investigação da dinâmica do reconhecimento. E a terceira etapa, iniciada no final da década de 1990, tem pesquisado o processo de subjetivação e as patologias sócio-psíquicas e também aprofundado o conhecimento em processos relacionados à saúde do trabalhador.

> Destaca-se como objeto da clínica psicodinâmica do trabalho a relação entre trabalho e trabalhar, eixo central da constituição do sujeito. O foco de análise é a organização do trabalho nas suas dimensões visíveis e invisíveis, prescrita, cognitiva, afetiva, intersubjetiva, política e ética. Conhecer a organização do trabalho é fundamental para acessar as vivências de prazer e de sofrimento, os processos de subjetivação, as patologias e a saúde-adoecimento. Identificar como os sujeitos constroem as estratégias de confrontamento com o real da organização do trabalho é crucial para a análise clínica, visto que é essa organização que promove e configura a construção dessas estratégias. (MENDES E ARAÚJO, 2012 p. 21)

No ensaio de Freud "O mal estar na civilização" (1930), o trabalho foi mencionado da seguinte forma:

> Quando numa pessoa não existe uma disposição especial que prescreva imperativamente a direção que seus interesses na vida tomarão, o trabalho profissional comum, aberto a todos, pode desempenhar o papel a ele atribuído pelo sábio conselho de Voltaire. Não é possível, dentro dos limites de um levantamento sucinto, examinar adequadamente a significação do trabalho para a economia da libido. Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto à ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que essa técnica oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles

> narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional, e para os relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade. A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de forças pulsionais persistentes ou constitucionalmente reforçadas. No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em outras possibilidades de satisfação. A grande maioria das pessoas só trabalha sob a pressão da necessidade, e essa natural aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis. (FREUD, 1930 pp. 87-88)

Ao discorrer sobre o trabalho, o autor argumenta três pontos importantes que servirão de base para a presente tese: o trabalho como formador de laço social; o trabalho como fonte de sublimação; e a aversão natural do homem ao trabalho.

No início da citação acima, Freud (1930) menciona o trabalho como **formador do laço social**, onde a identidade do sujeito é formada, onde ele experimenta a possibilidade do real e também desloca energia libidinal de diferentes categorias para os relacionamentos humanos. Gaulejac (2007, p. 157) afirma, nessa mesma direção, que "o trabalho tem sentido visto que dá o sentimento de contribuir para uma obra coletiva e que cada atividade tem um fim fora de si mesma". Ainda nesse sentido, Bendassolli e Soboll (2011b) ressaltam que as clínicas do trabalho defendem o trabalho como uma atividade simbólica e constitutiva do laço social, reafirmando a centralidade psíquica e social do mesmo. Trabalhar é uma atividade social, que vai muito além da tarefa propriamente dita, é algo que necessita da presença do outro e onde se compartilham prazeres, sofrimentos e defesas (MENDES E ARAÚJO, 2014). E em "Totem e Tabu" (1912), Freud evidenciou as relações de trabalho com a função de integração e desenvolvimento da sociedade, através da convivência diária e da busca de objetivos comuns.

Mais adiante, Freud (1930) enfatiza o trabalho como **fonte de sublimação**, onde se tem a possibilidade de realizar uma descarga de energia psíquica, trazendo ao sujeito sensação de equilíbrio e prazer. Em complemento, a psicodinâmica prevê ao trabalho um lugar central na vida do sujeito, por conta da formação da identidade, e também como uma possibilidade de sublimação, que ajuda o indivíduo na construção e manutenção do seu equilíbrio mente e corpo (MENDES, 1995). "Neste sentido, o trabalho pode ser considerado como o lugar de satisfação sublimatória, quando o trabalhador transfere sua energia pulsional, que inicialmente é dirigida para as figuras parentais com objetivo de satisfação imediata, para as relações sociais com satisfação mais altruísta" (MENDES, 1995 p.3).

Ao mencionar a **aversão natural do homem ao trabalho**, Freud (1930) afirma que os humanos não se esforçam para o trabalho o tanto que fazem para outras possibilidades de satisfação. Essa afirmação nos remete à origem da palavra trabalho, como *tripalliun,* instrumento de tortura, e nos leva a refletir se o mesmo é visto até hoje então como castigo, padecimento, cativeiro. Na mesma linha de pensamento, Chauí (2000) ressalta que no mito da criação, a história de Adão e Eva é contada remetendo o trabalho como castigo, eles teriam suor e sofrimento para se alimentarem e Eva enquanto mulher sentiria também as dores do 'trabalho' de parto para a construção da família. Com isso percebe-se o quanto o trabalho ainda é característico de algo sofrido e punitivo e que o sujeito se vê diante de um dilema ao perceber o quanto ele é importante em sua vida, como irão tratar os autores mais adiante.

A Obra de Freud "Além do Princípio de Prazer*" (1920)* trouxe uma contribuição relevante para a clínica da Psicodinâmica no entendimento do prazer e sofrimento no trabalho:

> O trabalho é regido pelo princípio de realidade. As regras, a disciplina e os controles são elementos constitutivos do mundo do trabalho. A pulsão voltada para o prazer é constantemente ressignificada nesse contexto. O limite, a lei e a castração são preços a serem pagos por trabalhar. (MENDES E ARAÚJO, 2012 p. 26).

Ainda segundo as autoras, o trabalho pode atuar como um estruturante psíquico, e pode também desestruturar a pessoa que não está funcionando com base no princípio de realidade. O princípio de realidade caracteriza-se pelo adiamento da gratificação, diferentemente do princípio do prazer que leva o sujeito a buscar o prazer e evitar o desprazer sem restrições. Vivenciar o princípio de realidade é dar conta das consequências dos próprios atos e das imposições do mundo real.

Ainda sobre o princípio de realidade, Dejours (2004; 2012), coloca que trabalhar é preencher a lacuna existente entre o prescrito e o real e o que será necessário para preencher essa lacuna não tem como prever antecipadamente. [...] "o trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar, etc." (DEJOURS, 2004, p.28). E coloca que o grande desafio é que ao final, o trabalho confronta o trabalhador com o real, o real do mundo que é vivenciado também pela experiência do fracasso, "real que transmuta e em seguida em enigma a ser decifrado e vencido" (DEJOURS, 2012b, p.18).

Dejours, Abdoucheli e Jayet (2015) complementam que o trabalho é primordial para a saúde mental e a construção da identidade do sujeito. Dejours (2012b), ressalta que além do estruturante psíquico, o trabalho também traz um caráter emancipatório.

Assim, o trabalho como atividade profissional e atividade psíquica, não é algo suportado por todas as pessoas. Nesse sentido, o sujeito "pode ter um emprego, um trabalho que possibilite sobrevivência, status e poder, mas não há o trabalhar no sentido mencionado acima, ou seja, um trabalho que constitua o sujeito na sua identidade" (MENDES E ARAÚJO, 2012 p. 26).

Clot (2007) conclui, após longas pesquisas, que o trabalho continua tendo um papel central na sociedade e que nele reside uma função essencial de formador da identidade que não pode ser substituída por nenhuma outra atividade. Assim como Freud (1930), Clot afirma que é no trabalho que se constrói a identidade e saúde do sujeito e que também se vive "a experiência dolorosa e decisiva do real, entendido como aquilo que – na organização do trabalho e na tarefa – resiste à sua capacidade, às suas competências, ao seu controle" (CLOT, 2007 p. 59).

O trabalho, para Clot (2007), é:

> [...] um dos maiores gêneros da vida social em seu conjunto, um gênero de situação do qual uma sociedade dificilmente pode abstrair-se sem comprometer sua perenidade; e do qual um sujeito pode dificilmente afastar-se sem perder o sentimento de utilidade social a ele vinculado [...] (p. 69).

Antunes (1999; 2000) afirma que apesar das transformações e metamorfoses ocorridas nas últimas décadas, a categoria trabalho, como o autor se refere, não perdeu seu papel central na sociedade contemporânea. E complementa que mesmo diante de tendências como intelectualização do trabalho fabril, incremento do trabalho qualificado e até a subproletalização, "não permitem concluir pela perda dessa centralidade no universo de uma sociedade produtora de mercadorias" (ANTUNES, 2000 p.214).

Na mesma direção que Clot (2007) e Antunes (1999; 2000), Ferreira, Macêdo e Martins (2015) reafirmam que:

> O trabalho pode desempenhar um papel de destaque na construção da identidade, ou seja, na construção do que representa o próprio alicerce da saúde mental e somática. Surgem duas consequências: o trabalho não é obrigatoriamente uma infelicidade, pode mesmo ser um operador de saúde, ao ponto de que, graças ao trabalho, certos sujeitos estejam mais bem estabelecidos em sua identidade do que se não trabalhassem. Para alguns, a relação no trabalho pode mesmo tornar-se a viga mestra da identidade e da saúde, enquanto a construção de sua identidade na esfera erótica e afetiva está questionada (FERREIRA, MACÊDO E MARTINS, 2015 p. 35)

Em pesquisas realizadas sobre o trabalho, Morin, Tonelli e Pliopas (2003), afirmam que este tem um papel central na vida do sujeito e na formação da identidade pessoal e social. E que pontos como autonomia, segurança, aprendizagem, reconhecimento, ser fonte de renda para o próprio sustento, são fundamentais para o que trabalho faça sentido. E os autores complementam que algumas razões que fazem as pessoas trabalharem são o trabalho ter relação com a vocação do sujeito, trazer a pessoa um sentimento de vinculação, relacionar-se com outras pessoas, ter um objetivo na vida, ter alguma ocupação no seu dia e fugir do tédio.

Para Ferreira, Macêdo e Martins (2015 p. 46) "não há neutralidade no trabalho: ele é operador de saúde ou de doenças; pode ser utilizado em proveito da reapropriação e pode gerar alienação, a ruína do desejo de viver levando à doença mental ou somática". E esta afirmação é elucidada na pesquisa de Coutinho (2009), que após analisar trajetórias de trabalhadores de diferentes coletivos, o trabalho se revela como elemento chave na vida dos sujeitos entrevistados, sendo destacada sua posição de centralidade na vida deles.

O trabalho também pode atuar como mediador da emancipação do sujeito, pois ele é um meio de acessar a experiência com o mundo. No entanto, para que o trabalho medie a emancipação, é importante que se encontre algumas condições como confiança, que se tenha um espaço interno para fala e a abertura para discussão e deliberação em relação aos ajustes, para que se busque um arranjo organizacional interessante para todos os públicos (MORAES, 2015).

Ronchi (2016) expõe que os indivíduos necessitam de um trabalho que atenda aos seus desejos e aspirações de realização, para assim, contribuir com a formação da sua personalidade. No entanto, ele salienta que nem todos conseguem trabalhar nessas condições, fazendo com que então o trabalho possa ser degradante e despersonalizador. Moraes (2015) aborda as estratégias de defesa, que por um lado funcionam para defender o sujeito do sofrimento, a fim de evitar descompensação psicopatológica e por outro lado, atuam de forma a resistir às mudanças organizacionais.

> Pode-se, então, entender que a forma de se organizar o trabalho, as condições para sua realização e os vínculos gerados são determinantes para indicar quais os níveis de desgastes existentes neste processo. Existem duas ordens distintas para compreender o funcionamento psíquico no trabalho, os fatores de natureza racional e cognitiva, a dimensão afetiva e relacional do indivíduo. Quando o trabalho não permite aos indivíduos uma descarga da tensão psíquica, ele repercute negativamente sobre o trabalhador (RONCHI, 2016 p. 68)

Gaulejac (2007) ao reafirmar a importância do trabalho no universo humano, afirma que o trabalho tem um papel econômico, existencial e identitário e complementa caracterizando o trabalho por cinco elementos significativos:

> O ato de trabalho, levando à produção de um bem ou de um serviço; a remuneração, como contrapartida dessa produção; a pertença a um coletivo, uma comunidade de profissionais; a colocação em prática de uma organização que fixa a cada um seu lugar e sua tarefa; e, finalmente, o valor atribuído às contribuições de cada um. (GAULEJAC, 2007 p. 150-151)

Nesta direção Ferreira, Macêdo e Martins (2015, p.39) destacam:

> Cabe destacar que o prazer obtido da relação com o trabalho depende da retribuição por meio do sucesso na capacidade de resolver problemas e do reconhecimento do trabalho formulado por outros. A inteligência em ação está sempre avançada em relação à consciência e ao conhecimento que o próprio sujeito tem de si mesmo. Por exemplo, um trabalhador hábil coloca em ação sua inteligência, embora nem sempre tenha consciência disso.

Tomando como base as formulações teóricas da psicodinâmica do trabalho, pode-se entender que o trabalho não é lugar apenas de sofrimento ou apenas de prazer, pois esse estado está relacionado à dinâmica interna das situações e forma que o trabalho está organizado. E que em certas circunstâncias este pode favorecer condições que estabilizam o sujeito, neutralizando o sofrimento, que por diversas vezes é existencial, [...] "assumindo este papel quando as exigências pulsionais correspondem aos desejos inconscientes do sujeito, e tem lugar o processo de sublimação e/ou o processo de mobilização subjetiva, que permite a transformação do sofrimento" (MENDES, 1995 p.5).

2.2.2 Aposentadoria ou Morte Social?

A partir da década de 1940 nos países desenvolvidos e, posteriormente, no Brasil, houve uma ampliação das políticas públicas de amparo social e econômico da velhice, assegurando, por exemplo, o direito à aposentadoria ao idoso. No Brasil, as leis que regulamentam a seguridade social tiveram como ponto de partida o ano de 1888 com o Decreto nº9.912-A que regulamentava o direito à aposentadoria dos empregados dos Correios. Um segundo marco importante ocorre com o Decreto-Lei n° 5.452, de 1° de maio de 1943, que criou a Consolidação das Leis do Trabalho, estabelecendo ainda o primeiro projeto de Consolidação das Leis de Previdência Social (MINISTÉRIO DA PREVIDENCIA SOCIAL, 2017).

Na sequência dos anos, houve uma reestruturação do papel econômico-social deste grupo etário na sociedade. Observa-se em algumas regiões, que o acesso à previdência social pela população mais velha – assegurado a todos os profissionais brasileiros pela Constituição de 1988 – somado às situações de desemprego estrutural, faz com que os recursos da aposentadoria acabem tornando-se a única fonte de renda das famílias ou um importante complemento na renda dos mais jovens (BRAGA *et al*., 2008), invertendo-se, assim, a relação de dependência existente no início do século XX, passando os mais jovens a dependerem economicamente dos idosos, e não o contrário.

Importante destacar, que "com a promulgação da nova constituição e a introdução do conceito de Seguridade Social, a rede de proteção social sai do contexto estritamente social-trabalhista e assistencialista, passando a adquirir conotação de direito de cidadania" (IPEA, 2009), dando ênfase às implicações da atuação da seguridade social nas condições de vida da população com impedimento do trabalho.

De acordo com dados de projeção da população brasileira, calculados pelo IBGE (2013), a proporção de idosos – pessoas com mais de 60 anos de idade – que no ano de 2000 era de cerca de 8% (14,2 milhões de pessoas), pode chegar a 14% no ano de 2020 (29,3 milhões de pessoas) e 29% (66,5 milhões de pessoas) em 2050, dado o aumento da expectativa de vida do brasileiro. Destaca-se ainda a quantidade de idosos com mais de 90 anos de idade, que subiria, de acordo com a mesma projeção, de 284 mil pessoas no ano 2000 para mais de 3,5 milhões de pessoas no ano de 2050 (IBGE, 2013).

De acordo com o IBGE (2014), os brasileiros estão vivendo cada vez mais e com mais saúde. Segundo dados do instituto, a expectativa de vida no Brasil, que em 1940 era de pouco mais de 45 anos de idade, chegou a 62 anos e meio em 1980 e em 2014 alcançou mais de 75 anos, um acréscimo superior a 60%. A redução da taxa de mortalidade infantil, o desenvolvimento de melhores condições higiênicas e o aumento da renda média, são alguns dos fatores que explicam essa mudança observada nas últimas décadas.

Esse processo de envelhecimento populacional coloca em evidência uma série de questões ligadas não apenas à previdência social, mas também à qualidade de vida e à inserção econômica dos idosos na sociedade. Conforme destacado por Braga *et al*. (2008, p.1):

> O envelhecimento da população influencia o consumo, a transferência de capital e propriedades, impostos, pensões, o mercado de trabalho, a saúde, a assistência médica, a composição e organização da família. É um processo constatado, natural, previsível

> e estrutural e não uma doença. Portanto, não deve ser tratado apenas com soluções médicas, mas também por intervenções sociais, econômicas e ambientais.

Carvalho (2009) coloca, ainda, que no período em que o Sistema Previdenciário do Brasil foi planejado, em 1940, a expectativa de vida do indivíduo brasileiro era cerca de 50 anos. Até então, os gastos previdenciários poderiam ser considerados baixos em relação ao número de cidadãos que seriam beneficiários da aposentadoria até o final da vida. Todavia, nos dias atuais, observa-se um cenário distinto do inicial, onde as despesas previdenciárias para os cofres públicos tornaram-se significativamente mais altas, dado o crescimento do número de cidadãos com idade avançada, tendo o Estado o desafio de equilibrar essa conta.

Considerada como uma conquista dos direitos trabalhistas, a aposentadoria tem como objetivos principais garantir aos indivíduos uma melhor qualidade de vida no período posterior ao de trabalho, além de buscar oferecer ao trabalhador maior segurança financeira. Todavia, é importante destacar que o termo 'aposentado' ainda se vincula ao conceito original, uma ideia de degradação do indivíduo, seja de aspectos mentais, seja, se não principalmente, do ponto de vista social (CARVALHO, 2009).

> A Previdência Social é o seguro social para a pessoa que contribui. É uma instituição pública que tem como objetivo reconhecer e conceder direitos aos seus segurados. A renda transferida pela Previdência Social é utilizada para substituir a renda do trabalhador contribuinte, quando ele perde a capacidade de trabalho, seja pela doença, invalidez, idade avançada, morte e desemprego involuntário, ou mesmo a maternidade e a reclusão (MINISTÉRIO DA PREVIDENCIA SOCIAL, 2016a).

O benefício da aposentaria previsto legalmente no Brasil garante o recebimento de um valor de bonificação pelos anos de contribuição.

> A aposentadoria por idade é um benefício devido ao trabalhador que comprovar o mínimo de 180 meses de trabalho, além da idade mínima de 65 anos, se homem, ou 60 anos, se mulher. Para o 'segurado especial' (agricultor familiar, pescador artesanal, indígena, etc), a idade mínima é reduzida em cinco anos (MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, 2016a).

O mesmo benefício pode ser adquirido ainda pelo tempo de contribuição, que aponta 35 e 30 anos de contribuição, respectivamente para homens e mulheres. Neste critério de aposentadoria, o requisito mínimo completa-se pela soma da idade com o tempo de

contribuição, sendo necessário o total de 85 anos para mulher e 90 anos para homens (MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, 2016b).

Diferentemente do pressuposto comum, alguns estudos têm apontado que, até então, esperada aposentadoria, não mais corresponderia à expectativa dos indivíduos nos dias atuais. A aposentadoria constituída como ideal social e difundida como um período de descanso e lazer para a vida do indivíduo não encontra, hoje, ligação com a realidade brasileira, sendo vista em maior expressão como um complemento econômico e salarial para grande parte dos cidadãos aposentados. Sendo assim, muitas pessoas permanecem trabalhando mesmo após a aposentadoria, por não ser suficiente apenas o valor recebido pelo benefício da previdência, direito este assegurado pela legislação brasileira e que não o impede de permanecer no mercado de trabalho posteriormente. Assim, os aposentados não só têm o direito do benefício assegurado, como também devem ser tratados como iguais nos processos seletivos de empregos e concursos (BITENCOURT *et al*, 2011).

Esses idosos, que se mantêm atuantes no mercado de trabalho, não deixam de contribuir para a previdência social. De maneira complementar, sua contribuição para a produtividade do país passa a assumir um valor além do econômico, dando maior peso à qualidade da vida dos idosos, onde destacam-se o significado do trabalho e do sentir-se ativo para os mais velhos. Assim, a aposentadoria passaria a ser vista não só como uma etapa de adequação dos papéis sociais, e sim uma nova fase, em desenvolvimento, que pode representar ainda um terço da vida dos indivíduos com longa expectativa de vida. (LOCATELLI & FONTOURA, 2013).

É importante, nesse contexto, que a aposentadoria receba uma atenção especial, dada sua relação direta com a chegada da velhice, o significado do trabalho e a produtividade dos indivíduos. O término da vida no trabalho acaba por gerar medos, receio desses indivíduos quanto ao sentimento de inutilidade, à sensação de improdutividade, redução dos laços sociais, à condição econômica desfavorável, que restringe mais intensamente suas atividades sociais e acelera o processo do envelhecimento social.

> A aposentadoria pode significar uma perda de poder, de prestígio, e de laço social, podendo ocasionar uma ferida narcísica grave e um desinvestimento em si mesmo, precipitando a formação de sintoma como acúmulo excessivo de objetos ou no apego excessivo aos mesmos como se eles fossem partes integrantes do próprio sujeito (MUCIDA, 2006 p. 36-37).

Mucida (2006) argumenta ainda que, apesar de a aposentadoria não ter relação direta com a velhice, o término do laço social, o fim da vida ativa como chamado por muitos, pode

ter efeitos devastadores na vida do sujeito. “Por conseguinte, mesmo que a aposentadoria não represente a velhice ou não a defina, não podemos esquecer que ‘aposentado’ é um significante com ressonâncias sempre negativas, associando-se ao que não serve mais, passou do tempo, e inclusive, à morte do desejo” (MUCIDA, 2006 p. 34).

Bruns e Abreu (1997) realizaram um estudo com 50 homens e 50 mulheres, no momento da aposentadoria, acerca do significado que atribuíam ao trabalho ao longo de suas vidas, e observaram que, antes da aposentadoria, são feitos diversos planos do que se deseja realizar depois dela; no entanto, a maioria dos entrevistados se mostra desencantada por não saber gerenciar com prazer a existência sem uma ocupação profissional, mesmo quando essa atividade tenha sido executada com insatisfação. A ausência de projetos para serem concretizados após a aposentadoria provoca sentimentos de angústia e solidão, somados ao sentimento de desvalia.

Souza, Matias e Bretas (2010) argumentam que a sociedade moderna impõe ao sujeito a obrigação moral do trabalho, sendo este considerado como um elemento de qualificação, identificação e valorização do indivíduo. Assim, a necessidade de estar inserido no mercado de trabalho representa, para o idoso, a possibilidade de estar socialmente incluído, em contraposição à ideia de exclusão e “inutilidade” inerente à condição de aposentado. Standing (2013) ressalta que o trabalho como valor de troca, a partir do século XX, foi colocado em um pedestal. E em contrapartida, todo o trabalho que não era uma tarefa considerada “produtiva” foi negligenciado.

> O trabalho é tido como obrigação moral do indivíduo: a sociedade cobra que todos produzam por meio dele. Aquele que não trabalha não está de acordo com a ética desta sociedade. Isto repercute até mesmo naqueles que já trabalharam, adquiriram o direito à aposentadoria e, quando se aposentaram, continuam vitimas desta ética. Os indivíduos, mesmo depois de terem passado a maior parte de suas vidas desempenhando uma atividade especializada, monótona, sentem-se, quando longe desta atividade, incompletos e/ou inúteis por estarem fora do mercado de trabalho. (SOUZA, MATIAS, BRETAS, 2010, p. 7)

No mesmo sentido, em seu livro intitulado ‘A nova ciência das organizações’, de 1981, Guerreiro Ramos ressalta que no mundo capitalista há uma predominância da relação produção e consumo e destaca que, nesse cenário, consequentemente, o valor do sujeito está fundamentalmente relacionado à sua capacidade de continuar produzindo. Sua identidade estaria diretamente ligada ao trabalho, que é responsável tanto por sua inclusão social, como pela definição dos grupos e atividades que o indivíduo se relaciona. Em uma linha semelhante,

Cardoso (2009 p. 37) faz uma reflexão sobre o tempo de trabalho e o tempo de não trabalho, afirmando que no mundo contemporâneo "... o tempo que não é traduzido em dinheiro, não recebe consideração social".

Enriquez (1997), por sua vez, argumenta que o indivíduo nunca esteve tão entrelaçado na vida organizacional e nas empresas e tão pouco livre em relação a si, seu corpo e sua psique. No trabalho:

> A libido dessexualizada é investida no trabalho produtivo, a pulsão de morte exprime-se pela crueza da Ética à qual todos os membros são submetidos e a pulsão da agressão é dirigida ao exterior. Na estrutura estratégica, como o desenvolvimento precedente o mostra, a libido é ressexualizada (erotização das relações), ela não é mais canalizada somente para o trabalho, mas favorece a identificação, a coesão social (o espírito de equipe). O indivíduo deve-se conduzir como um ser de paixão – afirmando sua virilidade e sua força física (mesmo se se tratar de uma mulher) e acreditando possuir o falo (como se a posse do falo fosse uma missão possível!) – e, ao mesmo tempo, como um ser da palavra (ele seduz, ele atrai, ele engana). Assim, obtém-se a mobilização geral das energias (se os membros da organização comportam-se bem como corpos, psiques, intelectos a serviço da cultura e do imaginário da organização). (ENRIQUEZ, 1997 p. 10)

Na mesma direção, Caldas (1999) argumenta que a experiência de não estar trabalhando, analisada de forma profunda e subjetiva, vai evidenciar as complexas e ambivalentes relações que os sujeitos desenvolvem com a organizações no sistema capitalista. Isto é evidenciado pelo tempo de trabalho que se passa nas empresas, em muitos casos, superior ao que se passa com a própria família. Pagés *et al* (1987), argumentam que as empresas são associadas à figura de 'mãe': por um lado vista como fonte de afeto, amor e proteção e por outro lado como fonte de medo e angústia pela possibilidade de perdê-la, ou seja, medo de perder o amor da organização (MOTTA, 1987), visto que como o trabalho, a organização por consequência também se torna este objeto de amor do sujeito.

Gaulejac (2007), fazendo uma reflexão sobre a gestão nas empresas, expõe que os funcionários são induzidos a projetar seus ideais de vida nos ideais da empresa e assim, eles absorvem os valores da empresa, desta forma alimentando, seu Ideal de Eu. O autor comenta que na empresa hipermoderna a violência é psíquica, por meio da imposição de exigências paradoxais ao indivíduo. Com isso, o sujeito já não consegue se perceber em sua individualidade e faz do fundamento da sua existência social a empresa que trabalha e o cargo que ocupa. Assim, o temor por perder o seu emprego e até mesmo parar de trabalhar, se tornam ameaçadores, pois isso colocaria um fim (nesta existência): "Parar é o vazio e o vazio é a angústia." (p. 173).

Roesler (2012), ao apresentar os resultados de sua pesquisa conclui que:

> (...) a aposentadoria pode se apresentar como uma ruptura com o projeto de ser para os sujeitos que tem no trabalho o foco central de suas vidas. A organização de trabalho funciona como um sistema de mediações, fornecendo a estes sujeitos uma estrutura de normas e valores calcados na lógica produtivista (exigência de alta *performance*, competitividade, desafios constantes, superação dos limites) que vem ao encontro de suas necessidades psicológicas e sociais. Nesta perspectiva, o trabalho é vivido como uma fuga ou estratégia para evitar o vazio existencial. Assim, deixar o ambiente organizacional adquire o sentido de morte. (ROESLER, 2012 p. 15-16)

Pagés *et al* (1987) expõem que o vazio da partida, ou seja, a aposentadoria, é vista pelo sujeito como um completo desamparo, e que a única defesa que se tem é a evocação das lembranças do que se viveu naquele período quando ainda trabalhava, fazendo do passado algo ainda presente, na tentativa de suportar esta perda. Para Caldas (1999), a despeito de existirem atenuantes individuais, não estar trabalhando traz uma forte tendência a ser nocivo às pessoas e ele afirma que o tema traz consigo determinações complexas que necessitam ser examinadas com cautela.

Em sua pesquisa sobre o significado do envelhecimento no mercado de trabalho para o idoso, Souza, Matias e Bretas (2010) ainda identificam na fala de seus entrevistados um vínculo entre trabalho e qualidade de vida na medida em que a exclusão do mercado de trabalho pode significar, para o idoso, uma piora nas suas condições de vida, tanto em termos econômicos quanto psíquicos e sociais. Desta forma, percebe-se o quanto o trabalho insere-se como formador de identidade social para as pessoas.

De acordo com Peres (2007), no mundo contemporâneo, onde a atividade assalariada é vista como fundamental, a aposentadoria está atrelada à velhice. “Nesse âmbito, a identidade pessoal é marcada fortemente pela identidade profissional e a própria ‘lógica ritualística da vida’ do homem ocidental, em si mesma, passa ser pautada pela entrada, permanência ou saída do mundo do trabalho” (p. 152). Para Guerreiro Ramos (1981) e Tragtenberg (1980), a sociedade capitalista traz consigo a visão da existência humana submissa ao trabalho, fazendo com que o ser distancie-se cada vez mais de si mesmo. Na mesma direção, Roesler (2012) afirma:

> aposentar é o ato de cessar as atividades profissionais e se liberar das obrigações e dos direitos ditados por um contrato de trabalho. É simplesmente deixar uma carreira, seja como empregado ou como autônomo, e passar a receber um benefício pecuniário mensal do INSS e/ou de outras instituições de previdência privada, sem trabalhar. É usufruir seu tempo da maneira que lhe aprouver. Pode ser também perder o

> "sobrenome" dado pela empresa na qual trabalha há anos. Ou ainda, deparar-se com a transformação de sua identidade construída **no** e **pelo** trabalho, no exercício de um *métier*. Em outro sentido, pode ser envelhecer bruscamente, deixando a condição de "adulto" para a de "velho". Pode representar a morte social, a perda dos vínculos com outras pessoas. E por fim, pode ser o momento de viver um recomeço, de liberar-se dos limites impostos pelos outros. (ROESLER, 2012 p. 83-84)

Siqueira, Botelho e Coelho (2002) fazem uma análise no artigo em que procuram situar os velhos na estrutura social produtiva, e colocam que "[...] a velhice passa a ser delimitada não mais pelas transformações fisiológicas, mas por um advento social, a aposentadoria, na qual o indivíduo passa pela transposição da categoria de trabalhador para ex-trabalhador; de produtivo para improdutivo; de cidadão ativo para inativo" (p.4).

Nesse sentido, Messy (1999 p.21) complementa que "[...] a sociedade inscreve a pessoa numa perda assimilada ao envelhecimento, dando-lhe uma condição, a aposentadoria". E como toda perda, é necessário que se passe pelo processo de luto, no entanto a forma de encarar esse momento irá variar de acordo com cada indivíduo.

> Para que o processo do luto se dê de forma 'natural', o sujeito precisaria transferir a sua energia libidinal para outro objeto, superando a perda do anterior. No entanto, como explicitado anteriormente, não se trata de uma tarefa fácil, ainda mais quando há toda uma construção que faz com que o sujeito acredite que a identificação total com o trabalho é algo fundamental. Se esta perda não é superada pelo indivíduo, que acaba por confundi-la com a perda do seu próprio Eu, tem-se o quadro melancólico e todas as suas manifestações (BARRETO e FERREIRA, 2011 p.12).

Na visão de Carvalho (2009), o ser humano dá ao trabalho uma dimensão significativa para sua vida, que passa pela manutenção do orçamento familiar, a garantia da autonomia do ser, a prática do exercício mental, sua identificação diante da vida social, a prática da cidadania, visto que, a partir do trabalho a pessoa desenvolve o sentir-se ativo, atuante na sociedade em que vive, além de preservar suas relações sociais. Barreto (2012 p.53) complementa que "a aposentadoria e a ociosidade que tendem a invadir a vida dos velhos encerram momentos de muita angústia e sofrimento, decorrências da morte social do sujeito".

Com base em uma pesquisa realizada junto a vendedores ambulantes idosos, Sikota e Bretas (2012) percebem, dentro das narrativas analisadas, a importância dada ao trabalho como fonte complementar de renda e, consequentemente, de suporte aos planos futuros dos indivíduos. Todavia, destacam o sentimento de manutenção da utilidade e independência do ser, desmitificando a "velhice". Os autores ainda colocam que o trabalho seria uma forma de realização do ser, trazendo sensações de utilidade e de pertencimento à sociedade.

Coutrim (2006), na mesma linha em que trabalham Sikota e Bretas (2012), destaca que o idoso que trabalha, independentemente de sua situação previdenciária, assume uma postura distinta do cidadão aposentado, visto que assume um poder de decisão no próprio domicílio. Passa, dessa forma, a demonstrar orgulho do trabalho e destacam o contexto em que aparecem como chefes de família, ou seja, quando não mais são excluídos das decisões em família, além de tornarem-se referência dos filhos e netos. A identidade assumida então é de trabalhador, capaz de prover e inserir-se ao contexto familiar e à vida social, distanciando-se da segregação social, além de manter certa liberdade financeira.

Ainda nesta relação financeira da aposentadoria, França (1999) expõe que no Brasil este processo de parar de trabalhar é tratado, de forma geral, apenas pelo aspecto econômico-financeiro e não é observado e amparado pelo aspecto social e psicológico do sujeito. Com isso, as pessoas quando conseguem, se organizam financeiramente, porém se deparam com um abismo não esperado de se sentir inativo depois de anos de contribuição no mercado de trabalho. E este abismo, comenta Beauvoir (1970), acaba por causar consequências psicológicas e morais aos indivíduos.

Nascimento *et al* (2016) pesquisaram idosos ativos no mercado de trabalho, que já tem tempo de trabalho para requererem a aposentadoria, e unanimemente naquele corpus de pesquisa, a aposentadoria era indesejada e temida por todos. Eles argumentaram que o trabalho os fazia sentir vivos, autônomos e inseridos socialmente, além do fato de se manterem produtivos, os conferiam bem-estar físico, emocional e mental.

Em sua pesquisa com aposentados, Mori (2006) constata que o trabalho é fonte de realização e estar ativo diminui a sensação de inutilidade, encontrada em muitas falas sobre a velhice. “O fato de poderem desenvolver seu trabalho com responsabilidade e de forma prazerosa, fá-los sentir úteis e valorizados” (MORI, 2006 p. 83).

Diante do que foi apresentado no presente capítulo sobre o trabalho e sua posição de centralidade na vida e na formação da identidade dos sujeitos, podemos argumentar que a partir dessas características, o trabalho é colocado como um objeto de amor, em um certo grau de superioridade, quando comparado aos outros objetos de amor existentes. E a perda ou transferência libidinal, no momento da aposentadoria, é feita de forma dolorosa, com dispêndio grande de energia.

2.3 O SUJEITO E A SEXUALIDADE

O presente capítulo trata do sujeito e a sexualidade e está subdividido em duas seções: Sentido sexual dos nossos atos e o entendimento freudiano da pulsão; e Sexualidade e trabalho.

A primeira seção objetiva explorar o conceito de sexualidade, pulsão, princípio de prazer.

A segunda seção discute a sexualidade vista pela ótica do trabalho, abordando alguns estudos relacionando o tema com as organizações e posteriormente com o trabalho e a subjetividade do indivíduo.

2.3.1 O Sentido Sexual dos Nossos Atos e o Entendimento Freudiano da Pulsão

A ideia de sexualidade é fundamental para a psicanálise e pode-se afirmar que toda teoria freudiana se assentava sobre ela. Por isso, é comum perceber muitas críticas à psicanálise e a Freud argumentando que qualquer frase, palavra, gesto, ato da vida tem uma significação sexual. No entanto, vários cientistas do fim do século XIX, também se ocupavam da questão da sexualidade, na qual entendiam haver uma determinação fundamental da atividade humana (ROUDINESCO e PLON, 1998).

> Impregnado das mesmas interrogações que seus contemporâneos, Freud, no entanto, foi o único dentre eles a inventar não a prova do fenômeno sexual, mas uma nova conceituação, capaz de traduzir, nomear ou até construir essa prova. Por isso, ele efetuou uma verdadeira ruptura teórica (ou epistemológica) com a sexologia, estendendo a noção de sexualidade a uma disposição psíquica universal e extirpando-a de seu fundamento biológico, anatômico e genital, para fazer dela a própria essência da atividade humana. (ROUDINESCO e PLON, 1998 p. 704).

Segundo os autores Roudinesco e Plon (1998), Freud mostrou que a sexualidade era uma representação ou construção mental, como também o lugar de uma diferença anatômica. Em decorrência disso, suas teorias transformaram a visão que a sociedade ocidental tinha da sexualidade. O autor expôs que não existe caminho natural para a sexualidade humana e que para satisfazer o desejo não existe uma única maneira.

Anterior às teorias freudianas, os atos falhos passavam desapercebidos e eram desprezados das análises cotidianas. Ao passo que hoje, basta alguém cometer um lapso para perceber que falou algo diferente ou ser percebido por alguém no seu ato falho. Os atos involuntários, que todos os seres humanos têm, são determinados por um processo inconsciente

e eles têm um sentido, ou seja, eles exprimem algo que deveria ser produzido e não ocorreu. Ele é substituto de um ato ideal, de uma ação impossível que não veio a acontecer (NASIO, 1999).

Ainda segundo Nasio (1999), para a psicanálise, o sentido oculto dos nossos atos tem uma significação sexual. E essas tendências, chamadas pulsões sexuais, nascem em uma zona erógena do corpo, almejam o ideal impossível de satisfação sexual absoluta, tangenciam o recalcamento e são exteriorizados por atos substitutivos do impossível ato incestuoso.

> O que constatamos? Que o sentido de nossos atos é um sentido sexual porque a fonte e o objetivo dessas tendências são sexuais. A fonte é um representante pulsional cujo conteúdo representativo corresponde a uma região do corpo muito sensível e excitável, chamada zona erógena. Quanto ao objetivo, sempre ideal, é o prazer perfeito de uma ação perfeita, de uma perfeita união entre dois sexos, cuja imagem mítica e universal seria o *incesto*. (NASIO, 1999 p. 46)

As pulsões sexuais são múltiplas e existem no inconsciente desde o processo embrionário, cessando com a morte. Um elemento que caracteriza essas pulsões, Nasio (1999) acrescenta, é o prazer particular que elas proporcionam, não o prazer absoluto que visam, mas o prazer parcial que obtém, chamado de sexual.

Então, questiona-se, o que é prazer sexual? E o que é sexualidade? Para a psicanálise a sexualidade humana não se reduz a contato de órgãos genitais de dois indivíduos ou estimulação dos mesmos, é muito mais ampla que isso. É chamado de sexual toda conduta que:

> [...] partindo de uma região erógena do corpo (boca, ânus, olhos, voz, pele etc.), e apoiando-se numa fantasia, proporciona um certo tipo de prazer. Que prazer? Um prazer que apresenta dois aspectos. Primeiro, distingue-se nitidamente daquele outro prazer pela satisfação de uma necessidade fisiológica (comer, eliminar, dormir etc.). [...] Segundo aspecto: o prazer sexual — bem distinto, portanto, do prazer orgânico —, polarizado em torno de uma zona erógena, obtido graças à mediação de um objeto fantasiado (e não de um objeto real), é encontrado entre os diferentes prazeres das preliminares ao coito em si (prazer de olhar, de se mostrar, de acariciar, de sentir o cheiro do outro etc.). (NASIO, 1999 p. 48-49)

A partir do trabalho "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade", Freud (1905) amplia o conceito de sexualidade, não se restringindo apenas a parte genital e destaca sua importância para as atividades humanas. No texto referido há um avanço sobre o tema, evidenciando a sexualidade infantil, ou seja, que a sexualidade existe desde o nascimento e se manifesta de diferentes formas a começar pela infância. Os contatos da mãe com o filho geram as primeiras

experiências de prazer do bebê e é nesse enredo que o sujeito se desenvolve formando suas fantasias e práticas sexuais futuras.

Segundo Hanns (1999), conhecer o sentido que Freud empregou para a palavra pulsão é importante para entendê-la. Essa palavra tem algumas interpretações, mas todas têm sentido semelhante, como algo que propulsiona, não deixa parar, coloca em movimento, empurra. "Força interna que impele ininterruptamente para a ação, ímpeto perene; tendência, inclinação; instinto, força inata de origem biológica, dirigida a certas finalidades; ânsia, impulso no sentido de algo que toma o sujeito, vontade intensa." (HANNS, 1999 p. 29-30)

Freud (1915b) no ensaio "As Pulsões e suas Vicissitudes" relaciona a sentido de pulsão com estímulo, argumentando que a pulsão é um estímulo ao nosso psíquico. Porém o autor adverte que existe diferença entre estímulo e pulsão, expondo que o estímulo age como um único impacto e pode ser neutralizado por uma única ação apropriada. Já a pulsão, se comporta de forma contraria, ela age de forma constante e não como uma força momentânea de impacto.

> Como não provém do exterior, mas agride a partir do interior do corpo, a fuga não é de serventia alguma. A melhor denominação para o estímulo pulsional é o termo 'necessidade' a tudo aquilo que suspende essa necessidade denominamos 'satisfação'. Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma alteração direcionada e específica (isto é, adequada) da fonte interna emissora de estímulo. (FREUD, 1915b p. 6)

Pode-se perceber então que a pulsão é estímulo no interior do organismo e sua manifestação é uma força constante. "A pulsão é uma força poderosa, indeterminada, atemporal, arcaica, e própria do ser vivo, a qual se manifesta a todo momento" (HANNS, 1999 p. 44). E Garcia-Roza (2008) complementa que o aparato psíquico recebe estímulos de forças endógenas e exógenas. As forças exógenas são de caráter momentâneo e podem ser removidas através de uma ação adequada. Já as forças endógenas, por virem do interior do corpo, são uma força constante, contra a qual não tem como fugir.

Freud (1915b) propõe uma classificação das pulsões originais em dois grupos: o das pulsões do eu ou de autoconservação e as o das pulsões sexuais.

> Isso é tudo que pode ser dito à guisa de uma caracterização geral das pulsões sexuais. São numerosas, emanam de grande variedade de fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente uma da outra e só alcançam uma síntese mais ou menos completa numa etapa posterior. A finalidade pela qual cada uma delas luta é a consecução do 'prazer do órgão', somente quando a síntese é alcançada é que elas entram a serviço da função reprodutora, tornando-se então identificáveis, de modo geral, como pulsões sexuais. Logo que surgem, estão ligadas às pulsões de autopreservação, das quais só

> gradativamente se separam; também na sua escolha objetal, seguem os caminhos indicados pelas pulsões do Eu. (FREUD, 1915b p. 10)

Garcia-Roza (2009) explica a diferença dessas duas pulsões expondo que elas se encontram sob o predomínio de diferentes princípios de funcionamento. As pulsões do ego são regidas pelo princípio de realidade, ou seja, ela só pode se satisfazer com um objeto real. Já as pulsões sexuais encontram-se regidas pelo princípio de prazer e sua satisfação ocorre com objetos fantasmáticos, fantasiados pelo sujeito.

Em relação às pulsões sexuais, Garcia-Roza (2008 p. 161) em outro livro expõe:

> O termo *pulsão sexual* careceria, neste caso, de sentido. A sexualidade constitui-se a partir da captura das pulsões pela rede significante. O sexual pertence ao registro do desejo e não ao registro da pulsão, e, enquanto tal, implica, além do imaginário, o simbólico. O real da pulsão permanece como seu suporte. O sexual é a forma ou a determinação que a pulsão vai receber, e não o atributo da pulsão ela mesma. Enquanto pura potência, a pulsão é vazia de forma, de sentido; não é nem sexual, nem agressiva, nem de sociabilidade, mas pulsão pura e simplesmente. Quando distinguimos "pulsão oral", "pulsão anal", "pulsão fálica", "pulsão escópica" etc., o que fazemos é apontar a diversidade das fontes pulsionais e não estabelecer uma diferença qualitativa com respeito às pulsões elas mesmas.

Segundo Nasio (1999), o prazer obtido pelas pulsões sexuais é um prazer limitado, e os três principais destinos das pulsões sexuais são: o **recalcamento**, a **sublimação** e a **fantasia**.

O **recalcamento** é uma pulsão do eu e há dois grupos de pulsões opostas: "o grupo das pulsões que tendem à descarga — pulsões sexuais — e o grupo das pulsões que se opõem a isso — pulsões do eu" (NASIO, 1999 p. 54). Ou seja, a primeira busca o prazer sexual absoluto e a segunda se opõe a isso. O resultado disso é esse prazer que o autor chama de parcial, chamado de prazer sexual.

Além do recalcamento, o eu opõe outras duas oclusões às pulsões sexuais, que são a sublimação e a fantasia. A **sublimação** é uma manobra feita pela pulsão para desviar seu trajeto de objetivo sexual ideal (incesto), por outro objetivo não sexual, de valor social. As relações de afeto entre pais e filhos, produções artísticas e culturais, relações de amizade, sentimentos entre o casal, são expressões sociais das pulsões sexuais desviadas a outro objetivo (NASIO, 1999).

A mais complicada barreira imposta pelo eu é a **fantasia**. No entanto, compreender seu mecanismo permite explicar por que os objetos com que a pulsão obtém prazer sexual são objetos fantasiados, ou seja, não reais. No caso da sublimação, a pulsão sexual tem uma mudança de objetivo, focando no social. Na fantasia há uma mudança de direcionamento do

objeto, ao invés de um objeto real, o eu instala um objeto fantasiado, a fim de deter o ímpeto da pulsão sexual, o eu contem a pulsão, iludindo-a com um objeto fantasiado.

A questão que fica é como o eu consegue fazer essa artimanha? Nasio (1999) explica que o mecanismo de transformar um objeto real em objeto fantasiado é feito a partir da incorporação dentro de si do objeto real até transformá-lo em fantasia. Isso ocorre quando temos relação afetiva com algum objeto que nos atraia, e então esse será o objeto real no qual a pulsão sexual se orienta. Nós vamos incorporando esse objeto até transformá-lo parte de nós mesmos. Esse objeto amado estando dentro de nós, ele passa a ser tratado como um objeto de amor mais poderoso do que era antes quando era ainda apenas um objeto real, pois agora foi transformado em parte de mim. Com isso esse objeto vive dentro do sujeito como objeto fantasiado que mantém e reaviva constantemente as pulsões sexuais. "A relação amorosa está portanto fundada em um fantasia que aplaca a sede da pulsão, proporcionando um prazer parcial que qualificamos genericamente de sexual" (NASIO, 1999 p. 57).

A partir da obra de Freud sobre o narcisismo, o autor complementou a teoria sobre as pulsões as denominando-as de pulsões sexuais recalcadas e as pulsões do eu recalcantes, que seguem a linha da busca do prazer sexual absoluto e a segunda seria essa oposição. Apesar dessa atualização de nomenclatura, a teoria continua amparada que, a fim de ludibriar as pulsões, o eu torna-se o objeto sexual fantasiado:

> Já não há distinções a estabelecer entre um suposto objeto sexual exterior, sobre o qual incidiria a libido das pulsões, e o próprio eu. O objeto sexual exterior, o objeto sexual fantasiado e o eu são uma só e mesma coisa, que chamamos objeto da pulsão. Desse ponto de vista, podemos afirmar: o eu ama a si mesmo como objeto das pulsões (NASIO, 1999 p. 69).

Na teoria do autor, a libido das pulsões sexuais incide sobre esse objeto único que é o eu, com isso não há razão para reconhecer no eu uma vontade consciente de censura com respeito às pulsões sexuais. Em consequência, Freud reagrupa os movimentos libidinais, que estão no eu e nos objetos sexuais, sob a expressão de pulsão de vida e pulsão de morte.

> O objetivo das pulsões de vida é a ligação libidinal, isto é, o atamento dos laços, por intermédio da libido, entre nosso psiquismo, nosso corpo, os seres e as coisas. As pulsões de vida tendem a investir tudo libidinalmente e a garantir a coesão das diferentes partes do mundo vivo. Em contrapartida, as pulsões de morte visam o desprendimento da libido dos objetos, seu desligamento e o retorno inelutável do ser vivo à tensão zero, ao estado inorgânico. No tocante a isso, esclarecemos que a "morte" que rege essas pulsões nem sempre é sinônimo de destruição, guerra ou agressão. As pulsões de morte representam a tendência do ser vivo a encontrar a calma

> da morte, o repouso e o silêncio. É verdade que podem também estar na origem das mais mortíferas ações, quando a tensão busca aliviar-se no mundo externo. Entretanto, quando as pulsões de morte permanecem dentro de nós, elas são profundamente benéficas e regeneradoras. (NASIO, 1999 p. 69-70)

Garcia-Roza (2009) complementa que as pulsões de vida são a união das pulsões sexuais e de autoconservação, buscando preservar o organismo vivo e a espécie e a pulsão de morte é a tendência de todo ser vivo a voltar ao estado inorgânico, a busca pela eliminação completa das tensões. Desta forma, pode-se perceber que as duas pulsões, de vida e de morte, se complementam e estão entrelaçadas entre si.

Após conceituar sexualidade e pulsões, é possível explorar duas vertentes de estudos da Psicanálise: o princípio de prazer e "além do princípio do prazer" (GARCIA-ROZA, 2008).

Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920 p. 5) expõe que "o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer" e destaca que a direção desse curso será conduzida pelo esforço direcionado na redução da tensão sofrida, seja para evitar o desprazer, seja para conquistar o próprio prazer.

Para Freud (1920), o indivíduo traz em seu aparelho mental o pressuposto da tentativa natural de reduzir essa tensão ou excitação, ou de pelo menos mantê-la constante, construindo, assim, a hipótese de predominância do princípio do prazer. Dessa forma, qualquer esforço para o aumento da tensão geraria, em consequência, uma sensação desagradável. Todavia, Freud (1920) ressalta ser incorreto afirmar que há uma dominância do princípio do prazer em nossas mentes, havendo, na verdade, uma tendência neste sentido, mesmo que, por diversas atitudes, assumamos um comportamento que não transpareça essa busca pelo prazer.

Ainda segundo Freud (1920), influenciado pelos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer passa a ser substituído, durante a vida, pelo princípio de realidade. Este princípio de realidade não se afasta da finalidade de obtenção de prazer, mas adia a satisfação almejada, tolerando, transitoriamente, o desprazer, na intenção de se obter o prazer num momento posterior.

Esses marcos teóricos utilizados para elucidar a sexualidade e as pulsões servirão como base para discussão da próxima seção, na tentativa de relacionar esses temas o trabalho e com o não trabalho.

2.3.2 Sexualidade e o Trabalho

Após a explanação sobre a sexualidade, pulsão, princípio do prazer e princípio da realidade, é possível perceber como o prazer e desprazer são vistos pela psicodinâmica. Nesse sentido, Dejours (2012a) argumenta que os indivíduos, nesse caso o trabalhador, são afetados pelas exigências externas do mundo e internas de ordem instintiva ou pulsional e como o trabalho pode funcionar como uma via de descarga dessa energia, trazendo um alívio ao sujeito ou aumento desse sofrimento.

Com isso, a intenção do estudo é verificar como se dá a manifestação da sexualidade e das pulsões no trabalho. Todavia, ao realizar uma busca em fontes acadêmicas, poucos textos foram encontrados sobre o tema 'trabalho e sexualidade', que não tratassem especificamente de gênero. O que foi encontrado, em sua maior parte, não se refere propriamente ao tema em questão, pois trata da sexualidade nas organizações e não sendo relacionado diretamente ao ato de trabalhar.

Morgan (2006) faz uma metáfora das organizações como uma prisão psíquica e vai trabalhar o tema argumentando que as organizações são uma forma de sexualidade reprimida e que tudo que é feito e dito nas empresas no seu cotidiano precisa ter em mente a dinâmica do psiquismo humano, bem como sua estrutura oculta.

O autor embasa suas afirmações em Freud mencionando que o inconsciente é formado quando o indivíduo repreende seus pensamentos secretos e desejos íntimos. Freud (1930) alegava que para o sujeito viver em harmonia com as outras pessoas, ele deveria controlar suas pulsões e que a cultura de uma sociedade é constituída a partir das formas explícitas e ocultas de repressão. "É nesse sentido, então, que Freud considera ser a essência da sociedade a repressão ao indivíduo e a essência do indivíduo a repressão de si próprio" (MORGAN, 2006 p. 209). E o autor complementa que os seres humanos vivem aprisionados em sua própria história individual.

Morgan (2006 p. 211) relata que "os traços da vida adulta emergem das experiências infantis e, em particular, da maneira pela qual a criança consegue conciliar as exigências da sua sexualidade e as forças externas de controle e restrição." E o autor ainda acrescenta que as organizações são formas institucionais de repressão da sexualidade.

Sendo assim, o autor questiona se a forma de se institucionalizar das organizações não seriam mecanismos de defesa relacionados à sexualidade reprimida. Seguindo esse raciocínio e o iniciado sobre a concepção de civilização, cultura, repressão psíquica e inconsciente,

Morgan (2006) sugere que a cultura organizacional é formada pelas inquietações e interesses inconscientes daqueles que as originam e as mantém.

O autor destaca que em muitas organizações, os empregados veem o trabalho como uma forma de liberação da sexualidade reprimida e isso explica os maníacos por trabalho, dos quais muitas organizações são dependentes, que utilizam a atividade laboral como forma de sublimação dessa repressão ou da própria satisfação sexual.

> É possível encontrar impulsos sexuais reprimidos que moldam as políticas de dar e tomar que regem inúmeros aspectos do funcionamento organizacional, especialmente entre a organização e seu ambiente, em muitos relacionamentos com competidores ou em empresas em situações de fusão ou compra. Muitas discussões de diretoria e planejamento de políticas podem estar relacionadas com vários tipos de fantasias sexuais (MORGAN, 2006 p. 215).

Por fim, o autor expõe que as organizações não são regidas apenas pelo ambiente externo, são moldadas também pelos interesses inconscientes dos trabalhadores e da sociedade em que estão contextualizados. Ele ainda ressalta que impulsos e fantasias sexuais dos indivíduos afetam diretamente as políticas organizacionais e que a maioria dos problemas persistentes e difíceis de resolver das empresas estão ligados à sexualidade reprimida.

Matheus e Bresler (2002) trabalham a sexualidade no trabalho colocando as organizações como objeto do desejo dos indivíduos. Os autores argumentam que diante do desprazer do sujeito de se deparar com a própria incompletude, ele se vê seduzido por conquistar uma fantasiosa plenitude. Estando imerso em um ambiente incerto e sem referências e ideias, as organizações passam a ter um papel de protetora e que vai ajudar os indivíduos nesses conflitos.

Matheus e Bresler (2002) afirmam que os investimentos libidinais dos indivíduos têm sido direcionados para as organizações, a fim de que esta possa lhe dar esse retorno da tal plenitude almejada.

> Seja como a sedutora, que se mostra completa, e por isso mesmo de uma exigência radical, impondo ao sujeito a angústia de nunca estar à altura de sua grandiosidade; seja como figura totalitária, que se coloca como mal necessário, tirânica e dominadora, ainda que difamada, se mostra como condição de sobrevivência do sujeito (MATHEUS E BRESLER, 2002, p.1).

Dejours (2012b) em seu livro Trabalho Vivo, traz uma definição de segundo corpo, importante para entender a relação do trabalho com a sexualidade do sujeito. Ele explica que

existe o corpo biológico e o segundo corpo que é o corpo que o sujeito habita. Este é o corpo que experimenta o mundo afetivamente e o corpo que engaja a relação com o outro através de sorrisos, gestos, suores, tremores.

> Ao segundo corpo, a este corpo subjetivo que é constituído a partir do corpo biológico, dá-se, na psicanálise, o nome de corpo erógeno. Pois possuímos dois corpos. E este segundo corpo, o qual habitamos, o corpo da emoção afetiva, responsável pela execução do corpo a corpo nos jogos do amor, que às vezes é excitado, mas que também pode ser frígido ou impotente, isso completamente independente do corpo biológico, que permanece em perfeito estado. (DEJOURS, 2012b p. 31)

O autor ressalta que esse corpo é formado gradativamente e não surge no instante que nasce o corpo biológico, ele vai sendo construído aos poucos, desde criança, a partir da relação criança-adulto e assim são formados o corpo erótico e a sexualidade do indivíduo.

O autor faz esta explicação, baseado na teoria de Freudiana (1905) já mencionada anteriormente neste capítulo, para complementar que é este segundo corpo "da experiência mais intima e da relação com o outro que é convocado no trabalhar" (DEJOURS, 2012b p. 31). E este entendimento do segundo corpo surge a partir das clínicas do trabalho, por meio da psicodinâmica do trabalho.

O trabalho, trabalho profissional e o imposto ao psiquismo, mobiliza a arquitetura psíquica e corporal. É pelo preço deste trabalho, deste esforço, que surgem as habilidades profissionais, das resistências contra o fracasso. Com isso o "trabalhar adquire seu sentido inventivo a partir do instante em que sucede de um segundo trabalho sobre si; trabalhar não ´apenas produzir, é ainda transformar-se a si próprio (DEJOURS, 2012a p. 72).

Assim, o trabalhar se apropria de toda a subjetividade deste segundo corpo, que é una e inextinguível. Esta corpopriação, que tem a ver com o princípio de realidade, leva inúmeras vezes o sujeito a experiência do fracasso, das tentativas sem sucesso, da impotência, levando o mesmo a experiência do sofrimento ao trabalhar. Desta forma, o sujeito vai aceitando ser habitado pelo trabalhar, mesmo em suas noites sem dormir ou em seus sonhos, este é o preço pago para criar intimidade com o objeto do trabalhar, "que confere a inteligência seu caráter genial, ou seja, seu poder de engenhosidade" (DEJOURS, 2012b p. 31).

A partir disto, compreende-se que o trabalho não se limita ao tempo físico que se permanece nele, ele transpõe qualquer limite, ele mobiliza toda a subjetividade. Então é possível perceber que o trabalho mobiliza a subjetividade, só que assim surge uma questão, o que deve

a subjetividade ao trabalho? O trabalho é uma constante provação a subjetividade ou ele é uma condição importante para que ela exista?

Para se chegar a alguma pista, Dejours (2012a) entende como importante a utilização de um aporte psicanalítico, que ajudará nesta compreensão. O autor menciona que no centro da teoria psicanalítica não está o trabalho e sim o sexual, a sexualidade, e diante do encontro do corpo com o real do trabalho é que se tem a experiência completa seguida da ampliação da subjetividade. E para a psicodinâmica, o trabalho não é apenas algo a ser produzido e sim uma provação à subjetividade que pode sair engrandecida ou reduzida.

> Na teoria psicodinâmica do trabalhar, o desenvolvimento da subjetividade passa pela relação entre o sofrimento e o real. Na teoria psicanalítica do sujeito, o desenvolvimento da subjetividade passa antes pelas pulsões e seus destinos. Encontrar uma resposta teórica ao paradoxo da dupla centralidade suporia resolver a questão das relações entre sofrimento e pulsão de um lado, entre real do mundo e inconsciente de outro. (DEJOURS, 2012b p. 34).

Ao fazer um apanhado nos estudos, é possível então perceber a relação da teoria do trabalho, teoria do corpo e teoria da pulsão. Como o segundo corpo, a subjetividade é mobilizada pelo trabalho, o corpo subjetivo é transformado no trabalhar ao confrontar-se com o real. E o mesmo corpo, o da subjetividade, é o erógeno, o da sexualidade. Com isto, entende-se que o corpo que experimenta o trabalho é o corpo da sexualidade, confirmando a dupla centralidade. Portanto, pode-se concluir que o trabalho é um campo de pulsão e grande investimento libidinal do sujeito, uma atividade que tem relação com as pulsões sexuais e um dos destinos das mesmas. Ao trabalhar se tem a possibilidade de obtenção de satisfação sexual, além do trabalho possuir um lugar fálico[3] na sociedade, ou seja, desempenha-lo coloca o sujeito em uma posição de virilidade e potência.

Como já afirmado por Dejours (2012a) a sexualidade e o trabalho são conceitos que não estão distantes e não são antagônicos. Com isso, o presente capítulo procurou elucidar pontos sobre sexualidade, pulsão, princípio de prazer, princípio de realidade e alguns estudos sobre estes conceitos aplicados no trabalho, para que seja possível analisar os dados da pesquisa no que tange a sexualidade e o trabalho.

[3] Na teoria psicanalítica o falo não representa o órgão genital masculino em sua biologia e sim o papel que ele desempenha na fantasia. O falo é um significante com lugar privilegiado e o lugar fálico entende-se então como um lugar de importância, referência e poder.

No próximo capítulo será apresentado o percurso metodológico do presente estudo que dará base para a análise dos dados encontrados na pesquisa.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Com intuito de descrever o caminho que foi percorrido para que seja possível atingir o objetivo de compreender como é vivenciado o luto da perda do "trabalho", consequente da aposentadoria e qual a relação dessa vivência com a velhice, são apresentados, nesse capítulo, os métodos e técnicas que serão aplicados no desenvolvimento do presente trabalho.

Strauss e Corbin (2008, p. 17) propõem definições relevantes sobre metodologia, métodos e codificação. Metodologia "é uma forma de pensar sobre a realidade social e de estudá-la". Já o método é "um conjunto de procedimentos e técnicas para coletar e analisar dados". Por fim, definem codificação como sendo "os processos analíticos por meio dos quais os dados são divididos, conceitualizados e integrados para formar a teoria".

Neste contexto, em função do caráter exploratório e dos objetivos propostos desta pesquisa, optou-se pela utilização da abordagem qualitativa a qual, de acordo com Vieira (2006, p.17), pode ser definida "como a que se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de instrumental estatístico na análise de dados". Strauss e Corbin (2008) ratificam essa posição a respeito da não utilização dos procedimentos estatísticos ou de outros meios de se quantificar os resultados, e acrescentam que esse tipo de pesquisa se interessa sobre a vida das pessoas, seus sentimentos e emoções, experiências vividas e fenômenos culturais.

Para Freitas e Janissek (2000, p. 25) a análise qualitativa se baseia "na presença ou ausência de uma dada característica, [enquanto] a análise quantitativa busca identificar a frequência dos temas, palavras, expressões ou símbolos considerados". De maneira complementar, Bauer, Gaskell e Allum (2013) destacam que ela é uma pesquisa que evita utilização de números e tem o interesse principal de interpretar as realidades sociais.

A presente pesquisa pretende refletir sobre Envelhecimento, Trabalho, Aposentadoria e Sexualidade e com isto a abordagem qualitativa apresenta-se como a mais adequada para este estudo, por permitir identificar aspectos subjetivos, impressões e interpretações que o pesquisador pode inferir das narrativas dos sujeitos entrevistados. Importante acrescentar ainda que, o método qualitativo:

A escolha da natureza da pesquisa é reforçada ainda pelo entendimento de que "a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida" (FLICK, 2009 p. 20). Poupart (2008) complementa que a pesquisa qualitativa está interessada em explorar em profundidade a perspectiva dos atores sociais, a fim de se ter uma compreensão das condutas sociais existentes.

Por fim, como sugere Creswell (2014), entende-se que a pesquisa qualitativa deve ser utilizada quando precisamos explorar melhor determinado problema ou questão; há a necessidade de estudar melhor um grupo ou população; a necessidade de explorar variáveis que não são de possível mensuração e, de escutar vozes que foram silenciadas até o momento.

3.1 A Coleta de Dados

Para a coleta de dados da presente tese será utilizada a entrevista. A entrevista é um dos métodos mais utilizados quando se trata de coleta de informações no campo. Este método, quando utilizado, executado e interpretado adequadamente pelo pesquisador, tem grandes chances de produzir uma pesquisa com conclusões confiáveis, e pode ser visto como uma troca de significados, um meio de se produzir conhecimento através de uma conversa, um diálogo ou ainda uma interação verbal (VERGARA 2012).

Na mesma linha de pensamento, Gaskell (2013) expõe que a entrevista na pesquisa qualitativa é a fonte para compreender as relações entre os atores sociais e sua situação, bem como uma condição de acesso ao mundo da vida dos sujeitos de pesquisa. "O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos" (GASKELL, 2013, p. 65).

Poupart (2008 p. 216) destaca a contribuição da entrevista no entendimento do problema, dando foco à perspectiva dos atores, quando expõe que

> a entrevista seria, assim, indispensável, não somente como método para apreender a experiência dos outros, mas, igualmente, como instrumento que permite elucidar suas condutas, na medida em que estas só podem ser interpretadas considerando-se a própria perspectiva dos atores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas ações.

Assim, utilizar-se-á a entrevista do tipo narrativa como método de coleta de dados no estudo em questão. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2013), o estudo de narrativas conquistou um importante espaço nos últimos anos e tem se tornado muito difundido em pesquisas nas

Ciências Sociais por narrar histórias de vidas que não deixam de evidenciar pontos sociais e históricos que estamos inseridos.

Na entrevista narrativa, o entrevistador não apresenta o esquema de pergunta-resposta, e sim introduz um tópico amplo encorajando, dessa forma, a narrativa do sujeito entrevistado (VERGARA, 2012). De maneira complementar, Jovchelovitch e Bauer (2013) defendem que é preciso que o entrevistado ou informante seja encorajado e estimulado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social que está inserido, buscando reconstruir acontecimentos sociais sob a perspectiva e a história dos informantes.

Ainda segundo os autores, o esquema de narrar, seja um acontecimento ou uma história, substitui o mecanismo de pergunta-resposta, pois se pressupõe que o informante consegue relatar melhor sua história usando a própria linguagem espontânea sobre os acontecimentos.

Para Flick (2009) as entrevistas narrativas permitem o acesso ao mundo empírico do entrevistado de modo abrangente e Poupart (2008) complementa que estas oferecem a possibilidade de explorar mais profundamente as diferentes facetas das experiências do entrevistado.

Jovchelovitch e Bauer (2013, p.95) conceituam esse tipo de entrevista como: "[...]não estruturada, de profundidade, com características específicas". Mencionam que as entrevistas narrativas são uma crítica ao movimento de pergunta-resposta das entrevistas tradicionais e argumentam que no modelo estruturado o entrevistador impõe estruturas no sentido de selecionar os temas e tópicos, colocar a ordem nas perguntas e verbalizar as perguntas com sua própria linguagem.

No presente estudo, conforme sugerem Jovchelovitch e Bauer (2013) durante a etapa das entrevistas, foram seguidos alguns passos importantes, descritos na sequência. O primeiro foi a preparação da entrevista, com a exploração do campo e a formulação de questões exmanentes. Depois a fase de iniciação, que envolveu a formulação do tópico inicial para a narração, estimulando a fala do entrevistado. Posteriormente, seguiu-se a fase da narração central, onde é importante não haver interrupção da narração, somente a realização de encorajamentos não verbais para a mesma continue acontecendo, até que ocorram os sinais de finalização ("coda").

Em seguida, aconteceu a fase das perguntas, onde somente houve questionamentos para dar sequência à narrativa e não para dar opiniões, discutir contradições e fazer perguntas sobre atitudes. Finalizou-se, então, com a fase da fala conclusiva, na qual a gravação foi parada,

perguntou-se o que necessitava de maiores esclarecimentos e foram feitas as anotações importantes da entrevista realizada (FLICK, 2009).

Flick (2009) enfatiza que para que a narrativa do informante seja relevante para a questão de pesquisa, [...] "deve-se formular a pergunta gerativa de narrativa com clareza, mas que esta esteja, ao mesmo tempo, específica o suficiente para que o domínio experimental interessante seja adotado como tema central (p. 165) e complementa que é importante verificar se a questão gerativa é realmente uma questão narrativa.

Partindo do entendimento da importância das entrevistas narrativas para o processo de coleta de dados do presente estudo, ressalta-se que as entrevistas da tese foram realizadas pessoalmente pela pesquisadora, visto que essa interação foi de fundamental importância para construção do estudo e do tema em questão. Essa aproximação contribuiu com informações verbais e não verbais, expressadas pelo corpo, ritmo de voz e olhares trocados durante o processo. Conforme argumenta Vergara (2012), entrevistar é uma ação social complexa.

A presente tese trata do trabalho, aposentadoria, envelhecimento, luto, sexualidade, temas muitas vezes tidos como 'tabus' ou pouco explorados no cotidiano. Com isso, na tentativa de evitar embaraços em função de resistências que poderiam surgir, a entrevista narrativa mostrou-se fundamental para a melhor condução do trabalho, pois o entrevistado narrava sua história a partir dos tópicos guia, sem ter que ser interpelado diretamente por assuntos que os mesmos poderiam se constranger. Assim, foi possível alcançar, através das narrativas, o material necessário para a pesquisa, sem a dinâmica pergunta-resposta, eles traziam os conteúdos através das próprias histórias narradas.

As entrevistas foram conduzidas com cautela, dado o desafio existente nesta etapa, foram gravadas e transcritas para que houvesse uma familiaridade maior com o que foi dito e uma análise com maior propriedade posteriormente.

3.2 Os Sujeitos da Pesquisa

O presente estudo buscou compreender como é vivenciado o luto da perda do "trabalho", consequente da aposentadoria e qual a relação dessa vivência com a velhice. Para tanto, foram selecionados para participar da pesquisa: homens e mulheres com idade igual ou superior a 60 anos, que de acordo com a classificação do IBGE (2013), são considerados idosos; aposentados, para que seja possível verificar a existência do luto e como tem se dado esse processo; ativos

ou não no mercado de trabalho atualmente, pois busca-se verificar se há diferença na superação do luto continuar ativo no trabalho ou não.

A pesquisa teve como participantes pessoas entre 61 e 84 anos, todos aposentados, destes 9 mantém ainda alguma atividade laboral e os outros 11 não. A maioria cursou graduação, 16 entrevistados, e as profissões são de diversas áreas.

Os sujeitos foram selecionados de acordo com o perfil descrito acima e foi utilizado o método conhecido como *snowball* (bola de neve), para o acesso aos possíveis entrevistados. Este é um método que utiliza cadeias de referência, onde os participantes iniciais (também denominados sementes) indicam outros contatos com o perfil determinado para participarem da pesquisa. Em seguida, estes últimos também indicarão novos participantes, até que se atinja a saturação dos dados, ou seja, as entrevistas deixem de trazer informações novas ao quadro de análise (VINUTO, 2014; BALDIN e MUNHOZ, 2011).

O método de *snowball* ou bola de neve, conforme destacam Biernacki e Waldorf (1981), é especialmente indicado para pesquisas em que o objeto de estudo é uma questão sensível, com certo grau de privacidade para os respondentes, como no caso do estudo aqui proposto. A pesquisadora, não tinha muito contato com pessoas com 60 anos ou mais e aposentados, com isso, através de um entrevistado, era solicitado a indicação de outro e assim sucessivamente, foi composto o *corpus* da pesquisa.

Em relação à construção do *corpus* de pesquisa, Bauer e Aarts (2013) afirmam que em pesquisa qualitativa não se pode estimar um tamanho ideal de entrevistados. No mesmo sentido, Gaskell (2013) argumenta que um ponto importante que os pesquisadores devem ter em mente, é que a quantidade de entrevistas em pesquisa qualitativas, não necessariamente, aumenta a compreensão do fato e a qualidade das análises dos dados. O autor argumenta isso com base em duas razões: a primeira é que apesar das experiências de cada indivíduo parecerem únicas, elas são, de alguma forma, resultado de um processo social e como consequência, há um número limitado de interpretações, ou versões, da realidade. Uma segunda razão é em relação ao tamanho do *corpus* a ser analisado, ou seja, há um limite de quantidade que um pesquisador é capaz de analisar com profundidade e qualidade.

Diante disso, na presente pesquisa foi utilizado, para estimar a quantidade de entrevistados, o critério de saturação das informações, ou seja, o limite de quando as entrevistas apresentarem semelhanças e não fornecerem mais subsídios necessários à compreensão do fenômeno (Gaskell, 2013).

A problemática desta pesquisa foi abrangida com os vintes sujeitos entrevistados. Esta não foi uma quantidade previamente determinada, com isto a inclusão de sujeitos foi interrompida quando a pesquisadora percebeu certa repetição e saturação das informações

3.3 Método de Análise dos Dados

O interesse pelo estudo de narrativas tem crescido nas últimas décadas, com a chamada virada discursiva e nas ciências humanas e sociais não tem sido diferente. Isso ocorre, pois acredita-se que contando histórias, os sujeitos elaboram suas experiências de vida e constroem sentido sobre eles próprios de forma mais natural. Analisando histórias, os pesquisadores evidenciam pontos que acontecem na vida social (BASTOS e BIAR, 2015).

Assim, o presente trabalho propõe a utilização da análise de narrativa como método de análise dos dados, partindo do pressuposto ontológico que a realidade é construída socialmente através do convívio e das relações sociais dos indivíduos.

Segundo Flick (2009 p. 307) "as análises de narrativas partem de uma forma específica de ordem sequencial. Pondera-se, primeiramente, se o enunciado individual a ser interpretado faz parte de uma narrativa, para depois analisá-lo". No mesmo contexto, para Franzosi (1998) a análise de narrativa é um método que aponta para uma forma diferente de olhar para a relação entre o micro e o macro, o particular e o universal.

Dando ênfase à sua abrangência, Jovchelovitch e Bauer (2013) expõem que as narrativas são infinitas em sua variedade e são encontradas em todos os lugares, visto que, na visão dos autores, contar histórias é uma necessidade humana.

> Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequencia, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal. (JOVCHELOVITCH E BAUER, 2013 p. 91)

Numa outra visão, para Boje (2001), a narrativa é uma história, porém grande parte das pessoas não sabe ou não tem o hábito de contar histórias. A consequências disso para o autor é que, na maior parte dos casos, ocorre uma perda da linearidade, sendo assim difícil, em certas entrevistas, registrar histórias coerentes. Da mesma forma, Czarniawska (1998) argumenta que

algumas histórias são contadas de forma incompreensível e são necessários ajustes e elementos adicionais para que a narrativa faça sentido.

Para Ricoeur (1980) a narrativa coloca coerência nas histórias contadas pelos entrevistados de acordo com suas experiências, sejam elas reais ou imaginárias. Complementando, Jovchelovitch e Bauer (2013) ressaltam a importância do enredo para a constituição de uma estrutura narrativa, pois é através dele que as pequenas histórias dentro de uma grande história adquirem sentido de narrativa. "Os enredos operam através de funções específicas, que servem para estruturar e configurar vários acontecimentos em uma narrativa" (JOVCHELOVITCH E BAUER, 2013 p. 92). Na visão de Stake (2011), uma narrativa ilustra verbalmente a resposta a uma questão de pesquisa e complementa que essa resposta não é generalizável, podendo ser em alguns casos até contundente.

Dando uma visão mais prática da aplicação da pesquisa narrativa, Creswell (2014) aponta que ela pode ser realizada e analisada de diversas maneiras. Com base em seus estudos, o autor elaborou um guia processual geral de coleta e análise do método de narrativa que será descrito a seguir e que será adotado no presente trabalho.

Primeiramente, o autor coloca como condição para pesquisa um problema ou pergunta que se adapte ao método em discussão e ressalta que a pesquisa narrativa é mais adequada quando objetiva captar a história de vida de indivíduos. Posteriormente, deve-se fazer contato com indivíduos que tenham como contribuir com o perfil da pesquisa para a coleta dos dados.

Em relação à análise das narrativas, o autor coloca que o pesquisador assume um papel de "reestoriar" as histórias dentro de uma estrutura que faça sentido. É necessário reorganizar as histórias em uma estrutura, pois ao contar histórias não necessariamente os indivíduos as colocam em uma ordem cronológica. Estruturar uma narrativa é reunir as histórias, analisar seus elementos-chave e por último reescrever a história em uma sequencia cronológica. Fazendo isso, o pesquisador terá a possibilidade de fazer uma ligação causal entre as ideias. (CRESWELL, 2014).

3.4 Categorias de Análise a Priori

O processo de análise das narrativas exige do pesquisador a busca por temas e categorias para analisar os dados (CRESWELL, 2014). A partir do referencial teórico, foram definidas seis categorias de análise *a priori*, que foram analisadas nos resultados do estudo, conforme recomenda Lofland, Anderson e Lofland (2006). As categorias *a priori* são:

Quadro 1 – Categorias de Análise *a priori*

Categoria	Definição Constitutiva	Definição Operacional
Envelhecimento	Processo que nos acompanha desde o nascimento até a morte (MUCIDA, 2006), ou seja, não é a velhice propriamente dita. Esta é uma das etapas da vida, que a depender da ótica utilizada, se inicia em momentos diversos (MESSY, 1999).	Velho, terceira idade, morte, medo de morrer, tristeza, experiência, falta de vitalidade, preconceito, perda da beleza, perda da juventude, falta de virilidade
Trabalho	O trabalho continua tendo um papel central na sociedade e que nele reside uma função essencial de formador da identidade que não pode ser substituída por nenhuma outra atividade (CLOT, 2007). Trabalhar é preencher a lacuna existente entre o prescrito e o real e o que é preciso para preencher essa lacuna não tem como prever antecipadamente (DEJOURS, 2004; 2012)	Atividade, ação, dignidade, dinheiro, posição social, prestigio social, inserção social, identidade, algo importante e central, vida
Aposentadoria	Mucida (2006) argumenta ainda que, apesar de a aposentadoria não ter relação direta com a velhice, o término do laço social, o fim da vida ativa como chamado por muitos, pode ter efeitos devastadores na vida do sujeito. "Por conseguinte, mesmo que a aposentadoria não represente a velhice ou não a defina, não podemos esquecer que 'aposentado' é um significante com ressonâncias sempre negativas, associando-se ao que não serve mais, passou do tempo, e inclusive, à morte do desejo" (MUCIDA, 2006 p. 34).	Inativo, velho, excluído, melhor idade, "faz tudo", receio, falta de recurso, luto, perda, morte, sem trabalho, sem importância para sociedade, tempo livre, tempo ocioso, culpa
Trabalho, o laço social e a Exclusão Social	Bendassolli e Soboll (2011b) ressaltam que as clínicas do trabalho defendem o trabalho como uma atividade simbólica e constitutiva do laço social, reafirmando a centralidade psíquica e social do mesmo. Trabalhar é uma atividade social, que vai muito além da tarefa propriamente dita, é algo que necessita da presença do outro e onde se compartilham prazeres, sofrimentos e defesas (MENDES E ARAÚJO, 2014).	Tristeza, abandono, falta de atividade digna, sem compromisso social, doença, solidão, sem valor
Processo de Luto	Freud (1915) descreve o processo ligado à perda e ao trabalho que envolve um reposicionamento libidinal, evidenciando que a associação do luto à melancolia diz respeito a semelhanças de sintomas encontrados nesses dois estados. O trabalho do luto, segundo Freud (1915) é penoso, no sentido que o objeto de amor não existe mais e com isso é necessário que toda energia direcionada para aquele objeto seja retirada, ou seja, "exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto" (FREUD, 1915 p. 173).	Perda, vazio, luto, falta do que fazer, sem sentido, se entregar, receio da mudança, tristeza, sofrer, lacuna, objeto de amor perdido.
Prazer e Sofrimento	A psicodinâmica do trabalho desenvolve uma análise sociopsíquica do trabalho, buscando compreender as vivências subjetivas, dentre elas o prazer, o sofrimento, o processo saúde-adoecimento, e os mecanismos de defesa e de mediação do sofrimento (MENDES e ARAÚJO, 2012).	Alegria, satisfação, saúde, equilíbrio, tristeza, insatisfação, doença, desequilíbrio

Fonte: Elaborado pela autora

3.5 Categorias de Análise a *posteriori*

As categorias a *posteriori* surgiram após a realização das 20 entrevistas do estudo em questão. Apesar de algumas guardarem relação com as categorias *a priori*, elas não estavam previstas antes da realização das entrevistas. Estas categorias foram citadas por vários sujeitos da pesquisa em suas narrativas e por serem julgadas importantes pela pesquisadora para o estudo, foram incorporadas na análise dos dados da pesquisa.

As categorias a *posteriori* são:

- Aposentadoria e a situação financeira / legislação
- A visão da sociedade sobre a aposentadoria
- Trabalho como fonte de sublimação
- Transferência libidinal para outro objeto
- Envelhecimento e aposentadoria – entre ganhos e perdas
- Finitude da vida (aposentar e parar de viver)
- Sexualidade e Trabalho

Para um melhor entendimento do estudo, buscou-se agrupar temas correlatos e a análise dos dados está apresentada da seguinte forma:

5.1 - Trabalho

5.1.1 - Prazer e Sofrimento no Trabalho

5.1.2 – Trabalho, o Laço Social e a Exclusão Social

5.1.3 - Trabalho como Fonte de Sublimação

5.1.4 - Sexualidade e Trabalho

5.2 - Aposentadoria

5.2.1 - Aposentadoria e a Situação Financeira / Legislação

5.2.2 - Aposentar e Voltar a Trabalhar

5.2.3 – A Visão da Sociedade Sobre a Aposentadoria

5.3 – Processo de Luto

5.3.1 - Transferência Libidinal para Outro Objeto

5.4 – Envelhecimento

5.4.1 - Envelhecimento e Aposentadoria – Entre Ganhos e Perdas

5.4.2 - Finitude da Vida (Aposentar e Parar de Viver)

3.6 Limitações da Pesquisa

Toda pesquisa está sujeita às suas limitações e cada técnica tem suas vantagens e desvantagens. Os pesquisadores devem estar cientes do que ganharam e do que perderam com a opção metodológica que fizeram (FRANZOSI, 1998).

Mesmo colocando-se como um grande defensor da pesquisa qualitativa, Stake (2011) destaca como pontos fracos da utilização da metodologia qualitativa, o fato de ser mais subjetiva, ter um viés pessoal e por suas contribuições para a ciência virem de forma mais lenta.

Já em relação à pesquisa narrativa, Creswell (2014) ressalta ser esta uma abordagem desafiadora de ser utilizada, pois o pesquisador precisa ter um conhecimento amplo do contexto de vida e dos sujeitos entrevistados. É preciso que seja feita uma reflexão profunda na história e nas ideias do próprio pesquisador, para que a análise seja proveitosa e próxima da realidade do informante.

Importante considerar ainda, que a entrevista, vista como uma ferramenta muito utilizada em pesquisas qualitativas, nem sempre é realizada com os cuidados necessários, gerando assim conclusões equivocadas na investigação e, consequentemente, acarretando pouca contribuição teórica para o referencial já existente (VERGARA, 2012).

Neste sentido, Flick (2009) destaca que um problema na condução da entrevista narrativa é que ela não é comumente utilizada no cotidiano de pesquisa, ou seja, no geral as pessoas não estão acostumadas a participar de entrevistas sem o esquema pergunta-resposta e isso pode dificultar a coleta de dados. O autor alerta que esse embaraço pode causar irritabilidade de ambas as partes, podendo impedir a concentração nos pontos da entrevista e reforça que, dependendo das características da personalidade do indivíduo – timidez, reserva excessiva, pouco comunicativa – pode dificultar a narrativa biográfica e principalmente de coisas íntimas e mais difíceis de serem relatadas, como pode ser entendido o tema da presente tese.

Jovchelovitch e Bauer (2013) também abordam sobre as expectativas incontroláveis na entrevista, que na visão dos autores, referem-se ao fato de que os informantes constroem

hipóteses sobre o que o entrevistador gostaria de ouvir e tendenciam a entrevista para esse imaginário. O entrevistador, em contrapartida, se coloca na posição de quem conhece muito pouco sobre a história que está sendo contada e que nela não possui interesses particulares, causando também desconfiança no entrevistado. A consequências pode ser o entrevistado contar uma história que ele entenda que atenda às expectativas do entrevistador fugindo dos fatos reais ocorridos.

Um problema de ordem prática da análise de narrativa, como menciona Flick (2009), reside no fato desse tipo de entrevista produzir um volume de material extenso e com uma estruturação menos óbvia do que as entrevistas semiestruturadas. A consequências disso é uma pura massa de textos não-estruturados necessitados de bastante organização e cuidado na sua interpretação.

A presente pesquisa contou com alguns desafios, como trazido pelos autores. Como a história foi narrada livremente, apenas condicionada pelos tópicos-guia, o material ficou bastante extenso e fora de uma cronologia. Com isso, houve um esforço grande para ordenar as narrativas, para que as mesmas fizessem sentido para análise e para o leitor. É importante destacar que as pessoas mais velhas, via de regra, gostam de contar histórias, e muitas vezes foi difícil retomar a narrativa ao ponto que era importante para a pesquisa.

Outro ponto deve-se aos temas, abordar a aposentadoria, o envelhecimento, o luto, a sexualidade é delicado, principalmente pela geração e faixa etária dos entrevistados e pelos tabus entorno dos temas tratados. Diante disto, conseguir que a partir de tópicos guia, e não de uma entrevista semiestruturada, os participantes trouxessem elementos importantes para os temas, foi desafiador.

E por fim, devido ao número de participantes, 20 pessoas, não foi possível realizar a análise a partir da história individual de cada um, com isto optou-se por analisar em categorias em comum encontradas nas narrativas dos entrevistados.

Contudo, utilizando-se do percurso metodológico apresentado e, destacados as limitações existentes e os cuidados que foram necessários na aplicação dos métodos, será apresentado nos próximos capítulos uma breve história de cada sujeitos, as análises e a conclusão do trabalho.

4 APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

O ser humano se evidencia na singularidade, exclusividade e singeleza de sua história. No entanto, por mais que um indivíduo se inscreva em sua particularidade e unicidade, toda narrativa da vida de alguém, não deixa de ser a história narrada de uma coletividade. Seja o entrevistado ou o entrevistador, ambos ficam marcados pela história que foi contada, pois para que o relato exista são necessárias estas duas partes, mesmo que ocupem lugares diferentes. Estas duas partes são construtoras das lembranças que são partilhadas, só que uma coisa os diferencia, o pesquisador procura, nas palavras, respostas para aquilo que pretende responder e saber e o entrevistado conta o que quiser da própria história (BORGES, 2004).

No presente trabalho foi destinado, dentro desse contexto, um capítulo exclusivo para a apresentação dos sujeitos da pesquisa. Isto se deve ao fato de que a história de cada um é indissociável de sua forma de vivenciar as categorias que posteriormente serão analisadas. Como ressalta Roesler (2012), o processo de aposentadoria não existe como um fato isolado, ele tem relação com a história de cada sujeito e de como foi estruturada sua vida ao longo do tempo. A aposentadoria leva a pessoa a se relacionar com a temporalidade de sua história, onde cada sujeito, ao iniciar a narrativa contando sobre sua vida laboral, se depara com sua história pessoal em um pano de fundo.

Vale ressaltar que para compor a narrativa da história dos sujeitos, a autora procurou utilizar os mesmos vocabulários e formas de expressão de cada indivíduo, aproximando-se ao máximo o leitor da pessoa que conta sua própria história. Destaca-se ainda que a entrevista foi narrativa, ou seja, cada aposentado contou sua história da forma que teve vontade, sem seguir um padrão durante sua apresentação. Por fim, como esperado nesse tipo de entrevista, não há ordem cronológica na narrativa, cabendo ao pesquisador ordenar os fatos para que eles possam ser analisados, como foi feito na presente pesquisa.

Aposentado 1 – José

Nascido no ano de 1941, hoje com 77 anos, vem de uma família humilde, cujos pais só tinham escolaridade até o ginásio. Começou a trabalhar com 14 anos como *office-boy* em uma

empresa americana, que produzia tecidos para roupas de maneira geral. Depois dessa função, foi vendedor e trabalhou com o pai, que era açougueiro.

Após algum tempo, casou-se e voltou a estudar. Fez vestibular e foi aprovado no curso de Economia. Teve um negócio próprio com sua esposa, uma *boutique* na zona sul do Rio de Janeiro, direcionada para os públicos A e B, sendo para ele uma experiência muito interessante, por terem partido praticamente do zero, como ressalta. Paralelamente a isso, terminou o curso de Economia e fez também o curso de Ciências Contábeis.

Entre os anos de 1977 e 1978, fez um mestrado em Administração, onde permaneceu por mais dois anos atuando como professor. Em 1980 iniciou o doutorado que terminou em 1983, cuja tese baseava-se no sistema de controle gerencial em empresas estatais brasileiras.

No ano seguinte, 1984, foi aprovado em um concurso público para o cargo de professor efetivo de uma universidade federal. Pediu demissão dos outros empregos e se dedicou apenas à universidade, nos cursos de graduação e mestrado da Instituição. Foi eleito pelo conselho universitário como representante dos professores titulares e depois reeleito. Convidado a ocupar a sub-reitoria de patrimônio e finanças, aceitou o desafio, onde ficou até 1994. Mesmo continuando seus trabalhos na sub-reitoria, nunca parou de dar aula e, segundo ele, isso foi uma coisa interessante em sua gestão: tanto o reitor quanto o sub-reitor, que eram professores, continuaram a dar aula.

Em 1995 foi fazer pós-doutorado em *Madrid* e em 1999 já tinha tempo para se aposentar: trinta e cinco anos de serviço. À época, estava com 57 anos e optou por se aposentar. Nesse período recebeu uma proposta para ser contratado como diretor de pesquisa de uma faculdade particular da cidade do Rio de Janeiro. Chegou a assumir a função, mas saiu do cargo e foi convidado a dirigir uma escola de negócios em São Paulo, colaborando na montagem de MBAs. Passou por outras faculdades particulares da cidade e hoje é professor de graduação, mestrado e doutorado há sete anos na mesma Instituição. Para ele, quem continua trabalhando se mantém ativo e as atividades de trabalho fazem com que ele “não fique pensando bobagem”.

Aposentado 2 – Alfredo

Francês de nascimento, veio para o Brasil ainda bebê nos ‘braços da mãe’. Nasceu em 1946 e hoje está com 72 anos de idade. Passou a maior parte da sua vida no Rio de Janeiro, mas ainda adolescente ficou quatro anos na França, em um colégio interno. Retornou

posteriormente para o Brasil e entrou na faculdade, formando-se em Engenharia Industrial no ano de 1970.

Formado, preferiu ficar no Brasil, por haver um campo muito vasto para o trabalho. Depois fez um mestrado em Engenharia Industrial, sendo também professor da PUC na disciplina de Mecanismos, uma das primeiras na Engenharia Mecânica. Posteriormente começou a trabalhar em um estaleiro no bairro do Caju, Rio de Janeiro.

Trabalhou também na IESA Internacional de Engenharia S/A por contrato e depois acabou sendo contratado por Furnas Centrais Elétricas S/A, onde permaneceu até se aposentar. No período de trabalho em Furnas, atuou inicialmente na diretoria técnica, na implantação de sistemas para controle de obras e depois o mandaram para a Angola, mas ainda trabalhando em Furnas, aposentando-se logo em seguida.

Afirma que sempre ia trabalhar 'com gosto' e que sempre gostou de trabalhar. Porém, tiveram mudanças em Furnas e estava chegando à fase de 'poder se aposentar'. Teve um período em que o Governo Federal, principalmente nas estatais, forçou alguns funcionários à aposentadoria antecipada, porque haveria o risco de que se o trabalhador esperasse a legislação, poderia correr o risco de perder direitos anteriormente conquistados. Com isso, tomou a decisão e se aposentou com 67 anos, até 'um pouco antecipadamente em função da situação', segundo ele. Mas, reflete que foi um 'final infeliz de uma carreira que tinha sido muito boa', muito alegre, muito tranquila, por conta da perseguição que teve nos últimos tempos que trabalhou.

Disse ter tido dúvidas se realmente iria procurar trabalho ou não, após aposentado. Contudo, pensou muito mais no seu lado pessoal e não no profissional e decidiu casar e morar junto com sua esposa e fazer muitas viagens ao lado dela.

Aposentado 3 – Rogério

Atualmente com 61 anos de idade tem formação em Direito desde 1991. Começou a trabalhar desde jovem, porque na sua época 'as pessoas trabalhavam muito cedo'. Segundo o entrevistado, antigamente a pessoa poderia ter uma carteira de trabalho e, mesmo que fosse menor de idade, poderia ser assinada.

Vem de uma família de oito irmãos e a vida, para ele, era muito difícil. Sua mãe era professora e o seu pai funcionário do exército. Os irmãos já trabalhavam e, dessa forma, começou a estudar à noite e, com apenas 14 anos de idade, entrou para o que se chama hoje de

Tribunal de Justiça de Minas Gerais, que antigamente era chamado de Secretaria da Justiça, como “mirim”.

Quando completou 18 anos, surgiu no Fórum uma vaga do Estado, porém, foi impedido de ocupar aquela vaga pela limitação de idade mínima. Então, seus pais o emanciparam e ele foi nomeado interinamente nesse Cartório do 1º Ofício do Judicial.

Em 1994 já estável no cargo de escrevente, acabou sendo aprovado em um novo concurso para o cargo de escrivão, cuja formação em Direito era um dos pré-requisitos exigidos. Neste cargo permaneceu até 2015. Com tudo certo para se aposentar em 2012, inclusive tempo de contribuição, foram-lhe concedidas férias prêmio, fazendo com que ficasse quarenta dias em casa de férias.

A partir daí, sentiu que era muito novo (55 anos) para aposentar-se. Assim, adiou por mais alguns anos seu processo de aposentadoria. Sua esposa não gostou quando adiou a aposentadoria, porque queria ajuda com os dois filhos que são crianças ainda.

Continuou trabalhando, mas em 2015 se aposentou integralmente, como escrivão e seu ‘salário não diminuiu em nada’. Preferiu se aposentar por causa do estresse e afirma que ‘se continuasse iria adoecer’. Como era bacharel em Direito e inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), decidiu trabalhar como advogado depois de aposentado. Está atuando há quase 2 anos nessa função, em um escritório de advocacia com diversos clientes, situação considerada ‘muito melhor’ para ele. Atualmente vai trabalhar feliz e sem estresse e, para ele, ‘o trabalho dignifica o homem’ e o ‘faz se sentir honrado’.

Aposentado 4 – Leda

Atualmente com 74 anos, é originária da Argentina, mas vive no Brasil desde 1977. Iniciou sua carreira no Brasil em uma universidade na cidade de Niterói-RJ e depois se efetivou em uma universidade federal no Rio de Janeiro-RJ.

Desenvolveu pesquisas nos setores automobilístico, mecânico e, posteriormente, serviços bancários e supermercadistas. Procurava pesquisar como a tecnologia impactava esses setores. Com as mudanças advindas do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), ‘começou a se preocupar com as questões ligadas à aposentadoria’. Por isso, permaneceu na universidade até que abrissem um concurso que tivesse vaga em sua linha de pesquisa. Ainda que se aposentasse, segundo ela, teria que ter outro professor que permanecesse atuando na linha de pesquisa, já que sua preocupação era com que a linha fosse extinta na época caso ela saísse. Por

isso, só se aposentou quando teve certeza que teria outra pessoa dando continuidade na linha de pesquisa e, desse modo, conseguiu se aposentar em 2014 com 70 anos.

A partir daí, foi convidada para trabalhar em uma faculdade particular, em um curso de mestrado em Administração, por acharem que ela tinha ampla experiência trabalhando na área dos impactos das tecnologias e que poderia colaborar muito no mestrado. Mudou então de área e ficou bastante entusiasmada, onde ficou por três ou quatro anos e acreditava que não iria trabalhar mais. No entanto, outra faculdade queria criar um programa de mestrado em Administração e ela foi convidada para trabalhar lá. Ficou trabalhando em tempo parcial por um período e ajudou na implantação do doutorado também da instituição.

Como era professora de uma universidade pública federal, aposentou-se integralmente e isso, de acordo com ela, lhe dá uma 'segurança enorme'. Sempre buscou ter sua independência financeira e, ainda separada do primeiro marido e com três filhos pequenos, trabalhava como professora universitária. Afirma que está hoje no direito de 'curtir a vida do jeito e no ritmo que quer'.

Aposentado 5 – Laura

Formou-se em Letras e começou a trabalhar dando aulas, mas no mesmo ano, foi aprovada em um concurso para um banco público. Começou a trabalhar no banco quando tinha 22 anos, assim que passou no concurso. Foi o seu primeiro registro de trabalho.

Ficou atuando no banco por 23 anos e se aposentou por invalidez, após diagnosticada com L.E.R. (lesão por esforço repetitivo), por desenvolver uma hérnia de disco na cervical. Aposentou-se com 45 anos e hoje está com 65 anos de idade. Praticamente toda sua vida laboral foi dedicada só ao banco. Para ela, 'era prazeroso', sempre gostou de trabalhar. No entanto, como narrou, continuar no seu trabalho foi ficando 'realmente ruim', porque 'o banco passou a pressionar os funcionários a fazer o pedido de demissão voluntária'.

Depois que se aposentou não sentiu 'remorso algum'. Achou que era o momento, porque não estava bem de saúde. Sentia muita dor e todos os dias tinha que tomar remédios fortes, já que a fisioterapia não adiantava mais. Então, viu que era o momento realmente de se aposentar. Até as aulas que, às vezes ministrava, não podia mais, pois 'aposentadoria por invalidez, exclui a pessoa de qualquer trabalho'.

Aposentado 6 – Marcela

Hoje com 67 anos de idade, tem 50 anos de dedicação ao trabalho. Trabalhou em uma agência de seguros e posteriormente foi aprovada em um concurso para um banco público federal. Tomou posse no ano de 1971, onde trabalhou até 1994, quando se aposentou com 44 anos de trabalho. Após a aposentadoria foi trabalhar em uma agência de turismo e já tem 23 anos que trabalha na agência como agente de viagens.

Hoje em dia ela estuda francês, porque sempre adorou estudar idioma e também faz Pilates. Sente muita necessidade de convívio, de participação e tem 'medo disso acabar'. Ela diz que ficaria muito infeliz se soubesse que alguém se esqueceu dela. Não gosta de pensar no futuro e gosta mesmo de viver o hoje. É espírita e a única coisa que procura fazer é ter uma vida boa, digna para merecer alguma coisa. Não casou e nem tem filhos, mas tem sobrinho. Tem certa preocupação de ficar sozinha e, por isso, um dos motivos também que ela trabalha é porque 'enquanto está no trabalho não consegue pensar em outra coisa'.

Aposentado 7 – Júlio

Atualmente com 65 anos de idade, teve sua vida de trabalho iniciada quando estava no terceiro ano do curso de Engenharia Civil em 1974. Depois de formado, começou a trabalhar em uma ferrovia, numa época em que 'as pessoas podiam escolher emprego', porque tinha muita oferta de trabalho no Brasil para quem era engenheiro.

Em julho de 2018 completou 40 anos de trabalho. Sempre trabalhou na área de transporte e foi subindo na hierarquia da organização. No ano de 1996 ocorreu uma privatização na empresa e ele continuou a trabalhar lá. Aposentou-se com 64 anos, pelo regime de CLT, e sua carteira de trabalho sempre foi assinada, desde quando tinha 25 anos de idade. Após se aposentar continuou trabalhando na mesma empresa, ainda como engenheiro, e não vê com bons olhos se aposentar.

Seu pai morreu com 40 anos de idade, quando ele tinha apenas 12 anos. Um dos pontos que mais o marcou foi o fato de o pai ter feito uma boa administração do dinheiro da família. Mesmo após sua morte, ele, sua mãe e seu irmão nunca passaram dificuldades. Por isso, assim que começou a trabalhar já guardava dinheiro do salário que ganhava. Quando suas duas filhas nasceram, fez dois seguros de vida para se prevenir de qualquer imprevisto.

Sempre gostou do seu trabalho e, por isso, está há 40 anos na mesma empresa. Diz que não saberia ficar em sua casa sem ter o que fazer e que, se não estivesse trabalhando nesta

empresa, iria tentar fazer outra coisa. Gosta de ficar sozinho às vezes, de andar um pouco e fazer caminhada. Não gosta de redes sociais e lê jornal diariamente para conhecer as 'diversidades de pensamentos'. Para ele, 'ninguém respeita o aposentado inativo', que não está trabalhando, por isso, 'não pretende parar de trabalhar nunca'.

Aposentado 8 – Elder

Com 71 anos de idade atualmente, começou a trabalhar com, aproximadamente, 13 anos, junto com seu irmão mais velho, que tinha um estabelecimento comercial, um bar. Quando estava chegando aos 18 anos foi trabalhar no Fórum, pois tinha um amigo que trabalhava lá e o indicou para atuar como auxiliar de cartório, mas não era funcionário do Estado. Trabalhou como auxiliar de cartório 'mais ou menos até 1970'. Após essa data foi aberta uma vaga de escrevente na Vara de Menores do Fórum e, assim, conseguiu sua nomeação interina, onde permaneceu até fazer um concurso e ser efetivado como escrevente.

Permaneceu atuando como escrevente e depois foi para Vara da Família. Na sequência, assumiu uma vaga de escrivão, também provisoriamente por uns seis anos. Sem que esperasse, foi decretada uma lei onde quem estivesse respondendo pelo cargo há cinco anos ou mais, poderia ser efetivado ao cargo que estava desempenhando. Com isso, assumiu a vaga de escrivão, onde ficou até se aposentar. Ele ficou no Fórum de 1965, quando entrou como auxiliar, até 1998 quando se aposentou com 52 anos.

Depois que se aposentou, não voltou mais a trabalhar. Ao todo, trabalhou com carteira assinada por trinta e cinco anos, porque tiveram férias e prêmios acumulados enquanto trabalhava no Fórum. Aposentou-se quando o então Presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, cogitava modificar as regras da previdência. Talvez, se não fosse por causa dessa questão, ainda trabalharia por mais uns cinco anos, diz ele.

Atualmente tem dois filhos, um menino de 14 anos e outro de 29 anos. Leva diariamente o mais novo na escola e busca. Às vezes tem que levar em uma festa, logo está sempre se movimentando, principalmente em torno deles. 'Vive em favor dos filhos', mas gosta 'de vez em quando' de fazer uma viagem com sua esposa. Segundo ele, 'leva uma vida movimentada' e para quem já tem 'certa idade', a única coisa que não pode é parar de se movimentar, porque ele acha que 'a pessoa adoece quando não leva uma vida com atividades a desempenhar'.

Aposentado 9 – Pedro

Possui hoje 65 anos de idade e começou a ter contato com o trabalho aos 14 anos, porque estudou em uma escola profissionalizante que já tinha um regime de trabalho, inclusive com carteira assinada, na antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Ficou estudando nessa escola por cinco anos, sendo três anos dedicados à profissão de ajustador mecânico, formando-se em 1974.

Começou a atuar em uma área de construção civil pesada treinando o pessoal de mecânica, onde ficou por dezoito anos na mesma empresa, trabalhando a maior parte do tempo no centro de treinamento. Entrou na empresa em 1975, sendo transferido em 1980 para o centro de treinamento. Antes de fazer o curso técnico profissionalizante, trabalhou primeiro em uma fábrica de produtos alimentícios operando máquinas. Depois passou na seleção para estudar na escola técnica profissional e saiu dessa fábrica.

Depois de dezoito anos trabalhando na empresa de construção civil, saiu por meio de um programa de demissão voluntária e voltou a morar em sua cidade natal. Optou pela saída, pois se não pedisse demissão, ficaria aguardando uma nova obra por alguns meses e poderia ser demitido posteriormente, sem o bônus do programa de demissão voluntária.. Sofreu uma transformação em seu padrão financeiro e, por isso, começou a trabalhar em uma indústria alimentícia, um frigorífico, graças à indicação de um ex-colega de escola. Posteriormente, começou a se preparar para aposentar, porque já tinha tempo de trabalho para isto. Porém, a empresa não estava mais precisando do seu trabalho e veio a demiti-lo. Logo, acabou decidindo se aposentar, com 53 anos.

Após a aposentadoria, teve dois grandes problemas de saúde – câncer de próstata e um acidente vascular cerebral – e, atualmente, deseja ver o crescimento dos netos, já que todos os seus filhos têm profissão e almeja isso agora para a vida dos netos. Por mais que tenha perdido dinheiro ao se aposentar, ganhou uma convivência maior com a família e agora tem mais tempo para se dedicar a ela.

Aposentado 10 – Dalva

Nascida em 1943, hoje com 75 anos, começou a trabalhar ‘bem cedo’ (19 para 20 anos), na Secretaria de Saúde e na Secretaria de Educação, mas depois passou em um concurso público para Secretaria de Saúde e assumiu o cargo de técnica de higiene dental, atuando por trinta anos. Apesar de ter trabalhado efetivamente vinte e cinco anos, conseguiu completar 30 anos de

contribuição porque, naquela época, também existiam férias prêmio, que muitas pessoas não tiravam para contar o tempo na aposentadoria.

Nesse tempo casou-se e foi morar na cidade de São Paulo-SP, pois conseguiu pegar licença sem remuneração para se ausentar. Contudo, perdeu seu marido em 1976 e decidiu retornar depois de dois meses que ele havia falecido. Voltou 'por necessidade', porque chegou à conclusão que seria a forma que ela 'preencheria sua vida', 'ocuparia sua cabeça com outras coisas' para não ter nenhum tipo de problema, já que 'teria de ser muito forte' para continuar 'sua luta' com duas filhas pequenas na época, uma com 3 anos de idade e a outra com 1 ano.

Depois que se aposentou de seu trabalho na Secretaria de Saúde, então com 50 anos, trabalhou outros treze anos na ABO (Associação Brasileira de Odontologia) e parou, 'de vez', de trabalhar há seis anos, com 68 anos de idade. Além de ter trabalhado na ABO, também trabalhou na loja de tintas de sua irmã, mas não gostou de trabalhar em comércio. Foi quando resolveu entrar 'de cabeça' nos trabalhos voluntários.

Costuma ir para o cinema, faz lanche com as amigas, visita a sua família, já que tem muitos irmãos e gosta de dar atenção a eles. Trabalhou durante quarenta e três anos e sempre 'gostou muito de trabalhar', pois acha que 'é uma forma de viver a vida com plenitude e com muita alegria'. Adora caminhar e durante a semana buscar sempre sair de casa para resolver alguma coisa como, por exemplo, costuma pagar suas contas no banco cada uma em um dia da semana só para aproveitar e 'dar uma voltinha'. Tem o hábito de ler muito e procura estar sempre com a sua cabeça bem ocupada. Para ela, não tem nenhum tipo de problema em não ter marido ou sobre falar de solidão ou depressão. Sempre 'vai onde quer' e se não tiver companhia faz suas atividades sozinha.

Aposentado 11 – Mauro

Possui 69 anos de idade e desde menino 'sempre quis ganhar o seu dinheiro'. Então, na época em que era estudante do antigo primário, nas suas férias, sempre 'corria atrás para arrumar um emprego e ganhar um dinheiro'. Já foi engraxate e fazia caixa de engraxate na rua para engraxar sapatos. Quando criança, seu pai tinha um quintal que tinha muito chuchu e ele pegava os chuchus, colocava em uma cesta e vendia na rua.

Com 13 anos, em uma dessas procuras por empregos nas férias, resolveu trabalhar em um banco chamado Banco Irmãos Guimarães, onde teve sua carteira assinada pela primeira vez. Nessa época já estava no ginásio, por isso, passou a estudar à noite e trabalhava de manhã e à

tarde no banco. Porém, deixou o estudo ‘um pouco de lado’ e sua mãe o fez sair do serviço. Assim, trabalhou por oito meses no banco.

Formou-se em 1973 em engenharia civil. Desde que começou a trabalhar como engenheiro, tinha um sonho de ter uma empresa própria e com 29 anos montou uma construtora junto com seu irmão.

Para ele, ‘as pessoas vão ficando velhas e vão vendo quantas coisas deixaram de fazer’, que poderiam ‘fazer melhor’, mas o trabalho vai absorvendo. Pôde se aposentar em 1998, aos 49 anos, com trinta e cinco anos de contribuição, porque na época adicionavam 30% do tempo de serviço por causa de insalubridade na função de engenharia. Continuou trabalhando em sua empresa até 2003, então com 54 anos de idade. Depois, em 2013, trabalhou por um ano e oito meses em outra empresa e, em 2014, mais seis meses na câmara.

Reforça que sempre tem uma atividade, ‘alguma coisa para preencher a vida’. Não fica ‘parado vendo o tempo passar’. Gosta de curtir um filme com a esposa e tem alguns imóveis. Em um deles fez tipo um atelier com os móveis herdados de seus pais e dos pais de sua esposa. Gosta de passear, viajar e pescar.

Aposentado 12 – Helena

Atualmente com 68 anos de idade, começou trabalhando como estagiária na prefeitura de Juiz de Fora-MG, no departamento de engenharia de trânsito. Depois se formou e foi efetivada passando a ser diretora do departamento. Casou-se logo e começou a trabalhar no DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem), onde trabalhou até se aposentar.

Formou-se em Engenharia Civil e fez um curso de especialização em Engenharia Econômica. Sempre estudou e gostou muito de idiomas. Começou a estudar inglês, desde criança e quando estava no terceiro ano de engenharia começou a estudar alemão, iniciando também um curso de russo. Sempre deu aulas de idiomas, mesmo antes de se aposentar.

Quando se aposentou do DNER, em 1997, com 47 anos, continuou dando aulas particulares de idiomas e passou a dar aulas de alemão, porque ‘gosta muito do que faz e isso a obrigada a estudar’. No último período antes de aposentar, já ‘não estava tão satisfeita’ com seu trabalho e quando teve oportunidade de se aposentar ‘não perdeu tempo’. Havia ‘boatos que iriam mudar as regras da aposentadoria’ e as pessoas que estavam para se aposentar poderiam perder seus benefícios. Então ela decidiu logo se aposentar pelo Estado.

Hoje ‘ocupa a semana’ com suas atividades de aulas particulares e encerra na sexta-feira suas tarefas. Deixa os finais de semana ‘livres para cuidar de si’: faz Pilates, vai ao salão, vai à massagem. Ela planeja continuar com as suas aulas, estudar, viajar e passear. O que ela diz que lhe falta é um grupo de amigas, já que nunca foi de ter muitas amizades.

Aposentado 13 – Gilson

Possui hoje 64 anos, é casado e tem quatro filhos. Começou a trabalhar ‘muito cedo’, porque era comum em sua época a criança com 10, 12 anos poder ter alguma atividade de trabalho e estudar. Trabalhou desde pequeno, 9 anos de idade, como engraxate e vendedor de biscoito na rua e assim foi até os 14 anos. Na sua adolescência trabalhou em uma loja de tecidos e estudava à noite. Com 18 anos concluiu o segundo grau, então chamado de científico. Na época que trabalhava na loja de tecidos, um amigo o convidou para morar em outra cidade com objetivo de fazer o curso de Economia. Com isso, pegou todas as suas reservas e foi embora de sua cidade natal. Trabalhou como radialista, fez um cursinho preparatório para o vestibular e passou no vestibular para faculdade de Economia.

Formou-se em Economia no ano de 1978 e, ao terminar o curso, recebeu uma proposta de fazer o mestrado em Administração. Após concluir o mestrado em 1980, passou em um concurso para ser professor da área de Economia em uma universidade federal de Juiz de Fora.

Mesmo tendo um regime de trabalho de 40h na universidade, foi chamado para montar e abrir um curso noturno de Administração em uma faculdade particular, onde atuou como coordenador durante ‘um bom tempo’. Depois disso, saiu da faculdade particular e se aposentou da Universidade com 58 anos de idade. Hoje continua trabalhando e é professor convidado para cursos de MBA em todo o Brasil.

Ele comenta ter ‘receio da mudança de rotina’, porque quando é chegada a hora de se aposentar ‘tudo fica desconhecido’. Ele sempre teve ‘um medo de não ter atividade alguma para realizar após a aposentadoria’. Por isso, tem uma atividade na iniciativa privada, de professor, no qual desempenha até hoje. A sua atividade não é em tempo integral, mas de alguma maneira o faz ‘continuar em atividade’. Entretanto, não com a mesma intensidade de antes e nem com os mesmos compromissos, mas com ‘responsabilidade em cima da atividade’ que exerce.

Aposentado 14 – Sávio

Hoje com 70 anos de idade, começou a trabalhar com apenas 10 anos com o próprio pai. Apenas por um período, com 20 anos de idade, parou de trabalhar para poder estudar para o vestibular do curso de Psicologia. Seus pais e seus dois irmãos, além dele próprio, montaram um armazém e começaram a trabalhar nele. Cursou Psicologia e tentou entrar no mercado de trabalho, mas naquela época era muito restrito. Não 'ganhou dinheiro' com a Psicologia, mas sim trabalhando com o pai, porque 'ganhava mais' e ele já tinha família, já era casado e tinha uma filha.

Trabalhou de 1970 até 1992 com seu irmão no moinho da família. Porém, decidiu se aposentar porque, como é 'comum em empresas familiares', houve conflitos de gestão entre ele e o filho do seu irmão, seu sobrinho. Assim, aposentou-se com 62 anos, já que tinha o tempo necessário de contribuição. Aproximadamente uns três anos antes de sair da empresa que trabalhava, abriu uma empresa de brindes com sua esposa. Os brindes vinham praticamente prontos de São Paulo e eles apenas montavam os kits, na garagem de casa, junto com seu único vendedor. Mesmo após o vendedor precisar desligar-se da empresa, decidiram abrir uma loja de brindes e não mais produzi-los na garagem de casa.

A empresa de brindes 'durou poucos anos', pois acabou 'não vingando' porque as despesas, impostos, empregados estavam com custo muito elevado. A partir daí, ficou esperando dar o tempo de se aposentar e agora, segundo ele, está 'à toa'. Hoje ajuda nas tarefas domésticas de sua casa e a 'criar os netos'. Isso, para ele, é um 'sentido na vida', porque 'não se sente inútil'.

Não vê um novo horizonte para si e, segundo ele, a 'sua época já passou'. Gostava de pescar, jogava baralho, jogava bola, porém 'a idade não o permite mais'. Como também não gosta de clubes, ficou mais isolado. Não aconselha ninguém a se aposentar, porque 'a pessoa tem que ter um pouco de obrigação em alguma coisa para ter um sentido na vida'.

Aposentado 15 – Paulo

Com 61 anos hoje, passou praticamente toda sua vida trabalhando na ferrovia, em 2018 completou 42 anos de empresa. Passou 'muita dificuldade' com sua esposa, pois o salário era baixo e o custo de vida na cidade era mais alto para ele. Iniciou o curso de Engenharia Civil, mesmo trabalhando com sistemas de informática. Porém, teve que interromper porque seus pais adoeceram e sua esposa ficou grávida. Para 'engordar seu salário' fazia manutenção de TV.

Teve ‘muito estresse’ no seu trabalho na ferrovia até o sistema começar a funcionar bem, sem ‘dar muitos problemas’. Em 2015 teve dois enfartos e ficou afastado do trabalho por três meses, pois acabou adquirindo uma infecção hospitalar, que retardou ainda mais sua saída do hospital.

Aposentou em 1998, com apenas 42 anos de idade, pois com aproximadamente 14 anos começou a trabalhar de carteira assinada em uma rádio. Quando se aposentou juntou o tempo de contribuição da rádio, mais um ano que serviu ao exército, além dos anos que trabalhou na ferrovia, contando a porcentagem adicionada da insalubridade, totalizou 31 anos de contribuição.

Diz ter a ‘necessidade de mostrar que fez alguma coisa de útil na vida’, que a sua vida teve um significado, que gosta de ajudar os outros e gosta muito de trabalhar desenvolvendo sistemas. Aprendeu muita coisa na ferrovia e, segundo ele, seria um ‘desperdício parar de trabalhar’. Pode ser mais aproveitado, já que desenvolveu praticamente 90% das consultas no sistema da empresa. Gosta de chegar cedo ao trabalho e cumpre o horário direitinho.

Tem três filhos: a mais velha com 32 anos, a do meio 30 anos e o filho mais novo 28 anos. De acordo com ele, as duas filhas ‘ganham muito pouco’ e ‘precisam da sua ajuda financeira’. Ele tem três netos e é ‘apaixonado por eles’. Gosta de viajar, passear, o que ultimamente tem feito muito.

Quando era jovem pensava muito em se aposentar, mas acredita que hoje ‘não pode ser um projeto de vida ser aposentado’, porque ‘a pessoa tem que pensar em produzir, trabalhar’. Se ele pudesse se ‘desaposentar’ já teria feito. Por isso, continua trabalhando, porque iria ficar muito solitário em casa, já que no seu trabalho tem amigos e conversa bastante.

Aposentado 16 – Felipe

Atualmente com 64 anos, começou a trabalhar com 13 anos de idade, porque não tinha dinheiro, já que ‘naquele tempo não tinha nada’. Aí foi trabalhar com ‘serviço de pedreiro’ e depois como cobrador de ônibus. Em abril de 1974 fez inscrição para trabalhar como maquinista na Rede Ferroviária Federal, com 20 anos de idade à época. Para ele, ‘foi até longe demais’, porque quando começou na empresa ‘só precisava ter o segundo ano do ginásio’. Não precisou nem fazer a prova de seleção para maquinista, porque já tinha o ginásio quase concluído.

Em 1996 houve a privatização e a Rede Ferroviária Federal passaria a ser uma empresa privada. Em um período imediatamente anterior, dado o cenário, optou por aposentar-se, com vinte e dois anos de trabalho na mesma empresa. Conseguiu somar a esses anos de trabalho o

adicional de insalubridade, totalizando 32 anos de contribuição. Assim, aposentou-se em 1995, antes da privatização da empresa, com 42 anos de idade. A empresa ofereceu um 'prêmio para todo mundo sair', de doze ou treze salários, por 'causa da questão da privatização'. Foi um 'choque' para ele parar de trabalhar, porque 'os funcionários foram forçados a se aposentar'. Isto é, aqueles que tinham tempo suficiente de contribuição para isso, pois 'os que não tinham foram demitidos'.

Enquanto aposentado, já com 49 anos de idade, decidiu fazer um curso técnico na FAETEC de programador de informática. Porém, o chamaram de volta para trabalhar na empresa privatizada como maquinista, porque começou a 'aumentar o serviço', e ele fazia parte de uma mão de obra muito especializada. Ficou mais 13 anos trabalhando como maquinista, de 2004 a 2016. Foi dispensado em 2016 porque 'a produção começou a cair e muitos foram demitidos', mas ele não pôde pegar o seguro desemprego porque já era aposentado.

Atualmente trabalha com obras todos os dias, não rejeita nenhum serviço. Sua esposa é quem administra o dinheiro que entra em casa e, segundo ele, não vai ficar 'pensando em futuro', não vai guardar dinheiro, porque 'o futuro é o agora'. Apenas pretende deixar a casa para a filha adotiva, que é doente e está internada em um hospital psiquiátrico de recuperação mental e tem vinte e sete anos.

Aposentado 17 – Reginaldo

Nascido na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, possui hoje 65 anos de idade. Cursou o ensino primário em uma escola pública e o ginásio em uma escola particular, paga pelo seu pai, que era policial militar. Durante o ensino médio, serviu ao Exército por um ano e concluiu seus estudos, chamado naquela época de científico, com 20 anos de idade. Posteriormente, fez vestibular e passou para duas faculdades na cidade do Rio de Janeiro: Engenharia, em uma faculdade localizada em Botafogo e Economia, na Universidade Gama Filho, em Piedade. Deu prioridade para a Gama Filho, pois 'não era tão longe' e conseguiu lá um crédito educativo para fazer o curso.

Seu pai lhe deu um táxi para trabalhar durante o dia e à noite ia para as aulas da faculdade. Desde os 20 anos começou a pagar o INSS 'graças aos conselhos do pai'. Quando estava para terminar a faculdade, um amigo lhe chamou para trabalhar como promotor de vendas de uma multinacional. Ele aceitou e depois passou para o cargo de vendedor e 'ganhou

mais dinheiro do que rodando com o táxi'. Foi 'subindo de cargo' e chegou a ser gerente de vendas da empresa. Atuou na empresa por 10 anos.

Depois trabalhou outros 10 anos em uma multinacional que fabrica lentes de contatos. Conheceu muitos países, mas sempre sentiu falta de saber falar inglês em suas relações com os altos cargos que estava acostumado a trabalhar. Chegou ao cargo de direção, mas como já estava com alguns problemas em relação à empresa, acabou saindo. Seu mesmo amigo, aquele que tinha 'arrumado para ele trabalhar' na primeira empresa, estava trabalhando agora em uma multinacional alemã e o ofereceu um cargo de gerente regional, pois o funcionário que estava no cargo iria se aposentar. Assim, começou a trabalhar em outra multinacional, mesmo que em um cargo abaixo do seu último, que era de gerente nacional.

Apaixonou-se pelo trabalho e ficou lá por 16 anos. Foi então que se aposentou nessa empresa quando completou o tempo suficiente de contribuição, pois havia completado 35 anos de contribuição. Aposentou-se com 57 anos, 'muito novo ainda', segundo ele, porque começou a trabalhar 'relativamente bem cedo' e está aposentado há oito anos. No entanto, continuou trabalhando até completar 60 anos de idade e não voltou mais a trabalhar na empresa. É casado a quarenta e um anos e tem duas filhas.

Quando se aposentou, morou por um ano com uma delas, que vive na Inglaterra até hoje. Tinha prometido que faria essa viagem e que estudaria inglês, já que 'aprender o idioma é sua meta atual'. Dedica muitas horas no estudo da língua inglesa, resolve eventuais 'problemas de família' que apareçam e ajuda a cuidar das netas.

Aposentado 18 – Bianca

Nascida em uma família de militar, seu pai era da Aeronáutica e sua mãe professora, está hoje com 65 anos de idade. Fez o Curso Normal no Instituto de Educação para ser professora, porque começou a se interessar muito por Matemática. Em 1969 estava formada, então com 17 anos de idade e dando aula no próprio Instituto de Educação. Depois foi aprovada em concurso público para ser professora do Estado da Guanabara. Posteriormente saiu dessa escola e fez outro concurso público para ser professora do Estado. Já tinha, ao todo, duas matrículas no Estado da Guanabara, o que hoje seria o Rio de Janeiro-RJ.

Também teve experiência como professora em faculdade particular. Nunca teve 'problema com aluno' e sua experiência no magistério 'foi muito boa'. A experiência de sala de aula foi 'muito legal', a vivência no ensino público e no ensino particular, assim que

terminou a faculdade, foi ‘bastante significante’ para ela. Tinha graduação e mestrado, por isso foi convidada para dar aula em uma faculdade particular, onde trabalhou por 25 anos, desde 1975. Conheceu seu marido lá e teve duas filhas com ele.

Em 1984 foi trabalhar no Departamento de Educação e Cultura, assumiu a direção desse departamento e foi também convidada a dirigir um CIEP no subúrbio carioca. Trabalhou lá por quinze anos. Por fim, resolveu aposentar-se, porque já ‘não estava mais conseguindo lidar com as crianças da escola’, já que ‘a comunidade estava se transformando em uma coisa que não gostaria que estivesse’. Na época, por ‘problemas de gestão na prefeitura’, as suas solicitações de melhoria de infraestrutura não eram atendidas e isso a deixava ‘bem cansada e triste’.

As filhas adolescentes, uma fazendo faculdade e a outra pré-vestibular, seus pais já idosos, novos professores que chegavam menos comprometidos com o trabalho, foram fatores que a levaram a se aposentar, em 1999, com 47 anos, em seu trabalho na escola municipal. De acordo com ela, ‘entrou de cabeça erguida no magistério’, com ‘a ilusão de que iria modificar o mundo’ e decidiu se aposentar logo como funcionária pública para ‘não sair triste e nem melancólica’.

Hoje reflete que, como é ‘sensível’, deve seu ‘equilíbrio na vida à Matemática e à educação militar’ que teve graças ao seu pai. Porém, não sabe se faria novamente magistério, ‘no Brasil certamente não faria’. Queria poder viver com mais ‘dignidade’ e ganhando melhor como aposentada.

Aposentado 19 – Carlos

Atualmente 79 anos, teve um pai militar e foi criado no sul do Brasil. Morou nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Minas Gerais. Começou a trabalhar quando foi convocado para servir ao exército. Quando saiu do exército teve a oportunidade de ingressar no quadro de funcionários de uma universidade federal como datilógrafo. Continuou seus estudos e se formou em Administração. Houve então um concurso para o cargo de Administrador na universidade e passou em primeiro lugar, indo trabalhar no departamento de planejamento da reitoria. Posteriormente, foi remanejado para atuar como administrador no Hospital Universitário e fez, inclusive, uma pós-graduação em Administração Hospitalar para aprender mais sobre como gerir um hospital.

Somando os tempos em que trabalhou no exército e na universidade, achou melhor se aposentar quando estava com 50 anos de idade. Para ele, ‘dentro do mundo capitalista em que

vivemos hoje, o dinheiro é muito importante para as pessoas'. Como já tinha tempo para se aposentar e 'garantia do seu salário', por ser funcionário público, então juntou o 'útil ao agradável'.

Porém, continuou trabalhando, sendo convidado a dar aula em faculdades particulares de sua cidade, nas quais lecionou por 38 anos. Paralelamente ao trabalho como docente, foi convidado a trabalhar na Santa Casa de Misericórdia. Hoje é superintendente do hospital e parou de trabalhar como professor em 2012. Está 'satisfeito' naquilo em que trabalha no hospital, área de gestão, está 'alegre e feliz', além de estar 'aprendendo muito com as pessoas mais jovens'.

'Muito bem casado', tem duas filhas e é avô de dois netos. Suas filhas e esposa acham que ele não deve parar de trabalhar, enquanto tiver em 'condições físicas e morais'. Nunca pensou em parar de trabalhar, pois não se imagina 'sem ter nada para fazer'. Para ele é uma 'dificuldade pensar nisso'.

Aposentado 20 – Aloísio

Nascido no interior de Minas Gerais, tem hoje 84 anos de idade. Morava em um sítio e ficou trabalhando na roça até seus 14 anos. Com essa idade foi para um seminário no convento e permaneceu lá até os 22 anos. Foi para Juiz de Fora - MG pegar o certificado militar e o obrigaram a servir ao Exército na época. Nesta cidade, servia ao Exército durante a semana e estudava à noite para terminar o científico, antigo ensino médio. Aos finais de semana, trabalhava como porteiro e auxiliar de limpeza em uma escola particular, onde conseguiu estudar por ser funcionário. Depois deixou o Exército e foi contratado pelo colégio para ser secretário administrativo.

Formou-se em Economia e no dia da sua formatura o diretor geral da sua faculdade o convidou para ser o secretário da Faculdade de Economia e ele aceitou. Trabalhou na faculdade durante cinco anos, mas continuou no colégio que trabalhava. Saiu da Faculdade de Economia porque foi fazer parte da Secretaria Geral dos Cursos, a pedido do reitor, já que a faculdade tinha se transformado em uma universidade.

Implantou o Centro de Ensino Superior (CES) e ficou acumulando a Secretaria Geral dos Cursos, além da Secretaria Geral da Universidade por 17 anos. No início de sua carreira casou-se e chamou sua esposa para ser sua secretária no CES, onde ficou até os dois se aposentarem. Tiveram quatro filhos e nove netos.

Aposentou-se como economista aos 57 anos, cargo que assumiu após a realização de um concurso interno na universidade. Depois foi convidado novamente para trabalhar no colégio como diretor e levou ‘um choque, porque já tinha sido porteiro lá’. Juntando o CES com o colégio continuou trabalhando mais 29 anos depois que saiu da universidade.

A partir de então, ficou fazendo atividades filantrópicas e faz isso até hoje. Assumiu a provedoria da Santa Casa de Misericórdia e a direção de ensino. Voltou a trabalhar no sindicato que fazia parte no passado e hoje é presidente do conselho fiscal. Fundou uma ONG que ministra cursos de artes para pessoas carentes. Continua ‘ativo’ até hoje e fazendo suas viagens internacionais. Foi agora para Colômbia e já conheceu vários países: Índia, Japão, Malásia, Itália, Croácia e Eslovênia.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A realização das entrevistas da presente tese, que compõem o corpus do estudo, foram realizadas entre os meses de Junho de 2017 e Abril de 2018. As 20 entrevistas realizadas neste estudo foram conduzidas pela pesquisadora, de forma presencial e no local escolhido pelo próprio sujeito (local de trabalho, residência ou estabelecimento comercial). Todas as entrevistas foram transcritas, tiveram duração média de 50 minutos e foram analisadas com o suporte do software ATLAS TI utilizando-se o método de análise de narrativa.

Os 20 aposentados entrevistados assinaram o termo de consentimento, permitindo que a entrevista fosse gravada e que fossem utilizadas partes das narrativas no trabalho. Os nomes utilizados na análise dos resultados são fictícios, bem como foram excluídas quaisquer características que pudessem identificar os sujeitos da pesquisa.

O presente capítulo está dividido em tópicos correspondentes às categorias a *priori* e a *posteriori*, conforme explicado no capítulo referente a metodologia do trabalho. As categorias serão analisadas segundo as falas dos entrevistados, a luz do referencial teórico do estudo.

Na próxima página encontra-se uma tabela com algumas informações compiladas sobre os entrevistados da pesquisa. Pode-se observar que os mesmos têm entre 61 e 84 anos, 14 homens e 6 mulheres, todos são aposentados, destes 9 mantém ainda alguma atividade laboral e os outros 11 não. A maioria cursou graduação, 16 entrevistados e as profissões são de diversas áreas.

Quadro 2 – Perfil dos sujeitos da pesquisa

Nome	Idade	Idade Aposentadoria	Continua trabalhando?	Profissão
José	75 anos	57 anos	Sim	Professor Universitário
Alfredo	71 anos	67 anos	Não	Engenheiro Industrial
Leda	74 anos	70 anos	Não	Professora Universitária
Rogério	61 anos	59 anos	Sim	Advogado
Laura	65 anos	45 anos	Não	Bancária e Professora de Português
Marcela	67 anos	44 anos	Sim	Bancária e Agente de viagens
Júlio	65 anos	64 anos	Sim	Engenheiro
Elder	71 anos	52 anos	Não	Escrivão
Pedro	65 anos	53 anos	Não	Ajustador mecânico
Dalva	75 anos	68 anos	Não	Técnica de Higiene Dental
Mauro	69 anos	49 anos	Não	Engenheiro Civil
Helena	68 anos	47 anos	Sim	Engenheira Civil
Gilson	64 anos	58 anos	Sim	Economista
Sávio	70 anos	62 anos	Não	Psicólogo
Paulo	61 anos	42 anos	Sim	Técnico em Eletrônica
Felipe	64 anos	42 anos	Sim	Maquinista Ferroviário
Reginaldo	65 anos	57 anos	Não	Economista
Carlos	79 anos	50 anos	Sim	Administrador
Bianca	65 anos	47 anos	Não	Professora de Matemática
Aloísio	84 anos	57 anos	Sim	Economista

Fonte: Elaborado pela autora

5.1 - Trabalho

Esta é uma categoria *a priori*, e sua discussão tem como objetivos captar a forma do sujeito vivenciar seu trabalho, como o percebe em sua vida e verificar a centralidade deste frente a outras atividades do cotidiano. Para alguns autores que tratam da temática do trabalho, a

definição deste termo é fastidioso, o que também foi visto no caso dos entrevistados. Como comenta Gaulejac (2007), a discussão do trabalho é ampla por ser este, um fenômeno social e psicológico. Dejours (2004; 2012) evidencia o trabalho como central, o colocando como equilibrador da psique. Corroborando com essa ideia, Mendes e Araújo (2012) definem o trabalho como atividade profissional e psíquica.

José narra ao longo de sua entrevista a relação prazerosa que sempre teve com seu trabalho, afirmando nunca ter tido foco no dinheiro e sim na atividade da qual gostava. Dalva também traz este viés em sua narrativa:

> (...) eu tive uma época na minha vida que eu realmente dava muitas aulas, muitos seminários, participava de MBAs, era um negócio muito complicado porque eu tinha que trabalhar até de madrugada para preparar minhas aulas. Porque eram aulas para executivos né?! Eu viajei o Brasil inteiro montando cursos de mestrados e de *lato senso* na área de contabilidade. Em diversos estados, o Nordeste quase que inteiro e isso me dava sempre uma movimentação interessante, porque isso não me deixou tempo para pensar naquilo. Mas a partir de determinado momento eu larguei a consultoria, eu larguei essa coisa de dar aulas em outros lugares para me dedicar só a uma atividade que é o mestrado e doutorado, que eu também dou aula na graduação. Quer dizer, que isso na vida das pessoas, exerce uma influência na satisfação que você tem de fazer as coisas. Então é dessa forma que eu vejo. **(JOSÉ)**

> (...) dentro da experiência que eu tive, eu acho que a gente tem que fazer sempre o melhor, não importa o salário, você vai conviver com muitas pessoas que vão falar assim, eu vou fazer o que o meu salário condiz corre disso, nem que for o melhor seu, nada é mais importante que isso, nossa consciência tranquila e a gente assim tá fazendo isso, a gente tá construindo alguma coisa dentro da gente, que a gente vai passar isso pros filhos da gente, pros netos da gente, sem perceber você se torna uma pessoa responsável, cuidadosa, tudo que você adquiriu de qualidade convivendo nesse tempo de trabalho, você convive com gente de toda espécie, então tira o bom pra você guardar e deixa pra lá o resto. **(DALVA)**

Os dois entrevistados tratam o trabalho como algo além da remuneração, além do que se recebe para realizá-lo. Quando José comenta as atividades profissionais que realizava, as viagens, posteriormente diz que isto "exerce uma influência na satisfação que você tem de fazer as coisas", demonstrando o equilíbrio mental proporcionado a ele o fato de trabalhar. Da mesma forma, Dalva diz que o trabalho a tornou uma pessoa mais responsável e cuidadosa, ilustrando como a atividade profissional se encontra com a atividade psíquica trazendo ao sujeito sensação de bem-estar ou mal-estar. Os entrevistados remetem o trabalho como equilibrador da mente, indo ao encontro da definição de Mendes (1995) que diz que o trabalho na psicodinâmica é central na vida do sujeito, formador de sua identidade e fonte de equilíbrio para o corpo e para a mente.

É importante destacar que o entrevistado José deixa escapar no meio de sua narrativa uma função importante sobre o seu trabalho: “isso me dava sempre uma movimentação interessante, porque isso não me deixou tempo para pensar naquilo”. Ao dizer isto, ele se refere à finitude da existência e aos mistérios envolvidos na dinâmica da origem da vida e do destino de todos após a morte, que para esta tese é uma das funções importantes do trabalho na vida das pessoas. Esta questão específica será tratada na categoria “Finitude da Vida (aposentar e parar de viver)”.

Da mesma forma que Dalva se refere ao trabalho como estar “construindo alguma coisa dentro da gente”, outros entrevistados tratam o trabalho como a possibilidade de construção: “Trabalhar pra mim, eu penso que é a gente contribuir na construção de um negócio, de uma empresa, uma atividade” (Paulo). Júlio, assim como Gilson e Reginaldo, também destacam esta finalidade do trabalho:

> (...) mas eu acho que trabalhar pra mim é isso, é construir alguma coisa, é participar na construção de alguma coisa, eu acho que assim, tudo na vida passa, eu também não tenho essa ilusão até por experiência do meu pai, quando ele morreu, minha vida ficou um pouco desgovernada e custou a engrenar de novo. **(JÚLIO)**
>
> (...) a pessoa sente que está construindo alguma coisa. Não é um usuário da vida. Ele está ajudando a fazer a vida. Então você não veio ao mundo pra ser um usuário apenas do mundo, você veio para ajudar a fazê-lo. Pra ajudar a fazer, para ajudar a construir, pra melhorar, com a sua atividade. Não é como alguém rico de nascença que nunca teria produzido nada de útil a ninguém. **(GILSON)**
>
> Trabalhar pra mim era realização, cumprir objetivos que é uma coisa necessária na empresa privada, você trabalha sob um planejamento estratégico muito forte, tem objetivos a cumprir e é uma coisa altamente desafiadora, então você tinha que perseguir o objetivo aonde ele te levasse né. Isto tudo é trabalhar na construção de algo, é o que te motiva, o que te leva a fazer a atividade todo dia. **(REGINALDO)**

Morin, Tonelli e Pliopas (2003) encontram também em suas pesquisas a visão do trabalho como a construção de algo útil, algo que faça sentido para as pessoas. Uma vontade de se eternizar através de uma obra. Diante da angústia da finitude, que José mencionou anteriormente, o sujeito vai escolhendo e se impondo atividades na tentativa de cobrir esta lacuna existencial presente nos indivíduos. Desta forma, as autoras expõem a ideia de se eternizar através de uma obra, ou seja, uma visão onde o trabalho, além de proporcionar uma forma de alienação para não pensar em questões sem respostas da condição humana, também contribui para deixar a marca das pessoas, para nunca morrerem através daquilo que construíram ao longo de suas vidas.

Helena e Bianca, duas mulheres que cursaram faculdade de cursos vistos à época como masculinos, contam que sempre quiseram ter sua independência e trabalhar fora de casa:

> Eu sempre pensei em trabalhar. Eu já fui criada com esse... esse... com esse pensamento, embora minha mãe tenha vindo de uma geração onde as mulheres não trabalhavam né? Ela podia falar: 'ah, você não precisa trabalhar, bobagem porque você vai trabalhar'? Desde criança que ela falava: 'não... tem que né'? Ela não falava: 'vocês vão ter que trabalhar'! Mas assim... (...) 'É tem que formar... tem que formar, tem que ter uma profissão'. Então eu já cresci com esse pensamento, entendeu? Já cresci assim achando natural ter que trabalhar e não: 'ah, eu vou casar, não preciso trabalhar porque o meu marido é rico e tal, e eu vou viver nas costas dele'. Na minha época ninguém mais pensava assim. (...) Eu sempre achei, não, eu vou trabalhar, hoje as crianças nascem falando, ah, quando eu crescer eu quero ser isso, aquilo. Na minha época nem todos trabalhavam né? Nem todas as mulheres trabalhavam, mas eu sempre... nunca imaginei minha vida: 'ah não, eu não vou trabalhar, vou viver nas costas de marido'... nunca pensei nisso não, sabe? **(HELENA)**

> Matemática é linguagem, é ciência, é tecnologia, é poesia, ela tem umas teorias assim tão abstratas, são voos assim maravilhosos e ela deu muito do que eu sou hoje, porque não parece, mas eu sou muito sensível e eu devo a matemática um equilíbrio entre o meu coração e a minha mente. Sabe? Porque quando eu fico muito sensível, até, hoje, depois de burra velha, que me dá vontade assim de chorar, quando eu vejo um negócio triste eu digo: 'ah pera aí, vamos ver, quer chorar, mas vai ter tempo de parar'. Porque não é assim, a vida não é fácil a vida é difícil, então isso de você organizar o seu pensamento, eu acho que foi a matemática que me deu, agora não sei se eu faria novamente magistério. Aqui no Brasil certamente eu não faria magistério, é desvalorizado. **(BIANCA)**

Leda também traz em sua narrativa que mesmo vindo de uma família onde a mulher ficava em casa, sempre quis ter sua independência, destacando que o trabalho a propiciou isto:

> Eu, por exemplo, vi a minha mãe... nunca trabalhou, ou aliás, trabalhou quando conheceu meu pai depois ela parou de trabalhar e nunca mais trabalhou. E ela me falava... você tem que estudar, para não ficar assim como eu, que dependi do seu pai a vida toda, nunca tive minha vida própria. E isso me marcou num sentindo de que o trabalho é algo importante para conquistar independência, tanto que eu tinha três filhos e me separei com três filhos pequenos e trabalhava, tinha meu salário, se fosse depender do meu ex-marido eu tava "ferrada". Então isso eu acho que para mim, sempre foi muito importante, o trabalho para minha independência, mas é... fora isso... acho que é isso... O trabalho é muito importante também, mas tem seu limite, ou seja, chega uma hora que eu cansei, trabalhei até os 70... acho que já é o bastante né? (**LEDA**)

A narrativa das três mulheres traz consigo a conotação do trabalho como algo libertador, principalmente na época em que estudaram, se formaram e iniciaram a vida laboral. Helena diz que apesar de sua mãe não ter tido uma profissão, a incentivou a trabalhar e não optar por apenas cuidar de casa e ressalta que, para a época, isto era algo bastante diferente. Bianca traz em seu relato o equilíbrio para a mente que o trabalho trouxe a ela, uma forma de se organizar

psiquicamente para enfrentar os sofrimentos inerentes às condições humanas. Leda marca o trabalho como uma independência financeira, pois ela é estrangeira, vivia no Brasil com três filhos e se separou do marido que não a ajudou na criação dos filhos. Assim, o trabalho trouxe uma sustentação de forma ampla para ela e para a família. Pode-se perceber que para elas o trabalho tem um caráter emancipatório e libertário, com grande importância em suas vidas.

Todavia, alguns entrevistados mencionaram em suas narrativas algo que nos permite questionar a centralidade do trabalho, em linha com a ideia defendida por Freud (1930) da aversão natural do homem ao trabalho, em que afirma que os indivíduos não se esforçam para ter satisfação no trabalho como se esforçam em outras dimensões da vida. Gilson, ao expor sua percepção sobre o trabalho, não faz distinção de vida sem trabalho, mas não no sentido da centralidade, mas da obrigação:

> Olha, não dá pra saber se eu gostava ou não gostava, era essa a vida, a vida era o trabalho. Então não tinha se gosta, se não gosta. Você trabalha só. Você trabalha porque sempre trabalhou e todos trabalham, então não tem que gostar de trabalhar, não tinha gostar de trabalhar ou não gostar de trabalhar. E não tinha opção de não trabalhar, então se trabalha. **(GILSON)**

> Olha, sem se perguntar muito, é o trabalho. Não há que se perguntar se gosta ou não gosta, é o trabalho e se tem uma remuneração por ele e se não tiver remuneração, não tem trabalho. Então o que te atrai no trabalho? Ah é o gosto pela atividade? Não, a remuneração. O ganho que eu tenho fazendo o trabalho. Ah e se não tiver remuneração, aí acabou, aí eu não quero fazer nada. Prefiro não fazer nada. **(GILSON)**

Pedro não diz gostar do trabalho, coloca que apenas se adaptou a fazer algo que era necessário. Da mesma forma, Helena: “não sei se gostava ou não, gostava.... o que era, era o trabalho que tinha que fazer. Talvez eu preferisse estudar idiomas do que fazer o que eu fazia, mas era o trabalho”. Já na narrativa do Gilson percebe-se o conceito de que se não tiver remuneração não tem trabalho. Mesmo colocando o trabalho inerente à vida, ele não o coloca em papel depara , pois como ele encerra: se não tiver pagamento, prefere não fazer nada. No caso dos outros dois entrevistados, o trabalho já é mais declarado como uma obrigação, ou seja, se fosse possível, eles prefeririam fazer outra coisa. Para Clot (2007), mesmo afirmando que o trabalho tem papel central na vida das pessoas, sendo formador da identidade do sujeito, não se pode negar que é trabalhando que se tem a experiência dolorosa e decisiva do real. O autor afirma que esta vivência pode ser marcada por meio da obrigação de realizar a tarefa e de ser cobrado e controlado no trabalho e que por conta disso. Assim, para algumas pessoas como os entrevistados acima, trabalhar pode não ser algo confortável e prazeroso.

Outras narrativas evidenciaram o trabalho como central na vida do sujeito. No entanto, é importante o questionamento: central para quê? O que se pode perceber é que para muitos entrevistados, o trabalho se apresenta em suas vidas com certa centralidade, porém com fundamentos distintos entre eles. Marcela demonstra em sua narrativa o trabalho sendo fundamental em sua vida, não se vendo sem o trabalho, sendo este essencial para se manter viva, aprendendo sempre, adquirindo cultura. Diz que é importante "para não ficar velha, doente e mal-humorada":

> Atividade né! Pra não ficar velha, ficar doente e nem mal-humorada. Porque uma pessoa que trabalha, é viva, é uma coisa agradável. Hoje que teve aqui uma pessoa, que foi uma das pessoas que fundou esta agência. De um nível cultural que você não tem ideia. Segundo já me falaram uma das pessoas mais cultas do nosso país. Você não tem ideia de tanta coisa que eu já aprendi com ele. De conversar... e isso me agrada. E aqui me proporciona isso. E eu posso dizer pra você que o muito que eu sei, que eu tenho de cultura é por causa disso. Porque eu trabalho, porque eu viajo. E isso me agrada. Muito! Porque estou atualizada, porque mesmo sendo assim uma pessoa assim ativa. **(MARCELA)**

Guerreiro Ramos (1981) defende que a identidade do sujeito no mundo capitalista é formada a partir do trabalho e da profissão que exerce. Este é um ponto que se encontra nas narrativas dos sujeitos que veem apenas o trabalho como central em suas vidas, tudo é realizado e feito no entorno da atividade laboral.

> (...) nunca tive vontade de parar. Eu sempre trabalhei, porque é assim eu sou do tempo que não tinha celular né então por exemplo quando eu estava em Lafaiete e tomava conta de uma parte grande da empresa, então era 'ah, amanhã tem aqui um aniversário, tem não sei o que, batizado de não sei quem...' e eu tinha que avisar o escritório 'estou saindo aqui agora, estou indo para a casa de um amigo meu, o telefone dele anota aí', aí eu ia lá, ficava lá na casa do cara e avisava ele 'se tocar o telefone aí pode ser alguém lá da rede porque eu avisei que estou aqui na sua casa'. Até hoje aviso na empresa se vou viajar e onde me achar, vai que o celular dá problema. Mas enfim, eu sempre trabalhei assim igual eu te falei trabalhava, eu era o primeiro que chegava e o último que saía. Aqui na empresa, eu fiquei 11 anos trabalhando sem nenhum dia de folga. Quando eu estou dizendo assim sem nenhum dia de folga não é segunda, terça ou quarta não, é sem nenhum sábado e sem nenhum domingo, sem nenhum dia de Natal, sem nenhum ano novo, 11 anos. Tive duas férias nesse período, de quarta-feira a domingo, quer dizer 4 ou 5 dias, duas vezes. E assim mesmo quando eu viajava meu diretor tocava para mim 'Zé, como você tá se sentindo aí? Você deve estar desesperado aí, tá à toa aí, o que você tá fazendo'? Mas assim eu nunca me importei muito com isso, esse negócio de não querer trabalhar, eu acho assim... não sei se eu estou errado ou se estou certo sabe? Só que assim, o saldo que eu tenho da minha vida eu considero positivo, tanto pessoal quanto profissional. **(JÚLIO)**

Júlio evidencia o que diz Enriquez (1997) que aos poucos o trabalho e, principalmente, as empresas, vão se entrelaçando com a pessoa e com a vida delas, ao ponto do sujeito não se

ver mais fora daquele lugar, uma verdadeira captura de sua subjetividade. Tragtenberg (1980) e Enriquez (1997) afirmam que o indivíduo nunca teve tão entrelaçado com o trabalho e a vida organizacional. Neste sentido, o entrevistado demonstra várias vezes não pensar nem suportar a ideia da aposentadoria, evidenciando a todo momento não ter atividades fora do trabalho e permitindo que a empresa saiba os lugares que frequenta para acioná-lo em caso de necessidade. Toda esta narrativa demonstra a centralidade do trabalho em sua vida. Mas e o excesso dessa centralidade, o exagero, a alienação? Júlio conta ter aberto mão de férias e finais de semana por anos, evidenciando assim, lacunas do próprio sujeito, preenchidas pelo trabalho, que evita seu enfrentamento com o vazio íntimo e determinados sofrimentos.

Felipe e Aloísio colocam o trabalho como algo fundamental para o sentido da vida do homem. Aloísio fala muitas vezes em sua narrativa que o trabalho é a coisa mais importante na vida do homem, que um homem sem trabalho, é um homem que não vive. Ele conta a história que quando se casou, pediu que sua esposa deixasse o trabalho para cuidar apenas da casa e narra que ela adoeceu e, por recomendações médicas, voltou ao trabalho e se reorganizou psiquicamente. Para enfatizar como vê o trabalho, narra seu sentimento sobre alguém sem trabalho:

> Eu, quando eu vejo uma pessoa desempregada me dá uma tristeza, porque uma pessoa desempregada ele perde tudo, ele perde o estímulo, ele perde a esperança, ele perde tudo. Trabalho é esperança, energia. Então é o seguinte, você tem que trabalhar, o homem nasceu pra trabalhar. O homem no ócio é um perigo, ele pode até cair na marginalidade e pode cair na depressão, eu conheço pessoas, amigos meus que depois que se aposentaram ficaram sem atividade, entraram em depressão e morreram. **(ALOÍSIO)**

Da mesma forma, para Felipe:

> Um homem sem trabalho acho que não tem vida, não tem valor, não tem objetivo. Trabalho pro homem é, realização do homem é trabalhar (...) pensar em serviço, eu fui lá trabalhei e voltei e tô tranquilo (...) eu fico satisfeito, eu fui ver lá agora foi o que eu fiz. (...) faço até hoje, fiz buraco, botei tijolo, botei concreto, botei… é realização minha eu gosto de fazer isso aí. **(FELIPE)**

Dejours (2012b) aponta que para muitas pessoas o trabalho é o que traz dignidade ao homem e muitos tendem a pensar que estar desempregado atinge a sua moral como ser humano. Nesta mesma concepção, Souza, Matias e Bretas (2010) afirmam que a sociedade moderna tem o trabalho como uma imposição moral. As questões de dignidade e moral apareceram na narrativa de ambos os entrevistados, de forma forte e contundente. Esta pode ser uma das razões

pela qual as teorias da pulsão e da sexualidade no trabalho ainda serem pouco exploradas, como será visto na categoria sobre sexualidade e trabalho. O sujeito ainda precisa de formas muito fortes para negar sua condição humana, instintiva, pulsional, se castrando em muitos momentos, trabalhando muito, não tendo vida sem trabalho e tendo que se dignificar apenas através dele.

De acordo com pesquisa desenvolvida por Coutinho (2009) o trabalho surge como central na vida dos indivíduos. Da mesma forma, foi visto na presente tese, que os entrevistados, em sua maior parte, são a evidência que a sociedade ocidental é a sociedade do trabalho. A vida de cada um deles aconteceu nos intervalos do trabalhar. Como afirma Roesler (2012), o ser humano se reconhece *no* e *pelo* trabalho. Entretanto, neste foram identificados relatos não de uma centralidade do trabalho, mas do trabalho como apenas uma obrigação. Neste sentido, fica o questionamento se o trabalho é central ou está sendo colocado e imposto como central na atualidade.

O trabalho tem ainda uma função de manutenção financeira, sendo visto como uma questão moral, uma emancipação especialmente para as mulheres, e também um preenchimento do vazio existencial deixado no momento que o sujeito abre mão do narcisismo primário, da vivência da plenitude e da completude e vai viver o amor de objeto do narcisismo secundário. É por isto que se pode perceber neste estudo, que o trabalho aparece como central na maior parte das vezes. No entanto, ressalta-se que esta é uma busca de preenchimento do sujeito, logo este objeto poderia ser o trabalho, tratado como central, ou outro objeto que pudesse fazer esta função.

Desta forma fica explícita a noção de narcisismo secundário (FREUD, 1914), juntamente com a dinâmica do amor de objeto (ARAUJO, 2010), que buscam a sensação de plenitude já vivenciada anteriormente, no eu ideal, através do objeto de amor "trabalho", na busca do ideal de eu (GARCIA-ROZA, 2008). Ou seja, os sujeitos elegem o trabalho, central na sociedade produtivista, na tentativa de encontrar a sensação de completude, investindo libido através do amor de objeto, a este significante amplo de significados. Por isto, optou-se por subdividir esta categoria nos pontos que virão a seguir, na tentativa de aproveitar as narrativas em maior profundidade.

5.1.1 - Prazer e Sofrimento no Trabalho

Nesta categoria buscou-se aprofundar a discussão da relação de sofrimento e prazer no trabalho, não procurando evidenciar o prazer nem o sofrimento (MENDES, 1995), e sim como cada sujeito vivencia esta experiência do trabalho. Vale ressaltar que, como foram entrevistados aposentados, a visão do trabalho já é diferente do que de muitos estudos nos quais o sujeito está no meio do tempo de vida laboral. Neste momento, a investigação foi realizada com pessoas que já trabalharam muitos anos de sua vida e veem o trabalho de um lugar diferente no momento.

Mendes e Araújo (2012) argumentam que o trabalho é regido pelo princípio de realidade e, com isso, o sujeito é convocado a se encontrar com o real, deparando-se com o fracasso e trazendo à tona o sofrimento. Dejours (2012a) faz uma reflexão neste sentido dizendo que este é o preço pago por trabalhar, o encontro com a lei, o limite, a castração. No entanto, se o sujeito suporta vivenciar o princípio de realidade imposto pelo trabalho, ele tem a chance de encontrar nele, a realização de objetivos de sua vida, o prazer e uma fonte de sublimação das angústias existenciais. Neste sentido, no presente estudo define-se o trabalho como uma atividade profissional e também psíquica.

> (...) meu trabalho sempre foi bom… fora do exército né, porque no exército ou você faz ou você faz né, então dentro dessas atividades sempre foi uma novidade pra nós tá certo, e tinha aquele comprometimento, eu agradeço muito as pessoas com quem eu trabalhei, pessoas mais enérgicas, mais comprometidas com horário e com isso eu fui moldando a minha imagem e hoje eu sou um camarada que eu não tenho, apesar de eu não bater ponto nem nada, mas eu sou um cidadão que chega antes do ponto aqui tá certo, então o pessoal fica surpreso que antes da hora eu tô aqui, se houver necessidade eu fico até depois da hora, não tem problema, mas eu não tenho nem hora pra entrar nem hora pra sair. **(CARLOS)**

> Eu vibrava! Eu adorava trabalhar! Eu queria sempre aprender mais, eu queria sempre... É... Fazendo cursos... O Tribunal levava a gente. A gente ficava 15 dias lá em Belo Horizonte para aprender a gerência, aquela coisa toda... Atendimento ao público que a gente estudava com isso a relação interpessoal... Adorava isso! Adorava aprender fazer essas coisas... É... Aprimorar o meu trabalho. Chegar assim e olhar, ver o quê que "tava" ...é... Reunir o pessoal e aceitar a opinião de todo mundo pra gente melhorar o... O ambiente de trabalho, o andamento do trabalho pra que a gente não falhasse, entendeu? Mas não tem jeito isso acontece em qualquer trabalho, o erro a falha. Tudo, às vezes, é muito dificultoso porque quando você é funcionário público você não tem é... Material direito para trabalhar, entendeu? Você não tem é... Gente para trabalhar. Mas quando conseguimos passar as dificuldades e vemos que somos capazes, engrandece a gente. **(ROGÉRIO)**

As narrativas acima ilustram o que Dejours (2012a) chama de encontro com o real que o trabalho proporciona. Quando Rogério menciona que o trabalho proporcionava cursos para melhorar o desempenho, ou seja, uma cobrança para serem melhores, e que mesmo com todo investimento ainda ocorriam erros e fracassos pois eles são humanos, ele está se referindo à necessidade de lidar com a frustação do real. Superadas as dificuldades eles se sentiam engrandecidos, ou seja, é o reconhecimento do trabalho realizado e do desafio superado. Este é o preço pago por trabalhar, se frustrar, ter desafios e fracassos, porém ter a possibilidade de superar e engrandecer a própria subjetividade. Da mesma forma diz Carlos, que ter trabalhado com pessoas enérgicas, comprometidas, proporcionou a ele uma experiência profissional positiva, ou seja, por meio das exigências e encontro com a realidade imposta pelo trabalho ele sente que se desenvolveu e se tornou uma pessoa melhor profissionalmente.

Helena e Gilson dizem gostar do trabalho, mas nada com muito entusiasmo. Helena menciona um gostar tímido e logo depois afirma que não adorava, comenta talvez ter escolhido outra profissão se pensasse com a cabeça que ela tem atualmente. Da mesma forma Gilson afirma não ter uma relação de sofrimento, mas que final de semana e férias eram esperadas.

> Eu gostava de trabalhar, gostava... não adorava, não! Sabe, é... não sei, talvez se fosse hoje eu tivesse seguido uma outra profissão, talvez engenharia de produção. Não sei... ou diplomacia... não sei. Na época eram aquelas profissões clássicas né, você tinha que escolher entre uma delas né, mas assim eu gostava do meu trabalho. **(HELENA)**

> Não era de sofrimento, mas o feriado era sempre bem-vindo. Era bom de verdade, então quando não tinha que trabalhar gostava muito. Mas também não era sofrido o trabalho, não tinha sofrimento. Era rotina. E gostava do que fazia? Olha, era o que tinha pro almoço. É bom que não desgoste, pois se não sofre. Então não tinha gostar ou não gostar do trabalho, a atividade em si, não é uma atividade penosa, mas entre o trabalho e o lazer, o lazer sempre tem preferência. **(GILSON)**

Este sentimento de ambivalência em relação ao trabalho foi evidenciado por Beauvoir (1970) mencionando que ao mesmo tempo, o trabalho pode ser fonte de prazer, realização e convívio e outros sentimentos como exaustão e sofrimento. Por isto, os entrevistados se veem divididos em afirmar prazer ou sofrimento, pois os sentimentos são ambivalentes e contraditórios quando se trata sobre o tema. Gilson se mostra em várias narrativas confuso ao expressar se gosta ou não do trabalho, diante da obrigação de ter que trabalhar, ele sempre afirma, não tem que gostar ou não, tinha que fazer, então para quê pensar se gosta.

Outra ambivalência evidenciada foi do Mauro, exaltando seu entusiasmo de trabalhar e na sequencia chorou na entrevista ao se lembrar do quanto o trabalho o absorveu e ele acabou

perdendo muitos momentos com seus filhos. Ao final da narrativa ainda chama o trabalho de luta, e naturaliza a luta e absorção do trabalho dizendo que acontece com todo mundo, então é normal. Dejours, Abdoucheli e Jayet (2015) impõem que o sofrer no trabalho vai sendo naturalizado e o sujeito não vê possibilidades de ser diferente. No caso de Mauro, já aposentado e sem trabalhar, ele ainda afirma não ter outro jeito e que a vida é assim mesmo.

> Nossa…! Eu adorava! Eu mexia com engenharia. Eu, conforme te falei, eu queria engenharia mecânica, não fiz, fiz civil e, na civil, me dei muito bem. Mexia com obra. Adorava fazer obra. No período que eu trabalhei em obra, nossa senhora, eu ia com o maior prazer pra obra, eu… ah, adorava fazer o que eu fazia. Sete horas da manhã eu tava no canteiro de obras pra eu acompanhar fundação, que é o mais importante numa obra, né? Então era fazer com o maior… ih… com o maior gosto né? Nunca fui pro meu trabalho como sacrifício… **(MAURO)**

> Tem que aproveitar enquanto os filhos estão pequenos, curtir muito, porque eu não tive tanto… O trabalho absorveu… [emocionado, Mauro chorou] absorveu muito… então eu não tive, é… Desculpa. Aí a gente vai lembrando né? Vai trazendo memórias dessas coisas. Então o tempo passa e você não vê. Você fica muito absorvido no trabalho. O trabalho te absorve muito. Entendeu? Absorve muito. (...) então você… Você não aproveita… Eu acho que isso é natural, o trabalho absorve todo mundo né? Não é só a mim, todo mundo. Então a gente vai lutando ali naquela luta de trabalho, e o tempo passa, você não vê. **(MAURO)**

Para a maior parte dos entrevistados, o trabalho foi relacionado ao prazer, utilizando expressões como "eu gostava muito", "adorava", "era prazeroso", "sempre gostei de trabalhar", "nunca pensei em aposentar". E até os entrevistados que não se mostraram entusiasmados, também não relataram apenas fonte de sofrimento no trabalho.

Marcela já expressa de forma muito clara que gostava e gosta de trabalhar: "Eu acho que eu sempre gostei de trabalhar, eu descobri que eu sempre gostei de trabalhar. Não é à toa que eu trabalho até hoje". É interessante notar na narrativa da entrevistada, que ela menciona os erros e falhas no trabalho, remetendo ao princípio de realidade, e mesmo assim diz gostar do trabalho, do engrandecimento da subjetividade.

> Então eu sempre fui assim, eu sempre trabalhei com muito prazer e aqui também! Como em todo trabalho tem um dia que tem um probleminha, um pepininho, alguma coisa e a gente estranha. Mas eu trabalho com muita segurança no sentido que, quem faz as coisas direito só pode atrair coisas boas. Coisas direito entendeu? Eu erro, claro! Sou um ser imperfeito como eu não vou errar? Entendeu? Mas eu assim, a gente leva, pra você ver, tenho 23 anos trabalhando na agência de viagem. É. Bastante tempo? **(MARCELA)**

Outros entrevistados também ressaltaram uma relação prazerosa com o trabalho, como diz Alfredo: "Todos os trabalhos que tive, sempre fui com gosto, sempre gostei de trabalhar e

não tenho vergonha disso. Então como eu gostava de trabalhar foi ótimo." É interessante ressaltar o afeto vergonha utilizado pelo entrevistado, justamente quando falou de prazer, como se ele não tivesse autorização ou não fosse ético gostar de desempenhar o trabalho que realizava. Isto faz relação com o que Freud (1930) traz sobre a aversão natural do homem ao trabalho e como o entrevistado se sente incomodado diante do dilema de prazer e vergonha do prazer de trabalhar, demonstrado em sua narrativa. Esta análise também traz relação com a possibilidade de prazer trazida pelo trabalhar com a mobilização da subjetividade do sujeito, demonstrando o prazer sexual do trabalho e a vergonha de sentir isto em um ambiente que é guardado apenas para o "suor e o sofrimento", como comenta Chauí (2000), e não para o prazer.

No contexto do prazer relatado anteriormente pelos entrevistados, Freud (1930) coloca que o trabalho escolhido livremente, por aptidão da pessoa, é prazeroso e uma fonte de sublimação. No entanto, as atividades que não foram escolhidas pela afinidade do sujeito, trazem a ele uma aversão ao trabalho, sendo também causa de seu sofrimento.

Reginaldo e Carlos relatando como era sua relação com o trabalho, ressaltam um ponto importante citado por Freud (1930), que poucas pessoas escolhem o trabalho com base na sua vocação ou naquilo que realmente gostam, causando assim desconfortos com a atividade que realiza e até mesmo aversão com o trabalhar.

> Eu sempre tive uma sorte, porque eu sempre consegui fazer coisas que eu gostava Agora é o que eu falo, é um pouco diferente porque é aquilo, eu fiz o que eu gostava, me divertia, sempre falava, eu me divirto mais do que trabalho, essa é a que era a grande realidade, porque eu gostava muito do que eu fazia então era prazeroso demais, era reunião toda semana. Tinha semana que era quase todo dia, mas eram coisas fantásticas de fazer. **(REGINALDO)**

> (...) aí sim deve ser um fardo, trabalhar porque precisa, naquilo que não gosta e ainda já sendo velho, não dá. É, eu acredito, porque eu acho que o camarada, se ele tiver fazendo o que ele gosta, ele se sente feliz e sempre disposto a realizar aquilo que ele gosta, agora se você está fazendo uma coisa simplesmente esperando o retorno financeiro, você não tá feliz com aquilo que você ta fazendo, o período de tempo que você vai suportar aquilo que você tá fazendo é muito pequeno. Então a gente vê que tem muita gente, aqui dentro da, até quando a gente faz a seleção de pessoas, o camarada 'ah eu faço qualquer coisa', não, não faz qualquer coisa, tem coisa que você faz bem, satisfeito, faz feliz, então você não sente nem cansaço daquilo que você tá fazendo, enquanto o outro sofre realmente as consequências do dia a dia, porque realmente o desenvolvimento do trabalho tem dia que é muito cansativo, tem dias que você tem aborrecimento dentro do trabalho, mas tem dias em que realmente no dia a dia em si, é muito importante o trabalho. Você ter uma atividade, você sabe o que você tem que fazer, você ter uma responsabilidade pelo o exercício de uma atividade que você se propõe a fazer. **(CARLOS)**

Ronchi (2016) também comenta sobre a escolha do trabalho ser feita de acordo com a vocação do sujeito, sugerindo que quando a profissão é escolhida por outras razões, poderá ser causa de futuros sofrimentos e angústias. Morin, Tonelli e Pliopas (2003) relatam que o trabalho para fazer sentido na vida do sujeito tem que corresponder aos seus desejos de vida, sua personalidade e seus talentos. Carlos em sua narrativa faz uma crítica à flexibilidade que hoje tem sido divulgada e exigida das pessoas, "pregando" que o profissional tem que ser apto a atuar em múltiplas posições. A consequência disto tem sido pessoas procurando emprego e se dispondo a fazer "qualquer coisa", não se preocupando com o que tem a ver com sua vocação e preferência. Com isso ele conclui que estas serão o foco dos sofrimentos futuros no mundo do trabalho.

Após analisadas as narrativas que se referiram ao prazer, observou-se também na pesquisa, que outras narrativas explicitaram a visão de sofrimento no trabalho. No entanto, vale ressaltar que ao contarem os relatos abaixo, todos disseram relação de prazer e seguidamente traziam relatos com conteúdo de sofrimento, ou seja, mais uma vez a questão da naturalização do sofrimento veio à tona. Os autores Ferreira, Macêdo e Martins (2015) afirmam que o trabalho nunca traz um viés neutro, ele é fonte de prazer ou de sofrimento e pode contribuir na saúde ou doença do indivíduo.

> Aí, ficou aquela confusão na minha vida e eu comecei a entrar em stress, eu comecei a entrar naquele processo de stress. Aí, uma coisa engraçada é que naquele período, parecia que eu queria abraçar o mundo com uma mão. Eu comecei com uma rouquidão, troço engraçado! Eu comecei a ficar rouco e não tinha problema nenhum na garganta. A dificuldade para falar ... E gaguejando ... Muito estranho! Aí eu achei aquilo esquisito e fui procurar ajuda médica. O médico examinou, olhou, 'então isso aí é estafa, meu filho! Pode procurar aí, baixar a bola aí'. Aí, que eu ... o que eu posso fazer? Se eu parar de trabalhar, vou morrer de fome, ué? Então, muda seu jeito! Aí que eu comecei a voltar ao normal, mas muito tempo depois eu ainda sentia o reflexo disso. Aí eu comecei a ficar com síndrome do pânico. Como é que isso mexe com a gente, não é? Como é que atrapalha o modo como a gente se sente, como a gente vê o mundo. Aí eu comecei mesmo a trabalhar a minha cabeça, mudar um pouquinho o jeito de levar as coisas e baixar a bola. Aí, comecei a ficar mais tranquilo. **(PAULO)**

> Olha, você sabe que eu não me vejo assim sem trabalhar né. Eu gosto de trabalhar. Gosto muito. E assim, eu gosto de ser útil, gosto de ajudar, gosto de fazer, gosto de desenvolver. Então assim, se eu ficar em casa, eu sei que eu vou ficar ocioso, a não ser que corra atrás de outra coisa e tudo mais. Mas aí correr atrás de outra coisa, enfim, aí fico aqui. Enquanto o pessoal quiser me aturar ainda eu vou ficando. Mas assim é porque não sai? **(PAULO)**

> Coisa para divertir... Eu assim, gosto de viajar, gosto de passear, gosto muito. Tenho viajado muito. Comecei até, teve um período que eu pensava muito em trabalho. Muito em trabalho. E não viajava. Até assim foi parte da minha separação com a mãe dessas crianças, dos meus filhos, foi assim fui porque eu era muito envolvido em trabalho. Teve um período assim, que eu sinto muito, que foi no meu aniversário eles

> fizeram uma festa surpresa para mim e eu tava agarrado aqui no trabalho. Cheguei em casa, na hora que eu cheguei em casa, tomei um esporro. Tava uma mesa lá, tava todo mundo aqui e tal e você não veio, queria fazer uma surpresa, minha esposa falou. **(PAULO)**

Paulo, ao narrar os vários acontecimentos relativos ao trabalho, relatou estes episódios com o objetivo de apresentar a importância e o prazer que sente em trabalhar e de como o sujeito é o único responsável pelos fatos que enxerga no mundo. Vale destacar que todas as narrativas tinham relação com o sofrimento oriundos do trabalho, como estresse, doenças psicossomáticas, um divórcio, sua festa de aniversário que não compareceu. Diante disso tudo ele coloca que não consegue parar de trabalhar, pois se sentiria mal de ficar em casa ocioso, evidenciando mais uma vez a culpabilização do sujeito trazida pela psicodinâmica e a naturalização do sofrimento, muito trabalhada por Dejours. Na mesma direção, há o relato de Leda, que conta ter sido vítima de um boicote, apesar de ainda assim afirmar que teve uma boa relação de trabalho.

Laura demonstra que a relação com o trabalho era boa e ao longo do tempo, por conta da pressão, foi piorando muito. Ela aposentou por invalidez muito jovem e atribui os problemas que teve ao estresse e a muita pressão no trabalho e conta que isto foi muito ruim para ela, pois a invalidez impossibilita o sujeito de trabalhar para o resto da vida. Uma outra evidência de sofrimento exposta por Carlos, que não foi narrada pelo sujeito para exemplificar sofrimento, porém é causa de muitos problemas no trabalho, é a convicção da possibilidade e obrigação da pessoa em separar a emoção da razão:

> Hoje eu tenho mais experiência tá certo, tenho mais vivência, é vamos assim, sou menos impulsivo, (...) pra resolver um problema, mesmo aconselhando outras pessoas a resolver, você tem um equilíbrio maior, nunca fui levado pela emoção, pra não dar nenhum problema. Sempre pela razão, e isso vai nos amadurecendo e nos dando uma experiência cada vez maior. Mas em momento algum você é levado pela emoção pra solucionar um problema. Muitas vezes você fica emotivo em função dos casos que acontecem dentro da instituição principalmente com o paciente. **(CARLOS)**

Acreditou-se durante muito tempo que fosse possível separar as emoções pessoais dos sentimentos oriundos da vida do trabalho, como comenta o entrevistado, deixando-as fora de onde se está trabalhando. Essa é uma racionalidade cartesiana, a partir da qual se acredita ser possível separar corpo e alma, razão e emoção, simplificando em demasia a complexidade inerente ao sujeito ou trabalhadores. Diante dessa divisão, acaba-se por negligenciar em muitos momentos as relações pessoais, os sentimentos e o trabalho, como se fosse possível separar

uma coisa da outra, acarretando grandes sofrimentos: “Toda essa dimensão emocional introduz, é claro, uma complexidade nas análises do trabalho e em suas relações com a saúde física e mental” (SOARES, 2013 p. 161).

Conforme descrito, é possível identificar os sentimentos de prazer e sofrimento no trabalho nas narrativas dos entrevistados. Nesta linha Dejours (2004; 2012) reforça que apesar do encontro com o fracasso, devido ao princípio de realidade regida pelo trabalhar, é possível transformar sofrimento em prazer no trabalho, através do reconhecimento simbólico, ou seja, a identidade do sujeito se inscreve no trabalho, logo reconhecer como positivo o trabalho que executa, constitui-se como um elemento que contribui para a satisfação do sujeito. Neste sentido, duas narrativas elucidaram bem a questão do reconhecimento simbólico, apesar dos dois exemplos referirem-se a sentimentos opostos: o sentimento de reconhecimento e o não reconhecimento. Primeiramente, o sentimento de “gratidão” explicitado por Aloisio: “Bom, então foi um período de muito trabalho, esforço e de muita gratificação também. A gratificação é o que motiva continuar”. Já na narrativa de Leda, o sofrimento gerado pela falta de reconhecimento no trabalho: “(...) foi muito ruim não ser reconhecido o trabalho que a gente fazia”.

Ainda sobre a relação entre sofrimento e prazer no trabalho, verificou-se nas narrativas, como também na literatura (FREUD, 1930; DEJOURS, 2012; RONCHI, 2016), que possivelmente os sentimentos positivos e negativos atrelados ao trabalho têm relação com a vocação do sujeito em poder escolher trabalhar no que gosta e se realizar na atividade que executa. Ou seja, a princípio não se pode afirmar que há uma relação direta entre o tipo de profissão e a satisfação ou insatisfação com o trabalho e sim uma relação com a aptidão do sujeito com a atividade que realiza.

Nesta categoria também se reafirma a centralidade do trabalho na vida dos entrevistados e que o processo de trabalhar e de se aposentar são movimentos carregados de sentimentos ambíguos e contraditórios. Uma questão que se abre com as categorias “Trabalho” e “Prazer e Sofrimento no Trabalho” é se o trabalho é imposto como central e assim os sujeitos se moldam para tê-lo desta forma ou se realmente as pessoas o sentem como central em suas vidas. Outro ponto que se pôde mais uma vez perceber nesta pesquisa é que a relação com o trabalhar não irá refletir diretamente com o parar de trabalhar, ou seja, o fato de ser prazeroso trabalhar não necessariamente acarretará uma aposentadoria difícil e vice-versa. Diante das narrativas acima conclui-se, como expressa Dejours (2004; 2012), que de antemão, não é possível compreender

que o trabalho seja fonte de sofrimento ou prazer. Esta resposta vai partir da experiência individual e singular de cada sujeito.

Na categoria seguinte será explorada a relação social trazida pelo trabalho e o sentimento de exclusão trazido pela aposentadoria.

5.1.2 – Trabalho, Laço Social e Exclusão Social

O trabalho tem uma centralidade psíquica e social na vida do sujeito (MENDES E ARAÚJO, 2014). O laço social que o trabalho proporciona é evidenciado por diversos autores deste estudo, por isto nesta categoria *a priori,* procurou-se investigar se o laço social tinha sido vivenciado pelos entrevistados e se a aposentadoria traz consigo a sensação de exclusão. Deve-se considerar, nesta análise, que para Freud (1930) o trabalho desloca energia libidinal de diversas instâncias da psique para os relacionamentos e que para Bendassolli e Soboll (2011) o trabalho é uma atividade simbólica e constitutiva do laço social, uma atividade social que vai além da tarefa.

Desta forma, optou-se nesta categoria por explorar os laços sociais estabelecidos pelos sujeitos no trabalho, assim como a exclusão social marcada pelos sujeitos oriunda da aposentadoria. Estas duas posições sociais, seja o convívio ou a exclusão, apareceram de formas entrelaçadas, não sendo possível separar uma da outra.

Em relação ao laço social proporcionado pelo trabalho, Laura conta que ao se aposentar sentiu que: “a maior perda foi o convívio social”. Bianca segue a mesma linha ao apontar a falta que sente dos colegas, e do afastamento deles após a aposentadoria. As narrativas das entrevistadas vão ao encontro do que diz Dejours (2012a) quando o autor menciona que o trabalho não se resume apenas a uma atividade, é também uma relação social, é experimentação do mundo social. É importante destacar, neste sentido, que as duas entrevistadas têm filhos e se mostraram felizes de poderem se dedicar mais a eles com a aposentadoria, no entanto não deixaram de se sentirem excluídas ao pararem de trabalhar.

Felipe também traz em sua narrativa: “sinto a falta, não do serviço e da chefia, e sim dos amigos”. Ele menciona sobre a cumplicidade com os colegas de trabalho, onde em suas viagens como maquinistas, ficavam fora de casa muitos dias, dividiam dormitório, conversavam e jogavam baralho na copa e compartilhavam prazeres, sofrimentos e defesas como mencionam Mendes e Araújo, (2014). Gaulejac (2007) fala do trabalho como uma obra coletiva e uma

oportunidade de convívio com as pessoas. O entrevistado ilustra esta fala mostrando que mesmo depois de aposentarem, o grupo faz questão de se encontrar, deixando claro que esta é a parte que sente mais saudade com a aposentadoria, o convívio social.

Elder comenta também sobre o convívio: "saí tranquilo, a gente sente falta dos colegas, mas eu voltava sempre lá pra bater um papo, depois o pessoal foi aposentando também e hoje, tem gente que tá lá que eu nem conheço mais". E Paulo acrescenta:

> E outra coisa porque não aposentei, eu ia ficar muito solitário em casa. Aqui eu tenho amigos, eu converso muito, tem os estagiários, eu brinco muito com eles. Chegou um estagiário novo a gente fica brincando e tal, até para ele se sentir mais à vontade. E faço amizade, procuro ajudar. **(PAULO)**

Guerreiro Ramos (1981) afirma que o trabalho confere ao sujeito uma participação social e uma possibilidade de inclusão em grupos de pessoas. Isto é evidenciado pela narrativa do Elder quando conta que voltava ao fórum para rever os colegas, até que todos se aposentaram e atualmente se encontram no centro da cidade para conversar. E também por Paulo quando comenta que já é aposentado e não quer parar, pois sente que ficará muito solitário sem o convívio com as pessoas da empresa.

Em relação à exclusão social narrada pelos entrevistados, Marcela traz esta percepção de exclusão, na mesma linha da fala da Leda e Sávio:

> Com certeza tem esta parte social, é a mais importante do trabalho! 'Pelas primeiras vezes que eu voltei ao banco sabe aquela coisa que era uma família, todo mundo alegre, todo mundo amigo e quando você volta... você é outra pessoa. Aí é uma empresa. Aí eu vi que aposentou já muda de figura, você fica excluída. (...) Acabou. Eu tenho medo disso... desse acabou! Ah, eu sinto muita necessidade ainda assim: de convívio, de participação, eu tenho medo disso acabar. E eu ficaria muito infeliz se soubesse que alguém se esqueceu de mim. **(MARCELA)**

> É... Perdi o contato com colegas, com alunos, isso realmente isso sim gerou um pouco vazio, as vezes eu fico brincando com a empregada meu telefone não toca mais, antes tocava o tempo inteiro. É... até pensei que com colegas ia ficar mais amizades, mas a vida vai separando, isso aí eu sinto falta... do contato com alunos, com colegas... eu sinto falta. (**LEDA)**

> É, você não estando em atividade, isola. A não ser se você permanecer nos acontecimentos sociais, mas do trabalho, você no trabalho você tem um vínculo muito grande, é com empregado, é com freguês, é com o sócio, é com o fornecedor. Então toda hora você tá em atividade. É um ciclo que nunca se fecha, agora depois que aposentou, parece que o ciclo fechou. Esse é o drama, se sentir excluído. **(SÁVIO)**

Morin, Tonelli e Pliopas (2003) trazem que o convívio social e a possibilidade de relacionar-se com outras pessoas são razões importantes que fazem o sujeito ter um trabalho.

Marcela conta que ao retornar ao antigo trabalho para visitar quando se aposentou, sentiu-se excluída, como não pertencente àquele lugar mais. Ela ainda deixa uma fala sobre ter medo "deste acabou", mencionando sobre a finitude tão temida que aparece com o fim do trabalho e agora com a possibilidade do fim do convívio social. Leda narra um vazio deixado pela não procura dos alunos e colegas que ela imaginava que poderia manter contato e amizade, ou seja, o convívio social de alguma forma ajuda a não deixar evidente essas lacunas existenciais dos indivíduos. Sávio se mostra com sentimento de exclusão e de não ser importante mais. Mucida (2006) enfatiza que por conta das conotações negativas causadas pela aposentadoria e o sentimento de exclusão social, esta é uma etapa que merece muita atenção na vida do indivíduo, para que o mesmo não desencadeie doenças e consiga transpor esta passagem de forma saudável para si.

Gilson e Aloísio, além de destacarem a importância do convívio social, colocam a questão do sentimento de perda do poder. É importante ressaltar que os dois sujeitos exerceram cargos de direção. Para Dejours, Abdoucheli e Jayet (2015), o trabalho e as posições hierárquicas trazem este espaço para o desejo e que ficar sem este lugar pode ser realmente sentido e sofrido para quem já esteve naquela posição:

> Agora uma coisa é certa: o sentimento de você perder o poder é muito grande. O poder da atividade que você exercia. Então isto é uma coisa muito latente mesmo. Perder o poder do relacionamento com as pessoas, de você poder decidir alguma coisa, poder ajudar as pessoas naquela atividade em que você estava. Então isto se perde. Perde... se você está numa atividade, vai ter sempre alguém dependendo daquela atividade, sempre vão recorrer a você, muitos vão recorrer a você. E agora já não recorrem mais. **(GILSON)**

> Sente, sente que agora se você não tem o próprio network, o relacionamento com as pessoas, aqueles que se aproximavam de você por você ser próximo a outros, já não se aproximam mais. Pois você não tem nada mais a oferecer em termos de oportunidades, em termos de trabalho, em termos de poder ajudar ou fazer alguma coisa. **(GILSON)**

> Aposentar… E parar as atividades de trabalho.... Você não pode parar as atividades sociais. O aposentado que fica em casa de pijama o dia inteiro vendo televisão, vendo novela, ele vai definhar. Então o homem tem que ter atividade, então aposentar totalmente eu acho que é ruim. Exclusão social é perigoso. Você quando aposenta, principalmente quando você exerce um cargo de direção, você leva um baque muito grande. Porque a sociedade só vê prestígio nas pessoas que tem poder de mando ou que tem cargo. Você depois que aposenta primeiro você é segregado de seu núcleo de relações. Os seus colegas de trabalho, você perde aquele núcleo, você fica sozinho, tá certo. Você larga aquele núcleo e fica sozinho. Se você não arruma outra atividade, você vai murchando, você não é convidado mais pra uma solenidade, você não é convidado mais pra um casamento, você não é convidado pra uma inauguração, você é banido. (**ALOÍSIO**)

França (1999) ao falar sobre a perda de poder e *status* comenta que passado um tempo da aposentadoria, a realidade da exclusão social vem à tona, trazendo ao sujeito a necessidade de recuperar o *status*, o poder que era exercido anteriormente e voltar a ser procurado por suas habilidades laborais. Isto foi evidenciado pelos entrevistados acima, como perder o poder e não ser procurado por suas habilidades profissionais, foi sentida por eles. Isto é o que se chama do lugar fálico, o lugar de importância e do prestígio. O sujeito se ver sem este lugar pode levar ã sensação de impotência ou inutilidade, que serão tratadas na categoria Sexualidade e Trabalho. O lugar fálico faz relação com o narcisismo primário e secundário, que é a busca pelo amor e a importância sentida pelo sujeito, através da mãe. A partir desse lugar, o sujeito tenta com o amor de objeto, viver novamente essa sensação, ou seja, precisa abrir mão de estar neste lugar fálico para a mãe sob a necessidade de ascender ao estatuto de sujeito, e continua esta busca através de outras encenações da vida e o trabalho, sendo o cargo e o poder algumas dessas cenas. Gilson chama de perder o lugar dos relacionamentos, as pessoas não vão recorrer a você e Aloísio coloca que a sociedade só vê prestígio em quem tem poder de mando ou quem tem cargo, que quem não tem outra atividade não é convidado para mais nada e é banido. Estas são as formas que os entrevistados evidenciaram a perda deste lugar fálico.

A maior parte dos entrevistados, ao falar das perdas relativas à aposentadoria mencionam o laço social, ou seja, o convívio com as pessoas no local de trabalho. Como afirma Dejours (2012a), através do trabalho se tem a construção da identidade no campo social. Como já mencionado no presente estudo, trabalhar e aposentar trazem sentimentos ambíguos e o trabalho ocupa um lugar importante na vida das pessoas e esta categoria veio evidenciar que a parte mais ressaltada pelos entrevistados é a questão da relação social do trabalhar e da exclusão social do não trabalhar. Estas afirmações reforçaram o trabalho como formador da identidade do sujeito e também da identidade social (SOUZA, MATIAS e BRETAS, 2010; DEJOURS, 2012a). Esta conclusão é evidenciada por Beauvoir (1970) ao argumentar que no trabalho sempre há sentimentos contraditórios, sejam eles de sofrimento e cansaço e ao mesmo tempo de realização e convivência social.

Souza, Matias e Bretas (2010) afirmam que estar trabalhando para o idoso é a possibilidade de estar socialmente incluído, caso contrário, ele sente claramente a exclusão, o que também se pode concluir desta categoria. E por fim, diante das evidências e dos pontos mencionados, conclui-se que aposentadoria traz a morte social do sujeito, sendo esta realidade importante de ser observada e cuidada neste processo como menciona Barreto (2012).

Na próxima categoria é tratado o trabalho como fonte de sublimação, um dos destinos das pulsões sexuais dos indivíduos e uma das possibilidades que o trabalhar proporciona ao sujeito.

5.1.3 - Trabalho como Fonte de Sublimação

A categoria trabalho como fonte de sublimação também emergiu das evidências trazidas pelos entrevistados, e nela pode-se perceber a importância mencionada do trabalho na ajuda para lidar com questões da vida e do cotidiano, realizando a descarga de energia psíquica, trazendo equilíbrio e prazer ao sujeito, ou um mínimo de conforto para prosseguir na caminhada da vida (FREUD, 1930).

No entanto, já foi evidenciado neste estudo que o trabalho coloca o sujeito em confronto com o real e isto o faz encontrar a sensação de fracasso. Porém, ao trabalhar e mobilizar a subjetividade, o aparelho psíquico se utiliza deste esforço para dar um dos destinos previstos das pulsões sexuais que é a sublimação. Como explica Dejours (2012a):

> O prazer no trabalho passa pelo confronto com a resistência do real, a qual oferece de início o nascimento da experiência subjetiva e afetiva do fracasso que revela da desagregação e provoca a excitação. A mobilização da inteligência do corpo abre uma via em que a provação da subjetividade é procurada na elaboração, ou seja, na ligação pelo pensamento. A economia do livre esforço é da alçada da sublimação pulsional e do gozo, ou seja, um gozo secundário, um gozo que procede do que advirá e da volúpia do Eu que se amplia. (DEJOURS, 2012a p. 157)

Júlio expressa em sua fala como o trabalho o ajuda a não ficar pensando em "alguma coisa fora" mantendo o foco no que está fazendo:

> (...) aqui a gente ainda tem tanta atividade, que não dá muito tempo da gente pensar em alguma coisa fora, um problema, um sofrimento... é o que eu te falo, meu trabalho não é um trabalho de assim uma coisa só, de repente abre uma porta, uma coisa nova aqui, uma coisa nova lá, diretor quer uma coisa aqui outro quer lá, alguém te pergunta uma coisa. Aí você tem que ficar o tempo todo naquilo ali estudando, você passa ali um período focado naquela, focado naquele problema tentando ter um resultado, entendeu? **(JÚLIO)**

Da mesma forma, José fala da contribuição que o trabalho traz para que ele não fique "pensando bobagem":

> Essas atividades fazem com que eu não fique pensando bobagem. Porque cemitério vazio é oficina do demônio. Eu acho que você tendo uma atividade ela preenche a tua vida, porque as vezes você tem problemas como todo mundo, mas a gente enfrenta de maneira diferente. Quando você entra na sala de aula você já... Seus problemas desaparecem você se concentra naquela atividade e vai fazendo isso diariamente, aliviando as coisas da vida. **(JOSÉ)**

Os dois entrevistados, sem se apropriarem do termo técnico, atrelam o trabalho a uma fonte de sublimação que os ajudam a ocupar suas mentes e passarem pelos desafios da existência humana. Júlio deixa isto claro ao explicar que o trabalho o coloca diante de várias atividades o tempo todo, ajudando-o a não lembrar dos problemas e sofrimentos, que ele também chama de "alguma coisa fora". José afirma que quem tem um trabalho consegue passar pelos problemas da vida de forma diferente e exemplifica dizendo que quando entra em sala de aula, ou seja, inicia seu trabalho, "os problemas desaparecem", "aliviando as coisas da vida". Na verdade, esta é a forma dele expressar o processo de sublimação que ocorre ao trabalhar, onde ele tem a sensação do problema sumir. Ou seja, é uma forma de permitir a psique elaborar os acontecimentos enquanto o sujeito foca sua atenção em outa coisa. Tal estado provoca uma sensação de alívio, que seria a descarga psíquica de energias pulsionais, trazendo uma sensação de bem-estar e satisfação, exemplificando o que Mendes (1995) argumenta sobre a importância do trabalho como fonte sublimatória das angústias existenciais e também como mantenedor do equilíbrio mente e corpo para o sujeito.

Dalva conta que seu marido faleceu quando ela era muito nova e suas duas filhas tinham 1 e 3 anos. Na narrativa faz questão de evidenciar como o trabalho a ajudou a vivenciar este período turbulento em sua vida.

> (....) tive aquela licença e depois quando perdi meu marido em 76 eu retornei dois meses depois que ele havia morrido eu retornei por necessidade e dupla necessidade, eu achei, eu cheguei nessa conclusão sozinha seria a forma que eu preencheria minha vida, preencheria minha cabeça com outras coisas pra não ter nenhum tipo de problema, que eu tinha que ser muito forte pra continuar na minha luta com minhas filhas de 3 e 1 ano. Então eu falei vou trabalhar porque aí eu preencho esse lado, foi ótimo! Muito Bom! Eu não tenho a menor dúvida que o trabalho me ajudou a passar por este período. (...) então pra mim era tipo relaxamento, então na minha horinha de trabalho eu aliviava isso e pedia muito a Deus pra me mostrar o melhor caminho pra conduzir. **(DALVA)**

A entrevistada ressalta que a primeira coisa que fez por vontade própria, após a morte do marido, foi retornar ao trabalho do qual se encontrava licenciada. E diz que foi lá que viveu o luto da perda e se reergueu para seguir a vida e cuidar das filhas, sozinha. Desta forma, a

atividade laboral contribuiu para a transição do que ela era, esposa e mãe de duas filhas para viúva, trabalhadora e mãe solo de duas filhas. Freud (1930 p.88) expõe que "A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de forças pulsionais persistentes ou constitucionalmente reforçadas". Este trecho da citação de Freud explica o que Dalva trouxe narrando sua história, onde expõe que, espontaneamente, quis retornar ao trabalho após sua licença por acreditar que trabalhar a ajudaria a superar o sofrimento. Freud (1930) explica que o trabalho que é realizado por vontade do sujeito traz esta possibilidade de sublimação através de forças pulsionais que eram dirigidas para figuras parentais a fim de satisfação imediata, para uma atividade social que se satisfaz de forma mais altruísta.

Para Marcela, "Uma das coisas que me dá muito medo e que enquanto eu estou trabalhando eu não penso: é ficar sem a minha mãe! Eu não comento isso com as pessoas, mas é uma coisa que me perturba". E ela continua a narrativa:

> Ah eu não gosto de pensar no futuro não. No início da nossa conversa aqui eu te falei isso. Que eu gosto mesmo de viver hoje. Tá? A única coisa que faço, eu sou espírita. A única coisa que eu procuro fazer é ter uma vida boa, digna pra eu merecer alguma coisa boa. Eu não tenho filhos, eu não casei. Eu tenho sobrinho. Mesmo filho não quer dizer nada né? Então eu, claro, eu tenho uma certa preocupação de ficar sozinha, né? Um dos motivos também que eu trabalho é que enquanto eu estou aqui eu não penso em oura coisa, eu não consigo pensar em outra coisa. né? Você fica centrada no que você tá fazendo. E claro você tem momentos assim mais folgados e tal. Mas, eu não é, como que se fala? Eu não fico pensando em outras coisas. **(MARCELA)**

É possível perceber na fala da entrevistada, o papel sublimatório que o trabalho exerce em sua vida ao demonstrar que trabalhando se sente menos perturbada do medo de sua mãe morrer, medo de ficar sozinha e do medo de não "merecer alguma coisa boa" após a morte. Pode-se perceber nesta categoria, que mesmo sem utilizar o termo sublimação, os entrevistados mostraram claramente como o trabalho os ajudaram a passar por momentos difíceis e continua contribuindo, trazendo uma ocupação para a mente e um conforto para o aparelho psíquico do sujeito.

Conclui-se esta categoria com a ideia de Dejours (2012b) exposta no livro Trabalho Vivo, que ao pesquisar sobre o trabalho na vida do sujeito, o autor encontrou também o trabalho psíquico e expôs que o trabalho vivo não tem um fim apenas em produzir e sim também de transformar-se a si próprio. Essa conversão pode ser chamada de sublimação, ampliando a

subjetividade e possibilitando a realização de si mesmo, ou seja, realização do próprio indivíduo com aquilo que faz.

5.1.5 – Sexualidade e Trabalho

A categoria sexualidade e trabalho emergiu das entrevistas, no momento em que os sujeitos da pesquisa atrelaram o trabalho à atividade e a aposentadoria, à inatividade. Diante de algumas narrativas pode-se observar que, sem saber ao certo do que falavam, estavam relacionando o trabalho com a sexualidade do indivíduo, utilizando-se expressões e palavras: "aposentado é inútil", "trabalhar rejuvenesce e mantém ativo", "impotente", "inativo", "não pode parar", "força física", "braço forte", "virilidade", "ficar um bobo dentro de casa", "um homem sem nada é horrível", "se ficar em casa vou engordar", **"**quero produzir", "um homem inútil não vive", "trabalho é força e energia", "homem nasceu pra ter atividade".

A partir disto iniciou-se uma busca sobre estudos, artigos e livros que relacionavam o tema trabalho e sexualidade e o que foi encontrado, na maior parte, era a sexualidade discutindo gênero no trabalho, como já explicitado no referencial teórico desta tese. Dessa forma, foi necessário um aprofundamento nos estudos sobre a mobilização da sexualidade através da lente da psicanálise (FREUD, 1905; FREUD, 1915b; FREUD, 1912) e da mobilização do trabalho (DEJOURS, 2012) pela psicodinâmica do trabalho, tentando entender onde poderia estar a relação da sexualidade com o trabalho.

Por esta razão, no capítulo de Introdução da presente tese, já é colocada a visão de Dejours (2012a), mencionando que a teoria do trabalho e a teoria da pulsão, analisadas em conjunto, ainda foram pouco exploradas. O autor enfatiza a importância de estudar as relações entre o corpo e o funcionamento psíquico, destacando que: "Ali, onde buscávamos o corpo, será, em realidade, o trabalho que descobriremos!" (DEJOURS, 2012a p. 58).

Assim, utilizando-se de um aporte teórico sobre a sexualidade, encontra-se que a pulsão é uma força constante, poderosa, indeterminada, própria dos seres vivos, que não tem hora nem lugar para se manifestar, aparece a todo momento, à revelia da vontade do sujeito (HANNS, 1999). Freud (1915b) classifica as pulsões originais em dois grupos: as pulsões do eu/ego e as pulsões sexuais.

Garcia-Roza (2009) explica que as pulsões do ego são regidas pelo princípio de realidade, conforme já abordado anteriormente por Dejours (2012a), o qual menciona que o

trabalho coloca o sujeito de frente com o real. Logo, percebe-se que as pulsões do ego e o trabalho são regidas pelo mesmo princípio e que existe investimento de libido no objeto de amor 'trabalho'.

No caso da pulsão sexual, há três destinos distintos, sendo a sublimação um deles. Ou seja, na impossibilidade da realização do sujeito com o objeto sexual ideal (o incesto), a pulsão desvia seu destino encontrando uma descarga de valor social, a sublimação (NASIO, 1999). Na sublimação, existe uma mudança do objeto sexual para o não sexual (o social), considerado neste estudo como sendo o trabalho, como visto na categoria "trabalho como fonte de sublimação".

Com base na psicodinâmica do trabalho, que tem a psicanálise como um de seus três pilares, pode-se entender que a subjetividade mobilizada pela sexualidade é a mesma mobilizada ao trabalhar. Para Dejours (2012b p.27) "O corpo como um todo, e não apenas o cérebro, é o fundamento da inteligência e da habilidade no trabalho. O trabalho revela que é justamente no corpo que reside a inteligência do mundo e é em seu corpo que o sujeito investe no mundo para torná-lo seu, para habitá-lo".

Sávio, ressaltando sua inquietude enquanto aposentado: "Oh, isso aí é um conflito que quando a **pessoa aposentada tem**, que ela torna-se... que ela começa a **se julgar inútil**, **impotente**". Na fala do entrevistado, percebe-se o sentimento de tornar-se inútil, impotente, alinhando-se com o que Messy (1999) constata, que a velhice coloca o sujeito não se vendo mais como objeto de desejo, ou seja, não se vendo como importante e desejável para si e para o outro. Nesta direção, Mucida (2006) complementa que ao aposentar e se sentir envelhecido, o sujeito experimenta perdas relativas ao desejo, podendo ocasionar uma ferida narcísica grave e um desinvestimento de si, causando consequências que merecem ser observadas, como não se ver útil e digno de merecer coisas boas.

José relata sobre a atividade docente para ele: "Porque para mim é muito prazerosa essa atividade. Eu acho que a **atividade do professor depois de certa idade mantém ativo**, **isso faz com que ele rejuvenesça**, **faz com que ele sempre tenha interesse na vida** né?!" Ele ressalta que além do aposentado que parou de trabalhar sentir falta de atividade, a sociedade à sua volta também o julga inútil por não produzir nada.

> (...) olha, hoje eu estaria mentindo se eu dissesse que eu não penso em aposentar. Mas eu penso em uma aposentadoria onde eu pudesse ter é... Manter uma atividade acadêmica, porque eu não sei como seria isso de eu viver em casa sem ter outras coisas para fazer. (**JOSÉ**)

> Não tenha a menor dúvida! **Ficar ativo faz a gente se sentir forte**. Meu caso particularmente**, eu me mantenho**... Eu acho que é uma questão de você ter um interesse pelo que você faz. Se for prazeroso essa questão flui. Agora, se for um fardo que você colocou que o cara trabalha primeiro por necessidade, segundo porque ele é obrigado, terceira porque ele sente que na idade dele ele não teria opções de sair daquele trabalho para outro, isso deve ser muito complicado. **(JOSÉ)**

O entrevistado, ao falar do seu trabalho, expressa que a docência o faz sentir-se jovem, ativo e o ajuda a manter o interesse pela vida. Em outro momento diz que se manter ativo o faz sentir forte e em seguida utiliza a expressão 'eu me mantenho'. Estas palavras, frases e expressões demonstram como o trabalho remete a questões da própria sexualidade humana, mesmo que o sujeito não se dê conta deste paralelo. Neste sentido, demonstra que o trabalhar mobiliza a subjetividade contribuindo para que a pulsão sexual seja mobilizada e haja uma descarga, encontrando a possibilidade de sublimação (DEJOURS, 2012a), trazendo esta sensação de prazer, fortaleza e virilidade.

Elder fala sobre ter atividade e não "vestir o pijama":

> Eu acho o seguinte, pra quem vai aposentar porque já tem uma certa idade **a única coisa que não pode é parar**, **se parar eu acho que adoece**, se você ficar dentro de casa, porque tem muito aposentado que tem aquele problema que eles falam, a pessoa vestiu o pijama, ai eu acho que começa a preocupar, sei lá, aparecer as doenças, porque eu acho que você tem que ter a vida mais ou menos movimentada, nem que você saia andando a toa por ai, vai pro parque Halfeld, vai onde você quiser mas você não pode ficar dentro de casa. **(ELDER)**

Nascimento *et al* (2016) em pesquisa com aposentados, constatam que trabalhar os faz sentir vivos, produtivos e com bem-estar físico, emocional e mental, corroborando com a ideia do Elder, que mesmo estando aposentado, ressalta a importância de não parar para não adoecer.

Quando a pesquisadora perguntou ao Felipe se ele poderia participar da pesquisa, que ela estava conversando com aposentados, ele disse que poderia participar da entrevista sim, só que **ele era aposentado ativo**, e fez um **gesto mencionando força física**, **braço forte, virilidade**. E pode-se perceber nesta frase, que o entrevistado novamente fala do físico, de ficar gordo: "(...) é... fazendo um biscatinho, vou ali… **não paro não**. O que eu sinto é que **se eu parar eu vou engordar** não sei o que, **vou ficar um bobo dentro de casa**, eu não fico não, eu não paro. Você ficar sem fazer nada é horrível, **o homem sem nada é horrível**".

É perceptível que o sujeito ao falar do trabalho fez relação com sua sexualidade, sua força física, disposição, entre outras frases que foram grifadas no parágrafo, trazendo a evidência da relação sexualidade e trabalho. Outro ponto relevante que o entrevistado menciona

e que Bruns e Soares (2007) identificam é que o envelhecimento, aqui acentuado pela aposentadoria, traz o temor da finitude da vida, relacionada também à sexualidade humana, principalmente quando se fala do envelhecer do corpo, remetendo aos conceitos de juventude, estética e beleza, tão valorizados na sociedade narcísica (LASCH, 1983; BARRETO, 2012).

Júlio comenta que: "(...) hoje em dia ninguém respeita o aposentado **inativo** que não tá trabalhando, é por isso que eu falo assim, não eu não quero passar por isso". Marcela comenta um fato que sentiu: "Olha, eu vou te falar a partir de quando eu sai do banco, me olhavam como se a gente fosse **inútil**, não fosse **interessante**."

Gilson comenta que quando se aposentou disse a todos os colegas na festividade de despedida, que seria aposentado, porém **inativo nunca**, mais uma vez unindo sexualidade e trabalho, e acrescenta:

> Muitos colegas se aposentaram um pouco mais cedo, eles tiveram sempre uma chateação de não ter outra atividade. Não pode ser regra, mas a aposentadoria nova, não é uma coisa boa. Uma pessoa nova **sem produzir nada pra vida é muito ruim** e chega a ser um mau exemplo pros novos que estão começando. **(GILSON)**

Ainda complementa que o ideal é que quando chegasse a hora de aposentar, a pessoa pudesse continuar fazendo algo, sem o ritmo de antes.

> Que pudesse continuar produzindo, **sendo útil**, mas respeitando as possibilidades e a capacidade física que o velho tem. Não tem o mesmo **vigor da juventude**, mas pode fazer muita coisa. Então se encontra uma forma de aproveitar o velho de usar aquilo que ele pode fazer. **(GILSON)**

Na mesma direção da fala do entrevistado, Siqueira, Botelho e Coelho (2002) expõem que o aposentado se percebe de produtivo para improdutivo e de ativo para inativo, acarretando uma mudança brusca no seu status para si e para a sociedade. Dejours (2012b), ao comentar sobre o "pendurar as chuteiras", refere-se a uma forma de dizer da aposentadoria e menciona a importância crucial para a psique de se sentir útil. Complementa que, para a saúde mental, ficar sem trabalho é muito perigoso. O sujeito se sente inútil, como aparece em diversas narrativas dos sujeitos pesquisados.

Paulo tem filhos, netos, é divorciado da esposa e quis deixar claro na entrevista que ainda tem várias namoradas: "E essa parte de ociosidade, de ficar em casa parado, não é legal. Eu acho também que eu **quero produzir**, enquanto tiver com saúde né eu quero produzir. Me **manter ativo**". Sikota e Bretas (2012) afirmam que trabalhar coloca o sujeito na situação de

ativo. Mori (2006), em pesquisas realizadas com aposentados, coloca que o trabalho trouxe a eles o sentimento de utilidade e de estar em atividade.

Rogério tem 61 anos, uma esposa bem mais jovem que ele, com filhos ainda pequenos. Ele conta que isso também influenciou muito seu mal-estar de ficar sem fazer nada após a aposentadoria.

> (...) eu vou te falar que isso influenciou bem. Influenciou bem. Porque eu não queria que eles **me vissem como um aposentado dentro de casa** aqui. Seria difícil para eles. Eu acho que seria difícil para eles porque os **pais dos amigos trabalham, são mais jovens**, né? Então, isso influenciou muito eu continuar, porque senão eu ia parar. Eu ia... Vamos dizer assim... Travar uma engrenagem, um treco qualquer... **Eu ia parar**. Não estou falando assim que eu iria ficar doente, qualquer coisa assim, não. Mas era uma coisa difícil. **Todo mundo agitado, aquela coisa toda, todo mundo saindo e eu? E eu aqui sentado**? Não, eu vou correr atrás também junto com todo mundo. Eu quero que eles vejam, né? **Os meus filhos vejam eu aqui ativo** porque realmente eles não viram foi pouco tempo. **(ROGÉRIO)**
>
> Eles eram bem pequenos, mas eles iam lá. Eles iam no Fórum ver o meu trabalho ver aonde que eu trabalhava e coisa e tal. Isso era importante, né? É... Antigamente, o mais novinho, antes logo depois que eu aposentei, ele falava "o pai é aposentado" ... Já esqueceu. Agora ele fala "o pai é advogado. Sabia? Meu pai é advogado". Olha só, como é que eu ia ficar numa situação dessa? Para você ver o quê, como é que estava na cabecinha dele "o meu pai é aposentado" quê que é isso? Que chato, hein falou pro coleguinha dele lá "o quê que seu pai faz?" "é aposentado", não agora ele fala "meu pai é advogado". **(ROGÉRIO)**
>
> **Eu era um inútil**. Porque eu levava as minhas crianças para escola e quando eu chegava lá na cantina que eu deixava lá, os meus amigos estavam todos indo trabalhar, às vezes, mais velhos do que eu e eu ia voltar pra casa pra fazer não sei o quê... eu...passar uma roupa... Ou ver a sessão da tarde... Quem sabe até dormir? Isto foi me perturbando. Ah, não... Não dava. Só aquela coisa lá dos meus amigos irem trabalhar e eu chegar lá e encontrar com eles, bater papo, "Ah, bom pra você. Você vai pra casa agora" aquela coisa e tal... Começou a me incomodar. Já começou a me atrapalhar o negócio e eu também achando... Não gostando disso. (**ROGÉRIO**)
>
> Não preciso de correr atrás, mas tudo que vem é bom, né? Ajuda pra caramba. E eu estou assim **mais ativo** mentalmente. Eu não parei. Eu acho que se eu ficasse sem fazer nada você para de usar a sua mente. Você fica mais... Você vira um robô. Vai ficar na mesma coisa ali. Fazendo a mesma coisa. Você exercer a profissão de advogado, profissional do Direito, você trabalha, você estuda muito, você lê, lê muito, a lei muda toda hora. **(ROGÉRIO)**

Roesler (2012) ressalta que quando o sujeito experimenta a aposentadoria, experimenta também sentimentos contraditórios, pois se sente livre de horários e atividades laborais rotineiras. No entanto, é enquadrado ao status de inativo e desvalorizado como improdutivo perante à sociedade, como exposto também na narrativa de Rogério. Este entrevistado evidenciou um ponto relevante para aguçar o mal-estar na aposentadoria e a sensação de

inatividade, que é ter uma esposa jovem e filhos ainda pequenos, ele mesmo comenta como que alguém poderia perguntar a profissão dele para os filhos e eles dizerem aposentado.

Carlos expressa que o trabalho satisfaz uma parte dos sujeitos que talvez não seja tão clara, que no caso ele chama de **ego particular**: "Continuei trabalhando e outras oportunidades que foram aparecendo, inclusive cursinhos, havia concurso, aí cursinhos me convidavam, eu ia lá dava aula, então quer dizer, **a gente tava numa atividade que realmente satisfazia o meu ego particular**". Souza, Matias e Bretas (2010) afirmam que o trabalho é uma possibilidade de participar ativamente da sociedade capitalista e de não ser visitado pelo sentimento de inutilidade. Neste sentido, talvez o que o entrevistado define como "ego particular", seja a sensação de reconhecimento, de pertencimento e também de utilidade citada pelos autores, além da satisfação de ainda se sentir ativo depois de anos que se aposentou e continua trabalhando.

Aloísio atrela ao trabalho muitas qualidades da virilidade como energia, atividade, utilidade, satisfação, reforçando a ideia desta categoria que entrelaça sexualidade e trabalho.

> **Continuo ativo isso é verdade**. O trabalho na vida de homem é a coisa mais importante. **Um homem sem trabalho é um homem inútil e um homem inútil ele não vive**. Então o trabalho é **energia**, o trabalho é **força**, o trabalho é **atividade**, e **o homem nasceu pra ter atividade**. Os antepassados caçavam lá no mato. Os homens foram feitos fortes para caçar, para vencer. Para sustentar a família, assim é o homem, o homem principalmente ele, o trabalho pra ele é a coisa mais importante. E hoje, a mulher está tomando o lugar do homem muito. As mulheres hoje estão sombreando o homem, e foi o cristianismo que resgatou a mulher. Nas culturas orientais, a mulher ainda é submissa ao homem. Isso eu vi na Índia, eu vi na China, eu vi em Hong Kong, eu vi em Singapura, a mulher sempre andando atrás do homem. A mulher é subalterna do homem. Não! A mulher hoje está em pé de igualdade com o homem, então também o trabalho pra mulher é de suma importância, não só o trabalho doméstico. Mas também o trabalho fora de casa. A mulher se sente muito mais valorizada. **(ALOÍSIO)**

Enriquez (1997) explica que a libido é investida no trabalho produtivo e nas relações existentes no ambiente organizacional. O trabalho é um lugar fálico e estar ativo, trabalhando, reforça sua força física e virilidade. Para o autor, esta visão contagia até as mulheres, que chegam a acreditar possuir falos. A energia sexual é mobilizada para o trabalho, segundo o autor, e a questão é que o sujeito ao aposentar não poderá mais canalizar energia desta pulsão no trabalho.

Logo a seguir serão apresentadas narrativas de entrevistados que não associaram a aposentadoria à inutilidade e que sentiram bem em parar com a atividade laboral que desempenhavam. Percebe-se, todavia, que eles utilizam expressões que também podem ser entendidas relacionando-se sexualidade e trabalho, para explicar sua forma de ver a situação

em evidência. Nota-se que os três sujeitos dizem ter um casamento sólido, proveitoso e de muitas viagens juntos, que não deixa de ser uma forma de canalizar esta libido que não será mais direcionada para atividades laborais.

Leda se aposentou e foi morar junto do marido, mantendo sua vida ativa e com muitas novidades e diz não perceber a inatividade por conta da aposentadoria:

> Eu sinto que as vezes o meu tempo não rende tanto como rendia antes, pois quanto menos coisas você tem pra fazer, menos você faz, aí você faz tudo mais devagar, isso é. Mas é ... mas eu acho que eu to no direito de curtir a vida do jeito e no ritmo que eu quero, e essa história de viajar para nós que amamos viajar é muito bom. **Então a inutilidade não**... não me preocupa muito não. **(LEDA)**

Helena conta que se sente bem em relação a parar de trabalhar e não se sente inativa. Ressalta que viaja muito com o marido e adora suas aulas de idiomas:

> Ah, eu acho que a gente conseguiu (...) se sentir bem sabe, não sentir falta, **não me senti inútil**, sabe, sem ter o que fazer, porque a pessoa quando não tem o que fazer né? Começa a pensar: Ah, eu estou aqui não estou fazendo nada, não estou produzindo; eu não, **eu continuei produzindo** entendeu? **Sendo útil** pra outras pessoas. **(HELENA)**

Alfredo casou-se com sua esposa e foram morar juntos após a aposentadoria. Com isso, houve uma ressignificação deste momento de parar de trabalhar, o que ele ressalta que foi muito importante neste processo:

> Quando aposentei, havia a dúvida se eu ia procurar trabalhar ou não; aí entra o lado mais pessoal agora e não profissional. Coincidiu que a gente decidiu morar juntos, a minha esposa e eu, ou seja, vendemos cada um seu apartamento e compramos esse e fizemos uma reforma, a reforma durou mais uns seis meses, então como pela minha formação de engenharia que eu gosto e acompanhei a obra, eu virei digamos, supervisor de obra, onde todo dia eu estava aqui pra resolver os problemas para facilitar. Então acho que isso ajudou no sentido que não foi uma... saí da empresa para botar o pé no chinelo e fica sem fazer nada. Então, por isso estou comentando isso, então isso foi ótimo, **continuei digamos ativo**. **(ALFREDO)**

Esta categoria sobre a sexualidade e trabalho, além de ter surgido nas narrativas dos entrevistados, aborda um tema pouco explorado pela literatura, mas que se mostra importante por tratar da dupla centralidade para os sujeitos, ou seja, a centralidade do trabalho e a centralidade da sexualidade. Nas narrativas foram identificados termos relativos ao trabalho, relacionando-o à virilidade, força e utilidade, mas também relacionando a aposentadoria à inutilidade, impotência, ficar sem nada, não viver. Tais expressões deixam claro a relação

sexualidade e trabalho, sendo que aqui não se trata de sedução, relação sexual e outros temas que podem ser estudados posteriormente, mas a evidência que a subjetividade mobilizada ao trabalhar é a mesma mobilizada pela sexualidade. Por isto, no mesmo assunto trabalhar e não trabalhar aparecem descrições de sentimentos relacionados ao campo sexual.

É possível que estudos sobre a cultura ocidental, que versam sobre trabalho e sexualidade, não sejam bem aceitos, pois ainda se guarda um lugar sagrado para o trabalho e profano para o sexo. Porém, à revelia do que se tem como aceito e não aceito, existe o que é teoricamente sustentado, logo cabe agora que se possa destinar maior aprofundamento deste estudo a fim de verificar mais detalhes e efeitos da sexualidade no trabalho e nas organizações.

Vale ressaltar que mesmo não havendo estudos sobre esta relação trabalho e sexualidade, foi explicitado que com a teoria psicanalítica e da psicodinâmica, o trabalho está relacionado com a sexualidade do sujeito. Ficou evidente que o segundo corpo, o corpo que experimenta o mundo e que é composto pela subjetividade do indivíduo é o mesmo que é mobilizado ao trabalhar e pelas pulsões, a sexualidade.

Com isto conclui-se que o trabalho ocupa um lugar fálico na vida dos indivíduos, o trabalho é um lugar de grande investimento libidinal para este *corpus* de pesquisa e também para a sociedade capitalista, já também mencionado como objeto de amor neste estudo. Por fim, ao trabalhar, o sujeito obtém satisfação sexual, isto é evidenciado nas narrativas quando os sujeitos utilizam termos relacionados à sexualidade se referindo ao trabalho.

Finalizadas as categorias subdivididas com o tema trabalho, passa-se para as categorias sobre a aposentadoria, o fim do tempo de trabalho.

5.2 – Aposentadoria

Aposentadoria está sendo considerada como uma categoria *a priori* do estudo. Após os entrevistados narrarem toda sua vida de trabalho – que se entrelaça com a vida pessoal, suas emoções e experiências – houve um momento específico onde foi tratado o tema aposentadoria, buscando entender como eles se sentiram ou o que pensam sobre este fato. A partir daí, tiveram várias ramificações temáticas e, por isto, optou-se por subdividir a categoria em alguns grupos de análise.

Em relação à aposentadoria de forma mais ampla, quando os sujeitos pensam neste tema, há silêncio, alívio, tristeza, alegria, sensação de merecimento, ao mesmo tempo que expressam

vergonha. Para falar de si, às vezes, os sujeitos utilizam exemplos de outras pessoas para se livrarem da dificuldade do tempo de não trabalho.

Para França (1999), a aposentadoria é vista como a saída de um trabalho regular e um momento que remete à idade e à chegada da velhice. No entanto, o autor ressalta que muitos se aposentam novos e outros morrem antes de aposentar, muitos escolhem por ela e outros são obrigados a ela. Afirma ainda que, de forma geral, a aposentadoria é temida pelos sujeitos, bem como os impactos que trará no futuro.

Numa outra visão, Roesler (2012) traz que a vivência da aposentadoria é vivida com contradições e ambivalências, onde dependendo do projeto de ser de cada sujeito, a transição da vida do trabalho para o espaço da aposentadoria será vivida por cada um, de forma individual. A autora argumenta que a relação entre aposentadoria e velhice ainda não ecoa na sociedade, talvez propositalmente, para que se possa manter a lógica da produtividade, excluindo o velho do mercado de trabalho. E complementa:

> No senso comum e em seu sentido etimológico, a aposentadoria vincula-se à ideia de retirar-se da vida pública, recolher-se aos aposentos, ao espaço privado, ao lugar do não-trabalho. Por outro lado, em outra perspectiva, encontramos a ideia de jubilamento, como um prêmio ou reconhecimento após longo período de trabalho bem executado. Para os sujeitos que vivenciam o processo da aposentadoria, este se configura como um fenômeno de ordem psicológica, antropológica, política, histórica, econômica e social. (ROESLER, 2012 p. 40)

Alguns entrevistados narram o aposentar de forma positiva, como conta Helena. Ela comenta que, hoje, falta tempo para as atividades que se comprometeu a realizar.

> Eu costumo dizer que eu tenho menos tempo hoje do que eu tinha na época porque antes era aquele horário fixo né? Então eu já era determinada e sabia o que fazer nos intervalos né? Ou então nos outros horários; e agora não, ele é picado então tem dia que eu tenho atividade, tem dia que eu não tenho. **(HELENA)**

É interessante notar que ao mencionar o estranhamento da vida de aposentada, ela comenta sobre a organização de horário, “aquele horário fixo”. Muitos entrevistados destacam a rotina que o trabalho proporciona na vida do sujeito e comentam se sentirem perdidos diante desta flexibilidade.

Alfredo, apesar de ter aposentado na empresa após acontecimentos desagradáveis, afirma que encarou a aposentadoria como uma passagem como várias outras que já aconteceram em sua vida. Da mesma forma, Elder conta que a aposentadoria foi algo tranquilo que esperou

e vivenciou de forma positiva: “Não me arrependi não, porque tem muita gente que tem medo né, mas pra mim não foi problemático não, foi tranquilo”. Ele conta que hoje se dedica muito aos filhos e à esposa, que é mais jovem que ele. Bianca foi parando aos poucos com sua vida laboral, pois tinha dois empregos. Deixou um e depois finalizou o outro e conta que se sentiu bem.

Um ponto comum dos entrevistados citados foi a forma de se organizarem após a aposentadoria. Todos são casados, tem filhos e netos e uma vida com possibilidades de ser continuada sem o trabalho. Outro destaque é que não se mostram envergonhados de assumir que gostam de ficar sem o trabalho que tinham e que se sentem merecedores deste descanso da rotina laboral que a aposentadoria proporciona.

Mauro comenta que aposentou muito novo, pois começou a trabalhar muito cedo e quis deixar claro na entrevista que sempre quis ganhar o próprio dinheiro e ter uma situação confortável na aposentadoria, ressaltando que se não fosse seus investimentos não teria uma aposentadoria positiva. Da mesma forma, Reginaldo diz estar bem, mas sempre enfatiza que se preparou financeiramente para este momento, senão este processo seria caótico em sua vida. Para estes dois entrevistados, estar bem na aposentadoria, como dizem que se sentem, é estar financeiramente apto a vivenciar este momento e enfatizam muito nas narrativas que sem dinheiro não estariam satisfeitos.

Já no caso de Rogério, que trabalhava no mesmo lugar que Elder, no fórum, a experiência da aposentadoria foi diferente, para o primeiro foi negativa e para o segundo positiva:

> É... Eu tive uma primeira tentativa de aposentar em 2012, mas aí eu mesmo não tive coragem porque eu era muito novo. Eu achava que eu era muito novo pra aposentar. Eu tinha 55 anos. É... e eu acabei aposentado com 59. 59... É... Talvez pela experiência da primeira vez que eu tentei, a outra foi mais bem trabalhada. A outra foi mais consciente. A outra porque tinha dado tempo de eu aposentar então, aí eu virei e falei assim:” Não posso aposentar agora, já deu meu tempo, mas eu não posso sair agora”. Porque era muito novo. Eu achava que eu ia ficar muito novo aposentado. (....) Eu não aceitei. Eu não aceitava. Eu aposentado. Eu mesmo não achava... **(ROGÉRIO)**

Ele enfatiza que não foi prazeroso se aposentar, só se sentiu bem quando voltou a trabalhar como advogado. “Não teve prazer. Eu acho que eu não tive prazer em aposentar. Eu achei que seria prazeroso. Mas não é não é... Não é. É... Mas agora é diferente por quê? Eu tenho... Eu que sou o meu patrão. Eu trabalho com mais liberdade.” Morin, Tonelli e Pliopas (2003) ao expor sobre o trabalho, afirmam que estar trabalhando legitima o tempo de lazer e

descanso para o sujeito. Ou seja, para algumas pessoas, como no caso do Rogério, estar sem trabalho não legitimava seu tempo livre, logo este tempo era insuportável para ele. Rogério não suportou a aposentadoria da primeira vez que tentou e voltou ao trabalho para ter o mesmo salário que teria se estivesse em casa aposentado.

Bruns e Abreu (1997) argumentam que ao longo da vida, muitas pessoas sonham e planejam a aposentadoria. No entanto, muitos sujeitos relatam não conseguir viver com prazer o tempo livre do não trabalho, sendo assaltados pelo sentimento de angústia e solidão. As autoras ressaltam que isto ocorre inclusive com pessoas que tinham uma relação de mais sofrimento com trabalho.

Sávio conta que nunca quis se aposentar, mas precisou sair da empresa que trabalhava e não conseguiu se recolocar no mercado. Para não ficar sem renda, optou por se aposentar. Da mesma forma, Pedro comenta que teve muitos receios quando foi demitido de seu último trabalho antes de se aposentar, pois já estava mais velho e não arrumou outro emprego. Com isso, a aposentadoria o ajudou muito neste ponto. "É senti, por um lado aliviado, apesar de ter saído de um padrão bem diferente do que eu tinha, mas né de ter uma segurança de ter todo final de mês ter aquele salário pra gente continuar sobrevivendo". Ele também vive a realidade do típico aposentado brasileiro, que tem seu salário defasado a cada ano e sustenta a mulher e uma filha com o dinheiro que recebe. A literatura trata este assunto de forma bem crítica, a família que se acomoda ao lado no aposentado assalariado, fazendo deste recurso a fonte de renda de toda a casa (SIKOTA e BRETAS, 2012; COUTRIM, 2006).

Os casos do Pedro e do Sávio são críticos, pois a aposentadoria precoce pode causar muitos danos financeiros e psicológicos às pessoas (MUCIDA, 2006). Os dois entrevistados mencionam, mesmo por motivos diferentes, que gostariam de continuar trabalhando, mas não conseguiram e tiveram que parar. Eles evidenciam a idade como um ponto que não os favoreceram ao retorno ao trabalho e sobre este tema Mucida (2006) diz que a aposentadoria merece atenção por estar associada à velhice e isto pode levar a sentimentos de inutilidade e improdutividade.

Gilson comenta que quando vai chegando a hora de aposentar, a pessoa começa a fazer uma coisa muito ruim que é contar os dias para acabar. Aí a pessoa já não pensa em produzir, fica esperando o tempo passar. Conta que sempre foi dedicado à universidade, porém: "Quando eu comecei a pensar na aposentadoria. Já não participava mais dos projetos futuros da

instituição, me atrofiei profissionalmente. Isso ocorreu dois, três anos antes de eu aposentar. Chegou no tempo, sai fora, ficou velho. Deixa o novo chegar".

O entrevistado passa a ideia na entrevista que chegou uma geração nova na universidade e os "velhos", como ele se refere, ou seja, os professores antigos, foram excluídos, os forçando a pensarem na aposentadoria. "Não tive dúvida em sair da universidade, porque eu tinha outras coisas e já tinha vencido na universidade".

Para Peres (2007), a atividade assalariada é central e a aposentadoria está atrelada à velhice. Neste panorama, a identidade profissional está relacionada à identidade pessoal. O ritual de vida é marcado por começar a trabalhar, permanecer no trabalho e sair do trabalho. Gilson evidencia em sua fala que os rituais de sua vida são marcados pelo trabalho, iniciou o trabalho jovem, diz que não se pode aposentar novo, e também demostra temer o ritual do não trabalho. Além disto, deixa claro em várias passagens que aposentar é coisa de gente velha. Neste sentido, Dejours (2012b) afirma que o sujeito vai desvelando o mundo com o pano de fundo do trabalho, ou seja, o trabalho seria uma condição para o sujeito de conhecer e se reconhecer no mundo, tornando o não trabalho algo difícil de ser experimentado.

Após analisadas narrativas dos entrevistados que gostaram de se aposentar e de outros que não gostaram, observou-se ainda na pesquisa, sujeitos que não pensam de forma alguma em parar de trabalhar, mesmo tendo condições financeiramente favoráveis, com filhos independentes, reservas e aplicações, além do recurso da própria aposentadoria. Aloísio comenta: "(...) a aposentadoria é uma recompensa dos trabalhos, da vida laborativa que você teve. O aposentado não pode dizer que aposentou e acabou a vida. Ele tem que arrumar outras atividades que ele pode fazer".

> Aposentar francamente sabe, eu nunca pensei, essa coisa do… vou aposentar, vou parar, o que eu vou fazer? Realmente é uma dificuldade tá certo. Então você pensa assim, isso eu já cheguei até pensar, eu vou parar o que eu vou fazer? O momento em que eu parar, o que eu vou fazer, francamente não pensei ainda não. **(CARLOS)**

Carlos e Aloísio são senhores de 79 e 84 anos que continuam atuantes em seus trabalhos, demonstrando a centralidade do trabalho na vida deles. No caso de Aloísio, existe um processo de denegação em sua fala, onde o sujeito afirma que a aposentadoria é uma recompensa pelo trabalho realizado e que as pessoas não podem vê-la como o fim da vida. No entanto, isto se mostra mais como um mecanismo de defesa para a realidade que ele próprio se encontra que é poder aposentar, ter condições financeiras para isto e não conseguir viver esta ruptura. A fala

de Carlos é mais explícita, onde deixa claro que nunca pensou no assunto e não sabe o que fazer sem a vida do trabalho. Estes entrevistados se mostram visceralmente ligados à rotina de trabalho, confirmando a ideia de Roesler (2012) que defende a centralidade do trabalho e evidencia que a aposentadoria pode representar uma ruptura com a estruturação identitária do sujeito, construída ao longo de uma vida, e por isto pode ser rejeitada e não suportada por algumas pessoas.

José, que se aposentou e nem percebeu este processo, pois nunca parou, disse que estava decidido em não parar e que nunca passou pela sua cabeça ficar em casa. Ele ressalta que ao pensar nisto sente algo sobre o fim próximo, pois o trabalho sempre foi para ele algo importante e necessário.

Nascimento *et al* (2016), em pesquisas desenvolvidas com idosos, identificaram que a aposentadoria era algo temida e não desejada pelos sujeitos. Guerreiro Ramos (1981) contribui para este entendimento argumentando que o valor do sujeito, sob a ótica capitalista predominante, está diretamente ligado à ideia de continuar produzindo, como é encontrado também em Tragtenberg (1980). Tal sentimento pode ser entendido a partir do que é considerado por Enriquez (1997), como "armadilhas organizacionais", que prendem o indivíduo e o impedem de se enxergarem sem a vida do trabalho. Esta ideia apontada pelos autores elucidam um pouco das narrativas dos sujeitos citados, que poderiam parar de trabalhar, tem família para colaborar na continuidade da vida, condição financeira estável, manteriam o mesmo salário que recebem hoje e não conseguem enxergar a vida sem o trabalho.

Assim como Aloísio, Carlos e José, outros entrevistados se recusam a pensar em se aposentar como é o caso de Júlio, que se aposentou e "nunca tomou um café com o dinheiro da aposentadoria". Para ele, as pessoas que param de trabalhar ficam desatualizadas, sem assunto e "andando como baratas tontas na rua". Esta resistência também é vista nas falas de Felipe, Paulo e Marcela, que afirmam que têm pavor de pensar em ficar em casa, de não ter o que fazer. Esta é uma narrativa comum a estes entrevistados que nem cogitam a possibilidade de se aposentarem, com receio de ficar em casa sem ter nenhuma atividade. Roesler (2012) ilustra esta angústia dos entrevistados afirmando que o aposentar remete ao ato de recolher-se aos aposentos e isso se torna um pouco assustador a alguns sujeitos. Caldas (1999), analisando a experiência da vida do sujeito sem o seu trabalho, afirma que em muitos casos o que *somos* é construído por meio do que *fazemos,* e que não estar mais ativo em seu trabalho pode trazer sentimento de dissolução ou mutilação de aspectos do eu do sujeito. O autor ainda expõe que

no desenvolvimento adulto, a parte profissional é indissociável da psique, principalmente para quem já esteve atuante no trabalho. Neste sentido, quando uma pessoa é despida do seu papel organizacional, sua noção de identidade pode ser drasticamente afetada.

Beauvoir (1970), ao abordar o rompimento com a vida do trabalho, trata a questão como uma "tragédia" para o sujeito, mencionando que em um mundo capitalista, o sujeito sem trabalho é visto como um sujeito "sem valor", e complementa que isto ocorre na medida em que outras atividades, que não sejam remuneradas, dificilmente são valorizadas. É o que se pode perceber na fala do Felipe, que destaca que a pessoa sem o trabalho se sente sem perspectivas, fazendo atividades às vezes monótonas e não valorizadas.

> Não parar não, parar é besteira, parar de trabalhar(...) pode sempre arrumar um serviço pra poder manter senão ele não aguenta não, um cara igual eu que gosta de trabalhar, pessoa bandido não tem jeito, mas o cara que fica muito tempo trabalhando… uns aposentam e ficam trabalhando igual ao meu caso porque nunca servi pra ficar em casa, não compensa ficar em casa não, não é só pelo dinheiro, dinheiro ajuda mas não é o… você ficar sem fazer nada é horrível, o homem sem nada é horrível. (...) eu não paro não, eu não gosto de parar não porque, vou fazer o que? ficar em casa perturbando a mulher? Me sinto bem de saúde, não tem nada do que reclamar, que eu fiz de serviço eu sempre gostei. (**FELIPE)**

Um outro ponto que surgiu nas narrativas sobre o aposentar-se é que, em muitos casos, algo de diferente aconteceu no ambiente de trabalho que incentivou, ou foi um motivo forte para que o sujeito se decidisse pela aposentadoria. Este é um ponto relevante, pois muitas vezes a pessoa se aposenta de forma precipitada, por conta de algum acontecimento e pode ser prejudicial para ela, em vários aspectos, posteriormente. Esta é uma discussão pouco encontrada na literatura e que muitos entrevistados desta pesquisa mencionaram.

Gaulejac (2007) aponta que atualmente no mundo do trabalho são encontradas situações desagradáveis que acabam por findar a relação do sujeito com a organização que pertencia. Desta forma, Pedro conta que trabalhou 18 anos em uma empresa e que em um determinado momento foi chamado e deram a ele duas opções, de sair por uma demissão voluntária com bônus ou ficar 3 ou 4 meses aguardando uma obra e se não tivesse nenhum serviço, seriam demitidos sem o bônus. Com isso, ele decidiu sair no programa de demissão voluntária, voltar para sua cidade de origem e tentar arrumar outro trabalho. No entanto, por conta da idade, disse que não conseguiu se recolocar e teve que se aposentar para ter uma renda mensal. Ele aponta que teve uma queda brusca em termos de renda e que hoje não consegue pagar sequer um plano

de saúde. Antunes (2000) comenta que um trabalhador acima de 40 anos é considerado velho e obsoleto, e foi como Pedro conta que se sentiu, dispensado e sem recolocação por ser velho.

Elder, Helena e Júlio mencionaram que o governo da época em que se aposentaram programou uma série de ajustes nas aposentadorias e isto fez com que muitos antecipassem este processo. Neste sentido, Carvalho (2009) expõe que o foco do aposentado no Brasil são aspectos legais, sendo a aposentadoria por vezes analisada apenas pela ótica da legislação. Porém, isto tem sido um forte motivo para o sujeito parar de trabalhar e depois se deparar com várias outras questões que nem tinha se dado conta que existiam, por exemplo, a sensação de exclusão social, dificuldades financeiras e falta de ter uma rotina de trabalho. Os entrevistados acima demostraram esta realidade, muitos comentaram temer mudanças nas leis, mudanças econômicas e colocaram este fator como principal para parar de trabalhar e aposentar.

Marcela conta sobre uma pressão interna de mudanças no banco que foi um forte motivo para se aposentar jovem, como ela mesma menciona:

> Quando aposentei no banco tinha 44 anos. Muito nova né? Nova né, 44, mas com as mudanças que a gente já tinha sido informada, que iria haver dentro do banco, eu tinha uma situação boa dentro do banco e por ser solteira eu poderia ser sofrer alguma, como q eu vou te explicar? Mexerem comigo! Por achar que solteira tem mais disponibilidade. Se existem pessoas dependentes de você... e eu tive muito medo que mexessem comigo ou me tirassem de Juiz de Fora, aí foi aonde eu vi que já tinha tempo para aposentar e aposentei. **(MARCELA)**

Felipe já conta que a aposentadoria foi pressionada por um processo de privatização da empesa que trabalhava na época:

> (...) aquilo foi a pressão da privatização, a rede ia ser vendida, então aquele pessoal falava, vai mandar todo mundo ir embora, quem vai entrar agora não vai aceitar mais ninguém antigo e também ia acabar essa aposentadoria que eu aposentei, que foi a proporcional, não existe mais. **(FELIPE)**

Como pode-se notar, Marcela e Felipe tiveram pressões internas que contribuíram para que se decidissem pela aposentadoria. No caso deles, nenhum parou de trabalhar, não suportaram ficar parado e foram fazer outros trabalhos, evidenciando o que foi comentado acima, que muitos se precipitam por pressões ou questões legais e nem sempre isto é positivo para o sujeito.

Pode-se perceber que em relação ao marco, a razão para os sujeitos desta pesquisa se aposentarem, foi evidenciada por questões negativas ou por receios econômico-legais relativos

ao futuro. Isto é crítico, pois como já mencionado anteriormente, o trabalho tem uma centralidade fundamental na vida do sujeito que se atrela à sua identidade. Aposentar-se traz sentimentos diversos e contraditórios que precisam ser observados para a própria proteção das pessoas que passam por este processo, como questões financeiras, emocionais e familiares. Dejours (2012b) aponta que o reconhecimento simbólico é o que o trabalhador espera por ter dedicado anos de sua vida à organização do trabalho. No entanto, percebe-se que na maior parte dos casos analisados, sempre houve um marco na vida do sujeito para a chegada da aposentadoria, sendo estes marcos na presente pesquisa predominantemente negativos, demostrando como ainda tem se dado pouca atenção a este processo delicado na vida das pessoas.

Nas narrativas sobre a aposentadoria, alguns entrevistados fazem questão de enfatizar que há diferença entre o aposentar para o homem se para a mulher. Tal diferença está pautada na divisão de tarefas e responsabilidades entre os diferentes sexos ao longo da vida de trabalho. Os entrevistados evidenciam que o fato da mulher, mesmo trabalhando, ter que dar conta do trabalho doméstico e de outras atividades cotidianas, pode ser um fator muito positivo em seus processos de aposentadoria.

Na percepção de Bianca, aposentar para o homem é mais difícil, pois ele tem mais necessidade de atividades que tragam reconhecimento externo e visibilidade. A entrevistada traz esta afirmativa comparando seu processo de aposentadoria, muito mais tranquilo, com o de seu marido. Evidencia que apesar dos dois trabalharem fora, as atividades domésticas sempre estiveram a cargo dela e que quando o marido fazia algo em casa era apenas para "ajudá-la". O comentário da entrevistada segue a lógica dominante em que as atividades menos virilizadas são realizadas pelas mulheres e que para os homens cabem tarefas que trazem mais prestígio e poder.

> (...) eu acho que a mulher é mais dinâmica, ela... ela... arruma mais coisas pra fazer. Por exemplo, ela vai fazer um curso, por exemplo, na terceira idade, vai entrar numa aula de dança sabe, vai fazer umas excursões. O homem já não... não... é aberto a essas coisas não. Porque tanto que você vê mais mulheres nesses lugares, muito mais do que homens né? Não é? Nesses cursos mais rápidos e tudo né, inclusive trabalho voluntário; eu acho que as mulheres participam mais disso, elas preenchem mais o tempo. **(HELENA)**

> Eu acho que acontece mais com homem do que mulher, porque o homem, ele tá muito mais focado no trabalho. Então parar de trabalhar é como se ele não valesse para mais nada. Acho que o maior problema deles é exatamente não trabalhando parece que não vale mais a pessoa. (...) mas acho que mulheres em geral se adaptam mais rapidamente. **(LEDA)**

> Eu acho que é mais fácil para mulher se aposentar! Porque assim… até experiência da família, meu irmão, meu pai… eu não sei se a mulher tem outras atividades, o homem é só trabalho mesmo. Porque a mulher tem dois expedientes, né? No serviço e em casa. O homem, até pela natureza do homem, ele não se dedica tanto a casa. (…) um homem chegava do serviço e ia dormir, ia jantar e dormir, homem não tem essa… é difícil até um homem que gosta de ler né? Então eles não têm outras atividades, fica meio perdido acho que pro homem é muito mais difícil aposentadoria do que pra mulher… as mulheres se ocupam de outra coisa né? Até que não seja assim uma atividade física, mas até mental de organizar a casa, de orientar filho na escola né? (**LAURA)**

As mulheres da pesquisa que mencionam este aspecto de adaptação entre o homem e a mulher, relativos à aposentadoria, trazem características como dinamismo e adaptabilidade, como na fala de Helena e Leda, que favorecem a mulher ao se aposentar. No entanto, um ponto marcante, que irá tangenciar a sexualidade mais adiante na presente análise, é o fato das atividades mais virilizadas serem destinadas em sua maioria para os homens, tarefas com maior destaque e visibilidade. Com isto, retirar-se da vida pública, do reconhecimento, do olhar dos outros e deste lugar de poder, para o homem é mais sentido, como comenta Leda, ao dizer que o homem sem trabalho se sente como se não servisse para nada.

Dejours (2012a) ao discutir o trabalho, o encontro com o real e a vivência de fracasso, afirma que as mulheres vivenciam melhor situações de frustração e sofrimento que os homens, principalmente quando se tratam das atividades mais virilizadas e importantes, como as atividades remuneradas. O autor acredita que devido à dominação dos homens, a mulher é mais confrontada com a situação de injustiça, logo o sofrimento lhe é mais natural, trazendo assim mais possibilidades para lidar com rupturas e situações que podem ser desagradáveis, como aposentar-se.

A visão dos homens que participaram da pesquisa não foi diferente. Todos que mencionam algo relativo à diferença de adaptação da aposentadoria entre os sexos, são unânimes em argumentar que para o homem se aposentar é mais difícil do que para a mulher. A explicação para esta dificuldade está corriqueiramente pautada nas atividades domésticas. José comenta: "Porque o homem que não tem uma atividade, vai para casa para ver isso, ver aquilo, arrumar estante, se meter no que a mulher está fazendo. Aí vira uma situação muito complicada. Para a mulher é diferente".

> (...) ah, a diferença é muito grande, a mulher tem coisas pra fazer dentro do lar, diferente do homem, o homem não tá acostumado com o serviço doméstico, tá certo? Então o homem sente muito mais do que a mulher. A mulher se ela aposentar do trabalho externo, consequentemente ela poderá levar uma vida tranquila, saudável no

> exercício normal das suas atividades domésticas, tanto que o homem que não é acostumado, não foi acostumado com isso, ele vai ter grande dificuldade inclusive pra adaptação. Dificuldade na convivência dentro de casa e até mesmo na convivência com a sociedade, porque o que ele vai fazer, não é mesmo? **(CARLOS)**

> (...) e entre o homem e a mulher tem muita diferença, porque a mulher ela arruma, a mulher vive mais sozinha. A mulher aposentada ela vai cuidar da casa. Ter um carinho com a sua casa, vai cuidar de uma flor, vai cuidar de um jardim, e principalmente ela vai se dedicar mais aos filhos e aos netos. Experiência minha própria. Homem não sabe arrumar a casa, pegar uma vassoura. Dificilmente.... e a mulher faz, quer dizer então a mulher aposentada, ela se sente mais a vontade pra ficar em casa. O homem já fica mais incomodado. **(ALOÍSIO)**

A percepção dos entrevistados desta pesquisa guarda semelhanças com os resultados das pesquisas realizadas por Burns e Abreu (1997), que também constatam uma possibilidade maior de aceitação do tempo de não trabalho por parte da mulher. Roesler (2012) comenta que o número de homens aposentados que continuam trabalhando é maior que o número de mulheres, confirmando a problematização de que para o homem é mais difícil a aposentadoria do que para as mulheres. Porém, é importante ressaltar que tanto para os homens quanto para as mulheres da pesquisa, foi atrelada à facilidade em aposentar, a afinidade em realizar tarefas domésticas. Esta pode ser uma visão muito restrita do que seja aposentar, ou seja, parar de trabalhar tem sinônimo apenas de retirar-se da vida pública e cuidar de casa. Não foram mencionadas outras possibilidades que existem para o sujeito fora do trabalho remunerado e o trabalho de casa, limitando assim o que pode ser feito no tempo de não trabalho.

Apenas um entrevistado mencionou o fato de as mulheres terem ido para o mercado de trabalho e poderem gostar do trabalho que executam ou da posição que ocupam e, com isso, se aposentar pode ser algo difícil para elas também:

> Pra o homem pode ser mais difícil ficar sem trabalhar, mas tem mulheres que nasceram pra trabalhar, que são mais realistas, tem a mulher que foi a dona de casa antiga, foi a dona de casa, e tem mulher que é a profissional liberal, que busca trabalho, trabalham em escritório, são pessoas com mais afinco. Que sente falta também. Eu trabalhei com meninas agora em Bom Jardim na fase da MRS que são um doce de pessoa e gosta de trabalhar, acham o serviço bom, trabalham no setor do maquinista, tem três maquinistas lá em Bom Jardim que são maquinistas, três mulheres, e elas brincam com a gente direto, e o pessoal todo mundo respeita elas. É muito gostoso, no início teve aquele negócio de preconceito de brincar, depois no final elas mostraram que eram capazes e deu tudo certo. Entendeu? E são, e gostam de trabalhar igual a gente. Gostam mesmo. Só tem aquela diferença de capacidade de apertar um freio manual pesado, elas vão também, ajudam, trabalham sozinhas, descem a serra sozinhas. Não precisa de força física, precisa saber, conhecimento mental, ter atitude na hora, no momento. **(FELIPE)**

Este ponto mencionado pelo entrevistado não foi comentado por nenhuma mulher do estudo, apesar de todas terem trabalhado até aposentarem. Dejours (2012b) comenta que o trabalho é uma alavanca de grande representatividade, como parte da conquista da saúde e também da emancipação do sujeito, sendo que para as mulheres – mesmo diante da dominação social e de gênero – seu movimento de emancipação foi legitimado através do trabalho.

As narrativas dos confirmam o que Bruns e Abreu (1997), Roesler (2012) e Dejours (2012b) apontam a respeito da diferença dos homens e mulheres ao deixarem o trabalho, que revelam que as mulheres são responsáveis pelas tarefas de casa, logo, ao se aposentarem se apropriam melhor destas atividades, tidas como menos virilizadas e de menor destaque na sociedade. Isto também vai variar de pessoa para pessoa, como observa-se no presente estudo, com homens que gostaram de ficar em casa e mulheres que não se adaptaram com a aposentadoria. Todavia, de forma geral, ainda pode-se afirmar que as mulheres tendem a aceitar melhor este momento do que os homens.

Em suas narrativas, alguns entrevistados expressaram sobre a relação do tipo de profissão com as facilidades ou dificuldades no momento da aposentadoria. Este é um ponto ainda não explorado diretamente pela literatura. Assim, optou-se por incluí-lo no presente estudo como forma de incentivar futuras pesquisas a respeito do tema. Da mesma forma que não se pode afirmar através de pesquisas que o tipo de trabalho, a profissão, influencia na forma de viver a aposentadoria, não se percebe relação direta com o gostar do trabalho e não gostar de aposentar-se e vice-versa.

Neste sentido, existem especulações sobre o fato de que atividades mais pesadas influenciam no desejo da pessoa em se aposentar e vice-versa. Diante disto, optou-se por trabalhar com a narrativa de dois aposentados que tiveram profissões reconhecidas como pesadas (maquinista) e estressantes (bancária). Entretanto, seus discursos exemplificam um comportamento distinto do comumente esperado, ou seja, apesar de atuarem em profissões não reconhecidas como leves, demostram que gostavam do que faziam e não tiveram facilidade em aposentar.

> Eu sempre gostei de ser maquinista e olha que a gente trabalha duro, muitas horas no trem (...) tem o tipo do cara gostar da profissão dele, a profissão certa né. Se for um cara que gosta de fazer o serviço vai embora, trabalha muito, agora se não gosta e for obrigado a fazer fica enrolando, vai mascar, mascar, até aposentar. Como tem muitos maquinistas aposentados e eu achava que o cara nem ia sair daquilo, nunca ia aposentar, de tanto que gosta do trabalho. Então tem é que gostar do serviço. **(FELIPE)**

> (...) A minha profissão é uma profissão agradável, né? Outra coisa, se você falar assim: 'ah, eu era bancária'. Deus me livre! Mas eu gostava! Gostava do serviço que eu fazia. Eu trabalhei no setor de operações de crédito, o tempo todo que eu tive no banco. Eu gostava! Sabia fazer aquilo. Teve uma vez que um cliente virou pra mim e falou assim: Marcela, mas como é que você acha essas saídas? Ah, mas eu trabalho aqui, tenho que saber. Mas eu gostava, isso que eu estou te falando. Eu acho que eu tive a sorte de ser sempre colocada no lugar certo. Entendeu? (**MARCELA)**

Além do Felipe e da Marcela demostrarem gostar da profissão que exerciam, os dois deixam claro suas dificuldades em aposentar. Atualmente, trabalham como pedreiro e agente de viagens, respectivamente. No entanto, na fala dos entrevistados citados acima, como a do Carlos que virá a seguir, é evidenciado um ponto importante para a discussão, que é a relação do sujeito com seu trabalho. Independente da profissão, se ela é condizente com a vocação e escolha do indivíduo, o tipo de trabalho não vai importar tanto e sim, se a atividade é compatível com pessoa. Freud (1930) ao trabalhar a aversão natural do homem ao trabalho ancora sua afirmação também no fato que a escolha da profissão muitas vezes não é feita pela vocação e afinidade de trabalho. Logo, existirá uma grande chance desta atividade, que é realizada rotineiramente, se tornar um fardo para o sujeito, surgindo assim os desgastes e patologias do trabalho.

> Olha tem um negócio, se você não sofrer nenhum defeito físico com algum esforço que você tenha feito, seja pedreiro ou carpinteiro, eletricista, bombeiro, quando ele aposenta ele continua trabalhando, continua prestando o seu serviço, é sinal de que ele gosta do seu trabalho. Tá certo? E dependo do que ele fizer, da maneira que ele se comportar, da responsabilidade social dentro da conduta que ele vive, o nome que ele faz perante a sociedade, ele é muito chamado. Depois pra fazer outros serviços como de profissionais autônomos né mesmo, mas eu tenho aqui muitos pedreiros, eletricistas que se sentem felizes com o que tão fazendo. Então não depende da atividade, depende da pessoa, é aquilo que eu falei, você tá satisfeito com aquilo que você faz, você gosta de fazer aquilo, você é feliz com aquilo, você pode ter certeza que vai ter sucesso na vida. Porque sucesso não é dinheiro não, sucesso é a felicidade que você tem de fazer aquilo que você gosta. Né mesmo? Se eu não gostasse de fazer aquilo que tô fazendo, eu estaria pagando ou tirando muitas almas do purgatório pra ficar aqui não é mesmo? **(CARLOS)**

Pode-se perceber então, que não há uma conclusão direta a respeito do tema que traga uma afirmação concreta sobre a profissão e a relação com o parar de trabalhar. O que parece fazer sentido, de acordo com as narrativas, é que quando se tem uma boa relação com o trabalho que realiza há uma extensão do prazo de trabalho, ou seja, percebe-se uma postergação do momento de aposentar-se. Outra evidência em relação ao tipo de trabalho é que a impressão que o trabalho braçal ou de nível alto de estresse provoca no sujeito uma vontade maior de aposentadoria não foi confirmada. Tanto o entrevistado maquinista, quanto a bancária afirmam gostar do trabalho e não ter desejado a aposentadoria. Por outro lado, outros entrevistados que

trabalhavam em escritório, com atividades mais controladas como Elder e Helena, assim que puderam optaram pela aposentadoria e ficaram satisfeitos em parar de trabalhar.

Reginaldo, Sávio e Júlio colocaram pontos críticos na visão deles sobre a aposentadoria no Brasil. Reginaldo expõe que a aposentadoria é uma "farsa", que tem prejudicado muitas pessoas que desconhecem a situação que irão enfrentar ao parar de trabalhar. Ele ressalta que a pessoa que não se prepara financeiramente e emocionalmente vai ter muitos problemas neste processo. Isto torna-se um ponto relevante na medida em que a idade média da população está aumentando e, consequentemente, necessitando por mais tempo do recurso da aposentadoria. De maneira complementar, esta informação traz também uma reflexão do que os indivíduos precisam se preparar para passar por este momento delicado para a maior parte das pessoas e que ainda é pouco comentado.

> Eu acho, a minha visão é o seguinte, se o cara quiser realmente se aposentar ele tem que montar alguma coisa mais estruturada, tá entendendo, porque o brasileiro não tem condições de se aposentar, aposentadoria é para enganar trouxa, eu acho que daqui pra frente muito pouca gente vai conseguir se aposentar tá ok, a não ser funcionário público, porque o cara da iniciativa privada, impossível.... **(REGINALDO)**

Sávio diz ter sofrido muito com a aposentadoria e com o que o país oferece para o idoso, diz ter tentado se ocupar de diversas formas e que não há muito o que fazer depois que se aposenta:

> Oh, eu não me entreguei totalmente, não porque se a pessoa não tiver um sentido você já... meus filhos, meus netos tão aí, não tem sentido de vida a pessoa ta morrendo, né? A verdade é essa. Aí eu ainda, ajudo dentro de casa um pouco, faço compra. Pra não falar que sou inútil, né, mas no fundo, no Brasil não oferece nada para a pessoa aposentada... nem emprego. agora... eles não querem o idoso na firma, não. Então o jeito foi... igual milhares de aposentados tão aí, caminha, vai ali na rua, faz o serviço de casa, cuida dos netos. O perigo tá aí, pra uma depressão ou coisa parecida (**SÁVIO**)

Júlio é muito crítico das atividades que são oferecidas ao velho e ao aposentado no Brasil. No contexto dessa indignação trazida pelo entrevistado sobre a forma de tratamento com o velho no Brasil, Debert (1997) a chama de mercantilização da velhice, evidenciando que a invenção de nomes como melhor idade, os sêniores e a invenção de programas para pessoas mais velhas acabam ridicularizam o velho e o aposentado:

> (...) porque de fato é o que eu te falei, o aposentado hoje, se quiser ter uma atividade, vai dançar, tem salão ali no clube tudo para os aposentados dançarem, aquela velharia dançando lá, cai dentadura no chão, bengala pro outro lado e não é possível um

> negócio desse ué, então eu acho assim, uma coisa que é um lixo essa nossa... (...) Eu te falo com sinceridade, eu passo longe de um lugar desse e não é porque eu to trabalhando hoje não, se eu tivesse hoje à toa, em casa, sem poder trabalhar, eu não ia também, não vou, definitivamente, porque isso não existe isso é programa de gente que não sabe de nada. **(JÚLIO)**

Roesler (2012) traz a visão da aposentadoria como um processo e evidencia que existe tanto a parte burocrática de assinar os papeis e os protocolar no órgão previdenciário e a dimensão chamada pela autora de subjetiva que é o desvincular-se da atividade profissional, do grupo social e até mesmo da identidade construída nestas experiências do trabalhar. Na crítica dos entrevistados fica evidente que eles não estão satisfeitos com a parte que pode-se chamar de objetiva, que seria a questão financeira e do recurso destinado a um idoso aposentado. Entretanto, a parte subjetiva parece estar causando grande incômodo, que seria o que resta para se fazer depois de anos dedicados ao trabalho, uma amargura de ter trabalhado por tantos anos e não estar conseguindo usufruir feliz do tempo de descanso. Quando existe alguma atividade, ela faz com que o velho se sinta ridicularizado, causando indignação maior no indivíduo.

Para poucos entrevistados, aposentar-se foi algo bom e tranquilo. Na maior parte dos sujeitos foi percebido que a vivência do ócio só é legitimada pelo tempo de trabalho, que a aposentadoria foi temida e adiada ao máximo e que ao falarem do tema apareceram expressões de luto, vazio, morte e inatividade que serão problematizadas nas categorias que se seguem. Foram evidenciados também, indivíduos que se aposentaram e não querem e nem pensam no assunto, continuam trabalhando e se recusam a admitir que irão parar um dia. Ou não irão? Outro tema que surgiu na discussão da aposentadoria foi em relação à percepção dos entrevistados sobre a maior facilidade da mulher no se aposentar em relação ao mesmo processo vivido pelo homem. Por fim, observou-se ainda que, em diversos casos, a aposentadoria é marcada por alguma situação forte que a motiva e que nem sempre seria o melhor momento de parar, além de que não se pode afirmar que o tipo de trabalho influencia diretamente no gostar ou não de se aposentar.

A seguir será discutida a categoria aposentadoria e a situação financeira e legal envolvida neste tema.

5.2.1 - Aposentadoria e a Situação Financeira / Legislação

Esta foi uma categoria que emergiu das entrevistas e foi muito comentada pelos entrevistados. A situação econômica, financeira e legal que envolve este assunto é temida ou

encorajadora de uma aposentadoria precoce, ou seja, com o sujeito ainda pouco preparado em amplo aspecto para o fim do trabalho. Toda instabilidade envolvida neste assunto, faz com que as pessoas acelerem este momento, mesmo ainda tendo força e vontade para se dedicar um pouco mais ao trabalho. Mas na verdade, às vezes acelerar este processo não faz bem financeiramente e nem emocionalmente para os sujeitos (BRUNS e SOARES, 2007).

França (1999) evidencia em seus estudos que no Brasil a aposentadoria ainda é tratada apenas sob a ótica econômico-financeira, deixando na maior parte das vezes o aspecto psicológico e social de fora da discussão.

Alguns entrevistados narraram que ao se aposentarem tiveram uma queda brusca de padrão de vida, evidenciando que não esperavam por isto e nem pela defasagem salarial em que se encontram a cada ano. Comentam estarem com situação financeira cada vez pior e agora sem muitas condições de recolocação no mercado de trabalho, que pelas próprias experiências, não é muito interessado em pessoas mais velhas. Neste sentido, Pedro comenta: **"**(...) eu saí prejudicado em termos de padrão salarial, não esperava por isto." Da mesma forma Felipe comenta que levou um choque com o salário de aposentado, "(...) o salário não tem nem comparação, a média de quatro mil reais por mês (...) me aposentei com seiscentos reais, entendeu?".

Bianca foi professora ao longo da vida laboral e comenta que ficou sem receber aposentadoria por seis meses por conta de erro do INSS e complementa:

> Então conforme a idade vai passando, a aposentadoria tem que chegar, mas é preciso que a gente tenha cuidado com o seu aposentado, um salário digno que ele possa viver, que tenha um bom plano de saúde, porque pedir que o SUS funcione acho que tá sendo um pouco demais, tá até piorando. Então um salário pra ele começar os remédios dele, pra ele se alimentar, pra ele de vez em quando dar uma arejada, até mesmo porque se você chegou aos sessenta, eu acho que oitenta por cento das pessoas já deu o melhor de si, pros trabalhos, os melhores anos, de sonhos, de ilusão. (**BIANCA**)

> (...) eles dão aumento de 6% pra... pro aposentado e a inflação às vezes tava 12, 14, 15%. Agora eles ficam com essa mentira que a inflação é 2%, 1% e tal e até deflação, mas isso tudo é conversa. Isso não existe, não. As coisas aí fora só... inflação é aquilo que eu gasto no mercado, pago aluguel, pago minhas coisas todas e no final do ano, no final do mês sobrou cem reais. Não é porque o governo falou isso, é a realidade. O aposentado é sacrificado nessa parte. **(SÁVIO)**

Todos os entrevistados mencionados acima, com exceção da Bianca, procuraram um trabalho na tentativa de suprir a lacuna deixada pelo salário de aposentado, até porque os três sujeitos, são homens e tem esposas que não trabalham e dependiam do recurso financeiro que eles proporcionavam. No entanto, narraram preconceito com eles por conta da idade e apenas

Felipe consegue fazer “bicos de pedreiro” como ele mesmo conta. Enriquez (1997) comenta que na sociedade do capital, quem não tem dinheiro não é nada, não tem poder de consumo. Neste sentido, foi mencionado pelos entrevistados que viver a falta de recursos na velhice, no momento em que a força de trabalho diminuiu, os gastos aumentaram consideravelmente e a aposentadoria é muito baixa, deixam os idosos em condição de total vulnerabilidade (STANDING, 2013).

Outros entrevistados narraram que tiveram quedas bruscas de salários, mas que conseguiram compensá-la pelos investimentos que fizeram ao longo da vida. Ou seja, eles ganham uma “aposentadoria miserável”, como disse Helena, mas por conta das reservas e investimentos que fizeram ao longo da vida, conseguem ter uma vida estável.

Mauro conta que trabalhou para uma pessoa que lhe aconselhou bem novo a economizar e ele fez isto: “Olha, todo o dinheiro que você ganhar, 10% você guarda ele num lugar e esquece desse dinheiro que, quando você estiver velho, você não vai passar aperto nunca”. Com isso, ele diz que tem uma aposentadoria tranquila, pois economizou ao longo da vida, mas ressalta que se dependesse apenas da aposentadoria que recebe, não estaria bem. Da mesma forma, Reginaldo comenta que se aposentou ganhando 1/7 do que ganhava antes de parar de trabalhar e está com uma situação financeira favorável, pois se preparou e fez economias ao longo do tempo.

> É... por exemplo, a gente sempre trabalhou e... a gente vivia com conforto, mas não era de esbanjar né? Porque tem gente que gasta o dinheiro todo, mete o pau no dinheiro: olha, eu quero viver o presente; e não economiza, não faz nada; todo mundo tem que ter uma reserva né, e a gente soube juntar né, soube fazer uma reserva né, uma poupança então isso ajuda. (**HELENA**)

Um ponto comum dos entrevistados é a indiferença com a condição do aposentado no Brasil de forma geral, visto que eles estão em uma situação confortável e demonstram uma certa culpabilização dos que não estão bem, ou seja, talvez eles estejam assim por não terem conseguido administrar os recursos ao longo da vida. Isto é ilustrado na fala de Helena de que está bem porque fez por merecer, poupou dinheiro, diferente de quem gasta muito. Esta situação é evidenciada também na fala do Mauro e do Reginaldo, onde ressaltam que eles fizeram o certo, economizaram dinheiro. Não que eles não tenham mérito de ter poupado dinheiro ao longo da vida, mas os três entrevistados em questão tinham salários altos, onde guardar uma parte do recurso é mais possível. Entretanto, a maioria dos trabalhadores é composta por

assalariados que ganham salários baixos por toda a vida laboral e que não pouparam, muitas vezes, porque o dinheiro não pagava nem o básico de que precisavam.

Nessa visão, Bitencourt *et al* (2011) dizem que os aspectos financeiros, no Brasil, fazem com que a aposentadoria, este descanso prometido após uma vida de trabalho, não corresponda em muitos casos com as expectativas de tranquilidade desejadas pelas pessoas, por conta também da queda financeira vivenciada pelos aposentados. Na presente pesquisa, a maior parte dos entrevistados foi categórica em afirmar que se dependesse apenas do valor financeiro da aposentadoria, teria uma velhice muito complicada, desagradável e difícil.

Alguns aposentados como Rogério, Alfredo, Leda e Elder, aposentaram integral, com isto eles tiveram e tem até hoje direito ao benefício sem desconto do fator previdenciário. Eles contam que temeram e foram motivados a aposentar por uma possível mudança nas leis da aposentadoria. Com exceção do Elder, os outros três se aposentaram e não queriam inicialmente, mas se anteciparam por receio das mudanças:

> Teve aquele momento de um certo terrorismo do Governo, principalmente nas estatais, para forçar a aposentadoria, a aposentadoria antecipada, por que haveria o risco de que se você esperasse a legislação iria mudar, em função disso você poderia perder certos direitos. Então havia um clima muito pesado quanto a isso em termos de final de trabalho, de vida profissional né? E tomar essa decisão, então eu me aposentei até um pouco antecipadamente em função da situação. **(ALFREDO)**

> Não... não, de jeito nenhum! Não, nunca estava na minha cabeça me aposentar. Tinha preocupação de como iria ficar minha situação econômica. Por isso quando teve aquele... aquela insegurança em relação a Fernando Henrique Cardoso é que eu fiquei preocupada... Mas em relação ao trabalho não, a parte econômica sim. **(LEDA)**

Como mencionaram nas falas acima e durante as entrevistas, a questão legal fez muitas pessoas acelerarem a aposentadoria. Para uns, isto foi tranquilo, porém como no caso do Rogério, não foi tanto. Ele se despediu de todos, tirou as férias prêmio para se aposentar na sequência e não conseguiu finalizar o processo, mesmo tendo direito e já tendo ajustado os papéis para parar. Voltou ao trabalho e só depois de um tempo conseguiu fazer a ruptura. É importante ressaltar este fato, por serem aqui entrevistados que estão estáveis financeiramente, como o caso de Rogério que poderia não trabalhar, mas que evidencia como a vida ativa de trabalho vai muito além de aspectos apenas econômico-legais.

Alguns entrevistados afirmam terem se aposentado e dizem não parar de trabalhar por conta do dinheiro. Paulo aposentou e continuou trabalhando e sobre o salário que recebe sem ser a aposentadoria comenta: “(...) o salário vai me fazer falta, eu passei a contar com ele direto.

Passei a contar com essa parte financeira. Para mim assim, parar vai ser complicado. Porque a aposentadoria é muito pouco, a aposentadoria hoje não daria para cobrir meu gasto né. Então quer dizer o salário faria falta".

E na mesma direção comenta Júlio que não topou a aposentadoria quando já tinha o tempo para aposentar, também por conta da parte financeira:

> (...) Eu falei 'pra que que eu tenho que aposentar? Vocês acham que eu vou viver com R$5000,00?' Claro, eu sei que tem muita gente que não ganha nem isso, mas a gente que já tem um monte de coisa e tal, você vai ter que acabar com isso tudo porque se não com R$5000,00 não vai pagar né? Então eu falei assim: 'eu tenho tempo pra aposentar? Tenho, então beleza, tô tranquilo'. Se acontecer alguma coisa pelo menos a aposentadoria eu tenho. **(JÚLIO)**

Carvalho (2009) comenta que a parte financeira estável é importante para a pessoa, contribuindo com a autonomia do ser, além de ajudar na manutenção do orçamento familiar, como também é evidenciado pelos entrevistados. A situação de Paulo é crítica pois tem muitos problemas de saúde e uma família numerosa e dependente financeiramente dele, como ele mesmo diz que o salário fará falta no orçamento mensal. Já Júlio, que tem um argumento semelhante ao de Paulo, a situação é diferente, pois ele mesmo enfatiza na entrevista nem utilizar o recurso da aposentadoria e apenas fazer investimentos com ele. Comenta ter filhas independentes e uma esposa que sempre teve o salário dela. Este é o caso de muitas pessoas que se escondem atrás do trabalho para não ter que assumir o próprio envelhecimento, as próprias questões existenciais ou a própria dificuldade de fazer rupturas.

É importante perceber que cada aposentado se encontra em uma situação diferente como demostrado acima. No entanto, duas polaridades chamam atenção no presente estudo. Uma narrativa de mágoa e revolta com a situação do aposentado e outra de conformidade, ou seja, está ruim, mas "eu fiz minha parte e estou bem".

> Porque agora mais velha, eu durante esse tempo todo de magistério e tudo, eu já tinha três empregos né, eu ganhava direitinho, meu marido também ganhava e a gente economizava, juntava o meu com o dele, era tudo regrado, mas a gente ia e coisa e tal, e agora eu tô velha e olho pro meu salário e sei que o Brasil passou por crise, mas eu não tive culpa, porque eu cumpri com todas as minhas obrigações de cidadã, mas eu tenho que pagar pela culpa dos outros por incrível que pareça, e eu olho pro meu salário e digo: Poxa vida, não daria. Eu gostaria agora com sessenta e cinco anos de por exemplo, sair daqui por exemplo com a minha neta e entrar no shopping da Gávea e falar: 'compra o que você quiser'. Acho que eu mereço ter isso. Pelo o que eu já dei, já criei filho... Já dei muito pelo Brasil, já lutei, já achei que ia mudar o mundo sabe? Entreguei meus melhores anos ao trabalho e agora? O que eu recebo? Uma condição apertada para viver. (**BIANCA**)

> Então essas coisas todas se bateram, então foi isso aí quer dizer não houve assim, não houve um planejamento financeiro porque eu acho que as pessoas devam ter o cuidado porque a aposentadoria no Brasil é muito ruim, eu basicamente paguei a minha vida toda pelo máximo, eu sabia que o dinheiro, por eu ser economista, eu sabia que não seria suficiente, então o que eu fiz foi fazer algumas aplicações, comprar imóveis durante a minha vida útil que pudesse em um determinado momento, eu pudesse ir até (...) até os oitenta e cinco anos, eu tô com sessenta e cinco, tem mais vinte pelo menos né, então em determinado momento eu começo a me desfazer de algumas coisas pra levar minha vida suave, num patamar tranquilo. **(REGINALDO)**

Na narrativa de Bianca percebe-se uma revolta, uma mágoa pela situação em que se encontra, uma desilusão após "entregar os melhores anos de sua vida a trabalho". Ela expõe que lutou pelo país e fez a sua parte e se houve corrupções isto não fez parte das atitudes dela. Ela expressou a indignação que muitos brasileiros vivem e alguns aposentados comentaram na pesquisa, chegar ao fim da vida de trabalho e não ter o conforto de poder comprar um supérfluo, se divertir, ter que mensalmente fazer contas de remédio e plano de saúde para não ter que depender do SUS. Já Reginaldo, expressa que o salário que ganhava caiu muito, no entanto ele tem investimentos e terá uma sobrevida confortável por mais vinte anos. Percebe-se uma conformação com a situação atual, ele diz "sou economista, fiz contas e me preparei para envelhecer, pois sabia que o recurso não daria". Só que esta não é a situação da maioria dos assalariados, muito pelo contrário, como foi exposta a situação de Bianca, Felipe, Pedro e Sávio. Este tópico é também abordado por Bruns e Soares (2007) ao comentarem que a questão financeira do idoso aposentado tem muita relevância e é determinante na maneira que o indivíduo irá vivenciar este momento. Uma velhice sem dinheiro ou com condições financeiras escassas tende a ser muito dura para a pessoa e a marginaliza ainda mais da sociedade (BEAUVOIR, 1970).

Uma discussão que se abriu no presente estudo e que teve associação direta com o trabalhar e parar de trabalhar foi mencionado como poder de compra. Os entrevistados ao falarem da aposentadoria mencionaram de forma recorrente este tema. Pedro comenta: "O seu poder de compra vai defasando, aos poucos, vai defasando, agora você imagina, daqui a pouco não compro quase nada, como vai ser?" Na visão de Reginaldo: "Mas eu realmente pensava em trabalhar, eu não me preparei para não trabalhar quando me aposentasse… Eu precisaria trabalhar pra manter aquele nível de vida que eu levava, que era alto, era muito alto. Eu ganhava vinte e quatro mil e quinhentos reais, eu estourava dinheiro".

Nas narrativas de Pedro e Reginaldo foi evidenciado como a aposentadoria e o trabalho estão relacionados ao que se pode comprar e consumir, marcando o sujeito por aquilo que ele

faz e também pelo que ele pode consumir e assim pode se inserir na sociedade. Esta é uma discussão feita por Bauman (2008) onde o autor diz que a sociedade molda o indivíduo para o consumo e afirma que "o consumo é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos" (p.41). Neste caso, para a ocupação ser o consumo, deve-se trabalhar para poder ocupar-se dele, logo, o trabalho é uma forma de possibilitar o consumo e não é a centralidade na vida da pessoa. Neste sentido é que o autor argumenta que os anseios e desejos a serem realizados pelas pessoas que se encontram marcadas pelas características desta sociedade, que fazem do consumo um estilo e uma estratégia de vida, isto talvez explique um pouco esta forte relação financeira com a aposentadoria e com não conseguir parar de trabalhar de algumas pessoas.

Fontenelle (2008) explana que a sociedade do trabalho hoje é tida como a sociedade do consumo, onde se tem o trabalho como forma de alavancar um padrão de consumo melhor. Neste contexto, surgiu ao final desta categoria o questionamento sobre a centralidade do trabalho na vida dos sujeitos, porque ao mencionar a ruptura com ele, o que se apresenta é a baixa possibilidade de consumir como consequência. Outras questões também surgiram ao narrarem o fim do trabalho e que estão sendo analisadas ao longo do estudo, mas a questão financeira ficou em evidência na presente categoria.

Esta discussão também é evidenciada na fala de Mauro que se diz muito feliz e tranquilo com a aposentadoria, porém afirma: "Quantas vezes você vê família, fazendo contas do que vai fazer… Controle de gastos… aí é terrível. Aí é… aí deve ser horrível. Aí aposentar é terrível…". Esta fala demostra também como o bem-estar está relacionado ao dinheiro e também ao que a pessoa pode comprar e consumir com liberdade e tranquilidade, deixando a questão da centralidade do trabalho em discussão. O sujeito trabalha porque é central em sua vida o trabalho, é estruturante psíquico, formador da sua identidade e organizador da rotina diária ou todos estes pontos colaboram para que o sujeito tenha melhores possibilidades de consumo e assim se inserir de forma mais positiva na sociedade?

Diante das questões financeiras e emocionais ligadas ao trabalho ou ao fim do trabalho, irá se discutir o tópico de análise a seguir, aposentar e voltar a trabalhar.

5.2.2 - Aposentar e Voltar a Trabalhar

Esta categoria emergiu das entrevistas, no sentido que a volta ao trabalho, após a aposentadoria, ou até mesmo a continuidade do trabalho, traz acontecimentos importantes na vida do sujeito e também tem relação com a forma de vivenciar ou não, perceber ou não, o luto da aposentadoria. Outro ponto importante desta categoria é a necessidade financeira do retorno ao trabalho, bem como o sujeito não conseguir de fato deixar o trabalho para fruir novos investimentos em sua vida.

A aposentadoria é um direito dos trabalhadores, no entanto, pesquisas mostram que o esperado tempo de descanso não corresponde às expectativas das pessoas. O complemento econômico tem sido necessário e com isso, a volta ao trabalho é uma opção (BITENCOURT *et al*, 2011). Carvalho (2009) afirma que o percentual de idosos no mercado de trabalho tem aumentado em relação aos números do passado. E que apesar da aposentadoria existir para trazer conforto ao indivíduo após a vida de trabalho, o ser aposentado carrega tantas conotações negativas na sociedade que talvez até se escolha voltar a trabalhar.

Rogério conta que achou que seria muito fácil parar de trabalhar, que seria simplesmente se despedir de todos e pronto.

> (...) a intenção era tirar as férias prémio e não voltar mais. Então antes de publicar, eu fiquei 40 dias fora. Remoendo isso aí... Digerindo pra ver se eu ia aposentar ou não. Ai o que aconteceu? Eu quando voltei que eu resolvi, eu tive que enfrentar o mundo, tipo enfrentar todo mundo que trabalhava junto comigo e sabia, só lá no Fórum são mais de 400 pessoas que sabiam que eu ia aposentar, que todo mundo conhecia e eu tive que justificar 'não... porque eu quero trabalhar', 'que eu tô muito novo' e todo mundo vinha e todo mundo que eu encontrava vinha me perguntar. Mas foi muito bom pra mim eu ter voltado, entendeu? Eu fiquei mais seguro. Parece que foi uma mudança de... de como é que eu vou dizer? Já era pra eu ser bem maduro e bem experiente, mas eu não era. Então ali parece que foi uma mudança, ali eu amadureci em questão profissional. (...) porque eu ... É... Como é que eu vou dizer...? Eu achava que aquilo ali era assim: 'dar tchau e beça', 'não preciso mais voltar ai', 'nunca mais vou passar em frente'. E não era nada daquilo. Eu dei valor. Eu dei valor àquilo que eu tinha, aquele trabalho que eu tinha, entendeu? **(ROGÉRIO)**

O que intrigou o entrevistado foi perceber a importância do trabalho em sua vida apenas no momento da aposentadoria e a percepção de que gostava de trabalhar, mas não sabia da representatividade que o trabalho tinha em sua rotina. Na narrativa vale destacar que ao decidir não se aposentar, teve que justificar aos colegas de trabalho este retorno, como se isto não fosse algo normal ou admissível, uma pessoa ter tempo de aposentar e não querer. Ele conta que teve que "enfrentar" a família por conta da decisão de não parar, demonstrando que talvez o trabalho

não seja tão natural ao homem quanto se possa parecer. Esta questão coloca em reflexão a centralidade do trabalho que se tem defendido na tese com base em Dejours (2012a) e também como a aversão natural do homem ao trabalho (FREUD, 1930) se apresenta na vida cotidiana, neste caso com espanto de uma pessoa poder parar de trabalhar e não querer.

Felipe conta que se aposentou na empresa estatal que trabalhava e voltou a trabalhar na mesma empresa só que privatizada. Posteriormente foi demitido e atualmente faz trabalhos esporádicos. Ele diz que não quer parar de forma alguma, que se sente bobo de pensar em ficar em casa sem ver as pessoas e que trabalhar possibilita-o comprar as coisas que ele, a esposa e a filha querem. A fala do Felipe demonstra, como já mencionado por Braga *et al* (2008), que ter uma possibilidade de consumo maior contribui com o interesse do idoso ou aposentado em se manter no mercado de trabalho. Outro ponto que fica claro é que o entrevistado não quer se retirar da vida pública, se sentindo bem em estar com atividades e trabalho. Caldas (1999) e Peres (2007) expõem que um motivador forte para que o sujeito permaneça com alguma atividade de trabalho é poder estar em contato com outras pessoas e ser reconhecido por elas pelo trabalho realizado.

A volta ao trabalho após a aposentadoria para Júlio não foi perceptível, pois faltou um dia de trabalho para ir ao INSS se aposentar e voltou no outro dia para trabalhar normalmente:

> Então continuei, mas assim, avisei, todo mundo sabe que eu aposentei e tal. Ninguém se mete, ninguém coloca nenhuma objeção. Mas se você me falar 'e agora como é que você se sente aposentado'?, não sinto nada, eu sinto que assim, eu tenho que trabalhar, eu preciso trabalhar até quando der e quando eu falo até quando der, a gente tem que ter também um desconfiômetro. Se chegar numa hora você começar a ver que você não consegue mais fazer as coisas, você tem que sair. Tem que chegar e falar: 'não, agora não dá mais', tem que ir embora. E não esperar ninguém falar que você não tá fazendo ou tá velho. **(JÚLIO)**

Gilson narra que saiu da universidade e continuou dando aulas no MBA e que sente ser um trabalho especial, pois ele é convidado, não é algo rotineiro e que traz reconhecimento e satisfação:

> É, eu parei com o trabalho na universidade e tenho um trabalho que não é rotineiro, ele é esporádico, mas que de alguma maneira me absorve e me põe sempre em atividade ainda. Não atividade de trabalho regular, mas mesmo assim me absorve e é não rotineiro, então é gratificante também. **(GILSON)**

Da mesma forma, José, que se aposentou em uma universidade federal e continuou trabalhando em outros lugares dando aula e orientando dissertações e teses, também sente ter

um trabalho especial que o rejuvenesce e traz satisfação. Um ponto semelhante a Júlio, Gilson e José foi não perceberem a aposentadoria. Os entrevistados são aposentados, porém temem a ruptura do parar de trabalhar. Outra questão encontrada na narrativa deles, é que como não pensam em parar de trabalhar e dizem não gostar de pensar nisto, demonstram receio de não perceberem se é hora de sair do trabalho, se estão obsoletos por conta da idade, como diz Júlio "a gente tem que ter um desconfiômetro". Outra situação que mencionam sobre a importância de continuar trabalhando, é poder ajudar financeiramente os filhos e ressaltam que ajudam os filhos e não o contrário. Isto é mencionado por Sikota e Bretas (2012) ao argumentarem que a vantagem do aposentado que volta a trabalhar é a possibilidade de se manter financeiramente estável. Coutrim (2006) expõe que além de ser bom financeiramente o retorno ao trabalho, a manutenção da atividade remunerada coloca a pessoa com poder de decisão dentro da família, que no caso dos entrevistados passa por não depender financeiramente dos filhos e poder contribuir ainda com as finanças deles.

> Então, sobre esse aspecto, é muito interessante que a remuneração que eu recebo com a minha atividade serve, de alguma forma, para ajudar meus filhos, meus netos né?! Isso para mim, hoje, é uma grande preocupação. É ver o futuro deles, porque eu já sei que daqui a pouco eu estou indo, agora em relação a eles. (...) É porque eu vejo até exemplos de outros amigos, que no final os filhos que acabam ajudando, amparando os pais. Comigo é diferente, por exemplo: a remuneração que eu recebo hoje no trabalho é muito repartida com meus filhos e meus netos. Isso é muito interessante, porque eu consigo dar para eles o que ninguém nunca deu para mim. **(JOSÉ)**

Reginaldo e Mauro tiveram um retorno ao trabalho após a aposentadoria semelhantes, se aposentaram em um lugar que trabalharam muitos anos e depois, devido à experiência, foram chamados para fazer trabalhos, porém passado pouco tempo decidiram parar tudo e usufruir da aposentadoria:

> Aí o que eu fiz, fechei tudo, esse ano eu fechei, ano passado trabalhei fechando todas elas, esse ano eu já tô tirando tudo do meu imposto de renda e não fiz mais nada, mas fiquei assim, desses cincos anos que eu tô em casa devo ter trabalhado um ano e meio. É não parei, mas também há basicamente três anos e meio que eu não faço absolutamente nada. **(REGINALDO)**

> O cara tem bala. Um dia falou: Você não pode ficar parado não. Me chamou pra trabalhar com ele. Eu cheguei a trabalhar com ele um ano e oito meses. Um belo dia eu cheguei pra ele e falei assim: 'Ó, tchau. Eu quero a minha vida de volta'. Ou seja, eu não queria trabalhar, você tá entendendo? O que eu te falei lá, você vai sendo absorvido pelo trabalho o tempo tá passando e você não tá aproveitando ele. Eu não precisava felizmente… **(MAURO)**

Reginaldo e Mauro contam que se aposentaram, retornaram, pararam de vez depois e estão bem, gostando da aposentadoria. Todavia, nestes casos, é importante destacar que os dois entrevistados gozam de uma condição financeira positiva, que vai muito além da dependência da aposentadoria, trazendo assim um certo conforto de fruir os momentos de não trabalho.

Marcela narra que aposentou um pouco apressada com receio de mudanças na legislação no banco e que não tinha se planejado para isso:

> Aposentei no banco e logo eu fui procurar alguma coisa pra fazer, não de trabalho. Como eu sempre gostei de estudar idioma, eu falei, vou sair e viajar para aprender idioma. Mas nisso, eu recebi um recado para vir aqui. Aí eu vim para dar satisfação a quem me indicou e a quem estava me esperando. Não saí mais... Assentei e comecei a trabalhar. Aí eu vim trabalhar com o que? Uma das coisas que eu tinha muito medo era de não poder viajar mais, que era uma coisa que eu sempre gostei de fazer, viajar. Se aposenta né? As coisas diminuem um pouquinho. (....) Não parei até hoje. Vim trabalhar exatamente num lugar, que me favorece para isso. Então é um lugar super agradável, você vê o nosso ambiente. Eu não tenho salário. Não, não tenho salário. Eu ganho por venda. Se eu vender eu ganho, se eu não vender eu não ganho. Mas isso me dá uma liberdade. Não tenho que cumprir horário, se eu resolver faltar ou viajar, eu faço. (**MARCELA**)

Carlos conta que aposentou dos antigos trabalhos e depois foi chamado para atuar como superintendente de um hospital, onde até hoje trabalha:

> (...) e a grande surpresa que eu tive depois que, me convenceram a ficar (...) temos uma boa notícia pra te dar', pensei comigo, eles poderão falar em dinheiro agora, porque falaram tudo (...) chegaram pra mim e falaram assim 'Nós não temos um tostão pra te pagar'. Então você vê que não foi isso que me obrigou a ficar aqui. Que eu fiquei mais de um ano aqui sem receber um tostão. E às vezes com um compromisso muito maior do que eu tenho hoje, porque eu não conhecia ninguém. Hoje eu conheço todo mundo e domino a estrutura de toda a instituição. Tá certo? Então foi só um ano e meio depois que eles começaram a me pagar. **(CARLOS)**

Os sujeitos mencionados, Marcela e Carlos, que continuam trabalhando mesmo depois de aposentarem, contam em suas narrativas que tem momentos atualmente de trabalhar sem receber salário. Em alguns momentos apresentam uma relação de dependência com o trabalho como comentam Pagés *et al* (1987), um vínculo extremo com a empresa hipermoderna. Ao falarem desta ligação exagerada com as organizações, os autores pontuam também sobre o ideal de eu tratado do referencial teórico do presente estudo (FREUD, 1914; GARCIA-ROZA, 2008; ARAUJO, 2010). Para Pagés *et al* (1987), na tentativa de retomar àquela onipotência inicial perdida, o sujeito busca coisas (objetos de amor) para se identificar e o fazer mais realizado e com a sensação de prazer do início de sua existência. É neste momento que, na vida adulta,

entra o trabalho e os vínculos que são estabelecidos com as organizações e colocam que o ideal de eu do indivíduo começa a ser pactuado com a empresa, tornando-se assim um ideal coletivo e inexistente sem o local de trabalho. Torna-se então uma identificação visceral indivíduo-organização, que nada mais é do que o ideal de eu no molde capitalista.

Esta reflexão dos autores foi evidenciada no sentido de que todos os entrevistados que retornaram ao trabalho e ficaram ou nem sequer perceberam que aposentaram, estão ligados às instituições. Os mesmos se sentem mais confortáveis em estarem com seus projetos de vida atrelados às empresas que trabalham e não se percebem fora de lá, tamanha identificação com as mesmas (MOTTA, 1987).

Outro ponto delicado sobre a aposentadoria é como o aposentado é visto na sociedade, ou como ele se sente observado, por isto optou-se por abrir uma categoria, que será a próxima, para discutir esta visão.

5.2.3 – A Visão da Sociedade sobre a Aposentadoria

Durante as entrevistas surgiram narrativas sobre como a sociedade enxerga o aposentado e como a cultura brasileira influencia essa visão. Vale ressaltar que ao narrarem a visão da sociedade, eles não deixam de falar da visão que eles mesmos possuem da aposentadoria, o que pode contribuir positivamente ou não para este processo na vida de cada sujeito. Standing (2013) comenta que o trabalho remunerado foi colocado em posição de grande destaque no século XX e que tudo que não se refere a isto é devalorizado na sociedade moderna. Cardoso (2009) complementa que para a sociedade atual, o tempo que não é empregado para gerar valor financeiro, é um tempo que não tem valor ou não está sendo investido em coisas importantes.

Paulo aponta em sua narrativa como acha que o aposentado é visto, trazendo situações passadas envolvendo o assunto.

> Hoje “ta” até mudando um pouquinho o modo como a sociedade tá vendo né. Porque tem o Fernando Henrique que chamou o aposentado de vagabundo né. Falando em vídeo, tem um vídeo dele falando isso. E ele aposentou com quarenta e poucos anos. Aposentou bem cedo. Eu continuo trabalhando e continuo contribuindo e esse dinheiro que eu contribuo não serve para nada, não vai aumentar a minha aposentadoria. Uma maneira até injusta né. Então eu só contribuo. Então eu sou aposentado e continuo contribuindo. Então eu recebo um valor, mas “to” contribuindo. Nesse ponto assim, as minhas filhas falam assim: queria tá na sua pele, você tá aposentado e não precisa nem trabalhar. Mas não é assim. (**PAULO)**

> (...) eu acredito que a sociedade vê como um folgadão, o cara que, e eu já escutei muito assim 'po eu estou doido pra aposentar sacou, você está aposentado ai sem fazer nada', e apesar que após a aposentadoria eu tive problemas de saúde, que eu nunca tinha passado por um problema grave de saúde. E eu tive 2 problemas graves de saúde depois de aposentar. **(PEDRO)**

Felipe conta que sente discriminação da sociedade e também dos colegas de trabalho que sabiam que ele já era aposentado. Ele conta que recebia insinuações no trabalho que "era vagabundo porque já tinha se aposentado". Com os mesmos termos que Felipe diz que foi julgado como vagabundo, Paulo lembra de uma opinião dada por um governante que insinuou que aposentado era vagabundo, isto demonstra o que pode ter ficado de impressão para as pessoas, tanto os aposentados quanto as pessoas que veem o sujeito que não trabalha mais. A mesma linha de pensamento, Pedro expõe ao dizer que o aposentado é visto como um "folgadão", uma pessoa que fica "ai sem fazer nada". Outro ponto que Paulo aponta é que o aposentado que continua trabalhando tem que recolher um INSS que não terá direito de usar, pois já recebe a aposentadoria pelo tempo que contribuiu, logo ele colabora para o sistema previdenciário e poucos têm conhecimento disto. Este tipo de discussão e ponto de vista ilustra como ainda este é um tema árido e que traz contradições nas situações vivenciadas.

Helena faz um relato trazendo que à primeira vista, não fazer nada remunerado tem uma conotação negativa para as pessoas: "Ah, a primeira coisa que vê é... ah ele não faz nada... Primeira coisa oh aquele ali, virou aposentado, aposentado assim, como não tem um trabalho, não tem um emprego, não faz nada, fica mais em casa, isso é ruim". Leda na mesma ideia diz que a sociedade não valoriza o aposentado. Sávio e Elder compartilham também de opiniões semelhantes:

> É aquele que tá... mais parado. No fundo, no fundo aqueles que não trabalham, são aposentados que ficam à toa, a sociedade repara, recrimina. Se a pessoa é muito bem de vida, ela ta sempre sendo chamada pra algum acontecimento social ou coisa parecida e tem divertimento, mas se não tiver, "poxa tem nada pra fazer". **(SÁVIO)**

> Eu acho que o aposentado poderia ser mais bem tratado, eu acho que é um pouco deficiente esse tratamento, acho que deveria ter mais respeito, acho que o governo também deveria dar mais assistência, acho que ainda está faltando alguma coisa ai, não é como deveria ser, acredito até que tá melhorando, mas acho que tem muita coisa a ser feita. **(ELDER)**

Sávio faz em sua fala uma divisão do aposentado que fica "à toa" e o que não fica, ou seja, o que trabalha e o que não trabalha. Esta separação é vista na fala de Helena também, trazendo uma impressão que o aposentado que opta por ficar sem trabalhar, é mais

desvalorizado, por “não fazer nada”. Mucida (2006) trata deste ponto ao falar que o aposentado que não opta por trabalhar é visto como de menor valor na sociedade do que o que trabalha. Um ponto mencionado por Sávio é a falta de opções de atividades para o aposentado, mencionando que a pessoa que tem dinheiro, continua inserida na sociedade, sendo convidada a eventos. No entanto, a pessoa que não está “muito bem de vida”, sente o ócio e a exclusão social. Por fim, a fala de Elder traz a necessidade de o idoso aposentado brasileiro ter um tratamento mais respeitoso pela sociedade e pelo governo.

Rogério e Marcela trouxeram um elemento diferente que foi a sensação de se sentirem observados, julgados pela sociedade. Marcela conta: “Olha, eu vou te falar, a partir de quando eu saí do banco, a sociedade te olha como se a gente fosse inútil, a gente se sente observada, vigiada”. Da mesma forma Rogério relata que se sentia observado pelos outros quando estava “à toa”, ou ia levar os filhos de bermuda na escola:

> Olha, eu não sei o que a sociedade vê, mas eu achava que ela ficava me olhando (Risos). Entendeu? Eu achava que ela me falava assim ‘olha o aposentado ali’ eu não achava legal esse negócio de aposentado. Tanto que hoje na hora que eu tenho que preencher alguma coisa que tá... Profissão? Eu não coloco aposentado eu coloco advogado. Eu não gosto dessa... Dessa nomenclatura de aposentado assim... esse nome, ‘ah, você é aposentado’... Eu não ligo tanto pro idoso, mas para o aposentado... Porque tem gente que trabalha até morrer... 90 anos! (**ROGÉRIO**)

Caldas (1999) aborda o estigma de quem não trabalha concluindo que, como trabalhar é algo importante e a produtividade bem vista pela sociedade, não estar trabalhando gera um sentimento de vergonha e desvalorização perante os outros. Ele complementa que a aposentadoria, neste cenário, tem uma conotação negativa e de inatividade diante da sociedade, conforme está explicitado nas narrativas dos entrevistados. Marcela traz a sensação de ser vigiada, ela assinala sobre o sentimento de dever algo à sociedade e Rogério traz aversão ao termo aposentado, fala que idoso até não se importa, mas aposentado não. Há, dessa forma, uma expressão do como se aposentar ainda gera uma sensação de desconforto para o aposentado, como exemplificado pelos dois entrevistados acima. Importante destacar, que estes se aposentaram e voltaram a trabalhar, possivelmente por não terem suportado a ideia de se apresentarem como aposentados, como na fala de Rogério que deixa claro que não se intitula aposentado de forma alguma se alguém perguntar sua profissão.

Laura, além de concordar com a percepção sobre o aposentado não ser bem visto, narra que foi diversas vezes acusada de dar um “golpe no governo”, sendo que contraiu, trabalhando,

a doença que a invalidou. Tais relatos contribuem para uma leitura do porquê muitas vezes aposentar-se é difícil e até vergonhoso para algumas pessoas. Vale ressaltar que todos esses registrados ficam presentes, inclusive de forma inconsciente, nas pessoas que, quando se vê diante desta situação, vivencia sensações difíceis de serem entendidas e administradas.

> Um fardo ne, o aposentado pra sociedade hoje eu acho que é um fardo que onera a previdência então eles veem o aposentado assim… eu acho. Eu acho que não é visto como útil, eu acho que não… há uma discriminação sim com o aposentado. Há grande discriminação com aposentado, eu falo que é aposentada… uma época teve até uma até o colega de banco perguntou " ah, mas você aposentou quando?", 'Ah, eu aposentei por LER', 'Ah, então você era dos desocupados que deu uma pernada pra aposentar pra se dar bem, né?', eu falei: 'não, eu não fiz isso não!', então é isso, ainda mais no meu caso que é aposentado, eu aposentei por LER parece que eu dei aquele golpe né na previdência, até hoje tem gente que vê assim. **(LAURA)**

Dalva e Júlio relatam que o trabalho inscreve o sujeito como um ser importante na sociedade e que quando ele não trabalha mais, ele fica ultrapassado, sem voz, sem importância.

> Eu acho que a sociedade ver o aposentado como um cara que já passou, já aposentou, já passou entendeu, e o aposentado sente isso é ele é um pouco assim, muita gente eu converso com muita gente eu sinto que a pessoa fica meio na baixa, a pessoa fica se sentindo assim, a pessoa fica meio sem graça menina... eu já sou aposentada, eu acho que a sociedade ainda é cruel com o aposentado, ele ainda é discriminado. **(DALVA)**

> (...) o aposentado que fica parado, o parado, eu acho que ele não é muito bem visto, é visto como um coitado 'ah vamos dar uma pensão pra ele ali', não é assim, ninguém busca nele mais nada , é isso que eu percebo, então eu acho que é uma situação, assim, muito ruim, então eu quero aposentar em uma hora, assim, que eu não tiver mais forças, não tenho mais forças pra fazer mais nada, nem pra trabalhar aqui, aí vou ficar em casa, sentar na minha cadeira ou em uma cama sei lá o que, porque aí já não tem mais forças, porque se você sai igual eu tô aqui hoje, sem sentir nada, sem aparentemente ter nada, e ficar andando na rua aí sem rumo, não, eu não quero isso, então eu acho assim, é por isso que eu falo, eu aproveito a oportunidade de trabalhar em uma empresa que nem essa, que é grande, que tem muita atividade. **(JÚLIO)**

Peres (2007) e Roesler (2012) trazem a reflexão de que quando a pessoa já não tem um trabalho – esta forma de se inscrever na sociedade e de ser alguém no mundo – é vista como alguém que já passou, com menos valor e prestígio. Esta narrativa foi reforçada na fala da Dalva, que é uma aposentada que não trabalha mais, ao colocar que o aposentado é "um cara que já passou", que fica meio "sem graça" e que é discriminado. Possivelmente ela está referindo à sua experiência e sua própria visão, que vai na mesma direção de Júlio, que é aposentado e continua a trabalhar, ao afirmar que quem fica parado é visto como um coitado pela sociedade. Diante de sua própria visão e preconceito diz só querer parar de trabalhar

“quando não tiver mais forças” ou estiver “em uma cama”, para talvez não ter que passar os desgostos de se inserir nesta categoria que é o aposentado que “ninguém busca nele mais nada”.

De maneira distinta, Gilson traz em sua narrativa a visão de que a sociedade vê o aposentado de forma positiva, mais próxima à percepção de Aloísio de que o aposentado deve ser valorizado. No entanto, é importante ressaltar que tais discursos vieram de duas pessoas que não pararam de trabalhar até hoje e que não mencionam ter data de parar. Muito pelo contrário, são indivíduos que temem esta ruptura e se mostram muito orgulhosos do trabalho que ainda realizam. Gilson faz um processo de denegação, onde afirma externamente algo contrário ao que internamente acredita, ou seja, que a pessoa é vista como inútil, improdutiva, usuária dos que trabalham. Já na fala de Aloísio, há uma tentativa de moralização do aposentado, que talvez ele mesmo não ache e afirmando isto categoricamente pode ser que passe a impressão de ser verdade.

> Olha, ninguém imagina que a pessoa é inútil. Todo mundo imagina que ela já teve o tempo dela de trabalhar, e agora já cumpriu o seu tempo e ele agora simplesmente não teria a necessidade de continuar com a atividade. A sociedade não penaliza nada não, trata normal. Não como uma pessoa improdutiva, uma pessoa que seja um usuário daqueles que trabalham. Tratam normal como se estivesse trabalhando. **(GILSON)**

> A sociedade vê o aposentado com um peso pra ela, infelizmente. O jovem diz: “Eu tô pagando pra você ficar atoa’ e tá errado isso. Tá errado isso. Há necessidade de valorização do aposentado e idoso. Porque ele deu a sua contribuição para o progresso do país. Então muitas vezes eu encontro com alguns aposentados que tão aí atoa, atoa não, que falam também assim: ‘Po, e não reconhece o que eu fiz’. Tá certo, então há necessidade de valorização da terceira idade, para que a terceira idade tenha um nível de vida satisfatório e principalmente que se sinta feliz. A pessoa infeliz vai embora. Vai morrer. **(ALOÍSIO)**

Com isso, pode-se perceber que apesar da diversidade de opiniões e visões, envoltas pelas singularidades e particularidades de cada um, é perceptível que a sociedade capitalista, marcada por produção, consumo e reinvenção (TRAGTENBERG, 1980 e GUERREIRO RAMOS, 1981), não acolhe bem a pessoa que não está produzindo algo de valor financeiro. Dejours (2012b) expõe que a apreciação qualitativa da opinião do outro, julgamento de utilidade, são “mensagens endereçadas pelos outros, no teatro das relações sociais do trabalho” (p.111). Esta afirmação ajuda a perceber que mesmo fora do tempo de trabalho, as pessoas são julgadas por sua utilidade, o que torna o tempo de não trabalho penoso e muitos não se sentem à vontade de usufruir dele.

Após analisados os temas Trabalho e Aposentadoria, a próxima categoria abordará o luto da perda do trabalho, ou seja, da aposentadoria.

5.3 O Processo de Luto

O trabalho, na presente pesquisa, está sendo tratado como central e estruturante psíquico na vida do sujeito e a aposentadoria, como um tema que expressa um momento muito importante, ambíguo e delicado na vida das pessoas.

No referencial teórico deste estudo, foi apresentado o conceito de luto que, num segundo momento, foi aplicado à análise sob a ótica da perda do trabalho, eleito como objeto de amor pelas pessoas ao longo de suas vidas. Nesta categoria *a priori,* procurou-se investigar como se deu o processo de luto decorrente do parar de trabalhar, mesmo que esse processo psíquico que é o luto não seja tão claramente percebido por todos.

Freud (1914), ao teorizar sobre o narcisismo, o subdivide em dois, o primário e o secundário, como já exposto. No narcisismo secundário, em busca de viver as sensações do eu ideal, estabelece-se uma relação de objeto, buscando através do ideal de eu, encontrar a unicidade, a plenitude que um dia teve-se que abrir mão, para poder ascender ao estatuto de sujeito (FREUD 1914). Para a análise da presente tese, considera-se o trabalho como um dos objetos de amor elegido pelos sujeitos no mundo capitalista, devido sua centralidade e importância para a psique. Com isso, a perda deste objeto de amor gera um luto a ser vivido pelas pessoas (BARRETO e FERREIRA, 2011), sendo este o tema central problematizado nesta categoria.

No ensaio de Freud (1915) relativo ao luto, o autor vai explicar sobre a perda do objeto de amor e o trabalho associado ao reinvestimento libidinal em outro objeto, para que assim, o luto se encerre. No entanto, o autor menciona que o processo de luto é muito penoso para o sujeito, trazendo dificuldades e sensações de vazio (GABRIEL, 2008; GABRIEL, 2012).

Garcia-Roza (2008) destaca que a depender do tamanho da identificação com o objeto elegido, a perda do mesmo chega a ser tratada como abandono do próprio eu por si mesmo. Por isso, e devido à importância do trabalho na vida das pessoas, que a perda deste objeto é tratado muitas vezes como a perda de si, da própria identidade, da própria vida, como relatado por alguns sujeitos de pesquisa.

Rogério conta que foi assaltado, ao se aposentar, por um grande sentimento de inutilidade: “Eu me senti assim... Eu vinha pra casa sentava ali, via televisão, falei ‘gente, isso vai... Vai... Eu vou ficar doente. Eu vou ter qualquer problema aí’. Eu vou ficar... Né? Uma depressão um negócio assim. Aí, eu comecei assim... sentia um vazio muito grande”. O

sentimento de vazio tomou o lugar do sentimento de alívio que o entrevistado acreditou que iria sentir com a aposentadoria.

> Olha, eu vou te falar uma coisa, eu achava que eu ia...que ia ser assim: "eu vou parar de trabalhar, mas vai ser maravilhoso. Eu vou ficar em casa, vou ver... vou ver filme, vou ver..." Mas na hora que eu aposentei. Você já viu quando eles falam aquela... Que você fica igual a um cachorro que cai do caminhão da mudança? Que você fica perdido assim? É o que aconteceu comigo. Eu não esperava. Eu não sabia. E ninguém nunca fala com você. É você sozinho. É você pensando ali em aposentar e falando "vou sair dessa trabalheira doida. Então, era uma coisa desgastante. Aí, você está toda hora pensado "pô, na hora que eu ficar lá em casa atoa" quando você chega em casa você vê que não é bem assim. **(ROGÉRIO)**

Bruns e Abreu (1997), em pesquisas com aposentados, encontraram narrativas com sentimentos oriundos deste momento, como angústia e solidão, somados à desvalia. Como descrito pelo Rogério, houve um sentimento de inutilidade e vergonha de sua situação e sem saber, teve que se reerguer do processo de luto que viveu. Tal processo reforça a noção apresentada por França (1999), de que a aposentadoria pode ser sentida com angústia e sensação de vazio e muitas pessoas não tem ideia que viverão este processo, como menciona Rogério que não esperava por passar pelo estranhamento e vazio que viveu.

Marcela, assim como Rogério, conta ter tido sentimentos estranhos e uma sensação de ter "feito algo errado":

> Eu aposentei dia 30 de dezembro, então no réveillon daquela época, eu participei de um réveillon de família, com um tio que era mais velho do que eu e ainda não tinha parado de trabalhar. Aquilo me deu um mal-estar danado, sabe? Um mal-estar danado. E aí o que aconteceu? Veio o mês de janeiro, aí eu fui para Belo Horizonte, no aniversário de um sobrinho e lá eu estava muito assim, com essa coisa ruim, de ter feito um ato errado, sabe? Joguei meu emprego fora, que eu vou fazer agora? **(MARCELA)**

Na mesma direção, Aloísio também remete a este sentimento de não saber o que fazer: "Mas então é o seguinte, mas então eu falei, meu Deus do céu. Eu estava com cinquenta e sete anos, o que eu vou fazer agora? Tenho que fazer alguma coisa, senão *não vou valer nada*" (grifo da autora). Caldas (1999) comenta que, de acordo com o vínculo que a pessoa estabelece com sua ocupação ao longo da vida, a dissolução deste vínculo pode caracterizar "uma perda traumática desta coesão psíquica" (p. 266) e complementa que muitas vezes a ocupação do sujeito é que determina a ele significados de mundo e de si. Ao se ver sem o trabalho o sujeito se vê sem eixo de vida.

Sávio comenta que: “Oh, eu não me entreguei totalmente, não porque se a pessoa não tiver um sentido você já... meus filhos, meus netos tão aí, não tem sentido de vida a pessoa tá morrendo, né”? Diante da narrativa deste entrevistado, pode-se perceber que o fim do trabalho para ele se assemelhou a uma morte, a um abandono de si, ele traz consigo um olhar entristecido e sempre reforça que não se “entrega” por conta da família. A fala do entrevistado é um exemplo do sentimento que Beauvoir (1970) se refere que renunciar ao trabalho pode significar para algumas pessoas experimentar uma espécie de morte.

Laura, contando sobre seu processo de luto: “Não, no início foi ruim sim eu sentia falta, eu sentia muita falta de serviço, um aperto no peito”. Helena conta do seu processo de estranhamento de ter muito tempo, depois de muitos anos de uma vida corrida e também refere sobre a angústia daquela situação:

> Assim... na primeira semana, segunda semana eu achei esquisitíssimo porque eu saia de tarde, por exemplo, três horas da tarde eu ia à rua, aí eu achava tão esquisito, olhava aquela gente toda: ‘nossa esse pessoal não tem nada pra fazer... porque eu também não tinha’. Aquilo foi me dando um pouquinho de nervoso, angústia sabe? Eu falava, ah que eu... nunca tinha tempo pra nada. O que eu fazia era no horário de almoço, corrido, ou então depois de seis horas da tarde. Esse horário eu nunca podia estar na rua, e eu estava ali andando pra lá e pra cá, sem compromisso de horário... e aquilo me angustiou um pouco. Mas como eu tinha as minhas aulas né? Aí eu comecei a preencher meu tempo com as aulas né? E com os meus estudos. **(HELENA)**

Barreto e Ferreira (2011) ao mencionarem sobre luto da perda do trabalho, afirmam que é um processo difícil, penoso, porém importante de ser vivido e aceito, para que o sujeito possa se reestabelecer e seguir adiante com sua própria vida. Laura e Helena narram que experimentaram o processo de luto, tiveram que vivê-lo e atualmente se mostram bem e adaptadas à vida sem a antiga atividade laboral.

Gilson conta que aposentou na universidade e continuou dando aulas em MBA, para dar continuidade e não ter ruptura com o trabalho: “Olha por continuidade só, quando me aposentei já estava nele e continuei nele”. E complementa que tem receio desta mudança, de passar por esse processo, que é o de luto de algo perdido:

> O receio da mudança de rotina, porque você tem uma vida, uma coisa que você conhece, você sabe o que é o trabalho você tem a sua rotina. E você vai partir para o desconhecido de não ter nada. De estar sempre sem ter uma atividade, sem ter uma ocupação mesmo. Então esse era o receio de alguma maneira se sentir a falta de ter o que fazer. **(GILSON)**

Da mesma forma que Gilson, Júlio se mostra resistente a encarar o luto do processo de aposentar. Diz não aceitar a aposentadoria e não querer pensar neste assunto:

> E esse negócio da aposentadoria eu brinco, eu falo assim, eles ficam rindo aqui de mim porque eu procuro fazer as coisas assim um pouco pensadas, eu não tomei nem um café, você acredita? Nem um café eu tomei com esse dinheiro da aposentadoria até hoje. Vai fazer dois anos agora que eu recebo, porque a gente não recebe o dinheiro vivo né? É um papel, você assina aqui, assina ali, não sei o que... Cheguei com o negócio, coloquei lá no banco, falei com o gerente "todo mês você vai colocar esse negócio aí na poupança até isso dar um volumezinho aí razoável pra gente pensar depois em aplicar em outra coisa. Bateu e você já coloca na poupança e pronto." E eu outro dia tava rindo, eles falam "ai ai só você mesmo" e eu falo assim "gente, não tomei nem um café, não falei me empresta essa moedinha aí que eu vou tomar uma garrafinha de água aqui com o dinheiro da aposentadoria. Nada. Guardo ela toda." **(JÚLIO)**

É perceptível que os dois últimos sujeitos expostos negam qualquer possibilidade de parar e ter que encarar este processo de luto. É uma recusa ao processo que precisa ser vivido. Gilson viaja todo Brasil para dar cursos, diz sentir-se cansado e teme passar pelo processo de mudar. Júlio se recusa a utilizar qualquer valor referente a aposentadoria para não ter que se dar conta de sua nova condição. Eles rejeitam as descontinuidades da vida e continuar trabalhando é "fingir" que assim as coisas serão sempre constantes da forma que eles desejam. Estas são as estratégias de defesa que utilizam a fim de negar sua própria condição de aposentado. Roesler (2012 p. 44) comenta que "O trabalho traz em si um sentido existencial relacionado às escolhas forjadas na história da pessoa, na medida em que, por meio das mediações familiares e sociais, viabilizou a constituição de seu projeto de ser" e complementa que a perda do trabalho é sentida como a perda do projeto de ser do sujeito, levando-o a experienciar uma morte social. Isto é o que parece ser temido e é continuamente evitado por estes sujeitos.

Bianca conta que imaginou que existisse esse processo de luto, sentimento de perda e que tentou se preparar para isso, planejando o que faria e refletindo na nova condição de vida que teria:

> Eu acho até que pra não sofrer, o que eu via que as pessoas que se aposentavam sofriam, 'não tenho mais nada pra fazer, eu vou jogar carta na praça', então às vezes eu passava pela praça e dizia assim: 'será que eles estão felizes aposentados? Será que eles gostariam de estar fazendo outra coisa'? E eu acho que essa coisa ficou latente e eu comecei a criar situações pra poder acrescentar, não deixar eu cair em depressão, não ficar triste, me sentir útil, me sentir produtiva. **(BIANCA)**

Felipe conta do sentimento quando aposentou: “Foi um choque parar de trabalhar, uma solidão, porque foi assim prematuro, nós fomos forçados a aposentar, a parar. Então aposentamos porque tínhamos direito a aposentar, se não tinham mandado embora do mesmo jeito e eu teria parado de trabalhar”. E fala também da segunda vez que parou de trabalhar: “Foi, foi, foi, mesma coisa… senti falta também, da molecada, do serviço, sente, sente falta, não tanto quando se tem experiência, a gente já tá numa idade, então não é criança mais, mas sente, mas já tô readaptando tranquilo, uns seis meses depois já tava melhor”. O entrevistado foi maquinista e pedreiro ao longo de sua vida, e comenta o que Bruns e Abreu (1997) menciona que é o sentimento de solidão, falta dos colegas e do trabalho referentes a aposentadoria. Narra uns seis meses para se sentir melhor, mais adaptado e já fazendo outros planos, o tempo que precisou para passar pelo processo de luto e se restabelecer.

Dalva aponta que nunca pensou em aposentar e que quando aposentou do primeiro emprego quis voltar logo a trabalhar: “Nem pensava nisso. Foi uma notícia assim que me assustou, me deixou meio que sem chão, por isso que apareceu uma proposta em seguida que eu voei e agarrei com toda força, porque aliviou aquela coisa da aposentadoria, não é bom aposentar”. Mucida (2006) afirma que aposentar coloca o sujeito em uma perda de amplo aspecto, como poder, convívio, status, causando sintomas que devem ser observados.

> (...) então eu digo por aí que aposentar não é uma coisa do outro, todo mundo pula de alegria porque aposento, eu sai de lá de cabeça baixa, puxa vida o que eu vou fazer agora? Mas aí surgiram várias oportunidades, eu ainda tava numa época boa, surgiram oportunidades ótimas assim, meti a cara. **(DALVA)**

> (...) eu ainda fico meio assim que perdida de manhã, porque eu já estava acostumada com aquela coisa de pular da cama correndo, chuveiro, café, roupa pra me vestir assim pra ir bem apresentada e aquele ritmo era gostoso demais assim, eu sempre gostei muito de trabalhar e acho que assim é uma forma da gente viver a plenitude da gente assim com muita alegria, proporcionando pra gente mesmo assim só bom e então eu senti um pouco essa diferença, de chegar de manhã tá assim em casa e outra vez varrer, e isso é coisa de dona de casa, e eu fazia as duas coisas né? **(DALVA)**

É sabido que cada pessoa vai vivenciar esta situação dentro de suas individualidades e subjetividades. No entanto, Caldas (1999) argumenta que no desenvolvimento humano se torna necessária a utilização de ‘objetos transitórios’, que vão auxiliar na defesa contra ansiedade e contribuir com a formação da identidade do sujeito. Na infância estes objetos tem a função de distinção do eu para o não-eu e na fase adulta estes podem contribuir da manutenção da identidade da pessoa. Neste sentido, o autor evidencia que da mesma forma que crianças precisam de ursos de pelúcia para afirmar o que são, os adultos fazem das relações de trabalho,

da empresa e dos compromissos diários, formas de manutenção desta identidade e se ver sem o trabalho, de sua própria rotina, pode trazer um sentimento de perda e um vazio muito grandes. Complementa ainda que se a organização ou o trabalho forem um 'objeto transitório' para aquela pessoa, ficar sem este significante pode simbolizar uma ameaça profunda à sua identidade.

Pode-se concluir então, que o processo de luto aparece na vida do sujeito, através das narrativas encontradas, por vezes de forma não explícita, ou seja, ele sente que passou por algo difícil, com sensações diferentes, porém não dá o nome de luto. No entanto, os entrevistados contam com suas expressões como foi este processo, alguns sentimentos oriundos deste momento e como foi esta readaptação da situação, desde o luto vivido até o ajuste das mudanças. Uns se recusam a vivê-lo, outros passam por ele de maneira mais amena, mas de alguma forma, passar por uma mudança significativa como o fim do trabalho, requer um esvaziamento da energia investida naquele objeto de amor agora perdido e um reinvestimento libidinal em outro objeto para que a energia se equilibre novamente. Este redirecionamento da energia do indivíduo será o tema da categoria a seguir.

5.3.1 Transferência Libidinal para Outro Objeto

A categoria "transferência libidinal para outro objeto" emergiu das entrevistas e se destaca como importante, no sentido que após o processo de luto (FREUD, 1915), da perda do trabalho, objeto de amor elegido fortemente na sociedade produtivista (BARRETO E FERREIRA, 2011), é necessário que exista uma transferência libidinal do objeto perdido para outro objeto, para o ajustamento do sujeito à vida novamente. Este processo foi mencionado frequentemente pelos sujeitos da pesquisa.

Leda conta que se aposentou e não teve tempo para sentir este "vazio" que as pessoas falam. No entanto, ela ressalta também que não teve muito tempo para isso, pois continuou orientando teses e dando aula em outros lugares.

> (...) 70 anos, foi muito né? Muito, mas também tínhamos muitas limitações, meu marido também tinha muitas limitações tinha as limitações dele... mas uma vez que as 2 mães faleceram, a gente ficou mais livre, ai aproveitamos o momento pra viajar, estamos com saúde vamos aproveitar, por que a gente não sabe até quando está com saúde pra poder viajar então a gente está viajando muito, desde que os 2 decidimos a parar de trabalhar a gente está viajando muito, então a gente está aproveitando o máximo. (**LEDA)**

Helena conta um estranhamento ao sair na rua depois de aposentar, no horário costumeiro de trabalho e se ver como muitas outras pessoas, sem nada para fazer. Conta que, como sempre gostou de estudar e dar aulas de idiomas, preencheu seu tempo com isso e se sentiu melhor: “Dava, assim... as aulas mais à noite né? Porque eu saia cedo, aí eu podia assumir compromisso só à noite, por isso estava esse vazio no dia. Depois eu coloquei aula à tarde, então foi preenchendo mais o dia. Depois acostumei com a rotina”. Leda e Helena narram que após o luto da interrupção do trabalho, preencheram seu tempo, ou seja, transferiram a energia libidinal para outro objeto, com viagens, cuidando dos netos e dando aulas de idiomas.

Elder comenta que é muito importante que a pessoa ao aposentar não fique parado, saia de casa, faça caminhadas, não “vista o pijama” e se acomode, de certa forma, o entrevistado coloca a importância de se investir a energia daquele objeto perdido em outro. Como menciona Garcia-Roza (2008), é importante que o luto seja vivido e que o sujeito se interesse em direcionar a libido do objeto que não existe mais para outros, trazendo equilíbrio a vida da pessoa. Nesta mesma direção de Elder, Dalva e Marcela narram como se organizaram após o luto da perda do trabalho. Dalva conta que ficou ‘sem chão’ ao se ver sem atividade laboral e logo correu para arrumar alguma coisa e poder direcionar sua vida para outras atividades:

> Trabalhava e função da casa e depois sobrou a função da casa, então resolvi e tive um período assim pra pensar, e resolvi assim parte da manhã eu procuro faço trabalho voluntario, faço duas vezes por semana trabalho voluntario, caminhada adoro caminhar e assim a tarde sempre saio, sempre tem alguma coisa pra fazer e quando eu invento alguma coisa pra fazer, são 3 contas pra pagar pago uma de cada dia ,só porque tenho que ir lá embaixo dar uma voltinha e tal, ai eu acho que agora assim já tô mais tranquila nisso e também a gente entende que há os períodos da renovação da vida, muita gente pra entrar, muitos pra sair dar lugar ao outro e tudo, respeito muito isso. (**DALVA**)

Marcela se diz uma pessoa muito bem disposta. Conta que quando saiu do banco, ficou com muito medo de ficar parada, sem dinheiro e sem poder viajar. Porém, no mês seguinte foi trabalhar em uma agência de viagens e se encontra lá até hoje. E acrescenta:

> Eu estudo, faço francês que eu adoro! Sempre adorei estudar idioma. Faço francês; eu faço Pilates. E já tô querendo inventar alguma outra coisa. Sabe? Então vou assim intercalando tudo e dentro disso tudo eu tenho a minha parte de cuidados com a minha família, com os meus pais. Também tá incluído nisso. Levar ao médico e tal quando precisa, igual a minha mãe passou mal teve que ser internada. Eu que vou, entendeu? Então assim, sou muito responsável. Não saio pra viajar não faço nada se eu não deixar tudo organizado, encaminhado. Tenho jogo de cintura com as coisas, sou boa vendedora! Com certeza! Eu descobri que sou uma boa vendedora. (**MARCELA**)

Reginaldo era um executivo de multinacional ocupado e sempre se dedicou à carreira. No momento da entrevista, a esposa dele mencionou que se não fosse as filhas dele e as netas, teria sido muito difícil para ele parar. O entrevistado tentou a todo momento deixar claro que estava ótimo, mas a esposa pontuou várias vezes o comentário anterior. Ele também fez questão de evidenciar a forma física através de corridas e esportes.

> (...) então eu vou fazer isso, vou viver, diversão é aquela lá, botar fotos delas na parede, ligar, falo com elas todos os dias… a neta do Brasil, eu vou buscar na escola, volto, a outra de Londres eu falo todos os dias, quando você chegou aqui eu tava falando com ela pelo Face time, então o que eu faço é isso, falo com ela todo dia, vou lá duas, três vezes por ano, pra brincar com ela. O parar eu sabia que ia ser meio esquisito, mas eu acho que eu preparei a minha cabeça pra parar. **(REGINALDO)**

> Ah não, redirecionei energia, eu continuei, o trabalho tem acontecido porque, minha esposa ficou doente. E ela tinha coisas pra cuidar, de inventário de pai, de mãe tal, tal e assim, muito enrolada a documentação né, então ela falou: 'cara eu não tenho condições de fazer, você vai ter que fazer pra mim'. Então quer dizer aí eu me mantenho na atividade, porque a atividade me procura, não é porque eu procuro ela não, porque eu não faço questão nenhuma de ter que trabalhar, ainda mais sem ganhar dinheiro né. Então eu prefiro tá aqui, eu tive que parar de correr porque eu operei o joelho né, porque eu gostava de correr, eu corria todo dia, todo dia eu fazia uma corridinha, dava uma volta na Lagoa, sábado e domingo eu ia até o Aterro, ia até Ipanema correndo e voltava pra casa, essas coisas eu tive que parar de fazer, mas fui obrigado a parar... Eu já cheguei a estudar inglês dez horas por dia, não tinha nada pra fazer, eu ficava estudando, a empregada vinha limpar a casa, eu vou pra biblioteca no Jardim Botânico, sento, lá fico cinco horas lá dentro lendo alguma coisa. **(REGINALDO)**

Pela narrativa do entrevistado ficou claro todos os esforços que têm feito para reinvestir a energia libidinal que ficou por anos ligada ao trabalho, como tirar, selecionar e colecionar fotos, dedicar à filha e à neta do Brasil e de Londres, cuidar da esposa que adoeceu, resolver problemas de família e estudar inglês. Ele mesmo utiliza a expressão 'redirecionei energia', demostrando que ao se aposentar precisou se dedicar a outras atividades para se sentir equilibrado.

Laura conta como foi o susto de não poder mais trabalhar, ser aposentada por invalidez e como reinvestiu sua energia para superar este processo:

> Não, não pode mais trabalhar. Aí então foi assim assustador no início, mas depois eu me adaptei. Eu sempre gostei muito de ler, eu sempre gostei muito de ler e então lia muito, eu sempre li muito… e coincidiu de adolescência do meu filho que requer mais a sua presença, doença da minha mãe que requeria mais a minha presença então preencheu o meu tempo por conta disso eu acredito que se eu não tivesse essas

> necessidades para mim ia ser mais difícil porque eu gostava muito de trabalhar. **(LAURA)**

> Quando aposentei não fiquei feliz, porque como eu disse no início, foi bem difícil, mas assim, acompanhava… acaba que… é… atividade de trabalho não tive, mas vinha sobrinhos: 'ah tia, eu tenho prova amanhã dá pra você me dar umas aulas'? Então, eu tinha uma vida ativa entendeu, orientava, dava umas dicas, dava umas aulinhas aqui em casa pra eles, pra sobrinho ne, então eu preenchi meu tempo. Os sobrinhos todos passaram em mim pras aulas particulares (risos). **(LAURA)**

As narrativas apresentadas pela entrevistada demonstram que mesmo sem a pessoa ter conhecimento da necessidade de direcionar a energia libidinal, esta é uma necessidade da psique para estabilizar a vida novamente, remetendo às considerações de Messy (1999) sobre a importância de poder viver o luto para que a energia possa ser redirecionada, trazendo equilíbrio psíquico e bem-estar ao sujeito.

Alfredo comenta que quando se aposentou não se sentiu parado, resolveu morar junto com sua esposa, fazer e acompanhar uma obra no apartamento que compraram juntos e complementa:

> Outra atividade pessoal são os netos e dão muito trabalho. Bom trabalho, mas é uma ocupação, como também estou aposentado, eu pude fazer umas economias e estamos numa situação boa e nos permite viajar aproveitando que nós dois temos saúde, aproveitamos bastante e viajar. Estou classificando as fotografias que a gente fez pela Finlândia, então isso também é um pós-aposentadoria agradável. **(ALFREDO)**

Felipe comenta que para não viver este processo estranho de parar de trabalhar, não considera que parou, apenas que mudou de serviço e conta como reinveste sua energia:

> É o que eu falei, eu não sinto falta assim, disso aí. O que eu tenho mesmo é os refúgios ali fora. É ser pedreiro, é fazer o serviço de casa, alguma, um terreno pra capinar (...) eu planto, então tem aquela, descarregar meu serviço, na minha cabeça. Eu não senti, eu não sinto, porque eu sempre tive ocupações diversas em casa. Nunca fiquei parado, mesmo trabalhando na rede, eu fazia biscate e ia mantendo. As casas que... aqui eu não mexi (...) as casas que eu ganhei dos meus irmãos, são seis casas, foi eu que fiz quase todas elas. Então não tinha tempo, o que eu folguei da rede, eu ocupei já imediatamente com outro serviço como pedreiro entendeu, então nunca faltou assim… a minha (...) de profissional, de serviço nunca tive vazio não, até pelo contrário eu tenho até ter que parar uns dias pra descansar… entendeu? **(FELIPE)**

Mauro conta como tem se organizado após a aposentadoria:

> É o que eu te falei, eu tenho alguns imóveis… tem um lá que eu falo que é o ateliê, tudo o que sobrou dos pais dela e dos meus pais, eu joguei tudo dentro dessa casa. Então, eu tava me distraindo fazendo, tipo, restauração, você tá entendendo? Mas aí,

> é o que eu te falei, então hoje é… Falar de aposentado, eu tenho conhecidos, por exemplos, que falam: 'Ah tô em depressão… Ih… A minha vida…'. Eu sempre tenho atividades, montei meu negocinho, dos meus imóveis, que eu vou atrás pra ver as coisas. Sempre… Carro… tenho muito amigo, vou pra lá, gosto de pescar, sair pra pescar. Viajo, até viajar pro exterior pra pescar, eu já fui, que Deus me deu esse direito que eu lutei por isso, né? Então, né? Do aposentado, existe coisa que eu tava te falando, tem conhecido que já chegou pra mim e falou: Ah, eu tô entrando em depressão. Então é um cara que fica dentro de casa, aí realmente ele vai definhando, eu não, a minha cabeça tá sempre pensante, eu não fico… parado num canto. Eu sempre tenho atividade, gosto de atividade. **(MAURO)**

> Sempre tem… Todo o dia eu vivo uma surpresa. Vamos dizer, entre aspas, pra você entender. Tem ah… O banheiro deu um problema, eu que vou atrás do pedreiro... Vou lá, quebro e arruma, é… é o que eu te falei. Sempre tem uma atividade, sempre tem alguma coisa pra preencher. Eu não fico parado, vendo o tempo passar. Não fico. Entendeu? Sempre tem alguma coisa pra resolver, e… não fica parado… Quando eu gosto… curtia. Gosto de curtir um filme. Vejo um filme. Dizer que eu fico parado no tempo e no espaço, eu não. De jeito nenhum. **(MAURO)**

Alfredo, Felipe e Mauro deixam bem explícito em suas narrativas, cada um do seu jeito, que estão reinvestindo sua energia e produzindo sentido nas próprias vidas. Os autores Barreto e Ferreira (2011) ressaltam a importância desta dinâmica ao exporem que o sujeito precisa se reorganizar nas suas atividades após a aposentadoria para que não haja a morte em vida do indivíduo.

Rogério e Bianca colocam que investir em coisas que gostam é importante para este processo de perda e que o difícil é quando o sujeito se perde ao longo na vida do trabalho no que gosta e ao aposentar não consegue saber mais suas preferências e se sente perdido, e narram:

> Harmonizou. Harmonizou por quê? Porque eu continuo fazendo aquela coisa que eu me prestei a fazer depois da aposentadoria que é: ajudar na casa, fazer as coisas de casa, eu não sei como a mulher consegue trabalhar e fazer a coisa de casa, eu não sei, eu continuo cuidando dos meninos, levo na natação, volto. Você tem que cuidar da roupa, por exemplo, eu fico preocupado em ter sempre uniforme limpinho pra ir... Primeira coisa que... Além disso, tem o trabalho que é gostoso. Que é gostoso a pessoa conversando com você, passando o problema dela pra você, e você resolvendo. Quando você está aposentado e sentado aqui você se sente um inútil. É isso aí, mesmo você trabalhando dentro de casa. Por isso que eu acho que a mulher ela sofre bastante, porque ela trabalha dentro de casa, trabalha fora de casa, quer dizer e ela tem que aguentar essa coisa da... Vamos dizer da inutilidade que não é, que realmente é um trabalho o que a mulher faz em casa, mas eu acho que ela... Se ela só trabalhar em casa ela sente inútil. **(ROGÉRIO)**

> Eu me aposentei sabe o que eu fui fazer? Fui fazer um curso de espanhol, porque desde que eu morei nos Estados Unidos eu era apaixonada pelo espanhol. Eu ajudava minhas filhas, eu servia de secretária... então eu me mantinha sempre muito ocupada, nós tínhamos um cachorro que era o Bono Vox e ele também gostava de sair, de me dar ordens, ele era levado então aquilo já me preenchia muito né, e a gente passeava muito. Descobri o prazer de escutar os meus rocks porque eu não tinha tempo. Li muitos livros e enchi o meu saco de ler, não aguento mais, não aguento, eu tô passando uma época de saco cheio sabe? (...) Descobri uma porção de coisas da latinidade, aí

> fui visitar o Peru, Machu Picchu, conheci o Chile, Argentina, fui ao México, fui a Cuba, andei um pouco pela latinidade, minha filha casou, bom, meu pai ficou doente que aí eu larguei tudo e fui cuidar dele. E eu acho que foi bom, porque eu me aposentei, mas não fiquei parada, paradona... então fui preenchendo assim. **(BIANCA)**

Nesta categoria optou-se por evidenciar as diversas formas que os sujeitos da pesquisa narraram seu redirecionamento libidinal após a aposentadoria. Os entrevistados apontaram diversas estratégias como: cuidar da casa, dos filhos, dos netos, viajar, colecionar fotos, fazer aulas de idiomas, ouvir músicas, dar aulas particulares e de idiomas, e também arrumar outro trabalho. Vale ressaltar que ter outro trabalho após a aposentadoria é uma forma de direcionamento libidinal, no entanto não se mostrou como única forma de recuperação do luto, concluindo que outras atividades também contribuem com este processo. É bastante enfatizado na literatura a importância de se viver o luto, para que a energia direcionada ao objeto perdido seja esvaziada e possa ser investida em outro, trazendo assim novamente vitalidade ao indivíduo (FREUD, 1915; MESSY, 1999; GARCIA-ROZA, 2008; GABRIEL, 2008; GABRIEL, 2012).

Assim, pode-se considerar, a partir das narrativas, que para o luto ocorrer de forma natural, a transferência libidinal para outro objeto é necessária e fundamental para o processo, tal como propõe Messy (1999).

Na próxima categoria será abordado o tema envelhecimento e sua relação com o trabalhar, aposentar e com o luto.

5.4 Envelhecimento

Esta categoria estava prevista no estudo com a finalidade de investigar como se dá o envelhecimento na vida dos entrevistados e como eles lidam com este inexorável processo. Como já mencionado, ser velho e ser aposentado trazem conotações semelhantes em nossa sociedade (BEAUVOIR,1970; MUCIDA, 2006). Com isso, investigar essa intensa relação entre o aposentar-se do trabalho e o envelhecimento na vida dos sujeitos torna-se também um importante olhar do estudo.

Beauvoir (1970) evidencia que o processo de envelhecimento, de certa forma, sempre foi uma preocupação humana, pois ao mesmo tempo que guarda o sentimento de sabedoria, experiência de vida e respeito, remete também à maior proximidade da morte, degradação física e perda de agilidade mental.

No decorrer da narrativa, os entrevistados vão se dando conta do próprio envelhecimento, assunto delicado de ser tratado e abordado. Todavia, ao mesmo tempo que o sujeito se reconhece como velho, nega a própria condição, até passar pela própria aceitação de seu momento de vida. Ao chegarem a esta desafiadora conclusão, muitos acabam se consolando e comentando que envelhecer é uma forma de não morrer jovem, como Beauvoir (1970) já havia dito em seu livro intitulado A Velhice.

Toda essa dificuldade de aceitação da velhice, segundo Lasch (1983), está atrelada a um contexto narcisista, onde o culto a corpos, aparências jovens e ao que é novo e renovado a todo momento, é muito valorizado.

> É inevitável, ao falar em "aposentadoria", implicitamente nos referirmos à relação da pessoa com a temporalidade, uma vez que a interrupção da trajetória profissional ainda é vista como ritual de passagem da maturidade para a velhice. Nestes termos, encontramos questões relacionadas ao sentido do trabalho na vida das pessoas e à realização de um projeto de ser. (ROESLER, 2012 p. 42)

Beauvoir (1970) afirma que falar de aposentadoria é falar de velhice, mesmo que se tente negar esta realidade. Como pode-se observar nos entrevistados ao mencionarem seu próprio envelhecimento, o não estar trabalhando, tem participação nesta constatação.

Gilson traz uma visão bastante pessimista sobre a idade, o velho e o envelhecimento. Diz que o futuro do velho é ficar mais velho e que não tem nada bom nisto. "Chegou no tempo, sai fora, ficou velho. Sai velho, deixa o novo entrar". O entrevistado se mostra hostil com o envelhecer, talvez seja por isso que ele ainda se recusa a reconhecer-se como aposentado, pois como comenta Messy (1999) a aposentadoria inscreve o sujeito na posição de velho. Gilson usa a expressão "rito de passagem", evidenciando que aos 65 anos a pessoa já está velha e associa isto ao trabalho, a não trabalhar mais ou não ser mais convidado por conta da idade. A esse respeito, Peres (2007) vai defender que os rituais de passagem se dão na vida das pessoas através do trabalho, exatamente como aparece na fala do entrevistado quando expõe que sua idade e sua passagem pela vida se dão no pano de fundo do trabalhar.

Felipe traz também em sua fala o fato de que ser velho não foi bem visto em seu último trabalho, destacando um sentimento de que houve preconceito com sua idade: "Não, lá eu senti na carne, lá me chutaram bastante pro lado (...) os mais 'radicaizinhos' "falavam que eu tava tomando conta do velhoduto, que não sei o que...velho". É possível que estas últimas experiências no trabalho, de preconceito e exclusão, tenham sido responsáveis pela visão hostil

e pessimista de alguns entrevistados em relação à própria aposentadoria e seu processo de envelhecimento.

Sávio complementa com uma visão negativa em relação a idade:

> (...) já foi nosso tempo, hoje a gente tem que procurar é... é um rumo, né. Não é relógio pra... é uma bússola. Pegar, onde ta o nosso norte. Gosto de passear? Gosto. Mas ainda eu não inseri nesse... não me deu esse gostinho, não. Ainda tá só divertindo, divertindo... tem neto, que se fica preocupado, então eu prefiro ficar mais em casa. Mas... eu num vejo um novo horizonte pra mim, não. A minha época já passou. A verdade é essa. **(SÁVIO)**

Coutinho (2009) traz evidências em sua pesquisa com diversos coletivos de trabalho de que, como o capitalismo prega a renovação e superação constantes do que é velho e antigo, esta visão acaba por influenciar os sujeitos idosos, os quais afirmam que sentem esta exclusão no trabalho por serem velhos. Ou seja, os diversos idosos entrevistados pela autora narram a percepção de que, por mais que eles possam trabalhar, a idade vai excluindo o sujeito do mercado de trabalho.

Na mesma linha de pensamento, Souza, Matias e Bretas (2010), afirmam que o idoso, no passado, já ocupou um papel importante na sociedade. No entanto, com a visão capitalista de produção e renovação, o ser velho já não é interessante para a sociedade e acaba por não encontrar seu lugar ao envelhecer. Tal situação é narrada por Sávio, que afirma sarcasticamente que "não encontrou seu lugar ao se tornar velho e aposentado", e acrescenta que não "precisa de um relógio e sim de uma bússola para se encontrar", satirizando a situação vivenciada.

Laura traz em sua narrativa os efeitos da idade em sua vida: "(...) aí hoje a cabeça já está mais velha, você pensa assim eu não tenho condição de trabalhar, a gente tem consciência né, porque o serviço do banco é cansativo né então pra nossa idade não dá mais". E complementa:

> Porque quando a gente aposenta a gente já tem as limitações, então aquilo que você sonha quando você está trabalhando 'ah porque eu vou ficar tranquila, eu vou passear muito', mas ai as suas limitações já te travam, então a aposentadoria também é ruim por isso, porque quando você é jovem você fica 'ah se eu pudesse aposentar eu ia fazer tanta coisa', daí se aposenta mais velho mais cheia de limitação… eu não era velha era nova, mas eu tinha as minhas limitações… eu não podia fazer um serviço de casa pesado, até hoje, pra eu mexer uma panela, se eu demorar mais pra fazer a coisa a mão já desce e eu encosto na panela e queimo… então eu perdi toda a força no braço… e então aí você fica limitado, casa não posso fazer o trabalho, mais… hoje eu acho menos ruim aposentadoria, porque agora eu também já tô velha, hoje eu penso que eu não aguentaria trabalhar. **(LAURA)**

Mucida (2006) coloca que o processo de envelhecimento é marcado por modificações e reduções da agilidade corporal, como evidenciado por Laura quando menciona que ao se aposentar já não tinha tanta vitalidade para fazer as coisas que planejava quando era nova. A entrevistada acaba entrelaçando idade com trabalho, ser nova e depois ser aposentada, assim como na visão defendida por Peres (2007) de que a idade e os rituais da vida laboral se misturam na sociedade do trabalho.

Marcela comenta que trabalhar é uma coisa para não ficar velha, doente e nem mal-humorada. "Aí... É... Hahaha... Pode falar... Eu não me sinto velha". Segundo Roesler (2012) a aposentadoria é vista como um rito de passagem do adulto para o velho, como aparece na narrativa da Marcela, comentando que não para de trabalhar, mesmo já sendo aposentada e tendo uma condição financeira estável, para não ficar velha, e continua: **"**Eu fiquei pouquíssimo tempo sem fazer nada né? Mas eu não sei se eu tivesse aposentado de tudo se estaria velha, gorda... Né? Eu não sou velha, não sou velha, entendeu?"

A entrevistada exemplifica o que Lasch (1983) apresenta como a sociedade narcísica que tem horror ao envelhecimento, uma recusa pelo envelhecer e por tudo aquilo que remete ao velho, que no caso dela é o parar de trabalhar. Ela também expõe a questão do narcisismo patológico ao dizer que, se aposentasse estaria velha e gorda, ou seja, colocando a aparência e o culto à beleza como primordiais à sua decisão de vida.

Marcela e Júlio remetem a uma constatação feita por Souza, Matias e Bretas (2010), de que muitas vezes o sujeito não se enxerga velho e vê que envelheceu com o passar do tempo de uma outra pessoa.

Outra evidência do paradigma do aproveitamento do tempo apenas de forma produtiva está na fala da Marcela ao mencionar que não gosta de gastar o tempo "à toa" e que fica triste quando passa um final de semana e não aproveitou para fazer "alguma coisa", demonstrando o produtivismo e a cultura do estar ocupado a todo momento com algo tido como "útil".

> A gente vai vendo que envelheceu, vendo como o filho dos outros cresceram. Gente o tempo tá passando e eu estou perdendo tempo. Eu detesto perder tempo. Ah desteto. Eu detesto perder tempo! Gastar tempo! Eu tenho um sono que você não pode imaginar. Durmo muito. Eu venho dormindo no ônibus. Sonho! Depois do almoço, não sei se é porque ele balança ou porque eu como muito. Entendeu? Mas eu não durmo de dia, de jeito nenhum, só durmo de noite. Eu não gasto meu tempo sabe? Eu fico triste quando passa assim o final de semana que eu não aproveitei pra fazer alguma coisa. **(MARCELA)**

> (...) aí já fui lá, aí fiz o exame, conversando e tal com a Cecilia minha filha e o médico falou 'ele tá muito bem Cecilia', 'você não sabe de nada, ele trabalha até hoje cara', e

> os dois conversando e eu ali assistindo a conversa ali dos dois e eu falei assim, as vezes aparece na televisão, outro dia mesmo, foi ontem ou anteontem, foi entrevistado lá, todo enrugado, cabelo todo atrapalhado, fazendo a entrevista apareceu lá fulano de tal, 65 anos, aí eu falei com a minha filha, a outra: 'Ô Marina, será que eu tô tão cavoucado assim igual esse camarada aqui? Não é possível, ela falou 'não pai, esquece isso aí, nem compara'. **(JÚLIO)**

Aloísio comenta que na cultura ocidental, como também colocam Bruns e Soares (2007), o velho é desvalorizado, diferentemente de outros lugares:

> É cultura nossa desvalorizar o idoso. A cultura japonesa e coreana, e eu tive na Índia e tive na China, é diferente. O filho homem tem que cuidar do pai e da mãe. Então as casas da China e na Índia são todas grandes, porque o filho mais velho, o primogênito, tem que cuidar do pai, tem que cuidar da mãe. Então é o seguinte, se tem filha só, tem que negociar o casamento. Para o genro vim morar com os pais. É, e eu tenho um genro que é filho de coreano, minha filha com tanto brasileiro, ela foi escolher um coreano pra casar. Mas eu vejo filosofia deles, eles têm um carinho com os pais impressionante. Impressionante, o meu genro não vai pra fazenda com a minha filha muitas vezes, porque vai ficar com o pai, pra não deixar o pai ficar sozinho no domingo. E leva o pai pra tudo quanto é lado, e o pai tá novo ainda, tá com sessenta anos. Um respeito, uma coisa tremenda, então a sociedade tende a mudar essa filosofia, ela tem de valorizar o idoso. Não tô puxando brasa pra minha sardinha não, mas é uma necessidade. **(ALOÍSIO)**

Freud (1912) e Beauvoir (1970) afirmam que o lugar do velho nas sociedades é variável. Os autores colocam que enquanto em alguns povos o velho é valorizado, como exemplo dos coreanos, dado por Aloísio, em outros lugares são desprezados.

Beauvoir (1970), ao discutir o assunto principal de seu livro, diz que o escreveu para quebrar o silêncio de se falar em velhice. Ela complementa que a forma que a velhice está sendo tratada coloca a sociedade não como culpada, mas sim como criminosa e que por trás desse discurso de expansão e modernidade está a exclusão do velho do meio social.

Júlio conta como é se reconhecer envelhecendo: "Mas aí tem uma hora que a gente chega e olha no espelho, né? Você vai tomar banho, olha no espelho, fazer a barba, você fala, é mais não é tanto assim não, tá com essa bola toda não, entendeu"? Para Reginaldo:

> É um pouco esquisito as pessoas às vezes falam assim, você é maluco, parar, mas é que eu cansei. Ah eu cheguei cansar, cansei bem, dói um pouco o corpo, dói bastante, eu durmo mal, uma coisa que eu era fantástico não tinha problema de dormir tal, tal, hoje em dia eu durmo, eu durmo muito cedo às vezes as dezoito horas eu tô deitado. Tô vendo televisão, aí quando dá uma hora da manhã tô acordado, eu levanto, eu saio da cama todos os dias às cinco horas da manhã, às cinco horas da manhã eu saio e vou pro meu escritório, agora tem vezes que às três horas eu tô de pé, tá tudo escuro eu tô de pé, antigamente eu saia pra andar, agora tá um pouco mais perigoso, então eu parei, às vezes quatro horas da manhã eu tava andando na Lagoa sozinho, tinha ninguém. É gostoso, é bom, andar de madrugada é uma delícia. **(REGINALDO)**

Os relatos de alguns entrevistados demonstram como eles percebem a velhice chegando, se olhando no espelho e vendo que "não estão com essa bola toda", dormindo mal, precisando de tomar mais remédios, tendo artrose, cabelo branco e rosto cheio de marcas. Estas foram as características físicas que os sujeitos trouxeram em sua narrativa.

Elder comenta que para um bom envelhecer é necessário se cuidar, sair de casa, fazer atividade física, ver a natureza, andar na rua. Mauro alega não ter medo nenhum de envelhecer:

> Eu acho que Deus faz as coisas tudo certinho… Você tem um… Eu falo, você tem um tempo pra aprender andar… nascer, aprender andar, estudar, fazer… na minha época era primário, ginásio… você tem… a vida da gente é uma sequência. Então chega num ponto que se Deus te permitiu você não trabalhar mais, você não vai trabalhar… Agora, tem gente que não pode parar. Eu, graças a Deus, eu pude parar e levar minha vida… Continuo levando minha vida super tranquilo, porque eu, conforme te falei, lutei desde… como engraxate… Desde menino. Então, eu lutei pra chegar onde eu cheguei. Então… tá tranquilo… **(MAURO)**

Carlos também aponta não se sentir velho e até se preocupa em não perceber que já é hora de sair do seu emprego:

> Olha francamente o envelhecimento pra nós, até hoje eu não senti essa diferença assim nem no relacionamento com pessoas, tá certo? Às vezes eu fico preocupado aqui no meu trabalho, amanhã eu vou ficar velho, então quer dizer, por isso é importante a gente ir se reciclando. Mas é importante que a gente esteja no dia a dia em contexto, eu leio muito tá certo, eu estou participando sempre de novidades, alguns cursos finais de semana. **(CARLOS)**

É também muito comum na fala dos entrevistados as narrativas de que não se veem velhos, não se sentem assim, na mesma linha que Freud (1914) afirma que, para a psicanálise, o sujeito do inconsciente não envelhece. Entretanto, como na fala do Carlos, isto em alguns momentos causa angústia no indivíduo, pois ele não se sente velho, mas teme as outas pessoas sentirem que o tempo dele já passou, eles se preocupam em não perceberem o próprio envelhecimento e estarem obsoletos nos lugares em que trabalham.

Felipe aponta que o velho não tem futuro e que hoje sabe que deve viver o presente: "Mudam, a idade… eu acho que o futuro pra mim já chegou, já tô navegando essa altura já, com sessenta e quatro, sessenta e cinco anos eu tô no ápice da vida, é isso aí, tenho objetivo, tenho, eu vou vivendo o meu caminho devagar, vou embora".

Paulo conta que teve muitas doenças de fundo emocional por conta do trabalho, a última foi um infarto muito sério. Ele comenta que a idade o fez enxergar, que a primeira coisa que deve mudar é a forma dele ver a situação e não a situação em si: "(...) eu levava a ferro e fogo, então quer dizer a gente tem que ser responsável, mas também não pode levar isso com tanta

seriedade de maneira extrema. Tem que ser paciente, de uma maneira bem ponderada. Então eu assim, passei a pensar diferente" e aponta isso como um ganho da velhice.

A fala dos entrevistados demonstra a visão deles sobre o envelhecer, a inexorabilidade deste processo para quem se mantem vivo e também os aprendizados e amadurecimentos das pessoas que chegam a poder desfrutar desse estado de consciência. Goldenberg (2011; 2013) enfatiza que uma vantagem desse momento da vida é a maturidade, ressaltando que ela não é para todos, pois amadurecer não é uma regra e destaca que para as pessoas que conseguem este estado, como o que dizem os entrevistados acima, é um grande privilégio da velhice.

José relata que a docência o rejuvenesce, pois convive com os jovens e com suas conquistas e isto chega a deixá-lo emocionado. Nesta direção, Dalva e Bianca trazem narrativas positivas do passar da idade:

> (...) muita gente faz da idade um fardo, não isso quer fazer da idade um troféu, poxa tô conseguindo fazer isso, tô fazendo isso, percebe que você ta envelhecendo não, se você fica lá morando com aquele coisa ai, vem tudo, vem principalmente doenças, então a gente tem que ver o que é melhor, o que é bom pra gente fazer isso mesmo. **(DALVA)**

> Eu acho que a mentalidade vem mudando. Acho que esse negócio de falar assim 'ah melhor idade' ter alguns cursos pros idosos, onde tem cultura geral e tudo. É, acho que a gente tem mais longevidade né, a pessoas estão procurando se cuidar melhor. Mas o idoso tá sem ter vergonha de sair, de passear, de ir ao shopping, de ir ao cinema, de viajar. Eu vejo mais idosos enturmados, vivendo mais a vida do que via quando era jovem. Eu por exemplo, a minha mãe sempre foi uma pessoa muito fechada, muito cheia de coisas, eu já sou diferente, eu sempre fui diferente dela, mas em termo de velhice nossa, a minha mãe era 'eu tô velha não vou dançar', eu não, se eu pudesse dançar, e tem mais, é o que eu sempre digo, eu só vou fazer aquilo que eu quiser, não prejudicando a ninguém eu vou fazer, se me der vontade de comer dois litros de sorvete de coco eu vou comer, então isso o velho tá tendo sabe, dentro de uma possibilidade financeira, o velho tá tendo, essa academia da terceira idade que tem até aqui numa praça, eu via quando caminhava, o velho tá lá fazendo os seus exercícios ou bem ou mal eles estão ali, eles estão vivendo, eles estão saindo de casa, eles estão interagindo sabe, eu vejo idoso assim 'ah eu vou fazer faculdade', vejo já as pessoas se formando mais velhas também, isso é muito importante sabe, então acho que a situação hoje do idoso, do aposentado, tirando a parte financeira, de salário, é melhor do que a de tempos atrás. Deram uma brecha aí eu acho que o idoso segurou e foi em frente. Agora com relação ao aposentado como nós aqui de casa que dependemos de salário, a situação é, nós precisamos de cuidados ainda, precisamos de salários melhores, de correção de salário melhores porque os remédios são muito caros… aí é uma parte já de questão de pais e tudo… tem a condição do idoso de ser mais feliz… estamos no caminho certo, sempre tem um… a gente que é mulher, a gente já conseguiu muita coisa, falta muita coisa falta, mas já caminhamos muito, então vamos caminhar mais. **(BIANCA)**

Kalache, Veras e Ramos (1987) falam do envelhecimento funcional, que é o sujeito ser velho, porém ainda manter sua autonomia, o que foi observado em todos os entrevistados da

pesquisa. Ou seja, aposentados, sem trabalhar ou trabalhando, todos se mostraram autossuficientes e não dependentes de cuidados de outras pessoas.

Diante da sutileza do tema envelhecimento, a tomada de consciência dos entrevistados classificando-se como velhos, vai se dando aos poucos na narrativa, pois como enfatiza Lasch (1983), em uma sociedade marcada pelo narcisismo, falar de velhice ou sugerir a pessoa que ela é velha pode ser considerado uma ofensa aterrorizante. Com isto, este assunto foi tratado pelas margens, deixando com que o sujeito fosse falando e se dando conta do assunto.

Para muitos entrevistados desta pesquisa, a velhice está no outro, e eles se veem velhos apenas por ver que o outro envelheceu (SOUZA, MATIAS E BRETAS; 2010). Logo, ele provavelmente também passou por este processo. Outro ponto relativo a se ver velho, é que vários participantes comentam que apesar da idade e de serem aposentados, não se sentem velhos, evidenciando teorias psicanalíticas que versam que o sujeito, que é chamado assim por ser sujeito do inconsciente, não envelhece (MUCIDA, 2006).

Na análise desta categoria foi possível confirmar mais uma vez neste estudo que a aposentadoria tem relação direta com o ficar velho, com a velhice (PERES, 2007). Esta visão se alinha com a ideia de Siqueira, Botelho e Coelho (2002) que afirmam que a velhice atualmente tem sido marcada não apenas por aspectos fisiológicos, mas também por um advento social chamado aposentadoria.

Foi evidenciado, no estudo, o que Debert (1997) argumenta que ser velho já foi no passado um privilégio, no entanto hoje, em muitas situações mencionadas pelos entrevistados, se tornou um obstáculo. As situações narradas como empecilhos à velhice foram a exclusão social, o preconceito relativo a idade, a renovação constante devido ao produtivismo e à centralidade do trabalho e o fato de ser simplesmente velho e ter limitações físicas.

Finaliza-se com Beauvoir (1970) expondo que ao envelhecer, o trabalhador percebe que não tem mais lugar no mundo e que na verdade nunca teve, no entanto não percebia, pois esta realidade era mascarada pela fadiga diária proporcionada pelo trabalho. Esta fala da autora será mais exemplificada nas próximas categorias, onde serão abordados os ganhos e perdas do processo de envelhecer, o parar de trabalhar como sinônimo de parar de viver para alguns entrevistados e a visão de não futuro que eles mencionam.

5.4.1 Envelhecimento e Aposentadoria – Entre Ganhos e Perdas

Muitos processos da vida são inevitáveis aos indivíduos como nascer, morrer, ganhar, perder, para alguns trabalhar, depois parar de trabalhar. Mas a forma de vivenciar cada situação, vai depender da maneira de enxergar a vida e as questões inerentes à existência humana. Foi neste sentido que se optou por considerar por categoria a *posteriori*, este compilado de ideias que versam sobre os ganhos e perdas do envelhecer e do aposentar. Nas narrativas dos entrevistados, aparecem tais ponderações e, por entender-se que não é possível analisa-las apenas por um ponto de vista, optou-se por nomear os ganhos e perdas de envelhecer e aposentar, nomenclatura utilizada por Messy (1999), ao se referir a este balanço de ganhar e perder nos processos da vida.

Messy (1999), ao abordar o processo de envelhecimento, o coloca em uma balança de perdas e ganhos, evidenciando que na vida perde-se coisas para se ganhar outras. Evidenciou-se na presente pesquisa que a forma de lidar com as questões da vida traz relação direta com a forma como o sujeito age quando é convocado a lidar com acontecimentos que existem em sua trajetória de vida, exemplificados aqui como o luto da perda do trabalho e o próprio envelhecimento.

Leda narra que perdeu muito contato com os colegas e alunos e enfatiza que isto sim deixou um vazio para ela. **"**Agora o que eu ganhei foi liberdade de viajar quando eu quero, de fazer o que eu quero e de não ter mais cobrança, de nada, isso sim".

> Bastante, bastante. Porque o engraçado é que, eu me aposentei, meu marido se aposentou, até… eu acho que muito a situação do próprio país sabia? O Brasil se degringolou muito que eu sei lá, de uns sete, dez anos pra cá. Mas muito mesmo. Como eu lido muito com número, eu comecei a sentir isso não é de agora. Quando eu me aposentei o salário dava, eu era mais nova, os remédios eram poucos, eu tinha um plano de saúde melhor, agora o plano de saúde é mais caro, mesmo fazendo a equivalência desses anos todos, jogando inflação, todos esses índices, o plano de saúde é muito mais caro. E cobre menos coisa. Cobre menos coisas e eles dão sempre um jeito de ludibriar você, eles têm um contrato que a letra começa desse tamanho, quando termina você já não consegue ler, quer dizer, isso é sacanagem com o velho. Então eu acho que a gente sente mais isso, tem esse ponto, salário de aposentado tá completamente fora de, é indigno salário de aposentado no Brasil, você for do povo, porque se você for presidente, senador, deputado, aí não, aí a gente banca tudo pra eles não é mesmo? Então se você não tiver roubado se você levou uma vida normal pagando todos os impostos, você se aposentou você tá ferrado. **(LEDA)**

Bianca enfatiza, da mesma forma que Leda, que a perda do convívio com os colegas foi marcante na aposentadoria. Aloísio compartilha esta visão: **"**A gente ganha mais tempo para

fazer as coisas que gosta. Mas perde seu círculo de amizade e de trabalho. Esse é o maior problema, perde o seu círculo de pessoas".

Gilson também vai comentar sobre o convívio social:

> Eu perdi o relacionamento com as pessoas com as quais eu convivia sempre e ganhei sossego, tranquilidade e de não ter o cumprimento de atividade, o cumprimento de horário, nem nada. Só isso. Então você perde a relação diária com as pessoas, com as pessoas com as quais você trabalha, você simplesmente agora já não tem esse contato diário, não tem esse convívio constante. Então isto é uma coisa ruim, mas é o preço de não querer estar lá com eles trabalhando. Pra estar, tem que estar trabalhando pois eles vão estar lá sempre. (**GILSON)**

Laura, na mesma linha, relata:

> A maior perda foi o convívio social. Agora, os ganhos foi o convívio na família assim a minha tranquilidade foi que eu estava tranquila no banco minha tranquilidade porque eu tava transmitindo toda intranquilidade pra minha família, chegava em casa tensa… então quando eu aposentei pelo menos essa tensão acabou. Eu acho que isso foi muito válido e foi benéfico pra mim e pra minha família principalmente, né? Mas, o convívio eu senti muito não só dos colegas porque eu trabalhava diretamente com público né… trabalhava no caixa, eu sentia falta dos convívios, porque eu acho que o trabalho com público é muito bom, muito gratificante né, mas houve perdas e houve ganhos. **(LAURA)**

A maior perda relatada pelos entrevistados acima é a do convívio social (MENDES e ARAÚJO, 2014), já também problematizada em categoria anterior sobre o trabalho, o laço social e a exclusão sentida pela aposentadoria. No momento que eles foram ponderar as perdas e ganhos de se aposentar e envelhecer encontrou-se novamente a fala do convívio social, reafirmando o que autores como Freud (1930), Bendassolli e Soboll (2011) e Dejours (2012a) expõem sobre o trabalho como formador da identidade social, do laço social e sobre a sensação de exclusão do convívio com os colegas a partir dessa perda do trabalho (BARRETO, 2012).

Em outro momento, a entrevistada Laura ressalta novamente que o que ganhou foi o convívio com a família, como também evidencia Pedro: "Bom perdi dinheiro né, a primeira coisa o padrão salarial caiu né, enfim né meu próprio. Perdi dinheiro e ganhei mais na convivência maior com a família e poder me dedicar mais". Ao falar disso também relata que hoje tem mais trabalho físico em casa e menos intelectual como era antes, quando trabalhava com treinamento técnico.

Em relação às finanças, Felipe e Rogério também comentam:

> Em termos de dinheiro perde, entendeu? Eu falei já da questão de sociedade, os amigos não perde, igual eu falei nós fizemos outra parte pra juntar todo ano um lugar e outro, então já tem aquela convivência com o pessoal de ô, dia tal vamos (...) uns duzentos maquinistas antigos, e bate papo, toma uma cerveja, conta um caso antigo, volta pra casa, volta pra lá, atualiza a nossa convivência, já morreram muitos, morreram muitos, muitos, muitos mesmo. Até um processo de justiça que eu recebi agora há pouco tempo, tinha cento e cinquenta, já tem uns sessenta só, morreu bastante gente, é morreu muita gente mesmo. **(FELIPE)**

> Olha... Eu perdi, vamos dizer assim, é... Eu perdi algum dinheiro na minha aposentadoria. Eu perdi... O meu salário eu tinha... Quando você está na ativa, você tem é... Comissões... Uns negócios desse tipo aí. É... Prêmios, né? Pra você trabalhar. Tem um negócio lá que eles chamam de "pé-na-cova" que é... Você recolhe o IPSEMG, né? Então é 11% do seu salário, então você perde bastante esse valor eles não descontam de você, então você ganha ele. Depois quando você aposenta você paga. É estranho, né? Você aposenta e daí você vai pagar, e aí vai recolher. É... Então teve essa perda que não foi... Não deu muito baque, mas eu ganhei em tranquilidade, em saúde, eu não tenho mais estresse, eu não tenho dor de estômago, nem sei mais o quê que é isso. Antigamente eu tinha, às vezes, almoçava e tinha dor de estômago de tanto trabalho... Mas de tanto trabalho. A gente tinha plantões, a gente ficava 15 dias de plantão. Agora você imagina o quê que é você ficar o dia inteiro e a noite inteira 15 dias aguardando que alguém te ligasse. **(ROGÉRIO)**

A aposentadoria e o envelhecimento, vistos pela ótica financeira já foram tratados em categoria anterior, mas reforçados por alguns sujeitos em suas narrativas quando remetem sobre os ganhos e perdas destes processos. Isto reforça a ideia de Carvalho (2009) e Standing (2013), de que a situação financeira do aposentado e do idoso é crítica, pois os gastos aumentam, o recurso diminui e o sujeito já se encontra em um momento de menos vitalidade para o trabalho.

Dalva traz seu ponto de vista sobre o tema: "O que eu ganhei quando eu aposentei foi a liberdade, mas eu ganhei a liberdade, mas eu corri pra outro trabalho, o que eu ganhei são as mudanças". Após esta fala sobre as mudanças, ela explica que ficou 25 anos em um lugar e que se aposentar das coisas que a ela não gostava naquele lugar foi bom. Como exemplo, a convivência com pessoas que assinavam o ponto e iam para rua passear e voltavam para assinar a saída, pessoas que ela não tinha afinidade. Ela menciona que quando aposentou do seu primeiro emprego, que era no Estado, trabalhou mais 13 anos em algo que a realizou profundamente como profissional, até ela parar totalmente.

Dalva vai complementar a narrativa falando de como vê as perdas:

> (...) então a perda eu acho que a verdade assim, na vida essa frase de ganhos e perdas a gente tem que avaliar isso com muito carinho que as vezes naquele momento você achou perda, mas não foi, foi ganho né, e eu acho que tem que ser por ai, tem que ser muito bem analisado porque se você se proponha a outra coisa de fazer outra coisa o que você não pode de jeito nenhum é estacionar não sei quem fala isso, não lembro quem fala isso que você tem que caminhar, plotar o que você não de jeito nenhum é ficar parado e isso é verdade você tem que tá sempre em movimento porque as

> atividades físicas são aquelas que vão ser melhores pro seu corpo e ativar cada vez mais seu cérebro e eu acho que cuido bem dessa parte, tento cuidar muito dessa parte e então eu acho que na vida a gente sempre tem vínculos, ganhos, perdas e a vida vai fluindo e é assim mesmo eu não posso reclamar de nada de nada não. **(DALVA)**

Em sua fala, a entrevistada evidencia que teve muitos ganhos com o envelhecimento, que ela define como "maturidade". Goldenberg (2013) sinaliza que o processo de envelhecimento traz muitos ganhos e a literatura tem se ocupado apenas com as perdas de se envelhecer, com isso, ressalta a autora, que se perde a noção de que esta fase da vida também traz coisas positivas, que não são faladas.

> Eu acho que comecei a pensar assim é depois assim com mais maturidade.... Eu nunca assustei com a minha idade, na verdade eu tenho 74 anos então eu comecei, mas bem antes disso quando eu fiz 70 anos me parece eu comecei a pensar, gente eu não tenho ninguém, eu não tenho ninguém assim pra falar você ta bonita hoje, um marido no meu dia a dia, isso não muda muito não. mas acho que, não sei, acho que não tem muito isso de marido ficar paparicando eu sinto falta de uma pessoa sim, eu gostaria eu seria mais completa se essa pessoa existisse, mas eu tento fazer a outra parte também e assim fazer o bom pra mim.... que seja uma coisa, vamos dizer assim, uma limpeza de pele, fazer minhas unhas, eu gosto de tá arrumadinha e pensar em mim, num aspecto de fazer pra que eu seja feliz, para que eu fique feliz naquele momento, me preocupo muito, eu quero tá feliz naquele momento, não quero ta com cobranças, não quero nada que esteja me preocupando. Estou assim, me cercando de carinho. **(DALVA)**

> (...) vai seguindo a vida sempre assim com muita esperança, e eu não tenho nenhum tipo de problema com essa coisa de não ter marido de falar solidão, ou depressão, bom eu vou aonde eu quero vou sozinha se me der vontade comer uma pizza ou jantar, ou qualquer coisa do tipo, eu tenho amigas que eu posso chamar e mesmo se elas não puderem ir eu não tenho o mínimo. **(DALVA)**

Mauro afirma lidar bem com a aposentadoria e se sente tranquilo em relação a este ponto: "Então… A minha vida eu tenho… pra lá e pra cá de… ocupação, eu tenho… A minha cabeça não para ela, é pensante o tempo todo. Tem coisas a fazer, sempre tem. Então… não sou aquele aposentado que fica olhando por tempo, não. Entendeu"?

Ele, como outros entrevistados, comenta sobre este ganhar liberdade para fazer o que quiser: "O que que eu ganhei… Perder… Perder eu acho que eu não perdi nada não. Não. Perder… Eu acho que eu só ganhei. Ah… Só ganhei… porquê… Eu faço o que eu quero, sabe? Você é dono".

Bianca e Alfredo contam sobre os ganhos de aposentar que também fazem referência sobre ter liberdade de fazer aquilo que gosta:

> (...) é, o que eu ganhei em me aposentar? Ah eu ganhei tempo pra ouvir os meus rocks, eu ganhei tempo pra fazer mais uma língua estrangeira que eu tanto queria desde os doze anos, tinha uma vontade imensa de falar espanhol, eu ganhei tempo pra conhecer essa latinidade ne, ir ao México, ao Peru, a Cuba, eu ganhei tempo pra cuidar do meu pai que eu amava profundamente e pude me dedicar a ele enquanto ele durou né, foram setenta e nove dias só de CTI. Eu tive tempo de, acho que olhar mais pelas minhas filhas já adultas, acompanhar os choros quando brigavam com os namorados, sabe, ganhei assim da minha filha chegar: "Estou grávida", ah meu Deus que maravilha! A minha outra filha também sabe, ganhei de poder ver o casamento dela, ficar o dia só pensando, ah meu Deus o que eu ponho de casamento, casamento civil sabe, ter esse tempo assim pra ter essas coisas que dão colorido a vida e que eu não conseguia fazer enquanto eu trabalhava. **(BIANCA)**

> (...) Bom, de ganhar essa possibilidade de tempo mais disponível né? É possibilidade de viagem, de ficar mais tempo com minha esposa também né? Então nesse aspecto é positivo, curtir os netos também ou viajar com eles. Esse é o lado positivo de ganhar... é .. perder eu não vejo assim perda realmente não. Logo ao me aposentar ou agora eu não sinto aquela falta de ter me aposentado. Infelizmente acho que havia algumas pessoas que piraram ou morreram em função de problemas. Então, felizmente pra mim tá bom. **(ALFREDO)**

Para Sávio, a aposentadoria o tirou um pouco o gosto pela vida, isto é perceptível ao longo da entrevista e pelos comentários a seguir:

> É, perdi o ânimo. O sentido. Tem vários sentidos de vida, né. Mas dessa parte como... durante um certo tempo eu só estudava, tá certo, mas a pessoa tinha que fica... parece que era um gosto e honra de trabalhar. Aí tirando isso eu fico um pouco desanimado... No fundo, fico. Tem uns que passa pra beber, tem uns que vão pra clubes, SESC, SENAC, tem uns que vão viajar. Eles arrumaram um sentido pra eles. Eu ainda tenho um sentido que são meus filhos e meus netos, mas igual muitos aposentados que merecidamente fazem, de fazer excursão, de participar de dança, de clubes e essas coisas... não, eu sou, sou mais, mais é do lar mesmo, né. Mais de casa, a verdade é essa. **(SÁVIO)**

> É, eu ganhei porque deu pra mim ajudar a minha filha que se separou do marido, né. Nós dávamos, eu e minha esposa, dávamos muita cobertura pro filho desse casamento que foi dissolvido e... isso aí eu ganhei, mas no resto não é... a gente perde um pouco o ânimo... Perde, porque às vezes tem filho, tem neto, né. Mas a pessoa normalmente começa a adoecer. A verdade é essa. Não tem um porquê. Aposto você ta aí, que trabalha, estuda, que tem filho, tá pensando vitórias, vitórias, vitórias, né, tem aquele ânimo, pode nem pensar em parar, não. Mas a... realidade é uma, né e o ideal é outro. **(SÁVIO)**

Bruns e Soares (2007) dizem que no envelhecimento existe uma constatação de que a pessoa é 'de verdade', ou seja, o sujeito se vê e entende coisas que nunca tinha parado para pensar. Elas usam esta expressão 'ser de verdade', pois enquanto se está ativo, jovem, trabalhando, não tem tempo de perceber do que é feita a vida, do que são feitos os seres humanos, e a medida que as atribulações diminuem e o corpo envelhece, o sujeito começa se

dar conta da própria existência, da finitude, da decadência, o que para alguns pode ser um verdadeiro horror (BEAUVOIR,1970).

Paulo narra acontecimentos de sua vida que se aproximam do que as autoras Bruns e Soares (2007), como já citado anteriormente, destacam sobre se dar conta de alguns processos humanos ao se ver mais velho: “Eu ultimamente penso muito nisso, tenho pensado muito nisso. Viver eternamente a gente não vai, isso é certo. Mas pelo menos viver bem, se sentindo bem, até o determinado tempo, o tempo que puder. Eu parei de fumar há muitos anos atrás, penso em ter uma boa velhice”.

> E a gente vê, que a gente não é nada. Eu me sinto assim, eu tenho que mostrar que eu fiz alguma coisa, que a minha vida teve um significado, que eu contribuí, que eu tive filhos, isso daí é importante. A gente é assim, uma passagem. Isso daí termina assim num piscar de olhos. Eu lembro o período que eu entrei aqui na empresa, aí tinha uma porção de gente se aposentando e ... os caras saindo e tal. Aí eu estava novinho, cheio de gás para trabalhar. Eu via os caras saindo e falando ‘É vou sair, vou pescar e tudo, vou ficar em casa’. Aí eu pensava, meu Deus, até eu chegar nesse período para eu poder aposentar, nossa! Passou assim, ‘pá’. Nossa, passou muito rápido, muito rápido. **(PAULO)**

Aloísio, ao contar dos vários cargos e trabalhos que teve ao longo da vida, remete a um sentimento de missão cumprida e demonstra gostar da própria história, pelo uso da expressão “combati o bom combate e fui feliz”.

A partir dos relatos dos entrevistados desta pesquisa foi constatado como ponto relevante o fato do sujeito gostar e ter administração pela própria trajetória ao envelhecer. Mesmo diante das dificuldades e desafios inerentes à vida humana, foi percebido que o que os fortaleceu, neste balanço de ganhos e perdas, foi a percepção de que a caminhada foi positiva e “valeu à pena”. Goldenberg (2013) ressalta, em linha com o que foi identificado na pesquisa, que enxergar a própria velhice ou o processo de envelhecimento interessante, é admirar a própria trajetória de vida. Em convergência com a visão de Beauvoir (1970), as autoras destacam que o sujeito dá sentido à própria vida e à própria existência e, por isso, dita a forma de enxergar os fatos e processos da vida.

Goldenberg (2011) enfatiza que envelhecer, e no caso deste estudo, aposentar, acarreta sentimentos antagônicos e, por isso, ela prefere os ponderar como perdas e ganhos. A autora destaca que existem perdas associadas a *status*, limitações físicas, doenças e solidão, como também existem ganhos como amadurecimento, experiência, maturidade, sabedoria e aprendizado.

Neste *corpus* de pesquisa foram destacaram-se como ganhos, o maior convívio com a família, a maturidade para compreender melhor os processos da vida e a liberdade. A liberdade foi segmentada em liberdade de horários e compromissos, liberdade para fazer aquilo que gosta, liberdade de não ter cobranças e o ser livre.

Em relação às perdas, foram enfatizadas as perdas do convívio social, financeira e de padrão de vida e, apenas um entrevistado, mencionou ter perdido o "gosto pela vida".

Desta forma, conclui-se que apesar do envelhecimento acontecer para todos que se mantiverem vivos, nem todos estão preparados para esse processo. Ademais, como o parar de trabalhar remete a velhice, isto de certa forma coloca as pessoas com receio dessa ruptura ou acabam passando por ela de forma dolorida. Por fim, processos amplos como os investigados no estudo não trazem possibilidade de serem entendidos apenas por uma lente. Ao se ponderar os ganhos e perdas do envelhecimento e da aposentadoria, foram evidenciados muito mais ganhos do que perdas. Entretanto, para ser visto desta forma, é importante que o sujeito tenha uma relação positiva com a própria história e isso se mostrou a base de sustentação para que a pessoa possa usufruir das coisas positivas e suportar as negativas da vida.

A próxima categoria, também a *posteriori*, vai tratar da percepção da finitude da vida atrelada ao parar de trabalhar.

5.4.2 Finitude da Vida (Aposentar e Parar de Viver)

Esta categoria emergiu nas entrevistas, de forma sutil, pois falar de morte, futuro, finitude, para um sujeito aposentado que está se percebendo velho, é algo delicado. Dessa forma, no desenlace da entrevista, no momento que as coisas se concluíam, resumiam e caminhavam para a finalização, alguns entrevistados foram atrelando o fim do trabalho ao encontro da finitude da vida. Eles trazem, nesse momento, metáforas como o fim, término, invalidez, morte, morte para a sociedade, incapacidade, perda, adoecimento e também a afirmação de que agora eles não têm mais futuro. Pode-se perceber nas entrevistas que o futuro é um tempo diferente de ser experimentado para o idoso, pois quanto mais o tempo passa para eles, a impressão é que estariam mais próximos do fim.

Morin, Tonelli e Pliopas (2003 p.17) afirmam que "É verdade que o trabalho continua sendo uma maneira excelente de organizar o tempo e se manter ocupado. As ocupações por ele engendradas proporcionam uma estrutura de defesa contra a ansiedade da morte e do vazio".

Bruns e Soares (2007) colocam que a representação social do envelhecimento é a morte e ele acessa a finitude existencial que a todos causam temor de alguma forma.

José traz em sua narrativa como o trabalho é importante para se manter vivo e como teme esta questão da finitude:

> Não sei, eu acho que essa atividade acadêmica. Eu acho que isso daí. O fato de eu estar sempre sendo obrigado a estar lendo, a me atualizar, porque eu tenho que ir para uma sala de aula, eu tenho que trocar isso com os alunos... Isso me mantem sempre interessado nessa atividade ai. Eu acho que parar com isso é... Sei lá, parar de viver, parar de beber... Não passa pela minha cabeça não. **(JOSÉ)**
>
> Agora, quando chega a idade, bate também aquele negócio da finitude, de você já começar a imaginar que daqui a pouco já estou mais para lá do que para cá. Mas isso é uma coisa que dá e passa, porque você já está tão envolvido com suas atividades acadêmicas que não pensa muito nisso. **(JOSÉ)**
>
> É... E aí é isso. Estou aqui ainda. Porque para mim é muito prazerosa essa atividade. Eu acho que a atividade do professor depois de certa idade mantem ele ativo, isso faz com que ele rejuvenesça, faz com que ele sempre tenha interesse na vida né?! Eu tenho colegas que se aposentam e para eles aquilo é a proximidade da morte. (**JOSÉ)**
>
> Mas eu acho que as pessoas de maneira geral, aqui no Brasil se aposentam cedo. Eu tenho a experiência com meu pai, que se aposentou com 72 anos e dali para frente foi e foi e morreu, porque ele ficava em casa com a minha mãe, mas aquele negócio não foi bom para ele. Se tivesse continuado com a atividade dele, talvez estivesse vivo até hoje. (**JOSÉ)**

O entrevistado narra como o trabalho o ajuda a não pensar "aquele negócio da finitude" e conta que é as vezes assaltado por este pensamento, porém as atividades acadêmicas contribuem a não pensar muito nisso. Pages *et al* (1987) expõe que estar envolvido em algum trabalho ajuda a diminuir a ansiedade do medo da morte. Tragtenberg (1980) afirma que como a existência humana é vista pela ótica da vida de trabalho, não trabalhar então, é ir se dando conta da finitude e colocando fim a própria existência. Esta afirmação foi perceptível no estudo, no momento que foram tratados os receios da aposentadoria, as recusas de se reconhecer velho, pois por trás do medo de ficar sem trabalhar, na verdade, muitas pessoas trazem o medo de anuir a própria condição de seres que irão morrer. Na narrativa, a seguir, Bianca, em um ato falho, ao falar sobre o início, meio e fim dos processos da vida, identifica a aposentadoria como fim da vida, mas se mostra tranquila quanto a isto:

> Você tem um início, tem que ter um meio e tem que ter um fim. Eu acho que as pessoas têm que aprender a começar a seguir em frente e terminar. O término, vamos dizer, a aposentadoria pra mim nunca foi um bicho de sete cabeças. Não. Eu nunca tive medo de aposentar. **(BIANCA)**

Leda conta um fato que demonstra esta perenidade da existência através do trabalho e dos legados que a atividade laboral pode deixar:

> (...) ai eu fui ficando até eu conseguir que tivesse um concurso pra uma vaga na minha linha, por que se eu saísse ai a linha continuava com outra pessoa, pra eu sair e não morrer então eu já estava com tudo pra me aposentar, mas esperei pra deixar uma pessoa no meu lugar e acabou que com muita briga e muita luta se fez um concurso nessa área, não queria que fizesse um concurso nessa área, queria que eu fosse embora e acabasse a linha, mas ai ficou uma pessoa no meu lugar até hoje, mas ai depois essa pessoa assumiu e eu peguei a aposentadoria. **(LEDA)**

Morin, Tonelli e Pliopas (2003) fazem a reflexão que os serem humanos são os únicos seres que nascem sabendo que vão morrer. Neste sentido, existe a tentativa de deixar obras, livros, trabalhos, legados para humanidade, com o propósito de eternizar sua existência na terra. Por esta ótica é possível analisar a narrativa da entrevistada, que só aceitou sair para se aposentar quando teve certeza que o trabalho que tinha realizado até então iria continuar. A entrevistada utilizou a expressão 'pra eu sair e não morrer' quando se referiu ao trabalho realizado, mas na verdade era para o que, ou quem, não morrer?

Caldas (1999 p. 268) contribui com esta reflexão ao afirmar que "em busca de sentido que transcenda sua existência, muitos indivíduos acabam identificando-se com organizações". Ele continua dizendo que ao mergulhar na vida do trabalho, há uma negação da morte e uma tentativa de não se dar conta desta realidade, a finitude. Paulo complementa este pensamento: "Parar de trabalhar abrevia das pessoas. Aposenta e em um curto espaço de tempo morre né. Isso eu tenho centenas de exemplos. Acho que se eu para estou colocando um fim em coisas maiores que o trabalho".

Roesler (2012) expõe que o trabalho muitas vezes é vivido como uma forma de escapar do vazio existencial e que assim, deixar de trabalhar adquire uma similaridade com a morte. Os estudos de Caldas (1999) apontam que existem evidências na relação de vida e morte com o trabalho e que o emprego traz esta relação de vício e fardo onde não o ter mais diariamente, acarreta sensações e imagens vivas do confronto com a morte.

Sobre a sensação trazida pelos entrevistados de não terem futuro, Freud (1930) comenta que uma das causas do mal-estar da civilização é o poder superior da natureza e a fragilidade dos corpos humanos. Com pensamento similar, Lasch (1983) expõe que se ver sem futuro é findar com o sonho da eternidade que acomete a todos desde a infância. Diante de tais reflexões,

optou-se por destacar as narrativas que fazem referência a como alguns sujeitos se defrontam com a percepção de que "não têm futuro" – que acham sentir porque envelheceram, mas que na verdade, é apenas uma constatação universal de que ninguém sabe o que esperar do amanhã.

Júlio narra uma fala que deixa em aberto alguns receios: "Ah quando eu penso no futuro assim, a gente, tem umas coisas do futuro que a gente não gosta muito de pensar, né"? E na mesma direção, Gilson e Felipe dizem:

> Diferente dos outros, velho não tem futuro, só tem presente. Ele não tem futuro, e está muito bom. Ele não tem futuro, a única coisa que ele tem é viver o presente porque o futuro não vai ser engraçado pra ele não, porque ele é velho. Então, velho o futuro fica mais velho. Então aproveita enquanto não está tão velho. **(GILSON)**

> Eu não vou ficar pensando em futuro, não vou guardar dinheiro pro futuro, o futuro meu já está aqui, o futuro é agora, o meu, o futuro é agora, que futuro eu vou ter daqui a cinco anos? Meu futuro é minha filha, eu tenho minha casa, eu deixei pra ela, tenho (...) eu estou realizado, em termos de, pra mim e pra ela. Vou guardar dinheiro pra que agora? Se eu ganhar um dinheiro agora, vamos dizer uns duzentos mil eu vou fazer o que? Vou gastar comigo ué, porque o futuro é agora. O meu futuro é agora. Já trabalhei, já aposentei duas vezes ué, vou guardar pra quem agora? **(FELIPE)**

Alguns entrevistados, ao falarem de futuro, mencionam a família como seu ponto de referência:

> Olha, eu penso assim nos meus filhos, né? Eu penso na... Na... Que eu ainda quero poder ajuda-los bastante. Não quero que eles me vejam como um aposentado então eu vou trabalhar até quando eu não tiver mais jeito mesmo. Quando eu não tiver mais possibilidade motora ou mental, aí eu vou parar. Porque ele não é um trabalho desgastante que eu tenho que está ali e aquela coisa. Eu posso controlar. **(ROGÉRIO)**

> Ah, eu acho que agora eu tenho que fazer, o que tenho que fazer é em favor dos meus filhos, pra mim acho que já foi realizado, não tem muita coisa a frente não, mais agora é viver em favor dos filhos, eu gosto de vez em quando fazer uma viagem com a minha esposa, mas uma vida simples mesmo entendeu? Não tem assim muita coisa pra frente não, levando essa vida do jeito que tá, acho que tá bom. (risos). **(ELDER)**

> Pro futuro quero é mais é a dedicação a família, e se possível continuar viajar porque eu gosto muito de viajar né? Eu acho que a viagem me acrescenta muito! Mas a verdade é que cada ano que passa os planos pro futuro diminuem mais, ne? A gente tem época que tem que falar: 'não, peraí, eu estou acomodando', e eu me sinto uma aposentada mesmo, aí é muito ruim né? Nossa estou cheia de limitação, mas aí eu tenho que por na balança pra saber não é assim não, se você acomoda é pior né. **(LAURA)**

> É, como diz o outro, formar os filhos eu já formei, meu futuro é ver o crescimento dos netos, se Deus quiser todos, em um nível de resultado melhor que o meu, assim como eu já tive filhos graças a Deus com resultados bons, a minha mais velha com suas lutas e os outros três com as lutas deles lá, mas todos são formados, de boa índole, que já é um negócio que a gente né, mas em termos técnicos da coisa é isso aí né, a gente sobreviver a caminhada, grandes projetos não tenho. **(PEDRO)**

Dalva complementa que não teme o futuro, só que não faz planos para ele:

> (...) eu penso, eu penso e quero estar muito bem de saúde, o futuro é pra mim assim uma coisa que é uma sombra. é uma sombra pra todo mundo, pra você jovem, pra mim idosa, você não sabe, eu não fico prevendo muito o futuro, isso não me angustia não tá? Eu procuro deixar com que as coisas aconteçam, mas assim financeiramente, eu conquistei as coisas que eu tive condições de conquistar, agora saúde, eu tenho uma saúde excelente, cada vez mais melhor e amigos, parceiros e tal isso sim a gente vai preservando. Eu não faço previsão pro futuro, não faço como vai ser, como é que vai ser não sei é porque a vida reserva tanta abundancia que eu não pedi pra ela, mudou tanta coisa na minha vida. **(DALVA)**

Pages *et al* (1987) expõe que um dos grandes medos humanos é o da morte e que o trabalhar e estar envolvido com uma organização ajuda o sujeito a lidar com estas questões inconscientes. Os autores afirmam que esta dependência de onde trabalha e do próprio trabalho em si, é para não ter que se dar conta da finitude da vida, e é por isto que o indivíduo quando se percebe não estando mais ligado ao emprego ou à atividade que executava, se sente angustiado. Complementam ainda que ao sujeito se fundir psiquicamente com algo maior, mais duradouro que ele, por exemplo, com a empresa que trabalha, é como se ele se afastasse um pouco da realidade da finitude da vida. Dejours (2012b) expõe que existe um espaço muito perturbador para o sujeito que é o medo da solidão, de se encontrar privado de reconhecimento e estar sem trabalho contribui para isto.

Neste sentido, foi possível perceber neste estudo, a contribuição que o trabalho tem para a pessoa no sentido de minimizar os incômodos da percepção da finitude e pode-se concluir que, para muitos entrevistados, estar sem a atividade de trabalho, é estar colocando um fim na própria vida. Com isso, o sujeito sente dificuldade de parar de trabalhar e aposentar, visto que o trabalho é central em sua vida e em sua psique. Outro ponto conclusivo é que aceitar-se como aposentado é também se ver velho, logo, menos incluído em uma sociedade que valoriza o novo e mais próximo da morte, ou seja, tendo que reconhecer estar mais de perto do que é feito os seres humanos (LASCH, 1983).

6 REFLEXÕES FINAIS

Este último capítulo tem como intuito principal responder à pergunta de pesquisa da presente tese, qual seja, como é vivenciado o luto da perda do "trabalho", consequente da aposentadoria, e qual a relação dessa vivência com a velhice? Para auxiliar a resposta da pergunta de pesquisa, optou-se por ancorar o estudo em alguns objetivos específicos, quais sejam: analisar como se dá esse processo de interrupção do trabalhar no momento da aposentadoria e como os sujeitos têm passado por essa experiência, diante de um cenário onde o trabalho é visto como fundamental na vida das pessoas; investigar os sentidos da aposentadoria na vida das pessoas; compreender como os sujeitos se organizam após o luto da aposentadoria, ou seja, como readéquam os investimentos libidinais; entender a relação da sexualidade e trabalho e como ela é explicitada pelos entrevistados.

A partir das análises realizadas pôde-se concluir que o trabalho é um mediador do sujeito com o mundo, ocupa um lugar fálico para as pessoas e é através dele que o sujeito cria sua identidade psicológica e social. Portanto, ao se aposentar o sujeito passa por um processo de luto em decorrência da perda de seu objeto de amor. Ao se perceber aposentado, encontra-se de frente com uma série de conflitos, onde destacam-se o de deixar de ser financeiramente produtivo em uma sociedade capitalista, o da percepção de restrição do consumo e o de reconhecer velho. Ao perceber o envelhecimento, o sujeito se depara com a própria finitude, disfarçada ao longo de toda a vida pelas intensas atividades de trabalho impostas pelo mundo moderno e associa, assim, o fim do trabalho ao fim da vida. De forma complementar, o trabalho – onde era investida sua energia libidinal, trazendo ao sujeito possibilidade de destino de suas pulsões, sublimação e realização de uma atividade fálica – não mais existe, gerando uma necessidade de reinvestir sua energia libidinal em outros objetos para obtenção da organização psíquica e de sua própria vida. Percebe-se, nesse contexto, que o processo de ruptura com o trabalho pode ser mais penoso do que se é conhecido, pois de alguma forma o indivíduo irá atravessar um processo de luto, tendo que ser capaz de reinvestir sua energia libidinal em outros objetos. Além do luto vivido especificamente por essa ruptura com o trabalho, observa-se na análise das narrativas a existência de um sentimento de luto também pelo processo de envelhecimento do ser e pela própria finitude. Ambos vão provocar no sujeito o luto da própria

sexualidade. Ou seja, sendo o trabalho o destino de grandes doses de sua energia libidinal, o que consequentemente colocava o sujeito em uma posição fálica e com possibilidade de obtenção do prazer sexual, sua perda gera um significativo impacto na vida do indivíduo, chegando à percepção de perda da sexualidade.

Em relação à aposentadoria, foi verificado que falar deste tema, por mais debatido que seja, é delicado e de abordagem sutil. A vivência deste processo pode ser considerada ambígua e até mesmo contraditória. Ao mesmo tempo que traz liberdade, merecimento, alívio, é também carregado de tristezas, perdas e receios. Ao se referirem ao processo de aposentadoria, os sujeitos fizeram um balanço de perdas e ganhos, evidenciando a impossibilidade de analisar este acontecimento apenas por uma ótica. Os principais ganhos evidenciados tiveram relação com o maior convívio com a família, maior maturidade para compreender os processos da vida e a liberdade, sendo esta última segmentada em: liberdade de horários e compromissos; liberdade para fazer aquilo que gosta; liberdade de não ter cobranças; e o simplesmente ser livre. Em relação às perdas, foram enfatizados pelos entrevistados, a perda do convívio social, a financeira e de padrão de vida. Em suma, a vivência desse momento por cada sujeito é feita de forma singular, mas não se pode negar que, socialmente, a aposentadoria tem carregado uma conotação negativa dentro de um contexto marcado pelo produtivismo do capitalismo, que traz a centralidade do trabalho como consequência e sua ligação com a velhice, também discriminada por uma sociedade marcada por traços narcísicos.

A relação do aspecto financeiro com o processo de aposentadoria foi ressaltada em vários momentos pelos entrevistados da pesquisa. Na prerrogativa de que o trabalho remunerado ocupa um lugar fálico na sociedade, quem trabalha e ganha dinheiro ocupa um lugar central, de poder, de opinião e de consumo. Logo, quem não trabalha não encontra lugar na sociedade capitalista, sendo, então, desvalorizado e excluído. O processo de aposentadoria remete ainda, aos sujeitos, impactos em suas contas orçamentárias, de previdência e do tempo de serviço. Evidencia-se assim, que os aspectos subjetivos deste processo como o desvincular-se da atividade, do grupo e da identidade construída, não são ponderados com o mesmo critério que os aspectos mais tangíveis. Ainda sobre a questão financeira, foi possível perceber que os aposentados da pesquisa que se consideram bem e estáveis financeiramente, ainda possuem vínculo de trabalho remunerado ou conseguiram fazer investimentos ao longo da vida que lhes dão maior conforto nessa etapa da vida. Por outro lado, os que vivem do dinheiro exclusivo da aposentadoria evidenciaram que as contas não têm como fechar, ou seja, o valor recebido é

insuficiente para se levar uma vida digna na velhice. Mesmo as pessoas que se caracterizaram financeiramente estáveis por terem complementação da renda, foram categóricos em afirmar que viver apenas do valor da aposentadoria, na velhice, provoca inúmeras impossibilidades. Diante das conclusões sobre os aspectos financeiros oriundos da aposentadoria e a própria centralidade do trabalho, abriu-se uma questão sobre o poder de compra e, consequentemente, sobre as possibilidades de consumo do indivíduo. Na pesquisa, ficou evidente que o trabalho e a aposentadoria marcam o sujeito por aquilo que ele é trabalhando e aquilo que ele pode consumir com a contrapartida que lhe é paga pelo trabalho. Neste sentido é importante haver um questionamento sobre a centralidade do trabalho na vida dos sujeitos, dado que, ao mencionar sua ruptura, o que se apresenta também, é uma ruptura do consumo. Assim, a centralidade estaria no trabalho ou no consumo ou em ambos?

Numa outra ótica, para a maior parte dos sujeitos, ficou evidente que o tempo de descanso é legitimado pelo trabalho e que não estar trabalhando diminui o direito de o sujeito usufruir do ócio, do lazer e do tempo livre. Detectou-se ainda, adicionalmente, que essa liberdade em relação ao uso do tempo, advinda da aposentadoria, é aproveitada por poucas pessoas. Partindo do pressuposto da centralidade do trabalho para os sujeitos, passa-se muitos anos na vida com uma relação intensa com o trabalho, vivendo a vida pessoal amplamente entrelaçada com a vida do trabalho. Logo, ao se ver distante desta dinâmica, o sujeito é convocado a um processo que pode ser penoso e que nem todos darão conta de passar por ele tranquilamente. Ademais, o trabalho impõe rotina e ritmo na vida do indivíduo e a ausência dessa rotina foi o que muitos entrevistados alegaram como um problema ao se perceberem aposentados.

As análises da pesquisa permitem identificar, como visto na revisão de literatura, o quão importante e formador da identidade do sujeito é o trabalho, dando uma ideia latente de centralidade. É no trabalho e por meio dele que o indivíduo se inscreve na sociedade realizando seu projeto de ser no mundo, ou seja, é a partir do que ela trabalha, realiza e constrói que se torna alguém. Para muitos entrevistados não existe vida sem trabalho, sem ‘aquilo’ que equilibra a psique e as atividades cotidianas, trazendo emancipação e independência para o indivíduo. Visto como uma obrigação moral do homem e uma forma de não envelhecer, mantendo-se ativo e produtivo, o trabalho torna-se o meio do qual o sujeito se utiliza para preencher também seu vazio existencial, que sente ao ter sido obrigado a abrir mão da plenitude do narcisismo primário vivido em sua fase infantil.

O trabalho ainda foi mencionado como fonte de prazer e sofrimento pelos entrevistados, ressaltando que mesmo o sujeito tendo uma relação prazerosa com o trabalhar e com o trabalho, isto não quer dizer que não existam sofrimentos e angústias a serem enfrentados. A vocação do sujeito para o tipo de trabalho que executa foi ressaltada como fundamental para que o mesmo seja fonte de satisfação e sublimação, não sendo possível então, de antemão, afirmar que o trabalho é fonte de prazer ou sofrimento. Essa investigação deve ser feita para cada pessoa individualmente. Em relação à sublimação trazida pelo trabalhar, foi descrito pelos sujeitos que o trabalho contribui para que a pessoa possa suportar os desafios existenciais inerentes à vida. Nele é possível transformar sofrimento em prazer, fazendo uma descarga de energia psíquica que tende ao equilíbrio, trazendo uma ocupação para a mente do indivíduo. Diante da centralidade psíquica e social que tem o trabalho, foi constatado que esta atividade é responsável por muitos laços sociais formados ao longo da vida das pessoas. A aposentadoria traz, assim, uma representativa sensação de exclusão social, a partir da perda do convívio com as outras pessoas, acarretando uma morte social do sujeito.

Na sociedade do trabalho, como evidenciado acima, o trabalho é elegido como objeto de amor, onde se investe muita energia libidinal. Neste sentido, num momento de ruptura, inicia-se então um processo de luto a ser vivenciado pela pessoa. Observa-se nas narrativas dos entrevistados que existe um processo de luto com a aposentadoria. Todos os sujeitos que a se aposentaram e pararam de trabalhar, mesmo que por um período, narraram sentimentos de angústia, solidão, vazio, inutilidade e tristeza profunda. Vale ressaltar que nenhum deles identificou este processo como luto, o que reforça a hipótese do quanto os aspectos psicológicos da aposentadoria não são tão claros e de conhecimento das pessoas. Alguns entrevistados demonstram não querer nem mesmo se dar conta da própria aposentadoria, num ato de defesa e autoproteção. Outros simplesmente se negam a viver este processo de luto e, para isso, optam por nem pensam em parar de trabalhar. Pode-se concluir, a partir dos pontos destacados, que existiu um processo implícito de luto para todos os entrevistados. No entanto, a forma de vivenciá-lo diz respeito à individualidade e estrutura de cada um, como também à sua organização familiar, relação com o trabalho, idade e tempo de contribuição previdenciária, situação financeira e de saúde e perspectivas do que fazer depois de parar de trabalhar. Percebeu-se também que o sujeito, ao viver o luto da perda do trabalho, experimenta o luto da passagem do jovem para o velho, do produtivo para o improdutivo, do ser infinito para o ser finito e do ativo para o inativo.

Na sequência da análise da experiência do luto pela perda do trabalho, nota-se para que este processo se encerre, é importante que o sujeito esvazie a energia depositada ali e a transfira para outro objeto de amor. Essa transferência foi narrada pelos sujeitos sem que os mesmos tivessem consciência clara de que se tratava de um ponto fundamental da recuperação do luto vivido. Foi possível identificar, dessa forma, o reinvestimento libidinal para outros objetos a fim de que o equilíbrio e o bem-estar se estabeleçam novamente, concluindo a importância deste processo para que o sujeito retome à vida e siga com outras atividades. Vale ressaltar que ter outro trabalho remunerado após a aposentadoria é uma forma de direcionamento libidinal, mas que não se mostrou ser a única forma de reestabelecimento do luto. Foram observadas outras formas como: realização de viagens; cuidados com a família; estudos; realização de projetos antigos que não tinham condições de serem feitos no tempo de trabalho.

Identificou-se nesta pesquisa que o ser aposentado carrega, na visão dos entrevistados, conotações negativas, da qual os sujeitos muitas vezes tentam se esquivar de diversas formas, inclusive continuando a trabalhar. Uma das conotações narradas foi a de que aposentar é declarar a própria velhice, impotência e improdutividade, algo indesejável. A percepção é de que, por mais que se aposentar seja um direito das pessoas, isto não é socialmente bem aceito, pois qualquer tempo que não seja destinado à geração de valor financeiro não é considerado como um tempo de valor. Os entrevistados mencionam que o aposentado é visto como um "peso", um "fardo para a sociedade", um "folgado", uma pessoa que deu um "golpe no governo", um "inútil", "sem voz", uma pessoa "sem importância", "parada", "discriminada". Assim, o que se percebeu foram diversos exemplos de continuação da vida laboral para que a pessoa não tenha que se dar conta do próprio envelhecimento e ser enquadrado nas características que o aposentado carrega.

Outro ponto de destaque do estudo diz respeito ao processo de reconhecimento da própria velhice, que é suportada pela visão narcísica de uma sociedade que cultiva a renovação e o novo, abominando o velho e tudo que tenha relação com o envelhecer. Neste sentido, foi percebida a recusa de alguns aposentados em parar de trabalhar e ter que se legitimarem como "velhos". Muitos afirmaram continuar trabalhando para não envelhecer. Outra evidência encontrada na narrativa de vários sujeitos foi uma clara percepção da existência de preconceitos e discriminação pelo fato de serem velhos e trabalharem. Diante de tantos receios e relatos pode-se notar que o idoso na cultura brasileira não é visto como alguém de admiração e referência, e sim como um indivíduo que precisa disfarçar a idade que tem para ser aceito,

socialmente e no mundo do trabalho. Ainda sob os aspectos culturais, foi identificado que o Brasil não acolhe o aposentado de forma geral, que os recursos disponíveis são insuficientes para que a pessoa possa viver dignamente na velhice, que o transporte e a saúde não favorecem o velho e que os programas da terceira idade muitas vezes mais ridicularizam os idosos do que os valorizam.

O medo da morte e a ansiedade da finitude da existência também foram evidenciados pelos entrevistados ao falarem da relação entre trabalho e aposentadoria. Na tentativa de se esquivarem e adiarem este fim que acometerá a todos, muitos entrevistados afirmaram continuar ligados às empresas e ao trabalho para não ter que vivenciar a ideia de finitude. Assim, ligados a uma organização maior que eles, procuram viver através do ideal de eu (amor de objeto) no molde capitalista, aquela sensação de plenitude perdida ainda na fase infantil. Percebe-se em muitos momentos que o fim da vida de trabalho é associado à morte, ao fim da vida, e que o sentimento de não ter mais futuro está presente na fala dos entrevistados por conta da idade. Constata-se assim, que o trabalho tem um papel importante para a pessoa no sentido de minimizar os incômodos da finitude, como explicitado por muitos entrevistados que disseram que estar sem atividade de trabalho é estar colocando um fim na própria existência.

Ao se deparar com as ambiguidades e contradições dos sentimentos sobre a aposentadoria, também foi possível observar que o gênero – o ser homem ou ser mulher – influencia em como o sujeito irá encarar o processo de aposentadoria. Ficou evidente a percepção de que a mulher, de forma geral, tende a lidar melhor com o tempo de não trabalho que o homem. Essa visão parece ser justificada pela dedicação da mulher às tarefas domésticas, filhos, netos e atividades mais cotidianas e rotineiras, trazendo assim maior facilidade de transição do trabalho remunerado para o doméstico. De maneira complementar, há uma predominância cultural de que atividades menos virilizadas fiquem a cargo das mulheres. Logo, ocuparem-se mais destas funções não é tão impactante para a mulher quanto o é para o homem.

Outro aspecto investigado diz respeito à existência da relação do tipo de profissão com o processo de parar de trabalhar. A percepção repassada pelos entrevistados é que não se tem uma relação direta e conclusiva neste aspecto, ou seja, profissões tidas como mais pesadas, por exemplo, acelerariam o desejo de se aposentar, o que não foi verificado. O que se pôde perceber é que quanto melhor a relação do sujeito com a atividade que realiza, existe uma possibilidade maior que o dia da aposentadoria seja postergado. O lugar que o trabalho ocupa na vida da pessoa pode também determinar o maior ou menor desejo em se aposentar. Em suma, observou-

se que a preparação das pessoas para o processo de aposentadoria é feita, em sua maior parte, apenas pela ótica financeira, não se organizando pelos aspectos subjetivos que este momento guarda. Com isto, muitos entrevistados foram surpreendidos por questões psicológicas e subjetivas que existem nesta transição e que guardam importância semelhante aos aspectos mais objetivos.

Numa contribuição adicional, a presente pesquisa também possibilitou o entendimento da relação da sexualidade com o trabalho, podendo concluir que os dois temas não são antagônicos e que tratam de um mesmo lugar na subjetividade dos indivíduos. Com isso, observou-se que os sujeitos, ao se referirem à aposentadoria – que os levam a experimentar o próprio envelhecimento –a descreviam com características carregadas de conotações sexuais, como inatividade, impotência, fraqueza e inutilidade. Também no sentido contrário, ao falarem do trabalho, um lugar fálico para eles, eram trazidas expressões de potência, virilidade, força e atividade. Evidencia-se, assim, que a subjetividade mobilizada ao trabalhar é a mesma mobilizada pela sexualidade. Caracterizações relacionados ao sexual e à sexualidade acabam surgindo em ambas expressões, no trabalhar e no não trabalhar. O segundo corpo, o corpo que experimenta o mundo e que é composto pela subjetividade do indivíduo é o mesmo que é mobilizado ao trabalhar e pelas pulsões, a sexualidade. Conclui-se então que o trabalho ocupa um lugar fálico na vida dos indivíduos, de grande investimento libidinal, considerado neste estudo, portanto, como objeto de amor, que ao ser exercido tem a possibilidade de fornecer uma satisfação sexual ao sujeito.

Com caráter de contribuição, importante destacar a inserção de teorias psicanalíticas para análise de dados nos estudos organizacionais, que apesar de já utilizada em pesquisas desta área do conhecimento, ainda permanece uma lente pouco utilizada e enfrenta desafios devido sua complexidade de compreensão. Desta forma, o presente estudo utilizou-se da psicanálise juntamente de teorias das ciências sociais para analisar o trabalho, a aposentadoria, o luto, o envelhecimento e a sexualidade, trazendo um viés misto a esses temas relevantes para a administração e uma visão mais abrangente para a complexa relação sujeito e trabalho.

A partir daí, com relação à contribuição teórica trazida pela tese, pode-se destacar a relação do trabalho com a sexualidade do sujeito, um tema pouco explorado pela literatura, que, no entanto, se mostra importante, pois trata da dupla centralidade na vida dos indivíduos, afirmação sustentada em duas fortes bases teóricas, a psicanálise e a psicodinâmica do trabalho.

Para finalizar, **defende-se a tese**, que para o *corpus* de pesquisa analisado: o trabalho e a sexualidade são centrais na vida dos indivíduos; existe um luto quando se aposenta, mas que não é apenas da perda do trabalho, como também da juventude e da virilidade possibilitada pelo trabalhar; a aposentadoria coloca o sujeito de frente da própria finitude e do próprio envelhecimento; e, por fim, que o trabalho ocupa um lugar fálico na sociedade narcísica atual, sendo através desta atividade, possível experimentar prazer sexual.

O presente estudo traz consigo uma complexidade relativa às questões humanas e sociais, e com isso, outras interpretações seriam possíveis e consideradas como relevante. No entanto, este foi o viés utilizado pela pesquisadora para o encaminhamento da tese realizada.

6.1 Sugestões para Estudos Futuros

Constata-se ao final deste trabalho que também existe um luto a ser vivido pela pesquisadora, diante da lacuna do que seria a pesquisa ideal e a que foi possível ser realizada neste percurso de 4 anos de doutoramento.

Em relação a futuras pesquisas correlacionadas aos temas estudados, sugere-se uma investigação com as empresas, sobre como tem sido o preparo para se ter pessoas cada vez mais velhas trabalhando e como as organizações poderiam contribuir neste processo de luto vivido pelos sujeitos ao se aposentarem.

Outra pesquisa proposta seria a investigação dos tipos de trabalho e profissões e a influência em relação à forma de vivenciar a aposentadoria. Verificar também se ter uma relação de prazer com o trabalho ao longo da vida acarreta um momento de aposentar mais difícil e vice-versa.

Uma possibilidade de condução diferente deste trabalho, seria através do uso do método de história de vida de cada entrevistado, investigar os pontos estudados e relacionar com a história individual de cada um, características da família e da infância, com a possibilidade de vivência da perda do trabalho, o processo de envelhecimento, o reconhecimento da finitude e a sexualidade do indivíduo.

Por fim, aumentar estudos relativos à sexualidade do sujeito e o trabalho, visto que atualmente há uma escassez de trabalhos sobre o tema. Como trata-se de uma dupla centralidade, este aprofundamento pode ajudar a desvelar questões e problemas sujeito-organização que ainda não foram analisados por este viés.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez Unicamp, 1999.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho:** ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Editorial Boitempo, 2000.

ARAUJO, M., G. Considerações sobre o narcisismo. **Revista Estudos de Psicanálise**, n. 34. Aracaju: p. 79-82, 2010.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC, 2011, pp. 329-341.

BARRETO, R.O.; FERREIRA, L. "Luto e Melancolia": Contribuições Psicanalíticas para o entendimento dos reflexos da Aposentadoria na Subjetividade dos Indivíduos. In: XXXV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD. **Anais...** Rio de Janeiro, setembro, 2011.

BARRETO, R. O. **Encontros e Desencontros: um olhar sobre a velhice em uma Instituição de Longa Permanência para idosos.** Dissertação (mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. Qualidade, Quantidade e Interesses do Conhecimento – evitando confusões. In: M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Org.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W., & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2013.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BEAUVOIR, S. **A Velhice. A Realidade Incômoda**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BENDASSOLLI, P.; SOBOLL, L. Clínicas do trabalho: filiações, premissas e desafios. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 14, n. 1, p. 59-72, 1 jun. 2011. (a)

BENDASSOLLI, P. F.; SOBBOL, L. A. Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In: BENDASSOLLI, P. F.; SOBBOL, L. A. **Clínicas do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011. (b)

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**, v. 2, p. 141-163, Nov. 1981.

BITENCOURT, B.M.; GALLON, S.; BATISTA, M. K.; PICCININ,V. C. Para Além do Tempo de Emprego: o sentido do trabalho no processo de aposentadoria. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 30-57, 2011.

BOJE, D. M. **Narrative Methods for Organizational and Communication Research**. 6 Bonhill Street, London: Sage Publications, Ltd, 2001.

BORGES, I. C. **Fio que tece, laço que envolve: Contribuições da história de vida para a orientação profissional**. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

BRAGA, S.F.M.; MAESTRO FILHO, A.; SILVEIRA, R.B.; GUIMARÃES, L.V.M. As Políticas Públicas para os idosos no Brasil: A Cidadania no Envelhecimento. In: II Encontro de Administração Pública e Governança da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD. **Anais...** Salvador, 2008.

BRASIL, MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, 2017. **Histórico da Previdência Social no Brasil.** Ministério da Previdência Social, Brasil. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/historico/>. Acesso em: 25 fev. 2017.

BRASIL, MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, 2016a. **Aposentadoria por Idade.** Ministério da Previdência Social, Brasil. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/servicos-ao-cidadao/todos-os-servicos/aposentadoria-por-idade/>. Acesso em: 28 out. 2016.

BRASIL, MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, 2016b. **Aposentadoria por Tempo de Contribuição.** Ministério da Previdência Social, Brasil. Disponível em:

<http://www.previdencia.gov.br/servicos-ao-cidadao/todos-os-servicos/aposentadoria-por-tempo-de-contribuicao/>. Acesso em: 28 out. 2016.

BRASIL. Lei nº8.842, de 4 de jan. 1994. **Política Nacional do Idoso**, Brasília, DF, jan 1994.

BRUNS, M. A. de T.; ABREU, A. S. O envelhecimento: Encantos e desencantos da aposentadoria. **Rev. ABOP**, Porto Alegre , v. 1, n. 1, p. 5-33, jun. 1997.

BRUNS, M. A. de T.; SOARES, M. C. **Envelhecimento humano: diferentes perspectivas**. Campinas: Editora Alínea, 2007.

CALDAS, M. P. Demissão: Alguns significados da perda de emprego para o indivíduo. IN: CALDAS, M. P. e WOOD JR., T. **Transformação e Realidade Organizacional**. Uma perspectiva brasileira. São Paulo: Atlas,1999.

CAMARANO, A. M.; KANSO, S. MELLO, J. L. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: Ipea, 2004.

CARDOSO, A.C.M. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: disputas em torno da jornada do trabalhador.** São Paulo: Annablume, 2009.

CARVALHO, A. S. Gestão de Pessoas e Envelhecimento: Sentido do trabalho para o idoso. In: XXXIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD. **Anais...** São Paulo, 2009.

CHAUÍ, M. Introdução. In: LAFARGUE, P. **O direito à preguiça.** São Paulo: Hucitec, 2000.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Tradução: Adail Sobral. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CONCOLLATO, C. P.; RODRIGUES, T. G.; OLTRAMARI, A. P. Mudanças Nas Relações de Trabalho e o Papel Simbólico Do Trabalho Na Atualidade. In: V Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. **Anais...** Salvador, 2015.

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 189-202, 1 dez. 2009.

COUTRIM, R. M .E. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. **Revista Sociedade e Estado**. 2006 maio/ago; 21(2): 367-90.

CRESWELL, J. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Editora Artmed, Porto Alegre: Penso, 2014.

CZARNIAWSKA, B. A Narrative Approach to Organization Studies. **Qualitative Research Methods Series**, v.43, Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc, 1998.

DEBERT, G.G. **Família, classe social e etnicidade: um balanço da bibliografia sobre a experiência do envelhecimento**. In: BIB. n. 33. Rio de Janeiro, 1º semestre de 1992.

DAVEL, E.; VERGARA, S. C. **Gestão com pessoas e subjetividade**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

DEBERT, G.G. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. In: **RBCS - Revista Brasileira de Ciências Sociais**. n. 34, jan. 1997.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Projetoperiferia, 2003.

DEJOURS, D. Subjetividade, Trabalho e Ação. **Revista Produção**. ABEPRO, v.14, n.3, p.027-034 Set./Dez, 2004.

DEJOURS, D. **Trabalho Vivo – Sexualidade e Trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2012a.

DEJOURS, D. **Trabalho Vivo – Trabalho e Emancipação**. Brasília: Paralelo 15, 2012b.

DEJOURS, C; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho, contribuições da escola dejouriana à análise da relação de prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2015.

ENGEL, C.L.; COSTA, P.R.A. Considerações sobre o envelhecimento no Brasil. In: 36º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais – ANPOCS. **Anais...** Caxambu, MG, Brasil, 2012.

ENRIQUEZ, E. O Indivíduo Preso nas Armadilhas da Estrutura Estratégica. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.37, n.1, p. 18-29, 1997.

FARIA, J. H. de. Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 509 a 515, jan. 2009. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5396>. Acesso em: 09 Ago. 2018.

FERREIRA, J. B.; MACÊDO, K. B.; MARTINS, S. R. Real do Trabalho, Sublimação e Subjetivação. IN: MONTEIRO, J. K.; VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M. **Trabalho e Prazer – teorias, pesquisas e práticas.** Curitiba: Juruá, 2015.

FLIK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTENELLE, I. A. **Pós – modernidade: trabalho e consumo**. São Paulo: Cengage Learning, 2008

FRANÇA, L. Preparação para aposentadoria: desafios a enfrentar. In.: Veras, R. **Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

FREITAS, M. E. **Psicanálise das organizações.** Contribuições da teoria psicanalítica aos estudos organizacionais. Itajaí: Ed. Univali, 2007.

FREITAS, H. M. R.; JANISSEK, R. **Análise Léxica e Análise de Conteúdo**: técnicas complementares, seqüenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos. Porto Alegre: Sphinx – Sagra, 2000.

FRANZOSI, R. Narrative Analysis, or why (and how) sociologists should be interested in narrative. **Annual Review of Sociology,** *24*(1), 517, 1998.

FREUD, S. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1920)

FREUD, S. **Luto e melancolia**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1915a)

FREUD, S. **O mal estar na Civilização**. In: Edição Standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud, Vol. XXI (1929-1930). Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Trabalho original publicado em 1930)

FREUD, S. **Pulsão e suas Vicissitudes**. In: Edição Standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1915b)

FREUD, S. **Sobre o Narcisismo: uma introdução**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1914)

FREUD, S. **Totem e Tabu**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XI (1912 - 1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Trabalho original publicado em 1912)

FREUD, S. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. In: Edição Standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud, Vol. VII (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1905)

GABRIEL, Y. **Organizations in a State of Darkness: Towards a Theory of Organizational Miasma**. Organization Studies, 33(9) 1137-1152, 2012.

GABRIEL, Y. **Organizing Words: a critical thesaurus for social and organization studies**. Oxford University Press, 2008.

GARCIA-ROZA, A. **Introdução a Metapsicologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Editora Zagar, 2008. (Volume 3)

GARCIA-ROZA, A. **FREUD e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Editora Zagar, 2009.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social:** ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. 1a ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2007.

GODOI, C. K. **Psicanálise das organizações.** Contribuições da teoria psicanalítica aos estudos organizacionais. Itajaí: Ed. Univali, 2007.

GOLDENBERG, M. **Corpo, Envelhecimento e Felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GOLDENBERG, M. **A Bela Velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1981.

HANNS, L. A. **A Teoria Pulsional da Clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

HARVEY, D. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Editora Loyola, 1989.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013. (Brasil). **Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 2000-2060**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default_tab.shtm>. Acesso em: 02 nov. 2016.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2014. **Tábua completa de mortalidade para o Brasil**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas_Completas_de_Mortalidade/Tabuas_Completas_de_Mortalidade_2014/notastecnicas.pdf>. Acesso em: 28 out. 2016.

IPEA, INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2009. Brasil. **Políticas Sociais: acompanhamento e análise – Previdência Social**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/politicas_sociais/05_capt02_7e.pdf>. Acesso em: 28 out. 2016.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Org.), **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2013.

KALACHE, A; VERAS, R. P; RAMOS, L. R. O envelhecimento da população mundial: Um desafio novo. **Revista Saúde Pública**, 21:200-10, 1987.

KURY, M. G. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo:** a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LOCATELLI, P.A.P.C.; FONTOURA, D.S. Envelhecimento populacional e os estudos em administração. **Revista Eletrônica Gestão e Sociedade**. UFRGS, maio/agosto, 2013.

LOFLAND, J. D. S., ANDERSON, L., & LOFLAND, L. H. **Analyzing social settings. A guide to qualitative observation and analysis.** Belmont, CA: Wadsworth Thomson, 2006.

MATTEUS, T. C.; BRESLER, R. Organização*:* Este Obscuro Objeto do Desejo*?* Caminhos da Sexualidade nas Organizações*.* In: **Organização & Sociedade**, 2002, v.9, n. 25.

MENDES, A. M. B. Algumas contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre organizações. **Estudos de psicologia.** Natal, n.7 (número especial) pp. 89-96, 2002.

MENDES, A. M.; ARAÚJO, L. K. R. **Clínica Psicodinâmica do Trabalho – O Sujeito em Ação.** Curitiba: Juruá, 2012.

MENDES, A.M.; MARRONE, C. Interfaces entre a psicodinâmica do trabalho, a sociologia clínica e a ergonomia da atividade: a face da ergonomia da atividade. IN: MENDES, A. M.; Merlo, A. R. C.; MORRONE, C. F.; FACAS, E. P. **Psicodinâmica e Clínica do trabalho:** Temas interfaces e casos brasileiros. 1ª ed. (ano de 2010). 3a reimpressão. Curitiba: Juruá, 2014.

MENDES, A. M. B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 15, n. 1-3, p. 34-38, 1995 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2016.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2017. Internet. Disponível em: < http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=narcisismo>. Acesso em: 02 abr. 2017.

MORAES, R. D. Trabalho e Emancipação: um olhar da psicodinâmica do trabalho. IN: MORAES, R. D.; VASCONCELOS, A. C. L. **Trabalho & Emancipação - A Potência da Escuta Clínica.** Curitiba: Juruá, 2015.

MORGAN, G. **Imagens da Organização**. São Paulo: Atlas, 2006.

MORI, M. M. **APOSENTADORIA E TRABALHO:** Investigação sobre a (re)inserção do idoso no mercado de trabalho. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. *RAE* - **Revista de Administração de Empresas**. Jul./Set. v. 41, n. 3, Jul./Set. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rae/v41n3/v41n3a02.pdf. Acesso em: 20 ago 2018.

MORIN, E. M.; TONELLI, M. J.e PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. **Anais...** Atibaia, SP, Brasil, 2003.

MOTTA, F. C. P. O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos. *RAE*-**Revista de Administração de Empresas**, v. 27, n. 3, jul-set, 1987.

MUCIDA, A. **O Sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MESSY, J. A **Pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. São Paulo: ALEPH, 1999.

NASCIMENTO, R. P.; COSTA, D. V. F.; SALVÁ, M. N. R.; MOURA, R. G.; SIMÃO, L. A. S. 'Trabalhar É Manter-Se Vivo': Envelhecimento e Sentido do Trabalho para Docentes do Ensino Superior. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 11, n. 2, p. 118-138, 2016.

NASIO, J. D. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

OLIVEIRA, R.C.S; SCORTEGAGNA, P.A. Políticas Públicas, Educação e Cidadania na Terceira Idade. In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. **Anais...** Curitiba, PR, 2009.

PAES DE PAULA, A. P. Eros e Narcisismo nas Organizações. **RAE-eletrônica**, v.2, n. 2. Rio de Janeiro, p. 1-12, 2003.

PAES DE PAULA, A. P. Fernando Prestes Motta: em Busca de uma Abordagem Psicanalítica das Organizações. **Revista Organização e Sociedade**, v.12, n. 34, Julho / Setembro, p. 13-15, 2005.

PAGÉS, M.; BONETTI, M.; GAULEJAC, V. e DESCENDRE, D. **O poder das organizações** – a dominação das multinacionais sobre os indivíduos, São Paulo, Atlas, 1987.

PERES, M.A.C. **Velhice, Trabalho e Cidadania**: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J.P.; GROULX, L.H.; LAPERRIÈRE, A.; MOYER, R.; PIRES, A.P. **A pesquisa qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

RICOEUR, P. The Narrative Function. In: MITCHELL, W. J. T. (org.). **On Narrative**. Chicago, IL: Chicago University Press, p. 167-185, 1980.

ROESLER, V. R. **Posso me aposentar "de verdade". E agora? Contradições e ambivalências vividas por bancários no processo de aposentadoria**. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RONCHI, C. C. **Narcisismo nas Organizações - O Drama do Individualismo no Mundo do Trabalho**. Curitiba: Juruá, 2016.

SANT'ANNA, A. S.; KILIMNIK, Z. M. Estudos Organizacionais, Relações Sujeito - Trabalho-Organizações e Discursos do Contemporâneo: O que Teria a Dizer a Psicanálise em

sua Extensão? In: V Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD. **Anais...** Belo Horizonte, MG, Brasil, Jun. 2008.

SILVA, L.R.F. Da Velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v.15, n.1, Rio de Janeiro, mai/2008.

SIKOTA, C.S.; BRETAS, A.C.P. O significado de envelhecimento para o Vendedor Ambulante Idoso. **Revista de Enfermagem**, UFSM, 2012, Jan/Abr, 2(1):135-144. Universidade Federal de Santa Maria, SC.

SIQUEIRA, R.L.; BOTELHO, M.I.V; COELHO, F.M.G. A Velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, V.7, n.4, p.899-906, 2002.

SOARES, A. Como segredos as lágrimas no trabalho. IN: LIMA, J. C. **Outras sociologias do trabalho – flexibilidades, emoções e mobilidades**. São Carlos: EDUFSCar, 2013.

SOUZA, R.; MATIAS, H.A.; BRETAS, A.C.P. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. In: **Ciência e Saúde Coletiva**. N. 15, v. 6. Rio de Janeiro, 2010.

STAKE, R.E. **Pesquisa Qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

STANDING, G. **O Precariado:** a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

STRAUSS, A., CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TRAGTENBERG, M. **Administração, poder e ideologia**. São Paulo: Moraes, 1980.

VERGARA, S.C. **Métodos de Coleta de Dados no Campo**. São Paulo: Atlas, 2012.

VIEIRA, M.M.F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, M.M.F.; ZOUAIN, D.M. **Pesquisa Qualitativa em Administração**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, ano 22, p. 203-220, ago/dez. 2014.

WANDERLEY, A. A. R. Narcisismo Contemporâneo: Uma Abordagem Laschiana. **Revista de Saúde Coletiva**, v.9, n. 2. Rio de Janeiro, p. 31-47, 1999.